

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: Doutorado

Méryly Luane Vargas do Nascimento

A Geração Z e a indústria cultural: a identidade da adolescência contemporânea

Maringá – PR

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: Doutorado

Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade
Linha de Pesquisa: Subjetividade e práticas sociais na contemporaneidade

A Geração Z e a indústria cultural: a identidade da adolescência contemporânea

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (Ppi) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para obtenção do título de doutora em Psicologia.

Orientadora: Dra. Angela Maria Pires Caniato

Maringá – PR
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

N244g Nascimento, Merly Luane Vargas do
A geração Z e a indústria cultural: a identidade da adolescência contemporânea. / Merly Luane Vargas do Nascimento. -- Maringá, 2019.
208 f. : il., color., figs.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angela Maria Pires Caniato.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2019.

1. Geração Z - Ciclo de vida. 2. Realidade virtual. 3. Adolescência. 4. Subjetividade contemporânea. I. Caniato, Angela Maria Pires, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 21.ed. 150.195

AHS - CRB 9/1065

*Dedico esta tese à minha amada mãe, Fátima,
cuja sabedoria permitiu que, mesmo antes de poder enxergar a cor das flores,
encorajasse-me a crer na doçura dos frutos do conhecimento,
e sempre, com ternura e vivacidade,
forneceu-me o que era preciso para regar constantemente aquelas flores
até que se tornassem frutos reais... e benéficos!*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter chegado até aqui, pelo fato de que muitos foram aqueles que colaboraram comigo durante o processo de elaboração e estruturação desta tese, os quais permitiram uma vez mais constatar que mesmo a melhor competência acadêmica ainda prescinde dos sentimentos e do amparo dos seres humanos entre si. Registro, neste momento, meu reconhecimento, gratidão e carinho especialmente a estes:

Aos meus pais e familiares, por seus inomináveis esforços despendidos no processo de minha formação,

À professora Dra. Angela Maria Pires Caniato, que foi além de uma orientadora, também uma verdadeira amiga e praticamente uma corajosa militante na complexa tarefa de elucidar questões sobre um objeto de estudo novo e ainda com bibliografia exígua disponível para abordá-lo;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá que sempre mostraram solícitos nas buscas por conhecimento que prescindiam de sua competência profissional,

Aos colegas de profissão e companheiros na jornada de vida, colegas discentes e aos adolescentes com os quais dialogamos na Pesquisa Participante e aos membros do Grupo PHENIX, sem os quais muitas compreensões acerca da adolescência na contemporaneidade não seriam possíveis;

Ao professor Dr. Eduardo de Oliveira Sanches, que colaborou com suas leituras e compreensões no desenvolvimento desta tese,

Aos membros da banca e pareceristas e também a todos aqueles que não nomeiei, mas que contribuíram de alguma forma para o desejo que culminou na realização dessa pesquisa e para aqueles que ainda aproveitarão um pouco da mesma para constituir um conhecimento científico e uma práxis voltados para o benefício e saúde mental dos indivíduos e sujeitos em desenvolvimento com os quais lidem em seu cotidiano profissional, educacional ou mesmo familiar.

LISTA DE ABREVIACÕES UTILIZADAS EM ORDEM ALFABÉTICA:

CRFB-1988: Constituição da República Federativa do Brasil, versão integral conforme elaborada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988 e promulgada em 5 de outubro de 1988

DH – Direitos Humanos

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei ordinária nº 8.069/1990

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

SM: Saúde Mental

TI: Tecnologia da Informação

RA: Realidade Aumentada¹

RV: Realidade Virtual

¹ TORI, R.; KIRNER, C.; SISCOOTTO, R. A. **Fundamentos e tecnologia de realidade virtual e aumentada.** SBC, p. 2-21, 2006.

RESUMO

Esta tese contém os resultados obtidos em uma pesquisa teórica, de caráter qualitativo, realizada com o objetivo de caracterizar alguns aspectos da denominada *Geração Z* (adolescentes e jovens contemporâneos). Tendo como objeto de estudo o processo de constituição da identidade na adolescência, visa compreender dificuldades e sofrimentos psíquicos enfrentados pelos membros dessa geração no processo de formação cultural e de constituição de sua subjetividade. Por meio de uma abordagem psicopolítica, que utiliza o conceito de indústria cultural – elaborado e discutido pelos pesquisadores da Escola de Frankfurt – para compreender a cultura multimidiática contemporânea, e da epistemologia qualitativa (REY; SILVA 2005) que permite utilizar os conceitos e as experiências acadêmicas e profissionais para constituir um sistema de representações articulado aos processos contemporâneos de subjetivação, buscamos localizar historicamente a formação cultural recebida (ou negada) a esses sujeitos em desenvolvimento em uma fase tão decisiva para a construção de sua identidade. As compreensões difundidas nos meios de comunicação de massa acerca da *Geração Z* são também discutidas para que possamos entender, por meio da teoria psicanalítica, algumas condutas e procedimentos tidos como característicos dessa geração. A relação dos adolescentes com as tecnologias da realidade virtual e o relativo afastamento dos mesmos em relação às pessoas do mundo real, bem como as dificuldades para o estabelecimento de vínculos de amparo e de amor são problematizados enquanto importantes características presentes no processo de constituição das identidades do adolescente contemporâneo. As implicações intrapsíquicas e intersubjetivas dessas características sugerem a necessidade de atenção e cuidados, tanto por parte dos familiares e educadores, como também dos profissionais da Psicologia que, muitas vezes, cumprirão o papel de orientar tanto os adolescentes e jovens quanto as pessoas pertencentes ao seu círculo relacional na administração desses cuidados. A finalidade de contribuir não apenas com a continuidade, mas também com a qualidade de vida dos sujeitos em desenvolvimento, em um contexto em que pesquisas acadêmicas e governamentais nos apontam alarmantes aumentos no índice de suicídios nessa faixa etária – 13 a 24 anos –, parece ser um argumento suficiente para justificar tanto os esforços teórico-metodológicos empreendidos nesta pesquisa quanto aqueles futuros, destinados a compreender e agir em favor da saúde mental dos seres humanos.

Palavras-chave: *Geração Z*; realidade virtual; adolescência; subjetividade contemporânea

ABSTRACT

This dissertation presents the results of a qualitative and participatory research, with the objective certain traits of current adolescents, also known as *Generation Z*. Having as its main object the process of constitution of identity during adolescence, it attempts to understand the difficulties and psychic suffering faced by the members of this generation as they are formed culturally and have their features constituted. The intention here is localize historically the cultural background received by (or denied from) these developing subjects in such a important phase for the making of their identities; this is to be achieved by means of both a psycho-political approach, which utilizes the concept of culture industry developed by The Frankfurt School to comprehend contemporary multimedia culture industry, and a qualitative epistemology (REY; SILVA, 2005) that allows one to make use of concepts and academic and professional experiences to build of representations articulated to contemporary processes of subjectivation. The representations circulated by the media about the *Generation Z* are also discussed, so that one can comprehend psychoanalytically some behavior patterns supposed to be typical of this generation. The relation of adolescents with virtual technologies and their relative withdrawal vis-à-vis real world interactions, as well as their difficulties to establish shaping of contemporary adolescents. The intrapsychic and intersubjective implications of these characteristics suggest the necessity of attention and support, on the part of families and educators, as well as Psychology professionals, who often fullfil the role of guiding both adolescents and young people as well as the people belonging to their circles of sociability on the other. The purpose of contributing not only to continuity, but also to the adolescents' quality of life in a context which academic and governmental researches points us to alarming increases in suicide rates in this age group – 13 to 24 years old – seems to be a sufficient argument to justify bot the efforts undertaken in this research but also those in the future, aimed at understanding and acting in favor of the mental health of human beings.

Key words: *Generation Z*; virtual reality; adolescence; contemporary subjectivity

SOMMARIO

Questa tesi contiene i risultati ottenuti in una ricerca teorica, di carattere qualitativo, condotta con l'obiettivo di caratterizzare alcuni aspetti della cosiddetta *Generazione Z* (adolescenti e giovani contemporanei). Con l'oggetto di studio del processo di formazione dell'identità in adolescenza, si propone di comprendere le difficoltà e la sofferenza mentale affrontate dai membri di questa generazione nel processo di formazione culturale e costituzione della soggettività. Attraverso un approccio psicopolitico, che utilizza il concetto di industria culturale - preparata e discussa dai ricercatori della Scuola di Francoforte - per comprendere la cultura multimidiatica contemporanea, ed epistemologia qualitativa (REY e SILVA, 2005) che consente di utilizzare i concetti e le esperienze accademico e professionale per costituire un sistema articolato di rappresentazioni ai processi contemporanei di soggettività, cerchiamo di trovare la formazione storicamente ricevuta culturale (o negata) per questi soggetti per lo sviluppo di una fase decisiva per la costruzione della loro identità. La comprensione diffusa mass media sulla *Generazione Z* sono illustrate anche per comprendere attraverso la teoria psicoanalisi, alcune routine e procedure considerato come caratteristica di questa generazione. Il rapporto degli adolescenti con le tecnologie di realtà virtuale e le relative deviazioni dello stesso in relazione alle persone nel mondo reale e le difficoltà nello stabilire legami di supporto e l'amore sono problematizzata come caratteristiche importanti presenti nel processo di costituzione dell'identità dell'adolescente contemporaneo. Le implicazioni intrapsichici e intersoggettivi di queste caratteristiche suggeriscono la necessità di attenzione e cura, sia dai membri della famiglia e gli educatori, così come i professionisti della psicologia che spesso svolgere il ruolo di guida sia gli adolescenti ei giovani quante persone appartengono al tuo cerchio relazionale nella somministrazione di cure. Lo scopo di contribuire non solo di continuare, ma anche per la qualità della vita dei soggetti in fase di sviluppo, in un contesto in cui la ricerca accademica e di governo nel punto aumenta allarmanti il tasso di suicidi in questa fascia di età - 13-24 anni - sembra essere un argomento sufficiente a giustificare sia gli sforzi teorici e metodologici in questa ricerca come quelle future, progettate per capire e agire per conto della salute mentale degli esseri umani.

Parole chiave: *Generazione z*; realtà virtuale; adolescenza, soggettività contemporanea

I. INTRODUÇÃO

A adolescência da atualidade é marcada por algumas formas inéditas de expressão identitária e por uma relação bastante intensa com as tecnologias da Realidade Virtual (RV)². Caracterizados por uma sexualidade denominada ‘fluida’ e por suas altas habilidades de manipular os instrumentos tecnológicos, os adolescentes têm sido vistos como uma espécie peculiar, capaz de revolucionar tradições e costumes.

Neste trabalho buscamos enumerar algumas características da denominada *Geração Z* para dialogar com o conceito de realidade virtual e indústria cultural (CHAUI, 2006). Os adolescentes pertencentes a essa geração são compreendidos como pessoas que podem estar em sofrimento psíquico devido a algumas dificuldades de caráter social que discutiremos por meio do conceito de indústria cultural (ADORNO; HORKMEIRER, 1944-47/2016) e de autores contemporâneos. O aparelho psíquico freudiano também é considerado a partir dos conceitos de Eu e Supereu (FREUD, 1923/2011) e de psicanalistas que discutem questões a respeito da adolescência na cultura e, de forma particular, na clínica.

Os ideais destinados a seduzir o indivíduo adolescente na cultura de massas são considerados como influenciadores do Ideal de Eu (FREUD, 1923/2011), principalmente a partir da puberdade. É pertinente ressaltar que a nomeação arbitrária *Geração Z*, utilizada para referir-se àqueles nascidos após 1995, frequentemente tem uma conotação relacionada ao mundo virtual. Assim, podemos considerar que os nascidos a partir da segunda metade da última década do século passado são nativos digitais, pois não conheceram o mundo sem a Internet e os dispositivos de tecnologia móvel de interação e troca de dados – tais como os *smartphones* e *tablets* –, os quais são atualmente bastante populares para a realização da comunicação entre os próprios membros da *Geração Z*, e também deles com as outras gerações. A relação dessa geração com a tecnologia é tão marcante que se torna uma característica distintiva,

² Esse conceito é emprestado do campo da T.I. – Sobre realidade virtual (RV) e Realidade Aumentada (RA) ver: TORI, R.; KIRNER, C.; SISCOOTTO, R. A. (2006). *Fundamentos e tecnologia de realidade virtual e aumentada*. SBC, p. 2-21, 2006. Para uma análise psicossocial utilizamos a noção filosófica de realidade virtual e buscamos criticar a violência simbólica por meio do conceito de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

principalmente quando comparamos adolescentes e pessoas já adultas: tanto o tempo despendido em atividades no denominado mundo virtual quanto a afinidade pela Realidade Virtual (RV) costumam ser consideravelmente maiores justamente entre os adolescentes.

No caso da emergência dos chamados problemas sociais relacionados aos adolescentes, as pesquisas podem muitas vezes apontar fatos bastante difíceis de serem elaborados, quando consideramos, mais amplamente, a questão dos Direitos Humanos (DH). No Brasil, em regiões mais populosas, as notícias acerca da violência praticada por adolescentes contra seus pares, ou *professores* em instituições, ou mesmo nas ruas e comunidades, têm chamado a atenção de diversos pesquisadores. Entretanto, os diálogos acerca do Sistema de Garantias de Direitos (SGD), quando tratam das populações de adolescentes, nem sempre consideraram tais estudos como parâmetros para a promoção da “proteção *integral à infância e à adolescência*” (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (E.C.A) – Lei nº 8.069/1990, artigo primeiro, grifos nossos).

Desde a nossa inserção no projeto de pesquisa “PHENIX: A ousadia do Renascimento do Indivíduo-Sujeito”, na periferia da cidade de Maringá, estávamos familiarizados com a violência social vivida por esses jovens. A pesquisa fundamenta-se a partir da iniciativa de universitários e professores que se propuseram a discutir com esses adolescentes questões vinculadas a situação de exclusão social na qual estes se encontram. A esse respeito, o posicionamento das pesquisadoras merece um esclarecimento:

Nossa perspectiva política fundamenta-se na constatação de que as classes sociais pauperizadas estão vivendo sob exclusão psicossocial. Para nós, o que justifica a atuação voltada ao atendimento de uma população adolescente pauperizada está no fato de que, segundo Kehl (2004), a juventude tem sido o alvo da atual sociedade de consumo, seja como ideal, seja como sintoma. O que dizer dos acontecimentos que cercam os adolescentes pauperizados quando submetidos à lógica alienadora do dinheiro e da mercadoria como valores norteadores das condutas dos homens sob “o Capital”? Esse caráter violentador da sociedade em relação às classes pauperizadas é vivenciado pelos adolescentes com intenso sofrimento. (CANIATO; ABEICHE, 2012, p. 191-192)

A violência gera sofrimento e, em muitos casos, o receio dos estudantes de sofrerem agressões até mesmo dentro da escola ou no trajeto até esta. Isso nos faz

pensar sobre o papel da escola a respeito de relatos de envolvimento dos jovens em brigas e agressões físicas dentro da escola ou vindo até ela (6,4-6,8% dos entrevistados na Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE, 2010). O que também é preocupante em relação a violências no ambiente escolar, é o envolvimento admitido de uma parcela ainda maior de adolescentes em brigas e agressões físicas contra seus pares e professores (12,9% a 13,4% entre estudantes do sexo feminino e masculino, respectivamente).

A complexidade da questão da violência envolvendo adolescentes tende a suscitar nos psicólogos e psicólogas sentimentos diversos em relação à “evolução social” que daria a esses indivíduos uma “abertura em direção a um modo de vida em parte desconhecido acompanhado de um enfraquecimento das interdições, mas de um crescimento das exigências de performance e das conquistas individuais” (JEAMMET;CORCOS, 2005, p. 134). Nessa fase, a perda do papel social que lhe é atribuído enquanto criança, assim como as mudanças corpóreas e também nos vínculos familiares, podem trazer para o adolescente algumas confusões e lutos difíceis de serem elaborados. Isso pode colaborar tanto com a vulnerabilidade psicossocial que os torna vítimas de violências, quanto com os impulsos agressivos que os fazem se identificar com os seus agressores e, algumas vezes, tornarem-se perpetradores de violências semelhantes às que assistem ou que sofrem.

A proposta de pesquisa-participante que nos permitiu dialogar com adolescentes no ambiente universitário e também em uma escola fez perceber que a experiência e a identidade adolescente podem nos interrogar de um lugar antropológico comum, ainda que nossos alcances sejam diferenciados, tanto em relação à capacidade de fornecer acolhimento e apoio, quanto em ouvir com mais atenção as memórias e demandas dos indivíduos adolescentes mais vulneráveis à produção e re-produção de violências e negligências típicas deste século. A pesquisa de nossa tese se inicia com uma contextualização do contemporâneo e uma discussão acerca de nosso contexto histórico: a pós-modernidade expôs o esgotamento do sistema capitalista, que se manifesta justamente na dificuldade deste de atender o direito da maioria da população de trabalhar dignamente.

A capacidade de se relacionar com uma autoridade dispersa no espaço nos adverte dos *efeitos colaterais tardios* da modernidade tecnicista de meados do século passado. Nas escolas, professores mais prudentes falam do poder da memória histórica, mas a produção industrial do simulacro da propaganda ainda carece de intervenções mais voltadas a elucidar acerca da educação familiar e escolar. Nesses locais reservados às produções do conhecimento humano, deve haver liberdade para o professor elaborar uma aula e ser ouvido por seus alunos.

No capítulo 1, a fim de manter um espaço reservado a uma escuta diferenciada dos sujeitos em suas diferentes condições de vulnerabilidade psicossocial, a caracterização da população adolescente nesta pesquisa de caráter qualitativo (REY; SILVA, 2008) busca dialogar com conceitos e concepções acerca da adolescência e com compreensões psicossociais mais amplas a respeito dos processos de subjetivação contemporâneos. A questão dos Direitos Humanos (DH) nos casos de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, por exemplo, nos faz buscar compreender o sofrimento psíquico no processo de constituição da identidade de indivíduos mais pobres e marcados pelo preconceito e culpabilização da sociedade.

Por entendermos que alguns adolescentes estão em condição peculiar de desenvolvimento, a faixa etária que consideramos como mais inclusiva para o termo *Geração Z* foi a que vai dos 13 aos 24 anos de idade. Desse modo, pôde ser considerado o direito à liberdade de buscar refúgio, auxílio e orientação do professor, da psicóloga ou do psicólogo e, quando for o caso, de um outro profissional.

A finalidade psicoeducacional da pesquisa realizada objetiva auxiliar profissionais a atenderem esses adolescentes. Em casos em que as dúvidas incluam as intervenções da Psicologia e da Pedagogia, a liberdade para escrever um texto ou expressar seus desejos por meio da linguagem escrita pode ser uma alternativa para a Escola ou para o professor retomar o desejo de aprender sem criar conflitos desnecessários entre o adolescente e a “família ampliada” (ECA, Artigo 18B) que o recebe quando os pais não podem exercer suas funções de amparo e proteção.

A interrogação acerca dos percalços e sofrimentos enfrentados no processo de constituição da identidade durante a adolescência nos leva a considerar o cenário

contemporâneo como aquele em que a realidade virtual (RV), por vezes, invade a realidade objetiva ou mesmo subjetiva do indivíduo em formação. Posto isso, a relação entre a virtualidade, o mundo objetivo e o processo de subjetivação é algo que atravessa toda esta pesquisa, em sua busca por compreender como ocorre o estabelecimento da identidade dos membros da *Geração Z*.

A relação dos indivíduos adolescentes com a cultura e com a sociedade, de um modo geral, constitui-se como um importante elemento que influencia a formação da identidade. Assim, no capítulo 1, uma discussão inicial acerca do que pode ser considerado “condição pós-moderna” é feita e também são apontadas algumas características sociais e familiares.

Desse modo, ao discutirmos aspectos metodológicos no capítulo 1, discorreremos acerca dos termos “adolescência” e *Geração Z* e seus significados na contemporaneidade. A pesquisa qualitativa (REY; SILVA, 2005) que foi realizada é melhor entendida por meio da noção de identidade, que nos remete à historicidade dos indivíduos. A abordagem dialética da adolescência, bem como da diferenciação desta em relação ao processo biológico da puberdade pode ser completada ao entendermos a violência simbólica a partir da compreensão da questão da fetichização da técnica e da produção do simulacro na contemporaneidade.

No capítulo 2, discutimos a afinidade com os aparelhos eletrônicos e as dificuldades na formação de vínculos com o outro. Tais dificuldades apontaram poucas possibilidades de constituir uma relação afetiva sexualizada pautada na alteridade genital na adolescência (MARTY, 2008). Entendemos esse conceito a partir de uma abordagem psicossocial do sofrimento psíquico na adolescência.

A pesquisa qualitativa é utilizada para compreendermos o conceito de *Geração Z*. Ao caracterizar o tipo de sociedade em que vivemos a partir de uma perspectiva crítica, o conceito de simulacro (BAUDRILLARD, 2001) é mobilizado para criticar uma cultura que deixa os seres humanos desamparados. A partir do conceito de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1944-47/2006), a violência simbólica na sociedade contemporânea fica mais evidente e alguns aspectos singulares da identidade dos adolescentes são abordados. As *Gerações Y e Z* também são discutidas

a partir da análise psicossocial de Bauman (1998) e a questão dos vínculos afetivos e sua importância na adolescência torna-se nossa questão central.

A dimensão ética da escuta psicológica nos conduz a uma crítica da nossa forma de organização social voltada ao *entretenimento* por meio da indústria cultural (CHAUÍ, 2006). O conceito de semiformação (ADORNO, 2010) foi considerado para entendermos aspectos problemáticos da formação cultural voltada à distração e à fragmentação da realidade virtual (televisão, internet) em uma época ainda denominada “Era da informação e do Conhecimento”, mas na qual a maior parte da população na faixa etária de 13 a 24 anos ainda possui dificuldades de estudar e trabalhar dignamente.

Entendemos que, ainda que limitações vivenciadas no interior da família ou de uma comunidade possam ser motivo de confrontações e revoltas por parte dos adolescentes, a organização dos saberes direcionados ao questionamento da cultura dão oportunidade para o encontro com a alteridade. Os sofrimentos psíquicos vivenciados por adolescentes na contemporaneidade parecem decorrer de dificuldades em vivenciar esse encontro. Por meio da organização da informação proveniente de artigos e reportagens contemporâneas, foi possível reunir as características da *Geração Z* a partir de diferentes perspectivas e áreas de conhecimento. A discussão dessas características nos conduz a discutir a necessidade de diálogo intergeracional e de condições básicas para que os sujeitos superem condições traumáticas vivenciadas a partir da puberdade no conflito entre objetos internos e objetos externos que, conforme a análise de psicanalistas contemporâneos, tais como Jeammet e Corcos (2005), tende a ser exacerbado com as exigências de performance e desempenho individual.

Cardoso e Marty (2008), por outro lado, falam de famílias que não conseguem colaborar com o registro da alteridade genital do indivíduo na adolescência. Assim, entendemos que muitas vezes as exigências de performance em uma determinada cultura, quando endossadas pela família em vulnerabilidade psicossocial, gera sentimentos de inadequação e, muitas vezes, não contribui para que o indivíduo estabeleça sua identidade.

A culpabilização dos indivíduos adolescentes por sua condição de vulnerabilidade e sua exploração por meio do trabalho infantil são condições vivenciadas por muitas famílias na atualidade. A fascinação pela realidade virtual (RV) e o desejo por dispositivos móveis que permitam o acesso a informações instantâneas e muitas vezes desnorteadoras ou mesmo nocivas para o adolescente pode descentrar o pai, a mãe ou o responsável de sua responsabilidade pela educação dos filhos adolescentes. A violência de caráter cibernético – o chamado *ciberbullying* – é um exemplo de situação cujos efeitos podem atingir toda a família.

No capítulo 3, apresentamos nosso objeto sob diferentes perspectivas, tendo em vista a complexidade da questão da formação da identidade para adolescentes e jovens contemporâneos. A *Geração Z* é abordada em confronto com a visão das competências ilimitadas e com a fluidez indefinida da sexualidade, de forma a permitir problematizarmos a questão da importância do estabelecimento da identidade sexual como parâmetro organizador no processo de subjetivação. A fragilização dos vínculos de amparo e de amor é apontada como um dos principais fatores que contribuem para o sofrimento entre os membros dessa geração. A afinidade com a tecnologia e o afastamento da vida relacional com outros seres humanos aparece também como um processo decorrente dessa fragilização.

Por fim, a escuta psicanalítica voltada ao reconhecimento do vínculo afetivo com o outro é apresentada como proposta de escuta e acolhimento, tendo em vista a necessidade de reconhecer as produções do sujeito adolescente e suas confusões em relação aos conteúdos meramente informacionais que tendem a destituir o indivíduo jovem do seu lugar simbólico no processo de organização de seus saberes. A produção do conhecimento é vista, assim, como um processo de organização da herança cultural que permite a construção da identidade a partir de uma história de vida. O encadeamento de significações subjetivas a respeito das próprias singularidades, ao ser inscrito a partir do conflito necessário para expressar dúvidas e sentimentos e também diferenciar-se do outro, valoriza o papel do adolescente e do jovem enquanto construtor de seu pertencimento a uma sociedade.

Essa pesquisa foi realizada para colaborar com a construção de uma escuta psicológica voltada a resgatar a historicidade do processo de constituição da

subjetividade, considerando também a condição peculiar de desenvolvimento de cada indivíduo. O posicionamento ético de nossa prática em favor dos indivíduos-sujeitos adolescentes defende a ocupação de espaços que respeitam os limites da aprendizagem e as mediações oferecidas para que novas representações da existência possam ser constituídas na puberdade em direção a um desenvolvimento saudável.

II. CAPÍTULO 1. HISTORICIDADE DO SUJEITO E IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA: A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E A “REALIDADE VIRTUAL” EM QUESTÃO

A ideia de “pós-modernidade” parece se encontrar em muitos discursos que buscam definir representações sociais e individuais acerca do que é o processo de constituição da identidade. Do ponto de vista da ética psicanalítica, resta considerar os diferentes significados da palavra “adolescente” para os sujeitos que nos endereçam suas demandas, na tentativa de atender a diferenciadas problemáticas que nos chegam por meio de indivíduos pré-púberes e adolescentes. No que diz respeito à dinâmica pulsional e à relação familiar é necessário esclarecer que na adolescência contemporânea:

A evitação dos conflitos, a perda da mediação que representava o consenso social sobre as regras da vida, favorecem a criação de uma **pseudomutualidade familiar** e a **superposição entre as gerações**. (...) A manutenção do vínculo é tão mais necessária, quanto mais for carregado de expectativas narcísicas recíprocas e que servem para contra-investir uma agressividade que a ausência de oportunidade obriga a reprimir. A intolerância ao vínculo é a medida dessa necessidade, um reforça o outro, de um movimento de nó passante [*noeud collant* – expressão náutica (nó corredio)] que termina por ameaçar até a própria identidade do sujeito. (JEAMMET;CORCOS, 2005 p.134-135, grifos nossos)

Em relação à produção industrial de simulações a respeito da adolescência nas propagandas, Calligaris (2000, p. 59) explica, por exemplo, que: “Desde os anos 80, surge uma verdadeira especialidade do *marketing* da adolescência”. Assim, tal fase do desenvolvimento, transformada nas notícias e propagandas publicitárias em uma imagem distorcida dos sujeitos, supostamente mais maduros, , seria uma espécie de margem para ilusões e sonhos diversos, ou seja: “por ser um ideal dos adultos, [a adolescência] se torna um fantástico argumento promocional do discurso publicitário”.

O problema de termos uma fase do desenvolvimento como uma espécie de ideal, muitas vezes compartilhado por diversas culturas locais e nacionais, é a produção excessiva, como Baudrillard (2001) explicou, do *signo* fragmentário. Por meio de noticiários que propagam a “cultura do medo” (GLASNER, 2003) muitos preconceitos ou até mesmo o pânico pode ser gerado. Os desafios urgentes da adolescência desdobram-se em perguntas carregadas de cinismo ou até mesmo de

horror com a violência urbana, exposta à complexa tarefa de perscrutar os recônditos secretos e ocultos da alma. A técnica aplicada à manipulação de pessoas para que elas comprem apetrechos cada vez mais sofisticados e diversificados como substitutos de satisfações também diversificadas tornou-se contrária ao desejo do indivíduo-sujeito. Quando a Psicologia era chamada para explicar a razão de um acontecimento violento envolvendo adolescentes, expunham-se desejos nos programas de auditórios mais vexatórios para as figuras envolvidas, inclusive para a do especialista mediador das representações individualistas: por meio da figura abstrata do cliente, os apresentadores buscavam uma síntese entre um anúncio publicitário e outra mercadoria.

Na cultura do simulacro, advogados, psicólogos, psiquiatras e mesmo promotores públicos foram levados a dar explicações a partir de um distanciamento, por si mesmo gerador de injustiças, acerca da produção e re-produção de violências. A ciência retrocedeu diante dos excessos espetaculares: imagens cada vez mais agressivas conotavam ameaças, porém a espera pela notícia muitas vezes terminava em depoimentos comoventes, que pouco respondiam às vítimas de violências e desigualdades variadas. Quando se tratava de adolescentes encarcerados pelo sistema judiciário, principalmente no biênio 2013-2015, a linguagem bipolar dos noticiários televisivos – psicopatas *versus* vítimas – foi bastante eficaz para dilacerar pânico e preconceitos variados. No entanto, em relação à proteção dos direitos dos acusados e mesmo das vítimas, pouco foi feito pelos produtores dos telejornais para preservá-lhes a identidade e a dignidade humana: discursos confusos e rostos foram mostrados para identificar sujeitos jovens como bêbados e autores de crimes hediondos.

A respeito da vigilância como prerrogativa do Estado, o direito à intimidade parece ser ainda o primeiro a ser violado (CANIATO; NASCIMENTO, 2007) em nome de “bons costumes”, que raramente são mostrados para o amparo psicossocial das vítimas de violência doméstica ou institucional. O cúmulo da hipocrisia parece ser alcançado quando o (a) acusado (a) com algemas dependuradas, insiste em apresentar seu registro civil para esperar uma decisão – que ele (ela) não sabe por parte de quem virá – de que ele (ela) pode, finalmente, ser reintegrado (a) ao convívio social.

A realidade multimidiática, muitas vezes, não deixa ao sujeito adolescente margem alguma para a potencialidade que seu desejo almeja. A sexualidade de adolescentes de ambos os sexos parece ao mesmo tempo estar ameaçada pelas famílias e constituir-se como ameaça a estas, que raramente compreendem a si mesmas como negligentes ou como pauperizadas devido à dependência do álcool e de drogas ilícitas.

Os perigos reais que ameaçam os corpos dos adolescentes mais vulneráveis, dificilmente os avisam das decorrentes intrusões em sua intimidade. A abordagem psicopolítica nos faz perceber que o assédio moral do simulacro, entretanto, nunca constituiu uma educação para a vida digna em comunidades ou sociedades. Mesmo considerando o mal-estar na cultura (FREUD, 1930/2011) e a necessidade de um vínculo familiar que apare o adolescente, as representações amorosas destes acerca do seu Eu continuam a ser fundamentais para unificar um mundo simbólico coerente e uma identidade, para além da produção espetacular de mentiras e de espetáculos que fascinam pela sucessão de imagens diversas.

Alguns pesquisadores ainda buscam entender os ideais de cada sujeito, não apenas suas simulações ou sintomas. A noção de “simbólico virtual” (LEBRUN, 2004, p. 97-130) nos faz lembrar, por exemplo, da importância da linguagem como organizadora da realidade psíquica do sujeito. Porém, a *tensão necessária* que se precisa manter entre as manifestações simbólicas dos sujeitos (pensamento, criatividade e discurso) e os conteúdos que eles nos apresentam para expressar seu sofrimento ou angústia diante de decepções ou sentimentos de fracasso (escolar, afetivo, conflitos familiares) faz parte da dialética que utilizamos como método de análise dos conteúdos trazidos pela população jovem mais vulnerável.

Quando se fala em mercado de trabalho, o adolescente costuma apontar sua necessidade de inserção nele para assumir um papel adulto, isto é, de alguém capaz de ser responsável pela própria vida. Diante de um mercado de trabalho com critérios cambiantes para admissão e demissão dos sujeitos considerados inexperientes é preciso, entretanto, considerar a ação do indivíduo e seus mecanismos de defesa, pois:

Podemos dizer que, se nada muda no entorno do indivíduo, sua impotência o lança na esteira da violência social e da autodestruição do sentimento de culpa que o continua atacando (...). Destruído e no distanciamento/simbiose com o outro que com ele comparte o

sofrimento, cada vez mais aumenta a solidão e o desamparo de todos nos moldes que Freud examinou em *El Malestar em la Cultura* (1981) e *Psicologia de las Masas* (1948). (CANIATO; CESNIK, 2012, p.173)

A violência do *simulacro* pode parecer abstrata e anônima, porém as imagens que utiliza raramente são desacompanhadas de decisões sociais. Nesse sentido, os ideais compartilhados por meio da publicidade muitas vezes seduzem enquanto consumidores os adolescentes e jovens, a despeito de seu sexo, identidade de gênero, etnia ou formação cultural,. Entretanto, esses mesmo adolescentes, enquanto futuros trabalhadores, são confrontados com uma realidade em que a alta competitividade e o nível de exigência para entrar no mercado de trabalho costumam dar-lhes pouca esperança.

Tendo em vista o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – lei nº 8.069/1990), a proteção integral à infância e à adolescência continua sendo um dos maiores desafios nas comunidades escolares. Enquanto isso, em relação ao mercado de trabalho, temos indivíduos cada vez mais confusos e carregados de interesses, por vezes, incompatíveis com a vida e a convivência comunitária e familiar.

O discurso do trabalho e a autoridade estão cada vez mais difíceis de serem compartilhados entre pais e filhos. A adolescência transformada pela publicidade em um produto a ser desejado e consumido não facilita o diálogo e entendimento mútuo entre essas partes. A esse respeito Calligaris (2000), já nos advertira:

Cada **grupo** e a adolescência em geral se transformam numa espécie de *franchising* que pode ser proposta à idealização e ao investimento de todo mundo, em qualquer faixa etária. Se a adolescência encena um **ideal cultural básico**, é compreensível que ela se transforme num estilo que é *cool* para todos. Na idealização comercial e para maior proveito dos empresários da adolescência, praticamente todos os **estilos adolescentes** (seus produtos, seus apetrechos) são oferecidos e vendidos aos adultos, **magnificando um mercado** já interessante em si. (CALLIGARIS, 2000, p. 58-59, grifos nossos)

No entanto, quando optamos por realizar uma pesquisa teórica acerca dos significados atribuídos pela publicidade e pelo discurso jornalístico à adolescência, podemos facilmente perceber que em alguns discursos essa população torna-se culpabilizada pela dificuldade de elaborar desejos e de envolver-se em relacionamentos amorosos ou ternos com seus pares. A tensão dialética entre o que é

percebido diretamente nas expressões de comportamentos adolescentes e entre o que é criado discursiva e massivamente a respeito de tais expressões torna-se importante para evitar contribuir com a criação dos “efeitos estigmatizantes” (SHIKIDA, 2006, p.133) que esses significados, quando veiculados pelos instrumentos midiáticos da indústria cultural, têm o potencial de produzir.

A questão da alienação do adolescente trabalhador em relação aos resultados objetivos do seu trabalho, o qual é utilizado para a perpetuação de sua condição de dominação (pela ideologia liberal burguesa) é, desse modo, evidenciada por ele tornar-se alvo em potencial dos dirigentes de uma indústria que se apresenta ao público como a indústria da diversão e do prazer. Isso mostra a atualidade do conceito de indústria cultural:

A ideologia se esconde no cálculo de probabilidade. A felicidade não deve chegar para todos, mas para quem tiver a sorte, ou melhor, para quem é designado por uma potência superior – na maioria das vezes a própria indústria do prazer, que é incessantemente apresentada como estando em busca dessa pessoa. (ADORNO; HORKEIMER, 1947/2006, p.120)

A partir desta compreensão, podemos apresentar uma perspectiva do nosso problema, a saber, quando o sujeito se torna alvo da publicidade e da propaganda, que o cerca com fantasias onipotentes e de uma liberdade aparentemente infinita de escolhas, como se pode resgatar a experiência de subjetivação? Um dos mais importantes desafios da Psicologia na contemporaneidade é compreender o processo de constituição da identidade em um contexto em que a multiplicidade dos discursos sobre o corpo/psiquismo transmite insegurança, medo e dificuldades de simbolização.

1.1. Historicidade e constituição da subjetividade: o sujeito adolescente contemporâneo

A Psicologia e a Psicanálise, na medida em que permitem ao sujeito reconhecer a origem social do seu sofrimento, podem resgatar a continuidade identitária que, por sua vez, permite ao indivíduo representar-se como ser desejante e compreender as implicações de sua inserção na cultura, reconhecendo sua própria

experiência como única e singular, porém passível de ser compartilhada e transformada por meio das relações com outros seres humanos.

A proposta de virtualizar a própria realidade dos adolescentes e jovens por meio de técnicas que reproduzem modelos de assimilação rápida corre o risco de restringir a formação a uma espécie de fetichismo da virtualidade – em que o ocultamento da realidade social dá-se pela veiculação de imagens prontas – e destruir a capacidade de concentração e elaboração necessárias à reflexão, restringindo a atividade educativa a uma vivência centrada no imediato, na distração e no fascínio com a aparência. Mas seria possível, em uma sociedade centrada na fruição por meio do consumo, resgatar a dimensão da autoridade e da amorosidade na família e na escola por meio da mediação transformadora da experiência?

As respostas a essa questão não são facilmente estabelecidas pela Psicologia, ou seja, pelas várias teorias e abordagens que integram essa ciência de nossa época. Entretanto, para além da constatação de que a condição pós-moderna permitiu uma ampliação do distanciamento e da impotência experimentada pelo indivíduo-consumidor, resta a análise da irracionalidade da negação do próprio desejo pela experiência substitutiva possibilitada pelo consumo:

Na sociedade de consumidores, a dualidade sujeito-objeto tende a ser incluída sob a dualidade consumidor-mercadoria. Nas relações humanas, a soberania do sujeito é, portanto, reclassificada e representada como a soberania do consumidor – enquanto a resistência ao objeto, derivada de sua soberania não inteiramente suprimida, embora rudimentar, é oferecida à percepção como inadequação, inconsistência ou imperfeição de uma mercadoria mal escolhida. (BAUMAN, 2008b, p.30-31)

A impossibilidade de troca afetiva com um objeto inanimado ressalta a ilusão de liberdade e de fruição com a mercadoria. Do ponto de vista da continuidade temporal e afetiva, os encontros amorosos tendem a fracassar, porque a capacidade de atender a demanda do outro seria dificultada por uma onipotência regressiva e ao mesmo tempo limitadora do investimento pulsional. Segundo a análise do autor, a aprendizagem incentivada pela infinita disponibilidade de objetos de consumo caracterizar-se-ia, em um contexto cultural pautado pelo consumismo, por uma des-aprendizagem do que é relacionar-se com o outro e por uma expectativa de que o amor

também pode ser adquirido por meio de encontros fugazes e passageiros, tal como o ato de consumir mercadorias:

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir (...). Numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem o desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.” (BAUMAN, 2004, p. 20-21)

A invisibilidade programada para a figura materna e paterna da geração nascida dessa incapacidade de alteridade, isto é, de reconhecer o lugar e a especificidade do outro, de respeitar o tempo de aprendizagem das crianças e os discursos sábios dos mais experientes, nos levam a indagar acerca da “decadência do complexo de Édipo”, e do destino das pulsões dos sujeitos-assujeitados adolescentes por meio da noção de “identidade”. Como nos esclarece Costa (2004, p. 16): “Todos os trabalhos são focados na formação das identidades pessoais, analisada a partir das observações clínicas e de *observações sobre comportamentos sociais*” (grifos nossos). Refletindo acerca da noção de identidade e tendo como contraposição a possibilidade da formação da identidade do adolescente, foi possível analisar alguns comportamentos sociais, a partir da forma exagerada, deformada e irônica pela qual são retratadas as relações interpessoais em produções destinadas ao grande público..

Por meio da identidade, afirma-se a possibilidade de o sujeito representar seu desejo como singular, único e, ao mesmo tempo, enunciá-lo a um outro, percebido como diferente, mas, também, digno de receber esse enunciado. Desse ponto de vista, os aspectos inconscientes são considerados nas formas como o Eu se defende de ser aniquilado pelo mundo externo. A identidade e a subjetividade são aspectos diferentes pelos quais uma pessoa expressa suas vontades, impulsos e determinações. A Saúde Mental (SM) do indivíduo é a sua capacidade de conviver com diferenças e elaborar a continuidade do desenvolvimento humano. Eis, portanto, a radicalidade de nossa prática profissional e de nosso posicionamento político a favor da alteridade, nos limites de nossa atuação enquanto pesquisadores e enquanto profissionais da

Psicologia: o adolescente deve ser preparado para identificar o convívio construtivo com o outro.

A reprodução de informações destinadas a dissimular as contradições sociais encarcera os sujeitos na vivência do imediato e nega-lhes a possibilidade da experiência que poderia formar a consciência para lidar com essas contradições. Adorno (1995) apresenta a adesão à técnica como um problema do papel desempenhado por ela na consciência e no inconsciente, que possivelmente estaria muito além da função real da mesma. E apresenta a aversão à educação como uma incapacidade de vivenciar a experiência:

Provavelmente em um número incontável de pessoas, sobretudo durante a adolescência e possivelmente até antes, há algo como uma aversão à educação (...) elas como que escolhem para si mesmas aquilo que não é propriamente sua vontade. A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, desta forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência. (ADORNO,1995, p.149-150)

A crítica adorniana nos apresenta a possibilidade de resgatar a experiência formativa pela dissolução da hostilidade social, conduzindo as pessoas de volta ao desejo de aprender e também de refletir as contradições que paralisam sua atividade reflexiva.

Nesse sentido, a formação é entendida como contrária à não-individação que enfraquece a capacidade de autopreservação do Eu no enfrentamento da realidade externa, e a favor da emancipação, rompendo com a reprodução de modelos ideais totalizantes que congelam as estruturas do pensamento através da limitação da atividade intelectual.

De acordo com Freud (1923/2011, p.31), o Eu, enquanto “parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo (...) empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no Id”.

A alteração do Eu por meio da identificação com os objetos permite o controle dos impulsos do Id, mas será com a decadência do complexo de Édipo que a renúncia a “uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal” (FREUD, 1923/2011, p.39) será possível: O Superego, representante dos valores morais, religiosos e éticos seria uma segunda diferenciação no aparelho psíquico, permitida por meio da identificação com os pais, que, entretanto, guardaria relação íntima com os impulsos do Id.

Para Freud (1933/1996, p. 69-70) “a instalação do superego pode ser classificada como exemplo bem-sucedido de identificação com a instância parental”, porém o psicanalista também considera a diferença dessa identificação quando se trata da influência dos ideais:

No decurso do desenvolvimento, o superego assimila as influências que tomaram o lugar dos pais, educadores, professores, pessoas escolhidas como modelos ideais. Normalmente, o superego se afasta mais e mais das figuras parentais originais; torna-se, digamos assim, mais impessoal. (FREUD, 1993/1996, p. 69-70)

A recusa à identificação com a instância parental e o apelo a ideais externos à família, os quais não costumam guardar proximidade afetiva com o desenvolvimento do indivíduo púbere, por exemplo, são manifestações que podem causar frustrações nos pais, ainda que movimentos de afastamento e mesmo oposição aos pais em grande parte dos adolescentes sejam esperados/recorrentes/corriqueiros.

Tal afastamento, entretanto, tende a retardar aquela atitude de maturidade afetiva em que o indivíduo é capaz de aceitar as admoestações e a autoridade dos pais sem que isso venha a ser experimentado como uma forma de assujeitamento, esmagamento pulsional ou de anulação do desejo individual.

Ao analisarmos apenas o papel do Eu, o lugar da identidade adolescente nos parece enigmático, mas também bastante simples: ter memória e representações internalizadas do aconchego do corpo materno e suportar as interdições para representar-se na identificação com o outro pela afirmação da singularidade de seu desejo. O calor corpóreo do seio materno, ainda inocente e iluminado pela autoridade

paterna, como analisou Freud (1924/1996), é o prenúncio – para a criança – do saber do Eu, que luta pela própria vida e teme a invasão alheia. O desejo pulsional do adolescente deve, portanto, encontrar uma outra representação diferenciada do Eu, na qual o medo infantil da invasão alheia seja substituído por uma relação em que o objeto do desejo possa ser referência da experiência de falta necessária para organizar o redirecionamento dos impulsos agressivos e sexuais.

Na família contemporânea, o sentimento de culpa que permite a instalação dos interditos necessários ao estabelecimento do controle egóico sobre os impulsos primitivos tende a ser silenciado pelo apelo à liberalidade, representado na pretensão de assumir o papel de adulto para a sociedade. Nessa dinâmica familiar, os papéis maternos e paternos tendem a ser usurpados por modelos sociais heterônomos de eficiência pessoal que subvertem o papel da proibição no âmbito narcísico-identitário: a proibição não estaria mais atrelada à moral familiar, mas seria a de pensar ou fazer diferente, de não dar adesão a comportamentos consumistas que, em última instância, alteram a percepção da realidade e dos próprios impulsos sexuais como se esses estivessem na dependência da fruição com a mercadoria.

De acordo com Levisky (1998, p.76) a evolução da tecnologia tem permitido que as pessoas se adaptem aos novos sistemas tecnológicos, e principalmente os mais jovens tem sido levados a experimentar os computadores e videogames como formas de prolongar o narcisismo primitivo – característico da primeira infância –, “na relação com o fantástico, com a onipotência, com a violência, levando-os a um estado de alienação de si mesmos e da vida real”. Essa alienação é marcada tanto por um desligamento afetivo quanto perceptual, gerando confusão, falta de discernimento e uma passividade marcada pela ambivalência e insegurança. O risco é a perda da possibilidade de uma identidade pautada nos componentes da pulsão de vida: no diálogo intergeracional, na expressão criativa dos conflitos, na capacidade de aprender e reorganizar seu espaço relacional, incluindo o encontro de novas pessoas para constituir vínculos emocionalmente significativos.

1.2. Delimitação metodológica: diálogos interdisciplinares e abordagem psicopolítica da adolescência

A proposta de pesquisa teórica a partir da Epistemologia Qualitativa nos permitiu constituir uma abordagem da adolescência que considera o papel do contexto sócio-histórico contemporâneo na formação das subjetividades e das identidades dos sujeitos adolescentes. Assim, utilizamos a Teoria Crítica, principalmente a partir do conceito de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2006), para compreender aspectos da cultura multimidiática contemporânea e a teoria freudiana do aparelho psíquico para abordar os aspectos psicológicos referentes à constituição subjetiva.

A teoria que permite a “construção de um sistema de representações capaz de articular diferentes categorias entre si” torna-se contrária “ao dogmatismo e à coisificação de conhecimentos preestabelecidos” que, por fecharem-se enquanto sistemas estáticos, impedem o crescimento e o desenvolvimento da pesquisa rumo a possibilidades novas de representação social (REY; SILVA, 2005, p. 30).

Um sistema representacional fechado tende a naturalizar e congelar representações sociais sobre os sujeitos da pesquisa. O centramento das análises unicamente no intimismo psíquico tende a culpabilizar e acusar os próprios indivíduos em sofrimento psíquico por seu desamparo. Os novos fenômenos e as novas representações sociais acerca da sexualidade adolescente ou jovem, por exemplo, exigem do pesquisador uma capacidade reflexiva diante do desafio de perceber o discurso da diversidade para além de seus aspectos pontuais ou discursivos.

A pesquisa qualitativa apoiada nos princípios da Epistemologia Qualitativa nos permite utilizar como dados empíricos pesquisas teóricas e pesquisas de campo acerca de populações de adolescentes, privilegiando o desenvolvimento cognitivo e afetivo, e voltar para a teoria que “mostra-se como um sistema aberto que (...) integra localmente tanto as ideias desse pesquisador como o momento empírico particular caracterizador do momento atual de uma pesquisa”. (GONZALEZ REY; SILVA, 2005, p.30). Nesse sentido, Gonzalez Rey e Silva (2005) levantam críticas a teorias meramente informativas:

As teorias estáticas expressam-se em instrumentos com regras fixas e não históricas para significar a informação que produzem, nos quais a significação da informação se define de forma padronizada e a-histórica (...) ou seja, a informação é vista como ato instrumental e não como processo diferenciado de construção teórica. (GONZALES REY; SILVA, 2005, p. 31)

A proposta de reflexão sobre a realidade incluiu uma análise crítica da função manipuladora da mídia enquanto instrumento da indústria cultural e de sua interferência na formação das subjetividades por meio de modelos de identificação que veiculam ou mesmo são impostos por meio de uma realidade virtual que se configura como simulacro, propondo-se “mais real” que a própria realidade historicamente constituída pelos homens, em que as classes sociais mais vulneráveis são retratadas como potencialmente perigosas e portadoras de atributos de malignidade.

Na contemporaneidade, as visões redutoras acerca do uso da tecnologia ainda persistem, embora muitos questionem o tempo e a dedicação que os jovens trabalhadores despendem no uso de seus dispositivos móveis e jogos em rede. Enquanto isso, muitos aderem ao papel de excluídos ou à violência, por sua vez reproduzida nas relações interpessoais, através de práticas condescendentes e destruidoras da identidade dos sujeitos:

As relações interpessoais tornam-se eivadas de desconfiança e de hostilidade e criam um clima propício ao surgimento do fanatismo fratricida. Visando obter alguma proteção, os indivíduos constroem entre si verdadeiros pactos e acordos inconscientes de subjugação mútua (sodomismo) que só na aparência encobrem a violência social a que todos estão vulneráveis. (CANIATO, 2009, p.69)

Os desafios para a Psicologia e para as Ciências Humanas nos últimos anos têm deixado muitas perguntas para os sujeitos e profissionais. A educação de adolescentes e jovens ainda nos desafia a constituir uma escuta voltada aos professores e também aos alunos. Quando recorremos à Filosofia, podemos perceber que a chamada alma humana aparece como objeto de fascínio do homem desde os primórdios da história do conhecimento. O aforismo atribuído a sábios gregos da Antiguidade e que figurava na entrada do santuário de Delfos, dedicado ao deus Apolo (considerado deus da luz, da razão e do conhecimento verdadeiro), diz: ‘conhece-te a ti mesmo’. Este, quando direcionado à humanidade, requer dela a organização dos saberes – antes dispersos

em vários campos de investigação – em uma área ou campo delimitado do conhecimento. É assim que, mesmo antes de ser sistematizada como uma ciência, a Psicologia nasce como o estudo da alma humana, no seio da Filosofia e, mais tarde, já no século XIX, torna-se *um campo do saber cientificamente reconhecido*, com formação acadêmica distinta daquela destinada à Filosofia, à Medicina, e a outras ciências às quais esteve (e em alguns espaços científicos ainda permanece) historicamente atrelada (PEREIRA NETO; PEREIRA, 2003).

No final do século XX, a docência e a Pesquisa em Psicologia sofreram—diversas formas os impactos da descrença e estupefação com o conhecimento científico da chamada condição pós-moderna (LYOTARD 1979/2004). Embora a antiguidade dos questionamentos e dos esforços empreendidos pelo ser humano para conhecer a si mesmo ainda questionem a Psicologia, as dificuldades enfrentadas nessa complexa tarefa são, ainda hoje, verificadas pelos profissionais em seus vários campos de atuação.

O discurso da neutralidade científica tornou-se um mito moderno ainda defendido por alguns psicólogos, resultando em uma “engenharia comportamentalista” (JAPIASSU, 1977, p.152) que esquece de valorizar a participação dos adolescentes e seus afetos no processo de constituição de vínculos fraternos e de caráter afetivo-sexual. Embora pareçam resolver a questão em frases curtas ou axiomáticas, os especialistas exaltados na cultura pós-moderna deixam mais vítimas da vulnerabilidade psicossocial e da violência televisionada à deriva, ou seja, perdidos entre constatações desconcertantes e pouco orientadoras para a conduta geral apresentada por esses sujeitos.

Os diálogos interdisciplinares acerca da adolescência e suas “novas problemáticas” estão cada vez mais buscando encontrar os “fenômenos” que emergem nessa fase, bem como uma evolução que contribua com a vida e com a educação desses sujeitos. De acordo com Cunha (2005), as interrogações da Psicologia acerca do processo de subjetivação no mundo atual exigem do psicólogo uma investigação acerca da experiência dos sujeitos, o que nos remeteria a questionamentos acerca das *identidades* destes. O autor analisa o contexto cultural do início deste século como um “momento em que as contradições do sistema conduzem à sua necessária

transformação” (CUNHA, 2005, p. 15) e afirma que a própria noção de sujeito nos interroga a partir de uma dimensão cambiante e não tão solidamente instituída como a ciência moderna logrou instituir, legando-nos a difícil tarefa de encontrar o sujeito que possui uma liberdade praticamente ilimitada pelos espetáculos em um “universo por si só arbitrário, contingente e aleatório (EAGLETON, 1998, p.49).

Tendo como objeto de estudo a identidade e o processo de subjetivação dos indivíduos-adolescentes contemporâneos e partindo da compreensão de que o conhecimento científico é processual e está sempre em construção a partir de formas de “inteligibilidade sobre a realidade, e não [em] uma correspondência com a realidade” (REY, 2005, p. 32), utilizamos o método da interpretação como procedimento da metodologia qualitativa de pesquisa,. Tal abordagem nos faz romper com toda definição universal ou totalizante do psiquismo humano para adotar o posicionamento epistemológico segundo o qual é possível constituir conhecimento sobre sistema de produção e de organização de sentidos subjetivos, que por sua vez é objeto de qualquer pesquisa em Psicologia, sem restringir-se a teorias hegemônicas que tendem a padronizar a produção do conhecimento psicológico em sistemas de representações fechados aos conhecimentos que contradizem suas premissas fundamentais.

A cultura adjetivada como pós-moderna exalta a aleatoriedade dos métodos estatísticos utilizados nos “mercados disponíveis” à especulação financeira das entidades financiadoras das pesquisas (LYOTARD, 1979/2004) e tende a desconsiderar o trabalho psíquico de grandes e pequenas populações ou comunidades. Subjacente à organização pré-formatada para a diversidade dos gêneros sexuais, por exemplo, parece haver uma ignorância pré-estabelecida na linguagem entre a sexualidade infantil e a sexualidade genital madura.

Poderia o trabalho de organização identitária estar sendo ignorado pelo discurso da diversidade étnico-cultural nas indústrias contemporâneas? Como afirmam Jeammet & Corcos (2005, p. 108): “O modo de funcionamento do adolescente é revelador daquilo a que foi submetido quando criança e que contribui para organizá-lo enquanto tal”. Os rituais de iniciação sugeridos durante a “moratória” reservada à escuta dos sujeitos na adolescência (CALLIGARIS, 2000) são capazes de equilibrar

no indivíduo ainda jovem o contrapeso sugerido pela cultura assimilada a uma identidade em formação. Segundo Rey (2005, p.35), “toda produção de sentidos subjetivos é o resultado da tensão entre os sentidos que antecedem esse momento, a partir das configurações subjetivas implicadas em cada situação concreta dessa ação”. Por esse motivo, é preciso renunciar pretensões de representação universalizantes sobre o processo de subjetivação que ocorre na formação da identidade.

Os diálogos interdisciplinares e o reconhecimento da historicidade do nosso sujeito de pesquisa estão relacionados, portanto, com o caráter ontológico de nosso objeto de estudo: a natureza processual do psiquismo impõe ao pesquisador que aborda a formação da identidade na adolescência contemporânea o reconhecimento de tensões, contradições e até mesmo rupturas no processos de significação, que são singulares e subjetivas, assim como, resultado da atividade do sujeito em sua realidade histórica e cultural.

O desenvolvimento corpóreo do indivíduo púbere exige um trabalho psíquico no processo de construção de uma alteridade genital para diferenciar o corpo próprio do corpo da outra pessoa. Conforme explica Emmanuéli (2008, p. 31), “os **sistemas familiares e sociais que prevalecem hoje em dia, flutuantes, sem referências**, veem desenvolver-se problemáticas narcísicas marcadas pela dependência do objeto externo” (grifos nossos), o que torna a elaboração do conflito edipiano mais difícil e leva a uma diferenciação identitária marcada por manifestações depressivas e, em alguns casos, de caráter psicótico. A tarefa de “satisfazer as expectativas narcísicas dos pais” coloca o adolescente em uma situação de “dificuldade de experienciar como seus os seus próprios desejos, que se equiparam a representações mal diferenciadas das imagos parentais” e, desse modo, a instauração da organização superegógica que poderia integrar os valores culturais é entravada.

A temporalidade em questão, considerando um corpo visível e, por vezes, vulnerável aos apelos publicitários de uma “aparência ideal”, nos faz respeitar a conclusão de Marty (2008, p.65) acerca da elaboração simbólica que lentamente separa a “organização libidinal” da chamada “fase pubertária”. A indefinição sugerida enquanto limites da produção do adolescente, entretanto, teria que dialogar com os sujeitos sem negar-lhes a expressão de conflitos entre o corpo e o pensamento

simbólico. A linguagem fantasiosa da virtualidade pode encontrar, assim, a dimensão de diálogo por meio de um universo de pesquisa dialético e, ainda assim, crítico em relação à recepção dos conteúdos multimidiáticos.

Ainda em relação à consideração de aspectos sociais e culturais que influenciam a formação e a constituição da identidade do adolescente contemporâneo, acompanhamos também alguns diálogos televisivos a respeito dos adolescentes mais pobres. As perguntas da denominada *Geração Z* – indivíduos que desde tenra infância têm curiosidade ou estão familiarizados com os aparatos tecnológicos da atualidade – “surgiam” e “ressurgiam” nas redes de televisão e nas redes sociais por meio de notícias boas e também de propagandas publicitárias carregadas de certo “terror” nas redes de televisão. Logo, as perguntas acerca da adolescência contemporânea foram se tornando maiores em quantidade e, surpreendentemente, melhores em termos de esclarecimento da condição de vulnerabilidade psicossocial à qual os sujeitos adolescentes e jovens com os quais dialogávamos poderiam estar expostos.

A produção mercadológica do entretenimento e o discurso da eficácia das máquinas altamente velozes, quando apresentados simultaneamente, entretanto, tendem a ignorar o próprio impacto no IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – que calculam. A ideia de inteligência artificial foi um mito que despontou no final do século XX e foi muito bem recebido. Enquanto purificador da presença alheia em lares e cômodos hiper-equipados, tal mito continua a atualizar-se por meio de várias propostas de estudo e trabalho. A visão descrita, em muitas empresas, que propagam o “empreendedorismo” individual também acabam fomentando ânimos e provocando uma competição por postos de trabalho, muitas vezes destinados a modelos ideais dificilmente alcançáveis.

A esse respeito, Crochik (1999) fez um estudo cuidadoso e detalhado sobre as consequências do uso do computador e a limitação da consciência política dos usuários dos primeiros tipos de TI no Brasil. As conclusões do autor nos permitem uma reflexão sobre a virtualidade: “A Cibernética e a Inteligência Artificial só conseguem simular o pensamento em máquinas através de sua fragmentação e objetivação” (CROCHIK, 1999, p.185). A precisão das máquinas e a decorrente racionalização do processo de trabalho aponta para o risco da substituição do trabalho humano desde o início da

industrialização. Entretanto, a identificação entre o pensamento humano e a lógica binária matemática nos traz o risco de buscar programar a realidade da vida cotidiana com a mesma lógica com que se programa o computador. As relações humanas e as desigualdades sociais não podem ser redutíveis aos conceitos operacionais da mesma forma que a produção industrial. Ao desenvolver tecnologias educacionais por meio dessa lógica, a escola corre o risco de incentivar a formação de uma “consciência tecnocrática”, na qual o pensamento é abstraído da realidade e não pode refletir acerca da necessidade de sua *superação*.

A dependência dos sujeitos em relação às máquinas ultraportáteis e seu discurso de respeito ao conhecimento científico relacionado a satisfações imediatas ficaram mais evidentes pela criação de uma mentalidade compatível com um ritmo veloz de consumo baseada na crença na onipotência de seus signos: “é o pensamento mágico que governa o consumo, é uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida cotidiana, é a mentalidade primitiva, no sentido que foi definida como baseada na crença da onipotência dos pensamentos” (BAUDRILLARD, 1995, p.21).

Na sociedade de consumo, para alguns, os filhos tornaram-se uma espécie de objeto de consumo emocional (LYPOVETSKY, 2004) a ser exibido e disputado nas corridas e atividades profissionais diversas. Para outros, a questão da produção industrial do *simulacro* (BAUDRILLARD, 2001) tornou-se mais séria, nas manifestações coletivas de uma sexualidade prematura e, ainda assim, agressiva em relação ao prazer do corpo do outro.

Nesta pesquisa, consideraremos a exposição de sujeitos em vulnerabilidade psicossocial devido ao uso do corpo no “sexo virtual” como um argumento incontestável da violência repetida em rituais de passagem que levam ao esgotamento das possibilidades físicas de experimentar o prazer. Os casos de violência devido à exposição de adolescentes e suas famílias ao escrutínio da indústria multimidiática, sem que as vítimas pudessem elaborar sobre sua condição de vulnerabilidade e modificá-la, nos revelam, ainda, uma responsabilidade sem autoridade e sem autor identificável nos casos dos crimes virtuais; o poder da indústria cultural (ADORNO & HORKHEIMER, 1944/1947) ao buscar culpabilizar a vítima e suas famílias oblitera o

espaço para dúvidas ou argumentações em favor daqueles que ainda procuram significar suas experiências na elaboração do luto por seus entes queridos.

A abordagem psicossocial da adolescência sugere um posicionamento epistemológico do pesquisador compatível com a Epistemologia Qualitativa, permitindo observar a especificidade ontológica de nosso objeto de estudo. Ao buscarmos compreender como a formação cultural influencia a constituição das identidades dos adolescentes contemporâneos, encontramos algumas similaridades entre os aspectos subjetivos e singulares dos membros da *Geração Z*. Entre eles pode-se citar a incapacidade que o sujeito revela de sentir as próprias experiências como algo realmente seu – ou seja, de atribuir sentido em relação ao que já vivenciou e com a potencialidade de projetar uma continuidade para o que ainda experimentará em sua vida –, o que se traduz em um sentimento de estranheza diante da própria identidade. Faz sentido, assim, apontar a definição ontológica de identidade para ilustrar o posicionamento epistemológico que entendemos estar atrelado à abordagem psicopolítica desse objeto de nossa pesquisa:

Só o sujeito poderá decidir, dentro da complexidade de vivências e processos simbólicos produzidos nos cenários de sentidos em que atua, os rumos de suas ações, as quais desde o momento de sua decisão e durante todo o processo de sua consecução, se transformam em uma nova rota de produção de sentido. O sentido subjetivo dessas ações se expressa, entre outras coisas, na **congruência e continuidade que o sujeito sente nelas** e, por sua vez, entre elas e sua condição pessoal. **Esse sentido subjetivo das ações humanas define a identidade.** (REY, 2017, p. 158, grifos nossos).

O sentimento de estranheza ou de uma continuidade forjada a partir de momentos fragmentários vivenciados como experiências ‘fluidas’ parecem cada vez mais comuns, tanto pelos relatos de profissionais e pesquisas daqueles que lidam diariamente com os adolescentes da *Geração Z* quanto pelas demandas que apresentadas pelos próprios sujeitos em nossas clínicas e outros contextos profissionais. Parece pertinente, portanto, investigarmos o contexto social em que essas experiências ocorrem, ou seja, um contexto marcado pelo consumismo, pelo desligamento afetivo entre as pessoas acompanhado de um apego cada vez mais excessivo à tecnologia e por sistemas familiares que, acompanhando o ritmo tecnológico e cambiante da Era da Informação e da sociedade do consumo, terminam por favorecer a identificação com artefatos tecnológicos ao invés de outros seres

humanos (principalmente os membros da família) serem tomados como referências nesse processo. É por essa questão metodológica que abordaremos, a seguir, esses aspectos relacionados à *Geração Z*.

1.3. Da sociedade de consumo à Era da Informação: elementos para a compreensão da persistência da semiformação entre os membros da *Geração Z*

A sociedade de consumo é representada pela contradição de um crescimento da produção no que diz respeito “o fato de produzir bens e necessidades, mas não no mesmo ritmo – uma vez que o ritmo da produção de bens é função da produtividade industrial e o ritmo da produção de necessidades, função da lógica de diferenciação social” (BAUDRILLARD, 1995, p.62). É nesse fato que a lógica do consumo se define “como manipulação dos signos” que “elimina o estatuto sublime tradicional da representação artística. Rigorosamente, já não existe o privilégio de essência ou de significação do objeto sobre a imagem” (idem, p.120-121).

Na forma de condicionamento social dos comportamentos, a própria indústria oferece imagens do corpo que se propõem para o consumo por meio publicidade e, neste sentido, a manipulação afetiva objetiva faz esquecer, por meio do entretenimento, os representantes reais do corpo:

O condicionamento verdadeiro a que nos encontramos submetidos pelo dispositivo erótico publicitário não é a persuasão abissal, a sugestão inconsciente, mas pelo contrário, a censura do sentido profundo, da função simbólica, da expressão fantasmática da sintaxe articulada, numa palavra, da emanação viva dos significantes sexuais. (BAUDRILLARD, 1995, p.158)

A sexualidade explorada como moral da diversão até a consumação do corpo e de suas energias vitais anuncia uma incapacidade da cultura de oferecer meios para a reflexão humana acerca da produção e do consumo como momentos diferentes e, ainda assim, interdependentes do círculo de manipulação ainda existente em relação à indústria da informação e do entretenimento.

Em 1930, Freud afirmava que parecia haver um antagonismo entre a cultura e a sexualidade, de forma que as realizações culturais exigiriam certa limitação do exercício da sexualidade. O que dizer, então, de uma cultura que instiga ao prazer sexual e estimula, concomitantemente, a superficialidade e efemeridade das relações sexuais?

Acerca dessa questão, talvez tenhamos bastante a aprender com antropólogos e sociólogos contemporâneos. As relações de caráter líquido podem ser verificadas, segundo o Bauman (2004), já na geração que é adulta no final do século XX (chamada por alguns estudiosos de geração Y). Mas, nesse caso ainda há, do ponto de vista da maior parte dos sujeitos, uma preocupação com os outros (os seus pares). Essa preocupação não seria, entretanto, propriamente de caráter amoroso. Ela poderia ser caracterizada pelo que compreendemos ser uma escolha de objeto do tipo narcísico (FREUD, 1914/1996), pois os indivíduos tomariam a si mesmos como referenciais para suas expectativas em relação ao que espera do outro nas relações que estabelece.

Freud (1914/1996) propõe tipos de escolha objetal a partir das identificações primárias e afirma que podemos amar de vários modos. Dividimos esses tipos, para facilitar a compreensão, em dois grandes grupos: 1) A partir do tipo narcísico: -1.1. o que se é (a própria pessoa é tomada como seu objeto amoroso); 1.2. o que se foi (e aqui o narcisismo primário pode tornar as reivindicações destinadas ao objeto bastante fantasiosas e exigentes); 1.3. O que se gostaria de ser (ideal de Eu); 1.4. Alguém que foi parte da própria pessoa (identificações primárias com o objeto – representante materno ou paterno ainda em condição de simbiose). 2) A partir do tipo anaclítico: 2.1. A mulher responsável pelos cuidados e educação nas primeiras fases do desenvolvimento (representante materno, a pessoa responsável pela manutenção da vida e seus possíveis substitutos); 2.2. O homem responsável por proteger (o pai e a sucessão de pessoas substitutivas que venham a ocupar o seu lugar).

Essa distinção freudiana entre os possíveis tipos de escolha objetal realizado pelo sujeito sugere que o objeto de investimento é escolhido com base no modelo identificatório (constitutivo do sujeito) e, assim, a distinção entre os modos de escolha não faz desses modos necessariamente excludentes entre si, mas sim torna as possibilidades de combinação dos modelos de uma extraordinária riqueza. Em sua

explicação acerca do declínio do complexo de Édipo, em 1923, Freud explica como os investimentos libidinais nos objetos primitivos (representante materno e paterno da primeira infância) são abandonados e substituídos por identificações. Porém, quando pensamos no encontro com o outro da alteridade genital, o contexto atual nos traz o encontro amoroso sob a égide do efêmero (BAUMAN, 2004) e do superficial (CHAVES, 2016).

Ao discutir a questão do processo de subjetivação na contemporaneidade, Kehl (2016, p.29) afirma que “o estabelecimento da burguesia como classe hegemônica na Europa, cobra o preço do desamparo e do desenraizamento”. Isso implica em que os esforços das gerações anteriores para constituir as tradições, os conhecimentos e as leis que organizam a experiência do indivíduo com o outro são constantemente questionados por aqueles que estão em processo de formação. Cria-se um conflito entre gerações em que os esforços para compreender os referenciais culturais por si mesmo (o sujeito) e estabelecer-se como adulto tornam-se objetos de contestação e, frequentemente, desafiam o sujeito adulto a manter seus posicionamentos ou abandoná-los. Ocorre que esse conflito nem sempre toma forma de discussões ou ações nas relações interpessoais contemporâneas. Muitas vezes ele é camuflado pelo discurso da fluidez identitária do adolescente e acompanhado pelo discurso de aceitação familiar.

Chauí (2006) ajuda a compreender isso quando explica que com o sistema multimídia, a função social da propaganda passa a absorver a função de difundir bens culturais. A função de propagar modelos de comportamento sobrepõe-se à função de difundir cultura e até mesmo à finalidade de informar o consumidor. O propósito seria justamente o contrário: desinformá-lo para que ele consuma mais. Sob os auspícios de tal cultura “As relações interpessoais, as relações intersubjetivas e as relações grupais aparecem com a função de ocultar ou dissimular as relações sociais enquanto sociais e as relações políticas enquanto políticas” (CHAUÍ, 2006, p.9), ou seja, os processos de produção e distribuição das informações são feitos de modo a atrapalhar a atividade de pensamento e de reflexão dos sujeitos. Mais que isso, esses processos tendem a enfraquecer esses sujeitos, isolando-os, ou seja, afastando-os uns dos outros pelos modelos estandardizados de relações que difunde.

Como podemos perceber por uma breve observação e comparação entre as atividades de produção e as de consumo, uma diferença fundamental entre elas é que, ao contrário da produção, o consumo não exige esforços coletivos ou colaboração entre a produção de conhecimentos ou técnicas como é frequente no caso da produção. Apesar de servir ao agrupamento de pessoas em atividades frívolas ou voltadas ao entretenimento, o consumo pode ser perfeitamente realizado individualmente ou sem que experiências intersubjetivas significativas entrem em cena. Outra característica do consumo é que ele não exige o domínio de uma técnica ou a aplicação de conhecimentos anteriormente mediados pela ação de um outro ser humano. Na sociedade da cultura multimidiática por exemplo, podemos consumir bens tidos como culturais sem que a ação dos sujeitos que sempre definiu a cultura seja necessária: em uma aula gravada para grandes públicos, por exemplo, é frequente que a maioria dos alunos apreendam as informações sem interpelar o professor ou apresentar dúvidas e, assim, colocar suas próprias interpretações da realidade em questão.

O caráter de semiformação pode ser assim denunciado na própria pretensão de construir uma sociedade da informação por meio de uma parafernália tecnológica em que a aprendizagem através de mediações esclarecedoras ou humanizadoras parece restringir-se a espaços cada vez mais limitados (e raros). Adorno (2010), em seu ensaio sobre a teoria da semiformação nos explica como o exercício do poder sobre a produção de conhecimentos meramente técnicos em uma sociedade pode tornar-se uma forma de neutralizar os movimentos sublimatórios em direção ao conhecimento humanizador:

A sensação de não despertar diante do poder existente, de ter de capitular diante dele, paralisa até os movimentos que impelem ao conhecimento. O que se apresenta ao sujeito como inalterável se fetichiza, torna-se impenetrável e incompreendido (...) a semiformação é defensiva: exclui os contatos que poderiam trazer à luz algo de seu caráter suspeito. Os sistemas delirantes coletivos da semiformação conciliam o incompatível; pronunciam a alienação e a sancionam como se fosse um obscuro mistério e compõem um substitutivo da experiência, falso e aparentemente próximo, em lugar da experiência destruída. (ADORNO, 2010, p. 35-36)

Uma sociedade cuja produção é organizada com o objetivo da obtenção de lucros, embora difundida a ideologia da informação e do conhecimento

compartilhados (como está implícito na denominação de Era da Informação e do Conhecimento), ainda resulta no fato de que “a vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, esgota-se na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema” (ADORNO, 2010, p. 24) e a semiformação que é “o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (ADORNO, 2010, p. 25) passa ser a forma predominante da consciência na contemporaneidade.

A reflexão acerca de uma formação destinada a reproduzir formas disciplinares de controle, fazendo da reprodução e do excesso de informação um mecanismo para operar uma impossibilidade de distinção que atinge o domínio simbólico do sujeito em formação impõe, na concepção da teoria crítica da Escola de Frankfurt, uma reflexão acerca da formação cultural, justamente aquela que ainda tem a possibilidade de resistir à dissolução da identidade em uma anacronia generalizada relativa aos processos de produção do conhecimento na contemporaneidade. Se esta é ainda uma possibilidade bastante restrita, nos parece ainda mais fundamental contribuir com a autorreflexão crítica acerca da persistência da semiformação nas formas de difusão massiva e controlada que podemos identificar como ainda bastante prevalentes nos processos de formação cultural contemporâneos.

1.4. O registro do outro e a dimensão da alteridade: a sexualidade adolescente contemporânea e a importância dos limites da identidade

A questão dos limites da alteridade diz respeito aos pontos de apoio fornecidos por pais e educadores que são capazes de “integrar os componentes pulsionais do sujeito e lhe dar uma saída compatível com a preservação de uma imagem de si tolerável e suficientemente aceitável para assegurar-lhe a permanência de sua identidade” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p.111). A variável a ser considerada, então, refere-se ao tempo de elaboração do próprio sujeito do desejo. Ao nos situar em relação ao sujeito adolescente, a elaboração da perda do corpo infantil nos deixa a ténue e delicada complexidade da possibilidade de reprodução como uma escolha, mas também como uma capacidade de maturidade psíquica que autoriza as relações sexuais experimentadas subjetivamente como completas, além da possibilidade de ter filhos.

Com o objetivo de constituir uma escuta clínica que é atravessada pela responsabilidade ética de não culpabilizar os sujeitos adolescentes que podem encontrarem-se em sofrimento psicossocial devido à condição contemporânea de fragilização dos vínculos amorosos, devemos considerar que a questão do gênero feminino como símbolo de uma suposta neutralidade da identidade sexual não deixa de ter implicações para os interlocutores adolescentes. A neutralidade não se refere a um lugar pulsional marcado pelo desejo, seja ele sexual ou criativo-sublimatório. Do mesmo modo, ela não permite a expressão da agressividade necessária à proteção da vida e da diferenciação em relação aos objetos externos. Se podemos tratar a desigualdade social também como um problema ainda existente, vimos também o posicionamento do autor psicanalista engajado com as produções simbólicas dos adolescentes, pois há, durante a adolescência, o “simbólico-cultural de mudança do *status* social do acesso a uma identidade sexual adulta e as funções de produção de trabalho e de reprodução numa filiação” (MARTY & JEAMMET; 2005, P.33).

A questão da identidade como um posicionamento também antropológico desse sujeito adolescente, por sua vez, nos aponta que tal elaboração torna-se tão mais complexa quanto forem as necessidades de manejo da dependência do sujeito em desenvolvimento e seus limites corporais em relação aos diferentes “ritos” de “passagem” para a fase adulta, pois até mesmo a crueza dos rituais que tendem a anunciar a adolescência mostra a constância da violência e do barbarismo como espetáculos públicos. Estas constantes têm relação com o encontro com o “outro” do desejo e que simboliza, com seus limites culturais, os limites da alteridade. Conforme o concebe Freud (1923/2011), o desenvolvimento do ego preparado para tal alteridade implica na capacidade de receber a ternura materna e utilizar a autoridade paterna para estabelecer as convergências de impulsos agressivos e amorosos em um mesmo objeto de desejo sexual. A identificação sexual retomaria, assim, o caminho primeiro da libido que, após reconhecer a convivência com um outro corpo e a existência do próprio sujeito separado desse outro – a mãe ou cuidador primeiro, fonte de alimento para o corpo em suas necessidades nutricionais e afetivas – volta a investir nas próprias representações de seus limites corporais e amorosos.

As constantes do princípio de realidade também devem ser consideradas, quando a “dimensão de violência” se inclui no rito, seja simbolizando “a violência da

separação do mundo da infância e da mãe” ou a assimilação com “o mundo dos adultos por meio de provas inciáticas” (JEAMMET & CORCOS, 2005, p. 37). Ao considerarmos o estabelecimento do Supereu, que requer a internalização de representações limitadoras do narcisismo primário, no qual a libido e a fruição do princípio do prazer ainda não conheceriam os limites impostos pelo próprio funcionamento fisiológico e pelo Princípio de Realidade, neste último caso, acerca das limitações impostas pelas interdições da educação familiar e escolar, por exemplo, o contraste entre a sexualidade adolescente e a violência fica mais complexo. Os intervalos que são impostos ao manejo simbólico do sexo consideram os limites do próprio corpo para a reprodução sexuada.

A realidade do corpo como uma espera ou “moratória” (CALLIGARIS, 2000) que progride em limites, mas dispensa as diferenças simbólicas referentes aos representantes fálicos e aos sintomas de angústia nas trocas amorosas, deixam subjacentes a questão da virtualidade da própria fase denominada “adolescência”.

A modernidade nos traz, entretanto, alguns fenômenos virtuais diferenciados daquelas irrupções que apontam o silenciamento ou a angústia do clamor dos vulneráveis pelo amparo da família no reconhecimento de sua identidade de gênero. A modernidade, como podemos depreender do conceito de relações pautadas no “amor líquido” (BAUMAN, 2004) e na ideologia de liberdade, tendo como secundárias as queixas acerca das insatisfações nas relações amorosas, trouxe alguns questionamentos acerca da formação da identidade sexual no seio protetor da família monogâmica e falocêntrica do final do século XIX, visando uma certa interpenetração no campo político das concorrentes reivindicações por liberdade sexual e satisfação subjetiva (SAFATLE, 2008).

Mesmo os impulsos da sexualidade inibida em sua meta, como a oralidade, foram censurados por uma moral da saúde objetivada no corpo belo, magro e indefinidamente jovem. A interdição aos prazeres gustativos criou uma moral alimentar baseada na recusa às guloseimas mais palatáveis (geralmente repletas de açúcares e gorduras) e nos hábitos comedidos quanto à ingestão de calorias. A questão do tempo, do poder superior da natureza, da decadência das próprias funções orgânicas e do envelhecimento foram tratadas pelas especialidades da Moda e da Cirurgia

Plástica como queixas puramente emocionais, porém com resolução praticamente imediata. As celebridades logo aderiram a essa moral centrada no consumismo e relacionada ao corpo erótico e, supostamente cheio de vigor (COSTA, 2004). Tais “divindades”, cercada por essa moralidade respondiam a praticamente tudo: como emagrecer em duas semanas, como voltar a “ficar em forma” sem dor, como ludibriar o deus Chronos (*Chrónos*, "tempo"; do latim: Chronus) e tornar-se a própria *Vênus*³, seja ela a de *Milo* ou a de *Apollo*.

Os limites da sexualidade, por sua vez, nos acenam em suas difrações, dissociações e inscrições na realidade externa, por meio da possibilidade do reconhecimento das diferenças sexuais (masculino e feminino), independentemente da escolha do objeto sexual do indivíduo. A assistência psicológica ou psicoterapêutica mostra-se importante para oferecer a possibilidade de significação quando a capacidade de apoio e suporte na linguagem e na família reconhecida insistem em apontar a falha do conjunto de desejos que incluem “a doença mental” “e o signo da passagem ao ato” (CÓRCOS; JEAMMET; 2005, p. 132) em uma cultura cujo simulacro está, frequentemente, muito além do princípio do prazer e das interdições tradicionais, institucionais e simbólicas.

A exigência de trabalho psíquico para muitos adolescentes e jovens tem sido uma repetição de notícias de caráter apelativo sobre medos infantis e, ainda, não constituídos como atos. Em relação às memórias dos atos sexuais, a alteridade genital (MARTY, 2008) difere quanto à fase do desenvolvimento e as emoções tornam-se novamente objeto de maiores preocupações. O final da fase adolescente aponta para uma ampliação do olhar materno, sem que a autoridade paterna possa representar uma marca registrada do vazio, pois o corpo investido por representações familiares é capaz de suportar a identificação com o outro em espaços simbólicos diferenciados.

³ Proveniente da divindade itálica *Vénus* – modesta e que presidia o culto à vegetação e à fecundidade, antes de ser assimilada à mitologia grega do século II a.c. sendo adorada no Panteão por sua beleza, ficou conhecida mais tarde por ser a deusa do comércio, passando a ser assimilada em rituais culturais relacionados às colheitas. Mais tarde, também foi compreendida como esposa do deus manco e rei enfermo conhecido como Vulcano e por manter uma relação adúltera com Marte, deus da guerra e guardião da Agricultura. Adaptação de: HACQUARD, G. **Guide mythologique de la Grèce et de Rome**, 1990.

Diante de algumas recomendações mais recentes quanto à compreensão do sujeito do desejo, algumas palavras foram cedidas em benefício de nomear-se o objeto do desejo dos mais jovens. As definições de gênero sexual multiplicaram-se, como aponta a reportagem da revista semanal (VEJA, 2016) sobre a *Geração Z*, a respeito da qual faremos uma discussão no capítulo 4 desta tese. No entanto, o que se observou com o *laissez-faire* da produção do simulacro foi o recrudescimento da violência contra seres humanos que representavam autoridades nos grandes centros urbanos. Muitos jovens e adolescentes passaram a confundir autoridade e autoritarismo. A violência contra as pessoas que se identificam com o discurso da diversidade sexual, entretanto, não arrefeceu por causa disso. Ao mesmo tempo, a propaganda continuou a oferecer mercadorias em que a imagem corporal supostamente pós-moderna apresentou corpos maquiados pela “tecnoimagem” com um discurso por vezes repetitivo de tolerância à diversidade.

O discurso da tolerância parece divergir da atitude de aceitação e respeito ao diferente, pois ‘tolerar’ corresponde mais a suportar a existência da diversidade do que a incluir por meio de uma atitude política. Como explicou Carone (1998), o posicionamento político é uma difícil trajetória para a Psicanálise desde sua própria fundação na metapsicologia freudiana. Embora o fascismo estivesse presente nos espetáculos televisionados que mostravam a promessa de uma nova sociedade no alvorecer deste século, o anonimato dos grandes centros da virtualização do real continuou a ser orquestrado. A tríade da “globalização em marcha, anarquia capitalista e pós-modernismo” (CARONE, 1998, p.11) tornaram menos acessíveis as explicações racionais acerca da busca por identidades sexuais e profissionais. Carone explica que: “na sua própria fundação a psicanálise gerou conhecimento crítico e contundente sobre a realidade histórica da qual emergiu” (idem), de modo que suas compreensões acerca do psiquismo humano podem ainda representar uma forma de escuta diferenciada do sofrimento psíquico enfrentado na construção das identidades dos sujeitos adolescentes contemporâneas.

De acordo com o posicionamento epistemológico desenvolvido por Rey em sua Epistemologia Qualitativa, “O momento empírico não é a expressão de uma ‘realidade em si’, senão o resultado do confronto da teoria com o que foi estudado no recorte de significação produzido pela teoria”, ou, em outras palavras, “A realidade

estudada é responsável pelo processos de construção do conhecimento implicados nas pesquisas sobre essa realidade” (REY, 2005, p. 32-33). Sendo assim, não podemos ignorar ou banalizar o fenômeno da difusão dos discursos de diversidade sexual. Eles são, de fato, bastante importantes para compreendermos características marcantes dos indivíduos pertencentes à *Geração Z*. Por esse motivo, discutiremos também a questão da abordagem psicopolítica da identidade sexual como pertencente à metodologia que utilizamos nessa pesquisa a partir da Epistemologia Qualitativa e da definição ontológica da identidade que explicitamos anteriormente.

1.5. A Identidade sexual e a alteridade genital como registro simbólico dos sujeitos em desenvolvimento

A questão da alteridade genital, conforme a define Marty (2008), difere da questão da identidade sexual. A variável a ser considerada, então, refere-se ao tempo de elaboração do próprio sujeito do desejo. Em relação ao sujeito adolescente, a elaboração da perda do corpo infantil deixa a complexidade da possibilidade de reprodução como uma escolha que dá “acesso à maturidade psíquica” e “que autoriza as relações sexuais completas e a possibilidade de reprodução” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p. 33) como um problema também simbólico-cultural e, assim, dependente das relações que o sujeito estabelece.

A questão da identidade como um posicionamento t desse sujeito adolescente, por sua vez, aponta que tal elaboração torna-se tão mais complexa quanto forem as necessidades de manejo da dependência do sujeito em desenvolvimento e seus limites corporais em relação ao diferentes “ritos” de “passagem” para a fase adulta, pois, para além das formas particulares que lhes conferem determinadas culturas, esses ritos de iniciação revelam as constantes culturais e/ou pressões que Freud (1920/2004) denominou como “expectativas desprazerosas no aparelho psíquico” vindas da sensação de “perigo” decorrentes da percepção do sujeito. Por outro lado, a masculinidade e a feminilidade, estão, muitas vezes, sujeitas a signos ou adjetivos bastante restritivos para o sujeito em formação.

Os pequenos grupos de jovens e a sociedade, por vezes, fortalecem identificações com aquilo que vai além da identidade do sujeito:

A vida em sociedade requer certa dose de falso *self* para que ela possa se realizar. Simpatia, delicadeza, cordialidade, diplomacia são atributos que podem ser usados para mascarar externamente os verdadeiros sentimentos, assim como muitas reações agressivas podem ser defensivas ante o temor em externar a sensibilidade e o amor. Por exemplo, adolescentes do sexo masculino podem reprimir sua delicadeza e sensibilidade por se sentirem ameaçados em sua virilidade, devido a fantasias e questões culturais, tolhendo algo que lhes pode ser espontâneo e autêntico, aniquilando algo do seu ser. (LEVISKY, 1998, p.133)

Em relação ao sexo feminino, quais características poderiam ser listadas para camuflar fantasias e questões culturais que mutilam o seu ser? Algumas percepções sobre “as vantagens de ser homem”, com certeza, integram a nossa cultura há séculos. Porém, estudos sobre a agressividade oculta entre meninas educadas para serem “boazinhas” e/ou quase “perfeitas”, como no conhecido filme, “Mulheres Perfeitas” de Stepford Wives, no qual se apresenta uma analogia bastante interessante de como a violência contra mulheres adentra a sociedade aparentemente democrática e torna-se uma tecnocracia, ou seja, um governo em que a técnica de exercer o poder oblitera as possibilidades de identificar-se com os pares e investir libido no parceiro amoroso.

Ao analisarmos o valor das constantes educacionais, por sua vez, nossa análise remete-se ao encontro com o “outro” do desejo e que simboliza, com seus limites culturais, os limites da alteridade. Conforme o concebe Freud (1923/2011), o desenvolvimento do ego preparado para tal alteridade implica na capacidade de receber a ternura materna e utilizar a autoridade paterna para estabelecer a convergências de impulsos agressivos e amorosos em um mesmo objeto de desejo sexual. A identificação sexual retomaria, assim, o caminho primeiro da libido que, após perceber a convivência com um outro corpo e a existência do próprio sujeito separado desse outro, volta a investir nas próprias representações do Eu.

Os delicados limites entre representações sociais e compreensões subjetivas acerca da sexualidade jovem podem ser resgatados por meio de uma análise em que a técnica pode ser diferenciada da tecnologia:

A técnica, como um conjunto de habilidades e regras especiais para realizar determinada atividade faz parte do agir humano, e assim como a disciplina, é indispensável. O artista, o cientista, o cirurgião não executam bem suas atividades sem um bom domínio da técnica. Já a tecnologia implica um conjunto de princípios científicos que se aplicam à técnica e, de certa maneira, tornam-na formal. (CROCHIK, 2003, p. 108)

O autor nos permite perceber que não se trata de fazer apologia a um discurso de neutralidade da tecnologia da informação (TI), pois em uma sociedade em que o trabalho se tornou globalizado enquanto o trabalhador tornou-se mais limitado, o apelo da imagem fotográfica enquanto signo atemporal dificulta a compreensão da virtualização da sexualidade de adolescentes. Como exemplo, discutimos no Capítulo IV a reportagem “Amigues para Sempre” que foi capa da revista *Veja* em maio de 2016, visando melhor compreender o imaginário social relacionado à sexualidade representada como neutra e fluida. A capacidade de assumir uma relação de namoro diante de uma sociedade em que o preconceito ainda faz vítimas do ódio e na qual o silenciamento forçado acerca da escolha do objeto sexual generaliza-se, nos limites de uma identidade de gênero reconhecida e respeitada, é a principal questão levantada, tendo em vista a relação dos sujeitos com a cultura.

Os limites da sexualidade na adolescência contemporânea parecem ter se tornado mais fluidos ou mesmo confusos neste século XXI, o que não parece facilitar a “capacidade auto-reparadora que vai dar ao adolescente os meios de elaborar a violência interna para coloca-la a serviço do investimento libidinal na relação com o outro” (MARTY, 2008, p. 63). É como se, no processo psíquico que instaura as demandas narcísicas na adolescência, a dimensão da alteridade fosse gradualmente desaparecendo, o que obstaculiza o processo de subjetivação e humanização.

Nesse sentido, a relação com uma cultura que promove a conformação com o existente e fortalece a semiformação, ao mesmo tempo em que impede que os homens eduquem uns aos outros deve ser considerada. A análise adorniana sobre a formação cultural parece bastante atual em uma época como a nossa, em que o conhecimento é tomado como sinônimo de riqueza e poder:

O sonho da formação – a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade – é falsificado na apologia de um mundo organizado justamente por aquela imposição. No ideal de formação, que a cultura defende de maneira absoluta, destila-se a sua problemática. [...] Os

dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A **desumanização** implantada pelo processo capitalista de produção **negou aos trabalhadores todos os processos para a formação**". (ADORNO,2010, p.14, grifos nossos)

As questões da violência simbólica, concatenada à racionalidade técnica no âmbito da produção e distribuição de bens culturais já era problematizada por Adorno e Horkheimer em meados da década de 1940: "A racionalidade técnica é hoje a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma" (ADORNO; HORKHEIMER, 1944-1947/2006, p.100).

Hoje, o otimismo cultivado e veiculado pelos entusiastas daquilo que se convencionou denominar "sociedade do conhecimento" (HARGREAVES, 2013, p.13) – um termo que passou a ser utilizado principalmente a partir do final do século XX – não são capazes de nos ocultar os fracassos da instrução formal. No Brasil ou em países considerados subdesenvolvidos e em desenvolvimento, as deficiências do ensino médio são constatadas na dificuldade de interpretação e na produção escrita dos adolescentes (DEMO, 2007) no início deste século. Isso ocorre em países europeus e também nos Estados Unidos (HARGREAVES, 2003). Tais dificuldades de expressão simbólica por meio da escrita, inclusive entre jovens universitários (DURÃO; HULLOT-KENTOR, 2010) têm, no mínimo, atrapalhado a visão idílica da plenitude de condições para a constituição e utilização do conhecimento que essa sociedade, supostamente, propiciaria.

Os desafios para a Psicologia podem ser dimensionados no apoio e na crítica das instituições. No manejo da dependência dos adolescentes com os representantes de autoridade nas instituições, temos a possibilidade de fortalecimento da função simbólica e continente da família. Os vínculos afetivos constituem-se, assim, como essenciais em ambos os processos. O posicionamento que se faz necessário para pesquisas e intervenções com os adolescentes e jovens aponta para o registro da dimensão da alteridade, assim como o apoio aos indivíduos mais vulneráveis em sua tentativa de representar os conflitos entre pressões pulsionais (mundo interno) na identificação com objetos do mundo externo para realizar a integração de sua identidade.

Os sistemas familiares que permitem a representação do conflito intergeracional, geralmente conseguem lidar com a dependência dos adolescentes nesse processo. Entretanto, a revivescência de demandas narcísicas próprias dificulta a percepção dos pais ou seus substitutos em relação ao aumento de demandas narcísicas nessa fase que tendem a negar as diferenças sexuais como forma de garantir um sentimento de continuidade e onipotência que, muitas vezes, ignora a orientação paterna e materna, impossibilitando a transformação destas em elemento protetor frente a pulsões agressivas e desordenadas. Com o objetivo de compreender melhor essa dinâmica familiar sustentada na negação das diferenças, discutimos o conceito de simulacro e o valor da formação cultural para o resgate da inscrição dos sujeitos na cultura.

As considerações metodológicas acerca da abordagem dessa população denominada *Geração Z*, como buscamos demonstrar até o momento, ressaltam a importância da definição ontológica de identidade. O capítulo 3 completa tais considerações, ao especificar o caráter dialético da abordagem utilizada por meio da definição da população estudada.

1.6. Populações adolescentes e sujeitos jovens: por uma dialética na compreensão do desenvolvimento humano

A adolescência é comumente identificada ou confundida pelo senso comum com processos de crescimento e maturação do corpo, o que Freud (1905/1996) denominou *pübertät*, ou seja, puberdade. Entretanto, é fundamental considerar as grandes diferenças culturais e linguísticas quando buscamos distinguir “puberdade” de “adolescência”.

A puberdade está relacionada a processos de crescimento do corpo que, embora não sejam diretamente dependentes da cultura, são atravessados pelas representações sociais constituídas no decorrer da história de vida dos sujeitos humanos. O crescimento do corpo e suas alterações visíveis são fenômenos marcantes nesse processo em que a transformação corporal possibilita uma diferença clara e visível em

relação aos corpos infantis. De forma concomitante, as celebrações e os rituais que simbolizam a inserção dos sujeitos púberes nos espaços e nas atividades a serem desempenhadas pelos adultos em um determinado universo cultural tendem a adquirir uma importância gradualmente maior para os sujeitos em desenvolvimento.

Na medida em que o sujeito modifica seus próprios comportamentos, imita os adultos ou mesmo recusa-se temporariamente a abandonar hábitos ou papéis ainda percebidos como “regalias” infantis, uma organização mais profunda da identidade e da aprendizagem cultural pode ser desenvolvida, pois é na relação com os outros representantes da cultura que o sujeito constitui sua própria identidade. A compreensão da adolescência em seu sentido mais amplo e dinâmico, como fase do desenvolvimento privilegiada para a construção do simbólico – que permite o registro da dimensão de alteridade no psiquismo dos sujeitos adolescentes – nos faz reconhecer pelo menos duas dimensões essenciais desse processo. Em primeiro lugar, o aspecto intelectual e cognitivo ganha novas possibilidades de reorganizar-se por meio de apreensões e mediações simbólicas disponibilizadas por pessoas mais experientes e conhecedoras do patrimônio cultural. O segundo aspecto sugere também o estabelecimento de novas possibilidades de representação do próprio corpo e do corpo de outras pessoas por meio da reorganização da identidade e da inclusão de modalidades inéditas de vínculo no espaço relacional dos sujeitos em desenvolvimento.

A palavra “adolescência” adquire sentidos diferentes devido aos processos de construção da linguagem, que são modificados no decorrer da História, e que se referem aos fenômenos buscando nomeá-los e atribuir-lhes inteligibilidade. Dessa forma, a compreensão do significado de adolescência enquanto uma fase do desenvolvimento não é necessariamente compartilhada. Todavia, quando a adolescência passa a tornar-se um ideal cultural da sociedade de consumo no final do século XX (CALLIGARIS, 2000), os significados e os sentidos que lhe são atribuídos multiplicam-se e, por vezes, podem ser confundidos. Assim, podemos dizer que a própria palavra adolescência vai adquirindo diferentes sentidos em locais geográficos distintos ainda neste século.

Na psicanálise, desde Freud (1921/2011), o adolescente tem sido concebido como aquele sujeito capaz de distinguir os objetos primários idealizados da infância

dos objetos diferenciados que são passíveis de investimento libidinal e, assim, de suportar momentos insatisfatórios nos relacionamentos amorosos pela narcisização temporária do próprio corpo. Entretanto, contemporaneamente há um discurso mais difundido de que a genitalidade adolescente é um registro simbólico de memórias relacionadas às experiências da sexualidade infantil, para que a futura sexualidade adulta possa suportar as frustrações do desejo que nesta fase estão relacionadas com os rituais de passagem e a capacidade de simbolização de cada sujeito (MARTY, 2008). O desenvolvimento de uma identidade que suporta também representações da sexualidade poderia ser considerado, desse modo, um sinal do desenvolvimento da maturidade sexual e emocional nas relações sexuais vivenciadas subjetivamente como completas e satisfatórias.

Concomitantemente, o caminho para a constituição da alteridade vem a ser dificultado pelo excesso da produção do *simulacro* por meio de imagens que simulam a realidade externa, bem como pela pobreza dos referenciais da autoridade materna e paterna para a maioria dos adolescentes. As celebridades, como substitutos efêmeros das autoridades, e ao mesmo tempo, representantes de ideais do consumo (COSTA, 2004), as quais a indústria cultural exhibe como portadoras das qualidades mais desejáveis em nossa sociedade (SEVERIANO, 2010), muitas vezes são tomadas como modelos idealizados, tanto para a constituição da masculinidade quanto da feminilidade. Ao percebermos a proliferação de discursos nos meios de comunicação multimidiáticos (CHAUÍ, 2006) observamos a produção de simulações estereotipadas de pessoas reais. As compreensões subjetivas dos papéis sociais relacionados ao gênero são de ordem individual: cada pessoa faz tal construção a partir das identificações com os objetos primitivos e dos investimentos que faz nos objetos de investimento amoroso. Mas é preciso considerar que em uma época em que os referenciais são mutantes e em que o tempo parece ser destituído de sua dimensão significativa para o sujeito, a idealização dos objetos externos pode resultar em confusão e até mesmo em uma indeterminação, que se traduz na proliferação de denominações pré-formatadas para o uso mais ou menos inconsciente do sujeito. Os resultados disso são dependentes da identidade e da força pulsional para investir libido em si mesmos e nos objetos de desejo.

De acordo com o dicionário Oxford, a palavra adolescência tem sua origem no Latim, em um verbo que contém o prefixo *ad* (para) e o termo *olescere* (crescer, engrossar, desenvolver). O termo, portanto, remete a uma ação: a de crescer e se desenvolver para alguma finalidade. Isso nos leva a abordar essa fase do desenvolvimento como um processo, um caminho repleto de transformações e, assim, temos que pensar nos projetos de vida que esses sujeitos são capazes (ou estão na possibilidade) de constituir nessa fase.

Como esclarece Matheus (2002, p. 13), “Hoje em dia, para passar da infância para a idade adulta, do branco para o preto, atravessa-se um longo período cinza que se caracteriza, antes de mais nada, por uma **difficuldade simbólica** de projetar-se no futuro e fazer planos” (grifos nossos). Os processos de apropriação simbólica relativos ao estabelecimento de um projeto de vida e a questão das identificações com o outro serão compreendidos, nesta pesquisa, como culturalmente influenciados. Por esse motivo, utilizamos uma abordagem psicopolítica, que visa a compreensão da interação entre sujeito e cultura como um aspecto fundamental no processo de constituição da identidade e da subjetividade dos sujeitos adolescentes e jovens.

Ao refletir sobre a população adolescente do final do século XX, Calligaris (2000) encerra suas considerações com uma reflexão e com uma pergunta, o que nos parece ilustrativo da condição de perplexidade vivenciada por alguns psicanalistas mais preocupados em ouvir as demandas subjetivas e relacioná-las a aspectos culturais daquele contexto histórico:

Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmago dos adultos um espelho para se contemplar. Pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles queriam deixar. Moral da história: o dever dos jovens é envelhecer. Suma sabedoria. Mas o que acontece quando a aspiração dos adultos é manifestamente a de rejuvenescer? (CALLIGARIS, 2000, p. 74)

Apesar de não ser possível responder a essa pergunta de maneira definitiva por meio de uma única pesquisa, entendemos que vale a pena os esforços para reconhecer a dimensão ética da prática psicanalítica no atendimento de jovens e adolescentes. Desse modo, para entender as influências psicossociais que atravessam o processo de constituição da subjetividade na adolescência contemporânea, iremos utilizar o

conceito de indústria cultural (ADORNO; HOKHEIMER, 1947/2006) e buscar relacioná-lo a noções mais recentes que atualizam a compreensão desse conceito no contexto da emergência de uma cultura de caráter midiático, que diz respeito ao contexto histórico em que essa geração – que alguns autores denominam como *Geração Z* – nasce, ou seja, a partir da segunda metade da década de 1990 até inícios do ano de 2005⁴.

Nesta pesquisa, pretendemos manter a tensão dialética necessária para diferenciar a publicidade – entendida como psicotécnica destinada ao conformismo da maioria silenciada pelos instrumentos de produção dos grandes espetáculos da indústria cultural (ADORNO & HORKHEIMER, 1944-1947/2006) – das expressões criativas e sublimatórias de sujeitos adolescentes e jovens. A publicidade, como instância simbólica privilegiada no *ethos* contemporâneo e, simultaneamente, com sua função legitimadora e reprodutiva do sistema capitalista (SEVERIANO, 2001) irá encontrar no misticismo científico um poderoso aliado para prescrever comportamentos relacionados à racionalidade das simulações da aparência não significada pelo sujeito do desejo.

Instância difusora de uma moral centrada nos signos dos economicamente mais fortes, a publicidade serve-se do discurso científico, que por sua vez é investido da legitimidade intelectual que lhe permite “falar do lugar da Verdade” (COSTA, 2004, p.190). Garantida por rigorosos ‘métodos de controle e validação experimentais’, a ‘verdade’ da ciência será um importante guia de comportamentos e costumes – na figura do “especialista”/e ou cientista– para a produção do simulacro e dos anúncios publicitários, em um mundo atordoado pela descrença e pela queda de valores tradicionais, os quais os representantes investidos de autoridade costumavam representar para a sociedade do início do século passado.

⁴ Estamos considerando a referência da lei brasileira – o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8.069/1990 – para designar como adolescentes a pessoa com 12 anos completos até 18 anos incompletos. Porém, quando se trata de uma faixa etária inespecífica - *Geração Z utilizada nos materiais publicitários* – é importante recordar que a diferenciação entre “adolescentes” e “jovens”, do ponto de vista do marketing e da publicidade – só adquirem sentido do ponto de vista da captura de novos consumidores para a venda dos seus produtos.

Recentemente, o *ciber-bullying* adquiriu uma dimensão ainda mais silenciosa e hiper-afetada do assédio moral no trabalho ou nas escolas, e a vulnerabilidade psicossocial foi exposta por excessos de discursos carregados de estigmas perpetuadores da violência contra os direitos humanos.

O dicionário Michaelis define o estigma como ferida ou marca deixada na pele. Assim, essa palavra carrega uma conotação relacionada à dor e ao sofrimento. O processo de “estigmatização social” (SHIKIDA, 2006, p.124) relacionado ao sofrimento psíquico é um processo complexo e bastante real, ainda que não deixe marcas visíveis ou imediatamente perceptíveis. Por esse motivo, problematiza-se aqui a “pós-modernidade” (LYOTARD 1979/1988) e a hiper-modernidade nos discursos da moda (LYPOVESTKY, 2008) como integrantes desse processo que cria estigmas sociais e gera sofrimento psíquico. O objetivo de tal problematização é agir em favor da saúde mental dos adolescentes (em alguns casos, trabalhadores) que enfrentavam condições diferenciadas de vulnerabilidade, tendo em vista a diversidade da formação cultural possibilitada na contemporaneidade.

A ética psicanalítica permitiu o diálogo com jovens sujeitos ainda em processo de desenvolvimento de sua amorosidade e alteridade. Entretanto, o excesso de divergências entre teorias e visões acerca da adolescência na contemporaneidade nos levou a considerar também as produções e manifestações culturais das massas, em busca de algo ainda passível de simbolização pelos indivíduos e sujeitos adolescentes neste século XXI.

1.7. Da indústria cultural na sociedade midiática: a fetichização da técnica e o simulacro da cultura

O termo indústria cultural foi desenvolvido por Adorno e Horkheimer para se referir à manipulação e ao controle feito principalmente por meio do rádio – que era mais acessível à classe trabalhadora da época – e do cinema – que era então glamourizado e difundido por meio de produções que utilizavam o máximo do que a tecnologia audiovisual dispunha. Em relação às transmissões radiofônicas e

cinematográficas da época, os autores analisaram que o controle dos proprietários industriais se estendia por meio delas e, deste modo, lograva seduzir, distrair e convencer as pessoas a consumirem e a aceitarem a perpetuação de sua própria condição de dominação.

Na atualidade, a partir de meados da década de 1990, surgiu a “*multimídia*, sistema de comunicação que integra diferentes veículos de comunicação e seu potencial interativo” (CHAUÍ, 2006, p. 21). Isso significou, do ponto de vista técnico, uma revolução em termos de aperfeiçoamento dos sons e imagens difundidos e dos métodos (estatísticos, psicológicos, administrativos, entre outros). Por outro lado, do ponto de vista econômico e político, essa revolução implicou em um deslocamento e descentralização do poder: já que nenhum particular ou conglomerado empresarial teria capital suficiente para realizar essa integração sozinho, não sendo mais possível definir o ambiente regulador (eixo de tomada de decisões) sem litígios e conflitos óbvios e previsíveis entre empresas, partidos políticos e legisladores dos governos que detêm parcelas do poder de tomada de decisões ou ações desses monopólios de produção e de distribuição de bens simbólicos.

Na concepção de Chauí (2006), embora tenha que se considerar os senhores dos conglomerados midiáticos, bem como toda sua força para produzir ações ou efeitos sociais, políticos e culturais, é imperioso reconhecer, em um nível mais profundo, que essas ações exibem poder, mas não o constituem, pois, sua constituição encontra-se no modo de produção do capital. Isso implica em reconhecer que o poder ideológico, ou, antes disso, as representações ou imagens que constituem a ideologia *aparecem* desprovidas de localização, embora estejam precisamente localizadas nos centros emissores da comunicação. Quais centros seriam esses? Com a fusão de companhias telefônicas, operadoras de tv a cabo, operadoras de transmissão de televisão por satélite, estúdios de cinema, gravadoras, entre outros, é cada vez mais difícil nomear os consórcios empresariais regionais/globais mais influentes na formação da chamada “opinião pública”. Entretanto, a análise da função social que a publicidade cumpre dentro da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) permite-nos entender a dimensão social do desejo, bem como o apagamento da dimensão do desejo no sujeito pela saturação de imagens publicitárias à qual ele é diariamente exposto.

Em relação à dimensão social do desejo, é importante lembrar que mesmo em uma sociedade dividida em classes, os apelos publicitários tendem a chegar – por meio dos mesmos veículos, palavras e estímulos sonoros e visuais – tanto para os potenciais consumidores de mercadorias (objetos reais) quanto para os consumidores de espetáculos (ideias ou crenças que são veiculadas pelas propagandas), pois mesmo quem não consome nenhum dos objetos alardeados pela publicidade como se fossem a chave da felicidade, consome a imagem deles, ou, em outras palavras, consome a identificação com o ideal de vida que eles supostamente representam.

A análise realizada por Severiano (2010) nos permite compreender que em uma sociedade eminentemente consumista, a própria lógica do desejo é apropriada pela lógica do consumo. Haveria, nesse sentido, uma inversão em que as coisas são representadas como personificadas (com características humanas, tais como potência sexual, feminilidade, beleza, masculinidade, vitalidade, entre outras) e as pessoas como objetificadas, ou seja, como meras mercadorias a serem adquiridas em um mercado de signos e imperativos consumistas. A preocupação com a realização e com o desempenho individual conduziriam o sujeito a buscar nas mercadorias, entre outras coisas, o prazer e a (tão sonhada) felicidade. A autora nos fala sobre o fenômeno de fetichização da mercadoria e dessa inversão na sociedade contemporânea, exemplificando o processo de coisificação a que estão submetidas as subjetividades contemporâneas ao serem submetidas à mediação da indústria cultural:

Tal fenômeno evidencia-se contemporaneamente **na preocupação acentuada**, proveniente de todos os campos, **com a realização individual privada em estreita ligação com as opções do consumidor**, na qual **a felicidade, a individualidade, a segurança, o sentimento de pertença, o reconhecimento social, dentre outros atributos, passam a ser cada vez mais proclamados pela indústria cultural como um bem a ser adquirido por meio do consumo**. Assim, celulares, carros, computadores, cartões de crédito, corpos sarados, etc. são convertidos em uma espécie de passe para a inclusão social e um certificado de estilo e personalidade, sem o necessário estabelecimento de vínculos com a alteridade. ” (SEVERIANO, 2010, p.121, grifos nossos)

De acordo com a análise de Adorno e Horkheimer (1944/2006), a produção simbólica, quando é apropriada pela lógica capitalista (do lucro) deixa de representar

o ser humano para si mesmo, pois, a meta do esclarecimento ao se tornar subsumida à lógica capitalista reprime a possibilidade do alcance (intelectual e afetivo) do sujeito em relação à sua própria condição de dominação e, por outro lado, a reflexão da superação dessa condição já é suprimida no momento da produção desses “bens culturais”. Assim a identidade do indivíduo com o universal não deve ser questionada.

Em outro trabalho, Adorno (1951, p. 207) faz uma análise dessa espécie de administração dos desejos do consumidor, explicando que “a indústria cultural pretende hipocritamente acomodar-se aos consumidores e subministrar-lhes o que desejam (...) não se adapta tanto às reações dos clientes quanto os inventa”. Explica, ainda, que “a indústria cultural está moldada pela regressão mimética, pela manipulação dos impulsos imitativos recalcados”. Neste sentido, cada consumidor dos espetáculos culturais é apenas acessório no cálculo do lucro dos dirigentes desta indústria, apenas mais um representante genérico das tendências universais da sociedade capitalista, cuja lógica é o acúmulo de capital pelos poderosos industriais. Adorno e Horkheimer (1944/2006) referem-se aos setores mais poderosos da economia na época, a saber, a indústria do aço, do petróleo, da eletricidade e química, acrescentando que comparados a estes setores, os monopólios da indústria cultural seriam “fracos e dependentes”, de modo que as intenções de acumulação de capital por estes setores seriam também o objetivo último dos proprietários dos meios de comunicação da época:

A dependência em que se encontra a mais poderosa sociedade radiofônica em face da indústria elétrica, ou a do cinema relativamente aos bancos, caracteriza a esfera inteira, cujos setores individuais por sua vez se interpenetram numa confusa trama econômica. ” (ADORNO; HORKHEIMER, 1944/2006, p. 101)

A moderna racionalidade científica, considerada no contexto da Segunda Guerra Mundial como o terreno em que o saber é transmutado em poder, passa a voltar-se contra os próprios homens ao transformar-se em técnica de controle:

O saber, que é o poder, não conhece limites, nem na escravização das criaturas ou sequer na fácil aquiescência para os senhores do mundo (...) a técnica é tão democrática quanto o sistema econômico em que se desenvolve. A técnica é a essência de tal saber. Dito saber não tende – seja

no Oriente ou no Ocidente – aos conceitos e às imagens, à felicidade do conhecimento, senão ao método de exploração do trabalho, ao capital privado ou estatal. [...] Em sua rota para a nova ciência, os homens renunciam ao significado. Substituem o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade. (ADORNO; HORKHEIMER, 1944/1970, p. 16-17, tradução nossa)

Podemos dizer que ao renunciarem ao significado, os homens negligenciam à essência de seu próprio desejo, isto é, aquilo que confere significado à sua ação no mundo. Em relação ao apagamento da dimensão do sujeito desejante, a reflexão contemporânea sobre os meios de comunicação de massa nos conduz a discutir a respeito do excesso com que as pessoas são solicitadas a agirem como consumidores e evoca a compreensão psicanalítica da dimensão inconsciente do desejo:

O modo de inclusão imaginária proposto pela sociedade de consumo difere daquele proposto pelo capitalismo em sua fase produtiva. (...) nas condições atuais em que os homens valem menos como força de trabalho do que como consumidores, os valores que condicionam a inclusão se inverteram. Não mais o esforço e o sacrifício, mas o “direito ao prazer”. Não mais o adiamento e a gratificação, mas **o gozo imediato de tudo o que se oferece para este fim**. Não mais a renúncia pulsional e a “castração”, mas a fantasia narcisista de um eu que se prolonga nos seus objetos de satisfação. (...). A **saturação de imagens que evocam representações do desejo inconsciente** – reveladas pelo avanço técnico das pesquisas de marketing e **positivadas nas imagens da publicidade**, do cinema, das telenovelas e dos programas de auditório – **dispensa os consumidores/espectadores da responsabilidade pela dimensão singular do inconsciente.**” (KEHL, 2004, p. 58-59, grifos nossos)

Essa análise nos faz refletir acerca da cooptação do desejo do próprio sujeito consumidor, mas também de sua capacidade de pensar e agir para a modificação das condições objetivas que lhe são impostas. A questão paradoxal proposta por Chauí (2006) em relação à função social da propaganda é justamente que esta produziria a desinformação, mesmo nos veículos destinados a informar. Assim, o indivíduo que não se apropriou suficientemente dos conceitos historicamente constituídos ficaria confinado na condição de espectador, ou seja, impedido de localizar o que recebe desses veículos em termos espaciais e temporais.

Convém situar melhor a análise da cultura que estamos realizando. Para ressaltar o caráter diferenciado dessa identificação com a Ideologia burguesa no contexto do capitalismo industrial tardio, comecemos com a compreensão de que no

caso da indústria cultural, que se caracteriza como indústria da diversão e da distração, “[a] diversão favorece a resignação, que nela se quer esquecer” (ADORNO&HORKHEIMER, 1944-1947/2006, p.117), e o ato de divertir-se, no caso do trabalhador que se torna espectador dos espetáculos dessa indústria, corresponderia a concordar com o aquilo que lhe é apresentado, resignar-se e deixar de refletir sobre a própria condição de dominação, pois:

A afinidade original entre os negócios e a diversão mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. **Divertir-se significa estar de acordo.** Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação, o todo. **Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é sua própria base**”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1944-1947/2006, p.119, grifos nossos)

Por outro lado, as dificuldades para o estabelecimento de uma identidade sexual parecem estar relacionadas a processos mais amplos de perda de referenciais familiares, espaciais e temporais por parte do sujeito jovem na contemporaneidade. A análise feita em *‘Psicologia das massas e análise do eu’* pode auxiliar a entender essas questões a partir da compreensão da condição do indivíduo enquanto inserido em um agrupamento que foi denominado por Freud (1921/2011) de “massa psicológica”.

Como esclareceu Freud (1921/2011), os primórdios de um instinto social pelo qual o indivíduo age em uma “massa psicológica” poderiam ser elucidados ao compreendermos identificações primitivas da pré-história do próprio indivíduo, ou seja, identificações com a família. Diante de uma cultura em que a autoridade materna e paterna são constantemente desprestigiadas pela indústria midiática e por pressupostos pseudocientíficos, deixando o sujeito à mercê de pseudo-referenciais cambiantes que se encarnam em imagens glamourizadas de culto às celebridades, nossa questão em relação ao estabelecimento dos ideais referentes ao projeto de vida dos sujeitos adolescentes parecem ganhar relevância: em qual ou quais círculos (agrupamentos humanos) o sujeito jovem pode hoje buscar suas referências?

Os grupos de adolescentes constituem-se, muitas vezes, como massas artificiais, nas quais a figura paterna ou materna, para exercer a função de apoio e limites simbólicos na instauração do registro da alteridade, é substituída por

identificações idealizadas duradouras com modelos identificatórios fornecidos pela indústria cultural.

Uma massa artificial pode se caracterizar hoje por signos do consumo, porém as condições para a adesão dos indivíduos a esses grupos são diferenciadas. A opção individual de adesão ao grupo para o adolescente pode ser uma identificação com um líder também. O que essa pessoa representa para o sujeito em desenvolvimento? Pode parecer paradoxal pensar em líderes celebridades que se tornam anônimos depois de causarem bastantes discussões públicas. Entretanto, podemos pensar também nos pais e figuras que representam uma autoridade e inspiram a confiança do indivíduo adolescente.

Desse modo, a escuta dos sujeitos é perpassada pelo desafio de ouvir e dialogar com diversas representações que, subjetivamente, podem ser ou não percebidas como desconectadas de uma referência organizadora para sua ação na realidade externa. Por esse motivo fez-se necessário, nessa pesquisa, utilizarmos uma compreensão acerca do atual período histórico, no qual se intensificou o uso de tecnologias mas, ainda assim, produziu o distanciamento técnico nas relações de trabalho e nas relações internacionais destinadas a deliberar sobre políticas relacionadas até mesmo com a continuidade da vida da humana.

III. CAPÍTULO 2. A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: O SIMULACRO REVISITADO

A cultura é definida por Finkielraut (1988, p.16) como “o domínio no qual se desenvolve a atividade espiritual e criadora do homem”. Tal definição nos aponta o caráter histórico das apropriações subjetivas que têm relação com a formação do ideal de Eu (FREUD 1921/2011). Mas como ocorre a internalização das leis, das regras e até mesmo das crenças religiosas nos sujeitos em condição de desenvolvimento?

Ao nos referimos a tal apropriação como processo de subjetivação, é imprescindível pensar nas relações humanas: as relações no trabalho, na formação educacional e na família possibilitam as trocas e comunicações necessárias para o ser humano constituir saberes e viver em sociedade. Não obstante, o processo de formação cultural também enfrenta obstáculos. Contemporaneamente, podemos observar o desenvolvimento da política neoliberal do Estado Mínimo e a persistência da divisão de classes da segunda metade do século XX como fatores que influenciaram tanto os baixos investimentos estatais em educação quanto a precarização do mercado de trabalho e dos meios de sobrevivência. Isso nos leva a reconhecer a perplexidade pós-moderna (BAUMAN, 1998) e também a atomização dos indivíduos por meio de uma perspectiva sociológica, o que Finkielraut (1988, p. 135) denomina “desorientação da história”. A desorientação e a perplexidade contemporâneas encontram os jovens de hoje em um momento de fragilidade psíquica e social, no qual eles ainda não se sentem seguros acerca de diversos aspectos, tais como profissão, sexualidade e outras preferências. A pós-modernidade pode ainda ser vista pela Psicologia como uma representação desse clima de desorientação.

Objetivamos discutir, portanto, características da sociedade e da cultura contemporâneas que estão relacionadas à fragilização dos sujeitos adolescentes e jovens – nascidos a partir de meados da década de 1995 – ou seja, aqueles considerados nativos digitais, habitantes de um mundo marcado pela revolução digital e microeletrônica e pela integração dos meios de comunicação pelas tecnologias interativas. Essa geração foi convencionalmente denominada *Geração Z* por pesquisadores da Filosofia, do Jornalismo, da Administração e até mesmo da Publicidade. Essa convenção requer examinarmos termo, *Geração Z*, a respeito do que

ele representa historicamente, sendo que as apropriações deste também foram utilizadas por adolescentes.

Seguindo a tradição dos descendentes dos “*babies boomers*” – uma geração que ficou conhecida pela campanha “Faça amor, não faça guerra!” e teve um número significativo de filhas e filhos – a utilização arbitrária de letras para nomear as gerações iniciou-se: estes descendentes ficaram conhecidos como geração X. A desorientação pós-moderna foi percebida como característica dos trabalhadores liberais e itinerantes da geração que veio em seguida: a Geração Y (BAUMAN, 1998) e, subsequentemente, a geração que nasceu cercada de aparelhos e serviços multimídias, a *Geração Z*. Embora sejam diferentes a abordagem e o manejo dessa denominação nas diferentes áreas do conhecimento, iremos utilizá-la para referir-nos, de uma maneira ampla e geral, aos sujeitos adolescentes de ambos os sexos.

A persistência da desigualdade social na atualidade gera violência e contribui com a criação de uma camada marginal que não tem acesso aos recursos e às denominadas novas tecnologias da educação. Por outro lado, a condição de vulnerabilidade da população jovem e frequentadora da escola não pode ser atribuída unicamente àqueles sujeitos mais pobres e que constantemente sofrem rotulações devido a seu histórico escolar ou familiar. Tampouco podemos nos restringir a fenômenos já conhecidos como *ciberbullying*, ou seja, utilização de tecnologias para promover a violência verbal, o assédio e a humilhação dos sujeitos de várias idades, bem como de suas respectivas famílias. Se quisermos ir além da análise do que é aparente em relação à violência sofrida por essa população, é preciso também prestar atenção nas sutilezas da violência simbólica.

A abordagem psicopolítica nos permite utilizar alguns conceitos psicanalíticos, bem como considerar mudanças históricas na educação e nas experiências docentes em uma sociedade que seduz o desejo (representações corporais direcionadas a pessoas) a abdicar da identificação com os mais experientes em mediações educativas voltadas à formação cultural e subjetiva, descartando a ironia objetiva de sua condição de sofrimento. A alienação política e a identificação com a ideologia decorrem também desse afastamento em relação à identificação com figuras de autoridade. O papel da indústria cultural que produz uma realidade virtual proposta como mais real que a

própria condição objetiva vivenciada por esses jovens – a produção dos simulacros – também não deve ser menosprezado nesse processo.

Ao nos falar das estratégias de uma figura abstrata que detém poder e a função de produzir discursos múltiplos, Baudrillard (1996) nos denuncia o discurso dominante como simulacro imagético do próprio pensamento humano em um mundo em que o real é constantemente desafiado:

A irrealidade do mundo e seu corolário, a força onipotente do pensamento, só foram pensadas com rigor pelas sociedades sem real (mais do que as sem história ou sem escrita) (...) E tudo que nega e desafia o real está certamente mais próximo do mundo do pensamento. Fizeram da ironia uma forma mefistofélica, mas ela é apenas o que filtra todas as coisas e as preserva da confusão. ” (BAUDRILLARD, 1996, p.71)

A identidade do sujeito do desejo com as comunicações mais banais e repetitivas, retira temporariamente o foco da consciência subjetiva para subornar o ego com aquele personalismo narcísico vendido pela linguagem das fortunas instantâneas e dos empregos geralmente restritos a um contingente populacional bastante específico. O discurso propagado pela ideologia da competência múltipla e encenadora, por exemplo, desafia até mesmo os limites corpóreos na exploração do trabalho físico e intelectual.

O que é bastante destruidor quando se pensa na identidade de trabalhadores jovens aponta na direção de uma cultura de entretenimentos apoiada pela ideologia do reconhecimento de competências encarnadas. Em favor da cultura multididiática, dialogar acerca de algumas vantagens que o conhecimento científico pode proporcionar a partir do uso da tecnologia parece ser o mais novo fetichismo mercadológico. Entretanto, quando há possibilidades de boas mediações para a aprendizagem, o exercício da criatividade dos sujeitos inclui o discernimento entre a realidade virtual do simulacro, propagada pelos meios de comunicação administrados, e a realidade objetiva em que as relações de trabalho e interpessoais são constituídas.

Além disso, a chamada “cibercultura” propiciou certa desorientação espacial e temporal para a maior parte dos sujeitos em formação. A administração de redes e tecnologias digitais por programas de computador – portanto, administrações e

controles impessoais – inauguram, desde a primeira década deste século, um estilo de vida diferenciado:

As tecnologias digitais e a internet possibilitam o contanto com um mundo virtual simultâneo através de sons, imagens e palavras ao mesmo tempo. O ciberespaço tornou-se lugar de conexões, onde uma **civilização do virtual** criou um universo digital plural, caótico, descentralizado e incontável, configurando-se uma nova maneira de ser e de agir, alterando a subjetividade da sociedade contemporânea. ” (TERUYA, 2006, p. 72, grifos nossos)

A cultura do excesso de informação tende a impedir, ao invés de facilitar, o acesso aos saberes historicamente orientados. Em defesa dos mediadores do conhecimento nessa “civilização do virtual”, é preciso reconhecer os desafios internacionais que não se limitaram a uma resposta uniformizadora ou simplista para decretar a mobilidade infinita da educação. Em uma civilização virtual, as babás eletrônicas substituirão mães reais, assim como os computadores supostamente substituiriam professores? Os diálogos à distância poderão romper o tempo de elaboração psíquica necessária ao púbere? Esse rompimento seria também o decreto do fim das utopias teóricas e metodológicas relacionadas justamente com as possibilidades de emancipação e crítica (ADORNO, 1995). Para os sujeitos adolescentes, seria a adesão imediata a qualquer ideologia que pode colaborar diretamente com a autodestruição de sua formação cultural.

A esse respeito, alguns autores ainda apelam aos valores humanos e a memória em detrimento da *flexibilização extrema* da economia capitalista neoliberal e destacam a importância do compromisso e da segurança nas relações intersubjetivas e relacionadas ao trabalho:

Na sociedade do conhecimento de hoje, a poupança constante, estável e o pensar no futuro é cada vez mais substituída pelo jogo pessoal no investimento a nível mundial. (...) A insegurança financeira encontra o seu paralelo no colapso do espírito comunitário. Em lugar de uma comunidade evanescente, oferecem-nos simulações comercializadas da mesma. (...) a lealdade à empresa está a ser substituída por compromissos temporários entre empregadores e empregados que só duram enquanto os negócios os beneficiam mutuamente. (...), mas a insegurança no emprego mata a cultura [organizacional] e os compromissos. A demasiada flexibilidade das organizações desta economia fragmenta as relações interpessoais, corrói os alicerces da confiança e do compromisso e destrói a compreensão e a aprendizagem informal que são concretizadas através da memória

institucional. (BROWN, P.; LAUDER, H. citados por HARGREAVES, 2003, p. 80)

A preocupação da instituição escolar com as pessoas que estão aprendendo e também com os professores que estão procurando encontrar instrumentos filosóficos e conceituais para mediar o conhecimento com estratégias culturais e mesmo lúdicas não foi menosprezada por Adorno (1995) ao longo de seus debates em favor da educação para a alteridade. A mediação dos conteúdos midiáticos televisionados para os adolescentes mais vulneráveis requer, entretanto, que a história da cultura seja preservada para muito além dos museus de cera ou das exposições das denominadas tecnologias de ponta.

Muito contrária ao oferecimento de competências para a convivência em uma cultura, a atual condição brasileira mostra-nos uma certa persistência da semiformação (ADORNO, 2010) e da violência, até mesmo em instituições escolares. O chamado Ensino Médio no Brasil, destinado a adolescentes que estão supostamente aptos a entrar no mercado de trabalho, recorreu a cursos rápidos e a formas manipuladoras de forçar um grande contingente populacional a desistir de seus sonhos de ter acesso ao Ensino Superior: as universidades e faculdades públicas sentiram o peso dessa demanda por técnicos e trabalhadores, sem que os mesmos fossem preparados no sentido cultural para receber os novos cursos e recepcionar a contento a figura abstrata e desencarnada de seu(sua) novo(a) cliente, o qual é onipotentemente e estimulado a identificar e consumir signos fragmentados em jogos destinados ao entretenimento do pensar ou ao vício na fragmentação.

Nesse processo, a diminuição de investimentos nos cursos integrais e presenciais foi recebida com muitas lutas e, infelizmente, também com muitos lutos por parte dos educadores, e também dos próprios adolescentes e de suas famílias. À parte disso, as filas de espera nos hospitais e o abandono dos prédios destinados à proteção das famílias mais vulnerabilizadas pelo processo da crescente desigualdade social no Brasil não podem ser relegados unicamente aos caminhos da indiferença e da sonegação de impostos. A corrupção política foi questionada em 2013, mas também em 2016 e nos anos seguintes. O processo democrático das eleições de nossos

governantes e o apelo ao sufrágio universal, entretanto, arrefeceram diante de novos pensamentos totalitários de caráter excludente no mundo do trabalho.

Entretanto, para voltar à possibilidade de um discurso politicamente orientado para o trabalho, a criatividade e o prazer, pode-se buscar, por exemplo, a musicalidade e a expressão psicomotora. A transformação do urbanismo voltado às altas velocidades transformou a música em repetições verbais e dissonâncias acústicas também repetitivas e, frequentemente, mal elaboradas. Entretanto, a música “abriga uma dimensão enigmática, no que se refere ao modo como toca os sujeitos, especialmente pelo fato de seu registro (sonoro-musical) apresentar-se como aquilo que está aquém ou além das palavras” (TAVARES, 2014, p.17). Nesse sentido a música tem a possibilidade de invocar a dimensão traumática pelo “impacto subjetivo de determinados timbres, harmonias, melodias e ritmos musicais peculiares, os quais favorecem representações psíquicas que harmonizam e/ou descentram os sujeitos” em suas representações do objeto interno, o que o autor denomina como pulsão invocante.

Entre os adolescentes com os quais dialogamos nos anos de 2016 e 2017, foi percebido que algumas músicas evocavam desprezo e eram vaiadas pela maioria, sem maiores pudores ou reverência: o chamado *funk ostentação* foi um exemplo bastante criticado nos diálogos. Por outro lado, algumas músicas tinham um sentido significativo: a possibilidade de resgatar a voz do próprio sujeito para falar de suas dificuldades vivenciadas no ambiente escolar e familiar. No caso dos meninos, o *bullying* ficou mais evidente pelos apelidos e a recusa a participar da discussão acerca da violência contra as mulheres. A comparação com celebridades da música era feita de uma maneira pejorativa, apontando características físicas e comportamentais negativas. O discurso de contestação da autoridade materna e paterna e do lugar da família foi observado em frases como: “meu pai não me entende, eu não queria ser como ele”. O descontentamento com figuras políticas também pôde ser percebido de uma maneira praticamente generalizada e em ambos os sexos.

No caso das meninas, entretanto, a expressão por meio da música fez com que muitas falassem sobre o que gostavam nos encontros noturnos, bem como sobre a dificuldade em serem respeitadas e assumirem um namoro ou pensarem em ter uma futura família. O desconforto com as músicas que enfatizavam o corpo feminino como

objeto de prazer em detrimento da segurança corporal foi se manifestando em discursos cada vez mais elaborados; e muitos exemplos de descontentamento nas relações amorosas e de amizade também se fizeram evidentes: “eu não me sinto à vontade com algumas músicas, mas tem meninas que gostam de esfregar até o chão e ainda ficar olhando para o namorado das outras”.

A evocação de destrutividade ou banalização da sexualidade pode ser observada em alguns sucessos instantâneos e o chamado *funk ostentação* tem muitos exemplos disto: infantilização e apelo a uma sexualidade que exalta o consumo, como em “*Plaque de 100*” do jovem que ficou conhecido como Mc Guime⁵. Na música ele fala de dinheiro e de um estilo de vida relacionado ao consumo de carros caros, mulheres, tudo relacionado a uma festa. A sexualidade feminina parece ser um produto a ser comprado, conforme o refrão repetitivo: “contando os plaque de 100 dentro de um Citroen, ai nois convida porque sabe que elas vem”.

Outro sucesso brasileiro que pode ser citado foi a música Parara Tibum, da jovem conhecida como Mc Tati Zaqui⁶, na música o apelo ao imaginário infantil, relacionado a uma sexualidade adolescente fica bastante evidente. Nesse caso, podemos questionar o próprio assujeitamento e como a despreocupação com a sexualidade pode conduzir a relacionamentos fugazes, nos quais o apego afetivo parece ser negado, e nos quais existe o apelo a uma sedução perigosa e que pode induzir de uma maneira vulgarizada ao sexo com adolescentes e até mesmo com crianças.

O medo das meninas entrevistadas de encontrarem um mercado indisponível para suas habilidades criativas apareceu de uma forma diferente: “eu quero trabalhar e poder cuidar da minha vida, depois pensar em estudar e ir para universidade, pois minha avó, por exemplo, está aprendendo a ler só agora”; “eu quero fazer um curso rápido e terminar de estudar para ganhar meu próprio dinheiro e não depender de homem”. O desejo de autonomia, muitas vezes, deixava entrever um ambiente familiar em que a figura da mãe de família tornava-se mais confiável para as adolescentes enquanto provedoras do sustento do lar. Entretanto, com a ameaça de perda dos meios

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pBa7JkmLD2Q>

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORgeKfmhFWk>

de subsistência, os estudos passaram a ser vistos como um obstáculo ao desejo de tornar-se independente e responsabilizar-se pelo próprio sustento.

Pudemos perceber que não apenas os adolescentes com os quais dialogamos, mas também muitos adolescentes que aprenderam a comunicar-se por meio das mídias audiovisuais presentes nas redes sociais contemporâneas questionam, em vídeos e áudios publicados na Internet, o papel social que suas famílias e escolas tendem a lhes atribuir. Com o desenvolvimento da comunicação multimidiática, ainda houve meninas e meninos que questionaram seus próprios espaços e valorizaram suas identidades enquanto contestadores das leis da escola, a qual era vista como inferior ou desequipada de recursos tecnológicos suficientes para inseri-los no mundo do trabalho.

No caso dos vídeos e áudios que mencionamos, os exemplos são pontuais e muitos jamais chegaram a ser publicados como conteúdos multimidiáticos, mas enquanto tentativas de denunciar a violência parecem bastante valiosos. Percebemos que o desafio às autoridades também era feito em forma de ataques ao próprio direito de estudar, de forma indireta, como, por exemplo, na recusa a ouvir as normas para estudar e no medo de grupos que não sabiam ou podiam identificar. Eis algumas discussões presenciadas: denúncia do uso de drogas e da violência nos espetáculos denominados por eles de “pancadão” (reuniões diurnas no fim de semana no bairro); espancamentos e morte de “conhecidos” por grupos ligados a representantes políticos locais e nacionais; e, também, o relato de prisão de aliciadores para explorá-los enquanto mão-de-obra do tráfico de drogas ilícitas.

O desafio de lidar com o discurso do medo e da exclusão escolar tornou-se mais complexo a partir da experiência dos acadêmicos com essas denúncias. O discurso da impotência generalizada para lidar com a violência passou a ser combatido por uma comunidade do conhecimento engajada em fornecer um ambiente de reflexão acerca das possíveis consequências dos entretenimentos e dos prazeres imediatistas que não consideram os delicados limites do desenvolvimento corporal e psicológico.

A repetição de imagens de terror e de violência entre jovens e seus próprios professores nas grandes mídias, entretanto, mostraram ainda mais seu poder em

suscitar o medo e a apatia diante do totalitarismo governamental. Deputados Estaduais e Federais conduzidos por automóveis policiais, revoltas populares e de sindicatos docentes e muita violência nas instituições escolares e prisionais vieram a atualizar a definição de “cultura do medo” dada por Barry Glasner (2003, p. 82-85) quando insistiu em destacar as informações desencontradas acerca do “Halloween infeliz” e do crescimento da indústria da “pornografia infantil”, bem como do aumento das estatísticas acerca dos “predadores cibernéticos” e da figura abstrata e deveras aterrorizante do/da cliente pedófilo(a). O autor apontou, no início do século, uma desconcertante produção do simulacro do medo, em seu capítulo a respeito da juventude em risco: **“As crianças americanas enfrentam perigos muito mais graves do que imaginam seus pais.** Jornalistas, políticos e grupos militantes repetem essa conclusão sem parar.” (GLASNER, 2003, p. 115, grifos do autor)

A falta de uma proposta política para reduzir a sensação de medo em relação a lutos difíceis, como aqueles pais que perderam seus filhos muito jovens transmuta-se, então, na cultura do medo, em um excesso imagético que apela para os afetos das famílias em condição de vulnerabilidade: o luto. Porém, no interesse dos reprodutores desse tipo de notícias, as dúvidas acerca da segurança apenas retomam especulações sobre a existência reconhecida de psicopatas: a crueldade torna-se o limite, o simulacro que se remete apenas ao mal e à vitimização de adolescentes em vulnerabilidade psicossocial.

Diante do sofrimento dos mais pobres, podemos constatar que a condição pós-moderna trouxe talvez mais informação, ao passo em que também produziu a desinformação como nova “psicotécnica” para a manipulação de afetos e de pessoas apresentadas com o poder midiático na figura da “celebridade”. Propagandas que exaltavam o medo difuso e o cinismo desmoralizante foi o que mais vimos nos levantes violentos e totalitários contra os adolescentes nos espetáculos luminosos que apontaram o fascismo no ar, por meio de nossos rádios, televisões e mesmo em nossas redes sociais nesta década. Com ignorância em relação ao sentido emancipador da participação e representação política do cidadão e testando os limites da impaciência do receptor das mensagens, as indústrias das reportagens “de última hora” e mesmo nossos servidores públicos mais eminentes – do Poder Legislativo e Executivo – recorreram à fé religiosa para apoiar massacres ideológicos e repreender manifestações

pacíficas de colegas de trabalho e também de representantes sindicais que ainda defendiam as redes de discussão em prol dos mediadores atuantes em favor da vida e da qualidade de vida dos jovens e adolescentes brasileiros.

Nesse cenário, nossos adolescentes relataram o medo do futuro em uma sociedade em que a desvalorização da Educação denunciou-se por parte dos nossos próprios governantes, em frases como: “É claro que eu queria ir pra Universidade pública, mas com esse governo, eu nem sei se vai continuar pública até eu entrar...” ou “Acho que um curso técnico é opção que sobra pra gente que tem que se sustentar enquanto estuda e precisa começar trabalhar logo” e ainda: “Eu trabalho já, ajudando meu pai, porque não sei que tipo de estudo pode garantir meu futuro”. Muitos adolescentes confessaram sentir certa desorientação ou desesperança ao pensar em seu futuro educacional ou profissional.

A condição da perplexidade, desorientação e desalento é considerada por sociólogos como Eagleton (1998) e Bauman (1998, 2008) como características típicas do indivíduo pós-moderno. Nesse trabalho pretendemos analisar o papel da indústria cultural na produção dessa “atmosfera de medo ambiente” (BAUMAN, 2008, p. 110) que não deixa de afetar nossos adolescentes em um momento da vida, na qual a insegurança e a incerteza até mesmo em relação à própria identidade podem ser consideradas normais, a despeito de causarem angústia e clamores, por vezes distorcidos, por orientação e amparo.

O descentramento do sujeito pós-moderno em relação ao seu papel social ainda é objeto de muitas discussões sociológicas. A Psicologia utiliza essas discussões como um auxílio na compreensão do sofrimento psíquico que muitos sujeitos hoje apresentam. A especificidade da *Geração Z* está, entretanto, na dificuldade em expressar o que sente e buscar ajuda de pessoas mais experientes e de profissionais. Consideramos que a prevenção em relação ao sofrimento psíquico de um indivíduo adolescente adquire ainda mais significado para as ciências humanas e sociais em nossa época.

2.1. Da condição pós-moderna e o declínio da consciência e da ação política

Eagleton (1998, p.76) nos traz a questão dos sujeitos na pós-modernidade como um problema entre a elaboração da linguagem e do corpo como códigos culturais a serem apropriados para o eu relacionar-se com o diferente, o não-eu. Segundo ele, “devido ao dom da linguagem, a criatura humana corre o risco de desenvolver-se muito rápido, livre de suas reações sensoriais, e, portanto, de exceder às próprias possibilidades e não chegar a lugar nenhum”. A desvalorização da participação política aparece com a crença na virtude que “se limita na maior parte à esfera privada, e se considera a esfera pública sobretudo uma questão de direitos” (EAGLETON, 1996, p. 86). O resultado disso seria a diminuição do valor formal do conteúdo da escolha, em benefício da capacidade do sujeito de realizar uma escolha, o que não permitiria entrever o sentido compartilhado da política democrática: “importa menos o **que** eu escolho que o fato de que **eu** escolho. Um tipo de ética adolescente, em suma” (EAGLETON, 1996, p. 87, grifos do autor).

A preponderância dessa ética “adolescente” é o que permitiu o culto da escolha individual como argumento do Estado para mostrar-se neutro diante de todas as concepções de bem-estar, exceto quando elas ameaçassem a visão de neutralidade e justiça, e assim, o interesse do próprio Estado Liberal. O sujeito liberal clássico seria aquele que luta para preservar sua identidade e autonomia, ainda que identificado a um modo de governo que gerou “precisamente os tipos de desigualdade e exploração que subvertem a busca do bem-estar que ele [o Estado] devia promover” (EAGLETON, 1996, p. 83). Entretanto, a situação de excessos de indeterminações no pós-modernismo ameaçaria a própria identidade e criaria um Eu desconstruído e, talvez, ainda mais dependente de seu ambiente: “integramos sistemas múltiplos e conflitantes em vez de monolíticos, de forma a deixar o sujeito carente de identidade fixa, o que pode vir a confundir-se com sua liberdade” (EAGLETON, 1996, p. 90).

A liberdade de flertar com várias representações de si por meio de uma retórica do consumo baseada em identidades flexíveis e fluidas e, ainda assim, mais submetidas à representação do indivíduo-mercadoria é a condição paradoxal do sujeito pós-moderno: enquanto é levado a despir-se de uma identidade pautada no sentimento de

continuidade de sua história e na identificação com o outro pela qual pode reafirmar seu desejo, tal sujeito adere à liberdade de escolher uma objetificação do próprio corpo que não pode lhe devolver demandas ou afetos.

A sociedade baseada no espetacular prefere a simulação ao real, eis porque “estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido” (BAUDRILLARD, 1991, p. 103). Este é o universo em que vivemos: o universo do simulacro. Obviamente, o simulacro da cultura não explica os casos individuais e tristes que perfazem um alto índice de desistência do Ensino Médio no Brasil, e tampouco explica as bioestatísticas crescentes de massacres e chacinas de adolescentes! Hoje, as mudanças rápidas das bioestatísticas, conforme informamos uma nova localização geográfica nos dispositivos eletrônicos alimentados por *softwares* interconectados, nos dá a dimensão da aleatoriedade multicultural que serviu ao descentramento pós-moderno. Para Eagleton (1998, p.90), “se o sujeito se mostra escorregadio, é porque atua como o ponto de atrito entre forças culturais incompatíveis” e, nesse ponto de atrito, não há lugar para a autonomia, assim como a noção do bem comum em uma cultura torna-se dispersiva: são os direitos do Eu sempre colocados em oposição a uma noção abstrata de tolerância ao não-Eu, da qual frequentemente migra-se a uma atitude de indiferença.

Baudrillard (1996) nos coloca a questão da indiferença como uma figura do transpolítico, também nos advertindo acerca dos limites da linguagem: “Todas essas figuras que aparecem como indiferença exacerbada, exacerbação do vazio, a da obesidade, a do terror, são também as da perda da ilusão, do jogo e da cena, portanto, figura do OBSCENO” (BAUDRILLARD, 1996, p.45, grifos do autor). A resistência a tal obscenidade, entretanto, ainda é uma alternativa para a reflexão e para a linguagem do sujeito, ainda que dificilmente percebida dessa forma.

Como exemplo de resistência por meio da linguagem podemos apontar os sentimentos e utopias de uma geração que se pautou na liberdade de tocar uma música e gravar um LP em vinil, que usou a poesia e a prosa como meio de protesto e denúncia, tal como foram os jovens da geração marcada pelo *rock and roll* na década de 1980 e início da década de 1990. Tais expressões aparecem, no simulacro da indústria cultural, como tentativas de afiliar grupos, organizar atividades coletivas ou tribais,

gerar *frenesi* entre celebridades efêmeras e seus fãs mais românticos. Por outro lado, conforme a concepção de Eagleton (1996), enquanto havia uma crença de resgatar as suas existências “santificadas” ou “sacrificiais” de trabalhadores e produtores, os homens modernos ainda apelavam ao imaginário de um indivíduo solitário e, ao mesmo tempo, responsável por sua própria liberdade de escolher ser submetido.

No caso de algumas reportagens contemporâneas, entretanto, o adolescente aparece já como Édipo no final da sua jornada: o que é mostrado não conta mais a história da civilização, mas de um herói vencido, à mercê de uma sedução perigosa e emocionalmente interdita, além de marcado pela incapacidade de olhar a si mesmo e ao outro – representante da lei e dos limites simbólicos da cultura. O cinema e os seriados internacionais nos ajudam a compreender que os desafios da chamada “sociedade do conhecimento”, do ponto de vista daqueles que lidam cotidianamente com os limites dos sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento, são muito mais delicados e sérios do que parecem à abstrata “sondagem de ‘opinião pública’” (CHAUÍ, 2006, p.76). O território vivo e histórico da “sociedade do conhecimento” paranaense e brasileira, permite-nos o seguinte alerta filosófico e político: “Quando passamos às novas e mais recentes tecnologias de comunicação, observamos a transformação da ciência e da técnica em forças produtivas e o surgimento da “sociedade do conhecimento”, isto é, da identidade entre poder e informação” (CHAUÍ, 2006, p.76).

Para nos emancipar das simulações inevitáveis do simulacro da violência, é necessário, entretanto, nos eximir da neutralidade científica. A permissividade do *laissez-faire* não tem nos conduzido a diálogos interdisciplinares produtivos em uma cultura denominada pós-moderna. Resta-nos, portanto, analisar mais cuidadosamente algumas produções da indústria cultural voltadas ao público jovem. Um exemplo interessante para essa finalidade, devido à presença de um ambiente cultural que pode ser caracterizado como pós-moderno, ocorre no seriado “*Dois homens e meio*” (traduzido do inglês norte-americano “*Two-and-a-half men*”). Neste, o personagem Charlie Harper, interpretado pelo ator conhecido como Charlie Sheen⁷, é destacado

⁷ De acordo com o site pt.wikipedia.org/wiki/Charlie_Sheen, o nome verdadeiro do ator, dublador e roteirista nova-iorquino é Carlos Irwin Estevez e seus avós paternos seriam imigrantes de origem Irlandesa.

como um pretense “boa-vida”, cujos costumes cotidianos são, aparentemente, desorganizados pelo divórcio repentino de seu irmão mais velho e da vinda deste último com o filho, para morar em sua casa, na famosa praia de Malibu, em Los Angeles. É interessante observar que enquanto o seriado era gravado, o próprio ator mirim transforma-se de criança em adolescente, de forma que seu personagem retrata dilemas, problemáticas e situações cotidianas vivenciadas nessa transformação.

Os diálogos e tragicomédias enfrentados pelo protagonista nos fazem retroceder ao início do século XIX, quando Lord Byron iniciava sua obra a respeito dos perigos e percalços enfrentados pelo indivíduo autônomo e sedutor a quem denominou Don Juan, o qual, durante sua juventude, seria apenas um ocioso representante da nobreza e, mais tarde, acaba obrigado a enfrentar duras críticas familiares e sociais. A semelhança entre dados autobiográficos do ator principal e os diálogos verbais e não-verbais com a personagem de Melanie Linskey⁸ leva o espectador da série de televisão intencionalmente cômica a refletir sobre os limites da sexualidade infantil, as regras e leis norte-americanas, bem como acerca da agregação de valores e hábitos cotidianos pelo personagem do ator adolescente, Angus T. Jones, ou seja, o sobrinho de Charlie Harper, Jacob David Harper, apelidado pelos adultos da casa como “Jake”. Quando já adolescente, obrigado a ler um clássico da literatura inglesa, Jake engendra tentativas repetidas de diálogo entre os representantes da cultura familiar que lhe cerca e as tradições e memórias da história do seu país. Entretanto, sua família parece ausentar-se da responsabilidade por sua educação e tendem a negar o sofrimento da separação dos pais por meio da aposta no esquecimento de Jake enquanto criança que, ao tornar-se adolescente, passa a apresentar não apenas uma aversão ao ambiente escolar como também uma tendência a fugir de relacionamentos com meninas de sua idade, recorrentemente pedindo conselhos ao seu tio Charlie e, ainda assim, ficando sozinho e triste na maioria das vezes que busca seguir tais conselhos. O adolescente é vítima de *bullying* dos amigos e é inseguro quanto às meninas com quem pretende manter relações mais duradouras. Em um dos episódios, enquanto percebe que os amigos querem conhecer a sua casa

⁸ A atriz, nascida na Nova Zelândia e estudante do colégio New Plymouth Girls' High School, é retratada no seriado como psicóloga com mestrado em comportamentos sociais e verbais e, por vezes, sua personagem desempenha o papel de denunciadora de distúrbios de personalidade e excessos de vícios do protagonista Charlie Harper.

apenas porque o tio é rico e famoso, também descobre que a menina com quem queria namorar acabou “saindo com outro babaca”.

O adolescente Jake é, dessa forma, retratado na série como inseguro com suas realizações na escola, dependente da mãe, desobediente e manipulador em relação ao pai e, ao mesmo tempo, idealizador e imitador de alguns comportamentos autodestrutivos do tio. Concebido como uma espécie de *Don Juan* cuja sedução é arrefecida pelo tempo, o protagonista Charlie é criticado e abandonado por seu público ouvinte; as críticas da família multiplicam-se enquanto o sedutor desaparece entre uma conquista e outra, sem conseguir permanecer emocionalmente envolvido com nenhuma de suas inúmeras parceiras sexuais. Após o episódio em que tenta pedir uma mulher em casamento, por exemplo, conclui que não está preparado para assumir um relacionamento com tamanha responsabilidade e a trama segue até que ela resolve casar com outro homem. O personagem pode ser considerado um retrato do homem pós-moderno que não consegue relacionar-se com o outro por meio de uma identidade pautada nos impulsos de autopreservação. É possível, portanto, ver uma figura paterna obliterada pela “celebridade” encenadora do contato humano. Apesar de ser considerado como modelo pelo sobrinho, a vida pessoal do tio não permite assumir responsabilidades ou um papel de paternidade que poderia dar segurança para o estabelecimento da identidade masculina do adolescente.

O fato de o adolescente sofrer *bullying* e frequentemente ter notas abaixo da média parece ser reforçado por uma forma de organização familiar que favorece hábitos de passar muitas horas em frente à televisão ou videogames. Podemos perceber como tal organização torna mais difícil a identificação com outras pessoas, assim como tende a favorecer uma forma primitiva de pensamento, baseada na fantasia e na onipotência. A respeito do assédio moral nas escolas conhecido como *bullying*, faz-se necessária uma reflexão acerca do método psicanalítico de escuta das famílias:

Para além das avaliações (e condenações) acerca da importância do respeito, da civilidade e da tolerância às diferenças, o que pode ser observado nas práticas de *bullying* são os reflexos de um determinado contexto de relações sociais em que as pessoas subjetivamente frágeis produzem violência, ou submissão, como estratégia de enfrentamento de seus sentimentos de inconsistência e insegurança. ” (RIBEIRO, 2011, p. 140)

O psicanalista explica que, na maior parte dos casos, os agressores e vítimas do *bullying* não são capazes de estabelecer em seus pais e amigos a autoridade para receber e ser continente às suas “crises da adolescência” e que “[s]em esses momentos de angústia, incerteza, frustração e construção de ideais, perde-se a oportunidade de experimentar relações e elaborar discursos capazes de produzir um posicionamento social” (RIBEIRO, 2011, p. 143).

Podemos perceber que as pessoas na pós-modernidade são engalfinhadas por problemas políticos e pessoais de variadas nuances e colorações, mesmo sem conseguir refletir conscientemente sobre os mesmos. A questão do *bullying* e a do aproveitamento do direito à educação entre adolescentes, conforme retratadas no seriado norte-americano supracitado, são banalizadas e normalmente solucionadas com apelos ao mundo do consumo ou da realidade virtual (RV). As frustrações com a escola ou com as garotas geralmente conduzem o personagem adolescente a longas horas no videogame ou a compras no shopping, mas jamais a se questionar de maneira reflexiva acerca das relações, dos estereótipos ou mesmo dos propósitos educativos de suas experiências e tarefas escolares. Apesar de tratar-se de uma obra de ficção, as possíveis semelhanças com adolescentes reais não devem ser descartadas, visto que o propósito do seriado é justamente retratar fatos cotidianos de maneira a espelhar comportamentos e costumes de seu público.

Em relação à sociedade de consumidores pós-moderna, é possível notar que a mesma é obrigada a mirar-se em um espelho em que a promessa de transcendência conduz a enigmáticos silenciamentos, por vezes auto-impostos (COSTA, 1984) e, em outros casos, engendrados pela negação da realidade que conduz à alienação em relação ao papel do sujeito na construção da realidade social. As renúncias às quais os sujeitos são obrigados, normalmente, não são objetos de reflexão pessoal e política em nossa época. De acordo com Crochik (2007, p.174) “não basta admitir que a renúncia é necessária para se viver em coletividade, é necessário saber porque cada renúncia deve ocorrer para a reprodução ou transformação do social”. Dessa forma, o ser humano pode agir em direção à construção de necessárias transformações da cultura.

2.2. A produção industrial do simulacro e a face oculta do poder midiático: sobre a indústria cultural contemporânea

A respeito da conectividade pós-moderna e do que pode ser verificado em algumas produções de adolescentes contemporâneos, as representações sociais levam a reconhecer no espelho que a adolescência contemporânea oferece ecos e vislumbres do período de terror de início do século que nossos compatriotas foram obrigados a assistir como “invasão” e, simultaneamente, como “espetáculo” de um real desertificado e também vangloriado como “patrimônio da humanidade”.

O evento que nunca veio, mas foi bastante esperado por “mocinhos” e “mocinhas” ficou conhecido como “bug do milênio” para as ciências relacionadas com a produção e circulação de tecnologias da informação. Enquanto isso, ainda Auschwitz se pronunciava, em forma de atopias (deslocalização geográfica) e acronias (deslocalização temporal) mediadas por imagens luminosas de terror e catástrofe: quedas na bolsa de valores, ataques de caráter terrorista a símbolos de ostentação do trabalho ocidental – como o episódio da tentativa da organização denominada Al Qaeda de destruir as Twin Towers (Torres Gêmeas) no local geográfico, situado em Nova Iorque, com alcunha de “A grande maçã”. Por atrair comerciantes, industriais e especuladores do mundo ocidental inteiro, essa alcunha ganha grande valor simbólico. Por sua vez, o atentado ao World Trade Center (WTC), implodido por segurança, e com suas vítimas jogando-se de janelas ou sendo resgatadas por equipes treinadas, e as ameaças ao Pentágono, localizado em Washington D.C. fizeram ressurgir memórias e também fantasias persecutórias nos idosos, jovens e crianças⁹. Diariamente, havia novas notícias de nosso “Mundo Novo” ameaçado por implosões de sentido para a cidadania e para as vidas que foram perdidas naquele suposto “espetáculo do real”, que passou a alimentar a guerra e a violência entre os cidadãos do mundo.

A sedução da cidade com a alcunha de grande maçã praticamente apodrecera na ocasião, mas cidadãos da América Latina que ousaram visitar aquele local foram considerados suspeitos, e assim, sujeitos a invasivos procedimentos de verificação de

⁹ Para as discussões acerca do clima de terror e da invasão de privacidade (vivenciados após os atentados de 11 de setembro de 2001) e seus significados, ler o artigo de Caniato e Nascimento, 2007.

sua bagagem e procedência étnica, vítimas de um estrangeiro apelo à denominada “segurança pública” naquela grande metrópole mundial.

Para tecer um paralelo histórico com a produção de espetáculos de terror sobre o real, citamos, no final da década de 1980, o episódio conhecido como “Queda do Muro de Berlim” que colocava fim a longos períodos de espera e separações entre entes queridos de famílias inteiras e, no entanto, não cessava a produção do simulacro. O imaginário do medo continuou a ser propagado por meio do distanciamento possibilitado pelo poder ideológico: os espetáculos que foram financiados pela indústria de armas. A respeito do engodo e simulação produzidos nos espetáculos destinados ao grande público, Finkieuraut (2008, p.156) reconhece a insuficiência das ciências humanas, das ciências biológicas e mesmo daquelas instituições científicas privatizadas que poderiam estar mais bem-intencionados para “aliviar as vítimas da fome” na atualidade, e faz uma conclusão acerca do entretenimento em forma de distração como uma derrota do sujeito do pensamento:

A barbárie acabou por se apoderar da cultura. Na sombra dessa grande palavra a intolerância cresce, ao mesmo tempo em que o infantilismo. (...) é a indústria do lazer, essa criação da época da técnica, que reduz as obras do espírito a quinilharias (ou, como se diz na América, *entertainment*). (FINKIEURAUT, 1998, p. 91)

Contudo, do ponto de vista da cultura que resistefaz-se necessário um diálogo conceitual. Sugerimos, para esse propósito, a análise do conceito de indústria cultural desenvolvida por Adorno & Horkheimer (1947/2006) já antes do final da Segunda Guerra Mundial:

A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto. Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. (...) O denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração. (...) Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim único – ocupar o sentidos dos homens da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa que devem se ocupar durante o dia. (ADORNO; HORKEIMER, 1944-47/2006, p. 108)

Ainda em relação às necessárias memórias de resistência em favor dos bons afetos na contemporaneidade, recordamos da obra “*O Diário de Annie Frank*”, a qual

inspirou muitos educadores em tentativas semelhantes aquelas realizadas por Adorno (1995), no que diz respeito a tentativas de diálogos com o outro, mesmo em situações consideradas inóspitas ou assustadoras. De acordo com Rosa e Domingues (2010, p. 184), o conflito nas relações humanas não pode ser resolvido com a submissão de uma das partes ou com o autoritarismo, pois “o recalco mantém-se como ameaça, retorna como sintoma ou como nova onda de violência. Não há como impedir a transmissão, os fragmentos da cultura renegada (...) os modelos tão insistentes em nos constranger, apesar da aparente liberalidade”. A ética psicanalítica apoia a dimensão qualitativa dessa pesquisa, pois, segundo as autoras, ela nos lembra que para além da obediência às regras, no que elas são essenciais para todas as famílias de adolescentes, a potência do desejo faz valer o saber e a criatividade dos sujeitos com os quais dialogamos.

Ao considerarmos *entertainment* em seu sentido substantivo de “entretenimento”, somos levados a fazer uma conexão entre a indústria da diversão, da informação e da distração, que Adorno e Horkheimer (1944/2006) denominaram indústria cultural. Tal conceito nos remete à compreensão de que:

A indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria (...) o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida (...) o espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento –, mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. (ADORNO; HORKEIMER, 1944-47/2006, p. 113)

Em relação à saúde psíquica dos jovens contemporâneos, observam-se dificuldades de significar e simbolizar os processos vivenciados durante a puberdade. Essas perturbações resultam, muitas vezes, em exposição a riscos como única via para dar conta de um mal-estar interno ao sujeito. Assim, no contexto atual, alguns comportamentos de experimentação e teste de limites, que podem ser considerados próprios da passagem para adolescência, têm sido vistos, em consequência da intensidade com que vêm ocorrendo, como um predomínio da pulsão de morte e do desligamento do mundo da cultura.

Para continuarmos a investigação dessa hipótese, é necessário notar que, no caso da indústria cultural, “[a] diversão favorece a resignação, que nela se quer esquecer” (ADORNO & HORKHEIMER, 1944, p.117) e o ato de divertir-se, no caso do indivíduo que se torna espectador dos espetáculos dessa indústria corresponderia a concordar com o aquilo que lhe é apresentado, resignar-se e deixar de refletir sobre a própria condição de dominação, pois:

A afinidade original entre os negócios e a diversão mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação, o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é sua própria base. ” (ADORNO; HORKHEIMER, 1944-1947/2006, p.119)

Podemos fazer uma comparação entre essa situação e a que vivenciamos atualmente em relação aos nossos governos neoliberais, pois eles também acabam utilizando recursos midiáticos para entreter e distrair os governados, ou seja, a população de uma forma geral. Hullot-Kentor, tecendo uma reflexão acerca da questão do governo estadunidense, nos esclarece que:

O que chamamos de nosso governo apenas dá conta de interesses, mas o bem comum não é um interesse, nem mesmo é o interesse pela maior felicidade possível para o maior número de pessoas. Aquilo que não pode ser objeto de uma intenção, não pode ser a realização de um interesse. (Entrevista com Robert Hullot-Kentor realizada por Fábio Akcelrud Duraó em Nova Iorque, junho de 2010)

O que está em questão diz respeito justamente à função da indústria cultural, pois esta trata de convencer o espectador a tornar-se consumidor de espetáculos orquestrados para a perpetuação de sua própria condição de dominado e, assim, a vida torna-se um constante (e repetitivo) ritual de iniciação, no qual “Todos têm de mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas” (ADORNO & HORKHEIMER, 1944/2006, p.127).

Na atualização pós-moderna, os anúncios luminosos podem ser compreendidos, então, como porta-vozes do imperativo da eficácia do liberal burguês, pois, segundo a análise dos pesquisadores em questão “sob o imperativo da eficácia, a

técnica converte-se em psicotécnica, em procedimento de manipulação das pessoas. (...) O que importa é subjugar o cliente que se imagina como distraído ou relutante” (ADORNO & HORKHEIMER, 1944-47/2006, p.135). A diferenciação do Eu em relação aos modelos ideais veiculados por meio do rádio ou do cinema (as celebridades) deve ser impedida já na produção da radionovela ou do filme, pois a estereotipia e a repetição é o que deve prevalecer. Os autores argumentam que o consumidor desses bens culturais deve perder-se na condição de alvo da ideologia da própria indústria cultural, pois:

A ideologia se esconde no cálculo de probabilidade. A felicidade não deve chegar para todos, mas para quem tiver a sorte, ou melhor, para quem é designado por uma potência superior – na maioria das vezes a própria indústria do prazer, que é incessantemente apresentada como estando em busca dessa pessoa. (ADORNO, HORKHEIMER, 1947/2006, p. 120)

O que ocorre quando o alvo tomado por essa ideologia é um sujeito (ainda) em desenvolvimento do ponto de vista de suas aquisições culturais (simbólicas)? A resposta mais provável aponta a influência da ideologia no processo de formação subjetiva e cultural dos indivíduos. A princípio, Adorno e Horkheimer constataam o triunfo da publicidade sobre os indivíduos, no contexto do capitalismo tardio de meados da década de 1940: “triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais” (ADORNO; HORKEIMER, 1947/2006, p.138). Mas, tanto para Adorno quanto para Horkeimer, a denúncia da publicidade visava apontar a captura do inconsciente na cultura de massa. Essa crítica não foi encerrada pela denominada revolução multimidiática, assim como não terminou com a tentativa da indústria cultural de subjugar o desejo dos sujeitos à racionalidade da acumulação de capital pelos senhores dos monopólios industriais.

A utilização da linguagem como referência à cultura denuncia o totalitarismo nas repetições publicitárias que transformam recomendações em comandos, assim como transformam os próprios publicitários em representantes de um universal totalitário com o qual se identificam, sem poder escapar de suas estratégias: “Não se consegue mais perceber nas palavras a violência que elas sofrem” (ADORNO; HORKHEIMER 1947/2006, p.138). Seria possível outra formação, destinada a incluir

as dúvidas e o desenvolvimento intelectual na construção da sociedade do conhecimento? No texto de Vigotsky (1930), “*A transformação socialista do homem*”, essa possibilidade existe. Em busca de respostas a questões como essa, fizemos algumas aproximações entre o conceito de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2006), o de simulacro (BAUDRILLARD,) e o de realidade virtual (CHAUÍ, 2006) para discutirmos a sociedade contemporânea, a multimídia e o papel da ciência transformada em técnicas de condução da vida, ou em “psicotécnica, técnica de manipulação de pessoas”, conforme a denominação utilizada por Adorno e Horkheimer em 1944.

De acordo com Baudrillard (1991) a atual “irreferência divina das imagens” nas simulações coloca em risco a diferença entre o verdadeiro e o falso, desafiando o princípio de realidade e mesmo a nossa capacidade de distinguir o que é real e o que é irreal, pois:

Hoje, a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real. (...) os simuladores actuais tentam fazer coincidir o real, todo o real, com os seus modelos de simulação. Mas já não se trata de mapa nem de território. Algo desapareceu: a diferença soberana de um para o outro, que constituía o encanto da abstracção. ” (BAUDRILLARD, 1991, p. 8)

O conceito de simulacro remete, portanto, às próprias representações de sentido que são fruto do intelecto humano. A função do simulacro seria justamente a de impedir a “mediação visível e inteligível do Real” (BAUDRILLARD, 1991, p.13), ou seja, a mediação que a representação faz entre o signo e seu significado constituído a partir do Real. A questão da violência simbólica coloca-se, a partir deste conceito, de um modo bastante semelhante à função denunciada por Adorno e Horkheimer (1947/2006) para a indústria cultural: a de captar o ser humano em um nível inconsciente para que suas funções superiores conscientes – tais como a capacidade de discernimento e reflexão – sejam confundidas com a verdade simulada. Parece ser por esse motivo que ele também denomina o simulacro como “[i]nferno da simulação, que já não é o da tortura, mas da torção subtil, maléfica, impossível de captar, do sentido” e explica que “[i]sto não resulta forçosamente num desespero do sentido, mas também

numa improvisação de sentido, de não sentido, de vários sentidos simultâneos que se destroem” (BAUDRILLARD, 1991, p.27).

A produção de sentido, subjetiva e inapelavelmente humana, tende a ser confundida, tanto na indústria cultural quanto no simulacro, com o próprio poder simbólico destes de produzir e difundir sentidos múltiplos a partir de signos do Real. A identificação do indivíduo com esse poder é explicada por Adorno e Horkheimer (1947/2006) como um mecanismo de falsa identificação e de falsa projeção, tendo em vista que, ao identificar-se, o indivíduo não discerne o que é seu e o que é do outro e, ao projetar, imprime no objeto sua própria nulidade. A atividade reflexiva do indivíduo torna-se, assim, supérflua e, geralmente, é cooptada pelo objeto idealizado e poderoso que é a indústria cultural. No caso do simulacro, Baudrillard (1991) explica que há uma espécie de confusão entre o princípio de realidade e o princípio do prazer propiciada pelo poder que faz uma deserção em relação ao Real para tornar-se um poder simulado, ou seja, “desligado dos seus fins e dos seus objetivos e votado a **efeitos de poder** e de simulação de massa” (BAUDRILLARD, 1991, p.32, grifos do autor). Assim, a estratégia de poder do simulacro é colidir e multiplicar referenciais, pois à medida em que as distinções ideais (entre o que é bom ou ruim, verdadeiro ou falso, por exemplo) são desestruturadas, é a “lei radical de equivalências e de trocas” do poder do capital que se estrutura em detrimento do Real:

A única arma do poder (...) é a de reinjectar real e referencial em toda parte, é a de nos convencer da realidade do social, da gravidade da economia e das finalidades da produção. Para isso usa, de preferência, o discurso da crise mas também, por que não?, o do desejo. “Tomem vossos desejos pela realidade!” pode ouvir-se como último *slogan* do poder, pois num mundo irreferencial, até a confusão do princípio de realidade e do princípio de desejo é menos perigosa que a hiper-realidade contagiosa. Fica-se entre princípios e aí o poder tem sempre razão. A hiper-realidade e a simulação, essas, são dissuasivas de todo o princípio e de todo fim (...) é o capital que se alimentou, no decurso da sua história, da desestruturação de todo o referencial, de todo o fim humano (...) Ele foi o primeiro a brincar à dissuasão, à abstracção, à desconexão, à desterritorialização, etc., e se foi ele que fomentou a realidade, o princípio de realidade, foi também ele o primeiro a tê-la liquidado no extermínio de todo valor de uso, de toda equivalência real, da produção e da riqueza, na própria sensação que nós temos da irrealidade das questões e da onipotência da manipulação. (BAUDRILLARD, 1991, p. 32-33)

O conceito de indústria cultural somado ao conceito de simulacro parece ser deveras ilustrativo para entendermos a realidade virtual no que esta imiscui-se à cultura e diferencia-se da mera designação técnica de RV (realidade virtual) relacionada exclusivamente à informática e seus artefatos e programas. Como afirma Chauí (2006), a forma como a inserção do saber e da tecnologia ocorre na contemporaneidade indica a absorção dos processos simbólicos pelo processo econômico, ou seja, pelo capital, o que justifica o termo utilizado pela autora para referir à cultura contemporânea como “cultura virtual” (CHAUÍ, 2006, p. 71).

Para Chauí (2006), a multimídia – a qual entendemos como instrumento da indústria cultural, tal como a publicidade – é a ferramenta utilizada pela indústria cultural para promover a virtualização da realidade ou a realidade virtual, pois, o sistema multimidiático diz respeito a propiciação de um ambiente peculiar em que a própria experiência simbólica ou material das pessoas “é inteiramente **captada** tornando-se totalmente imersa em uma composição de **imagens virtuais no mundo do faz-de-conta**, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam em experiência. (CASTELLS, citado por CHAUÍ, 2006, p. 72, grifos nossos).

Acerca da imersão do imaginário e da capacidade subjetiva do adolescente em distinguir o que é realidade material e o que é Realidade Virtual (RV) parece sempre caber a velha dúvida fomentada desde os primeiros filmes de ficção científica que popularizaram a RV: a experiência de um adolescente que é captado pelos jogos cada vez mais imersivos e realísticos da Realidade Virtual (RV) pode ser realmente distinguida da cultura virtual transmitida pela indústria cultural por meio dos recursos da informática e da multimídia? É a partir dessa dúvida que podemos aproximar os conceitos de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2006), de simulacro (BAUDRILLARD, 1991) e de realidade virtual (CHAUÍ, 2006), nos três casos os autores estão referindo-se a sistemas de produção semiótica que também representam núcleos privilegiados de poder simbólico e exercem violência ou induzem à confusão do indivíduo entre o que é uma representação social, o que é uma compreensão individual ou subjetiva, e, por fim, o que é um elemento da realidade material objetiva imediatamente dado à percepção.

O discernimento em relação a esses três aspectos da realidade psíquica – representação social compartilhada pelas massas, representação individual e representação da realidade material – não é algo desprovido de complexidade mesmo para adultos perfeitamente saudáveis, ainda que não atingidos pela deformação da realidade que diz respeito à ideologia. Apesar dessa compreensão, o que queremos destacar ao salientar o valor heurístico destes três conceitos – que buscam desmitificar vários aspectos da realidade social e cultural contemporânea – é que o poder simbólico exercido pelos economicamente mais fortes foi transformado em forma e conteúdo pela chamada revolução tecnológica e pelo advento da multimídia, porém manteve sua finalidade desde a década de 1940 até os dias atuais. Essa finalidade, entretanto, parece desprovida de sentido humano por tratar-se justamente da mera reprodução do poder do capital.

Por meio dessa finalidade, a violência simbólica da indústria cultural, do simulacro e da realidade virtual tornam-se a mesma corrida pela acumulação de capital e pelo estabelecimento de equivalências que Baudrillard (1991) compreende como decadência do sentido, como hiper-realidade desprovida de significado para o ser humano. Mas é justamente em relação ao capital que podemos notar uma diferença entre os autores que merece menção devido ao perigo de aproximarmos demais as semelhanças entre os conceitos apreciados para a distinção entre real, hiper-real e irreal. Enquanto Baudrillard (1991) afirma veementemente a impossibilidade dessa distinção na atualidade, Adorno e Horkheimer (1947/2006) e Chauí (2006) parecem acreditar e mesmo militar intelectualmente pelo seu resgate.

Ao considerarmos a concepção marxista utilizada por Adorno e Horkheimer (1947/2006) e por Chauí (2006) acerca do capital, o materialismo dialético fica evidente, dada a importância conferida pelo marxismo à realidade material, em detrimento das significações subjetivas e da implosão do sentido subjetivo que são concebidos por Baudrillard (1991) quando ele se refere à hiper-realidade e ao simulacro. Talvez seja essa a principal diferença entre os autores e conceitos aqui considerados: indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2006) e realidade virtual (CHAUÍ, 2006) ainda admitem a possibilidade de desmistificação da realidade social por meio do desvendamento de uma ideologia. Baudrillard (1991), contudo, parece estar mais preocupado em retratar a impossibilidade da atuação do princípio de

realidade do indivíduo para realizar a desmistificação de uma ideologia que já desapareceu junto com a realidade que ela mesma objetivava deformar ou encobrir. Para explicar melhor essa diferença, podemos voltar ao conceito de cultura virtual de Chauí (2006) e perceber que ela ainda coloca um ponto de contraste que permite diferenciar claramente as noções de poder econômico, poder ideológico e poder simbólico, mesmo nos dias atuais. Para Baudrillard (1991), por outro lado, os três imiscuem-se e indiferenciam-se em um mesmo tipo de poder: o do capital.

A “virtualidade real” ou a “realidade virtual” remete-nos, como explica Chauí (2006), à indistinção e incapacidade de discernimento promovida pela indústria cultural em suas simulações e conteúdos multimidiáticos. Podemos compreender que, na concepção da autora, o próprio poder simbólico, ao ser usurpado das massas e exibido por uma elite diretora, torna-se violência simbólica perpetrada contra a maioria das pessoas, as quais são privadas pelos senhores do capital de sua própria capacidade de distinguir o que é presente, o que é ausente, o que é cultural e o que é econômico, por exemplo. A partir da compreensão de que a indústria cultural produz simulacros e a realidade virtual como instrumentos de seu poder simbólico – preponderante sobre o poder simbólico da maioria dos indivíduos – entendemos que é possível aproximar, embora seja perfeitamente possível distinguir, os conceitos de indústria cultural, de simulacro e de realidade virtual. E para finalizarmos a aproximação e distinção desses conceitos, recorreremos às palavras de Chauí (2006) em sua definição contemporânea de “Realidade Virtual”:

A cultura é, portanto, uma ordem simbólica e opera com a distinção entre presença ou realidade e ausência ou virtualidade. Ora, a peculiaridade da **multimídia** está em que ela **produz “realidade virtual” ou “virtualidade real”**, ou seja, torna indistintos os dois aspectos que a cultura sempre distinguiu, pois essa distinção é essencial a ela como ordem simbólica (...) o sistema multimídia, expressão da pós-modernidade, potencializa a atopia e acronia, que já haviam sido a marca da antiga televisão. O espaço se torna um “fluxo de imagens” e o tempo se torna intemporal. Ao fazê-lo, destrói a ordem simbólica da cultura, pois **uma “virtualidade real” ou uma “realidade virtual” pressupõem que a distinção entre presença e ausência se reduza a estar presente ou estar ausente na rede ou no sistema multimídia.** (CHAUÍ, 2006, p. 71-72, grifos nossos)

Portanto, para compreendermos melhor a influência da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2006), do simulacro (BAUDRILLARD, 1991) e da realidade virtual (CHAUÍ, 2006) no processo de constituição da identidade dos indivíduos em desenvolvimento é preciso reconhecer a atuação de seus instrumentos e estratégias enquanto formas de violência simbólica, já que visam iludir ou confundir o princípio de realidade dos indivíduos, apresentando uma realidade deformada, um simulacro, ou uma realidade virtual que os priva da compreensão de sua própria realidade social; é esse o contexto psicossocial em que as identidades dos adolescentes contemporâneos estão sendo construídas.

As consequências da violência simbólica nos indivíduos adolescentes podem ser ainda mais profundas, considerando que estes estão ainda em desenvolvimento de funções psíquicas superiores e de suas capacidades de relacionar-se com o outro e com a sociedade. Por esse motivo, discutiremos a seguir, algumas das consequências que a propagação de um imaginário do medo pode ter para o indivíduo, considerando a maior vulnerabilidade dos adolescentes à violência simbólica, e também o fato de que ainda estão descobrindo o seu papel na sociedade e como construtores de sua própria cultura.

2.3. Simulacro e violências: a propagação multimidiática de um imaginário do medo

A “cultura do medo” (GLASNER, 2003) –disseminada nos Estados Unidos após os atentados de 11 de Setembro – os quais foram televisionados e discutidos por diversos especialistas – tomou os telejornais brasileiros nas primeiras décadas deste século e continua a ser propagada de forma catastrófica ainda na segunda metade desta última década. No Brasil, os pais enlutados e as vítimas da violência urbana passaram a produzir espetáculos também violentos nas instituições escolares e mesmo judiciárias. O apelo às Forças Armadas – Exército, Marinha e Aeronáutica – para policiar favelas e agrupamentos urbanos mais pobres justificou-se por meio de um discurso que atraiu simpatias e, subsequentemente, derrubou governadores de Estados republicanos. Enquanto isso, prefeitos e líderes locais cujo renome foi, de maneira repetitiva, colocado em dúvida, desapareceram das reuniões destinadas a esclarecer a ordem das discussões políticas.

Em relação à cultura do medo líquido (BAUMAN, 2008) que costuma silenciar as vítimas e confortavelmente esconder os responsáveis pela produção da injustiça social, é importante lembrar que ela também utiliza recursos estéticos e preconceituosos contra as vítimas do desemprego e da exclusão social.

Para a radicalidade do conflito ainda outorgado aos adolescentes e jovens pacíficos em pleno desenvolvimento de suas capacidades de se relacionarem, o conforto através fantasia na realidade aumentada (RA) tende a contribuir com fantasmagorias do solipsismo, enquanto a tecnologia da realidade virtual (RV) permite videoclipes que lembram o deserto do real alimentado pelo medo da memória. Podemos encontrar vários exemplos de filmes, seriados, músicas e videoclipes contemporâneos cuja temática central é justamente a noção de “fim do mundo”: apocalipses zumbis, bélicos e também causados por agentes naturais (desde meteoros provenientes de alguma parte do espaço sideral até o esgotamento de recursos naturais imprescindíveis à vida em nosso planeta). Esse tipo de produção teve um crescimento significativo desde o final do século passado.

Tomamos aqui como exemplo o *heavy metal*, ao invés de músicas mais populares, unicamente em respeito ao direito de expressão musical dos pais adultos, tendo em vista a divulgação escatológica relacionada ao mito do “bug do milênio” (2000-2001) nos computadores ligados pela Internet em tempo universal. Isso não significa que as produções especificamente voltadas aos mais novos estilos musicais – que tendem a seduzir justamente a *Geração Z* com o emblema do “novo” – estão muito distantes do exemplo escolhido.

No videoclipe da música “*I disappear*”, uma canção que se tornou single em 2000 e mais tarde foi regravada para a televisão norte-americana, temos um exemplo interessante que parece reproduzir o clima apocalíptico de um estado de exceção ou de guerra como aquele vivenciado nos Estados Unidos em setembro de 2001. A letra, da qual destacamos o refrão repetido: “*Oh yeah, hey, mmm, Ain't no mercy, ain't no mercy there for me... Do you bury me when I'm gone? Do you theach while I'm here?*”

Just soon as I belong... Then it's time I disappear”¹⁰ parece referir-se a um mero término de relação ou a um corriqueiro conflito de adolescente que ainda busca seu lugar no mundo. Entretanto, as imagens nos desnor-teiam com as várias formas de manifestação da pulsão de morte que a expressão “eu desapareço! – *I disappear!*” permite no jogo de cenas.

No caso do videoclipe desta música, o jogo das imagens não simula a catástrofe, ele a anuncia. A clonagem como efeito da virtualidade é ilustrada por meio de um homem de terno que, ao subir as escadas, é puxado, empurrado e ao cair no chão, vê a si mesmo com outra expressão. A “troca impossível” entre o sujeito real e o virtual pode então ser analisada pelo que não pode ser simplesmente trocado: a identidade do sujeito que submete e aquele que é submetido são versões possíveis em um mundo “banhado por uma incerteza definitiva”, pois:

Haverá sempre aquela linha além da qual um sistema, não podendo mais dar provas de si mesmo, volta-se então contra si. Na física, o princípio da incerteza estipula que não se podem definir, ao mesmo tempo, a situação e a velocidade de uma partícula. Para nós, isso significa que não podemos nunca definir ao mesmo tempo uma coisa – a vida, por exemplo – e seu preço. Não podemos apreender ao mesmo tempo o real e seu signo: jamais poderemos dominar simultaneamente a ambos. (BAUDRILLARD, 2001, p.74)

A incerteza do universo virtual não se refere àquela incerteza da ciência moderna, ligada aos atrasos e a estruturas mentais consideradas pouco sofisticadas; tampouco a ordem binária, composta do registro positivo (1) e do registro neutro (0), pode ir além da realidade. Em outras palavras, a clonagem de um corpo poderia ser possível: sua replicação em termos de formas artificiais, por exemplo. O esquema corporal, entretanto, trata-se de algo que não pode ser replicado e revertido indefinidamente. O limite é o de representação simbólica que se inscreve nos

¹⁰ Tradução com música para o português-brasileiro contemporâneo: Oh, sim, ei, mmm, Não há graça, não há favor lá para mim... Você me enterra quando eu for? Você me ensina enquanto estou aqui? Só enquanto eu pertenceço... então é hora de Eu desaparecer! A intencionalidade de imagem parece diferir do espelho distorcido da cultura do medo. Entretanto, a advertência sugerida para imagens de destruição, medo, catástrofes explosivas e furacões naturais parece verdadeira do ponto de vista dos produtores. Atualização em videoclipe disponível em: www.youtube.com/watch?v=nYSDC3cHoZs e com os efeitos especiais revelados no roteiro para a televisão em: www.youtube.com/watch?v=3jW1jHsW3bM&t=19s. Acesso em janeiro/2016.

interstícios entre o bem e o mal, entre a vida e a morte. A explosão e a queda acabam penetrando o traumático: aquilo que não tem fim ou finalidade, que está além das capacidades de elaboração do sujeito.

No caso do exemplo ilustrado pelo videoclipe musical, a expressão corporal e a atuação dos vários membros da banda apontam para a dialética entre um corpo em queda livre e o indivíduo ameaçado pelo poder superior da natureza. O ritmo repetitivo, nesse caso, sugere a distorção como norma: refrão e música como o limiar do que pode ser representado pela percepção acerca do que não se pode mais representar: o título da música seria, nesse sentido, uma resolução, uma finalidade da mensagem: “então essa é hora que eu desapareço (*I disappear*)! A musicalidade sugerida pelos produtores e aprovada pela banda nos bastidores, entretanto, parecem ter um propósito educativo para as novas gerações, podendo servir como uma forma de memória que alude ao começo do século naquele país. Outros trabalhos da banda, dos compositores e produtores que participaram destas imagens sugerem também o ativismo político contra a pena de morte¹¹ sustentada pelo Estado beligerante e armado com bombas nucleares.

No Brasil, já na última década do século XX, algumas músicas também denunciaram a ideologia da guerra, no âmbito internacional, como propagadora do medo na cultura nacional: “Mais uma guerra sem razão e já são tantas as crianças com armas na mão, mas explicam novamente que a guerra gera emprego, aumenta a produção. Uma guerra sempre avança a tecnologia, mesmo sendo guerra santa, quente, morna ou fria... Pra que exportar comida, se as armas dão mais lucro na exportação?”¹²

Nos últimos anos, as músicas que denunciavam a desigualdade social e o autoritarismo nos grandes centros urbanos tornaram-se também modos de expressão para grupos adolescentes, permitindo a utilização da criatividade para finalidades

¹¹ A música de trabalho que confere um título ao álbum *St. Anger*, disponível em: www.youtube.com/watch?v=6ajl1ABdD8A sugere a repetição da dúvida em relação ao sistema carceragem e ao próprio absurdo de um Estado dito democrático ceder a métodos brutais de restringir e conduzir processos jurídicos.

¹² Música: O senhor da guerra, banda: Legião Urbana, álbum: Música para acampamento, 1992.

políticas. As alterações das políticas públicas destinadas a garantir os direitos sociais conforme previsto na CRFB-1988, entretanto, têm aprofundado o impacto da crise econômica e os números relacionados ao desemprego. Podemos afirmar que um dos maiores desafios da sociedade do conhecimento é, ainda, incluir grande parte da população no mercado de trabalho como produtora de novos conhecimentos que reconhecem o pacto social para continuidade da vida.

Como vimos, a propagação de um imaginário de medo e a repressão política tendem a dificultar o reconhecimento do sujeito em relação ao papel que desempenha na sociedade. O encarceramento do sujeito em suas próprias fantasias de destruição não deixa margem para o investimento amoroso em seu próprio corpo e a tendência é uma organização fóbica dos objetos internos que projeta nos objetos externos essas fantasias de forma repetitiva até a satisfação dos impulsos destrutivos. Teremos a possibilidade do masoquismo e de atuações violentas na tentativa de exercer um papel ativo sobre os objetos externos, ainda que sob a forma de atuações que causam dor ao próprio corpo ou controlam, pela ameaça e pela violência, as ações dos objetos externos.

Uma outra possibilidade, quando pensamos nos adolescentes, é a de um sentimento de desvalia que se traduz pela vergonha e pelo sensação de incapacidade de aprender novos conteúdos. A negação da própria história, a recusa de mediações que buscam inseri-lo em uma ordem simbólica e a alternância repetitiva de um ciclo de comportamentos agressivos e subservientes em relação aos pais e educadores podem ser um sinal de que traumas infantis vieram a ser fortalecidos a partir do crescimento corporal e das transformações da puberdade. A angústia de crescer e transformar-se visivelmente é vista como uma passividade intolerável diante do olhar dos adultos. As organizações depressivas de menor intensidade tendem a instaurar defesas narcísicas pelo tédio e pelo sentimento de decepção que podem preparar os adolescentes para relações sexuais futuras. Por outro lado, a procura de novos objetos substitutivos por influência de outras pessoas parece uma saída para aqueles sujeitos que tentam negar a sua condição de dependência sem, contudo, estarem preparados para vivenciar a intimidade com investimento pulsional. A dificuldade em falar sobre as próprias falhas e limites justifica-se por constrangimentos diante dos adultos e a evitação de vivenciar sua intimidade pode adquirir o caráter de exposições repetidas a

riscos na busca de encontrar os objetos idealizados e, simultaneamente, temidos da primeira infância.

Segundo Jeammet e Corcos (2005, p.86), o antagonismo entre o Eu e os objetos externos na adolescência desequilibra o investimento narcísico de modo que “uma intolerância à relação objetal” leva a “uma luta ativa contra o objeto”, ainda que o Eu seja levado a extinguir-se com o objeto, no caso da psicose, por exemplo.

As possibilidades de organização psíquica aqui apresentadas referem-se a formas de organizações temporárias diante de uma realidade percebida como traumática. Longe de privilegiarmos os efeitos desnorteadores que a cultura do medo têm sobre adolescentes e jovens, buscamos criticar esses efeitos, alertando para a importância da organização do mundo interno nessa fase para que as representações do Eu possam distinguir impulsos do Id e as modificações introduzidas no aparelho psíquico pelas novas determinações do Ideal de Eu que costumam convocar o adolescente ao estabelecimento de uma identidade que possibilita a continuação do desenvolvimento de forma a reorganizar suas relações com os pais e com outras pessoas (FREUD, 1923/2011).

IV. CAPÍTULO 3: ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE: A GERAÇÃO Z E IMPLICAÇÕES SUBJETIVAS DO SEU VIVER EM SOCIEDADE

3.1. Entre Pais e Filhos: A Geração Y e a Geração Z a partir de uma perspectiva psicossocial

O conceito de geração pode ser interpretado como uma forma de categorização. Entre os integrantes de uma mesma geração são encontradas diferenças individuais significativas. Em relação aos pais jovens, chamados Geração Y (BAUMAN, 1998), a sociologia nos fala de um contexto em que as experiências são muitas, mas o vínculo e o tempo para ficar com a família é escasso.

A geração Y vivenciou no final do século XX o desaparecimento dos postos de emprego ao mesmo tempo em que o trabalho era cada vez mais visto como um lugar a ser alcançado pelo indivíduo competente, à medida que este desenvolvesse habilidades compatíveis com o merecimento, sem garantias ou direitos a serem acumulados a partir da experiência ou tempo de serviços prestados. Do mesmo modo, incentivou a representação do trabalhador como uma mercadoria a ser ofertada e vendida a curto prazo por um preço combinado e, assim, sujeito a renegociações sucessivas. De acordo com Lasch (1983), a separação do ambiente familiar possibilitada pela indústria levou a um declínio da capacidade de transmitir aos filhos as experiências do trabalho, já no século XVIII. Entretanto, enquanto a indústria cultural continuava a subornar os adolescentes com o fascínio de um hedonismo centrado no consumo e em imagens relacionadas à fama e à boa vida das celebridades no final do século XX, a abdicação dos pais em ocupar o papel principal no cuidado e orientação de seus filhos era realizada com o apoio de agências extrafamiliares financiadas por lobistas e mesmo por representantes do governo.

Neste século, o incentivo ao cultivo de competências múltiplas modificou o discurso publicitário em favor da tecnificação do trabalho e dos estudos. A substituição dos mediadores do conhecimento foi realizada por meio de discursos prontos que favoreceram o autodidatismo enquanto dificultaram ainda mais o reconhecimento da importância dos vínculos afetivos na família. Em busca da simplificação das tarefas

diárias, os artefatos domésticos puderam ser controlados à distância e a mobilidade dos membros da família pôde ser facilitada. Entretanto, na maior parte das famílias, o vínculo entre pais e filhos parece não ter se beneficiado dessas tecnologias. A maioria dos pais continuam alheios ao que ocorre na escola, no trabalho ou no lazer dos adolescentes. Muitas vezes, forçam a manutenção de vínculos de amizades que influenciam comportamentos destrutivos e não conhecem os amigos e os parceiros amorosos por dificuldade de exercer a autoridade necessária nessa fase.

A desautorização das figuras paternas torna-se, assim, a manutenção de uma defesa narcísica contra a aprendizagem mediada: defesa dos pais que se prolonga na indiferença, nos comportamentos violentos e na exposição do corpo em rituais de celebração de uma sexualidade virtualizada por seus filhos. O reconhecimento das próprias possibilidades de investimento pulsional sexual em um objeto externo, nessa fase, demanda a organização dos conflitos com os objetos internos e com o desenvolvimento do próprio corpo. Quando o adolescente não é ainda capaz de diferenciar-se suficientemente da idealização projetada no corpo materno e paterno, ele tende a buscar denegrir ou afastar-se dos ambientes que permitem a expressão da sexualidade de uma forma sublimada. O reforço dessa defesa narcísica, entretanto, prolonga o sentimento de inadequação e a recusa em espaços reservados para desenvolver o conhecimento acerca dos próprios limites do funcionamento corporal.

Em minha pesquisa de mestrado, analisei o mito de Narciso como representante da condição de determinados indivíduos na sociedade contemporânea (NASCIMENTO, 2011). O personagem mitológico é visto como alguém incapaz de identificar-se com quem quer que fosse, que insiste na recusa de oferecer a si mesmo como objeto estruturante do eu de outras pessoas que o amaram, e que preferiu mesmo a morte à possibilidade de troca amorosa. Narciso encontrou seu objeto de amor em uma imagem que acabou por conduzi-lo à morte por falta da ação de instintos de autopreservação: a cessação da fome, da sede e do contato com outras pessoas foram os resultados de seu entorpecimento.

A busca de objetos que sejam submissos à influência e permaneçam disponíveis para o contato corporal com investimento pulsional mínimo parecem resolver, temporariamente, os sentimentos de angústias relacionados à negação de

estabelecer vínculos. A utilização de objetos materiais como sucedâneo das relações objetais nas toxicomanias e no alcoolismo, assim como nos transtornos alimentares pode ser vista como uma organização perversa em que o objeto influenciado “não é mais reconhecível em sua diferença e em sua complementaridade, mas investido em seu único papel funcional e de utilidade para o equilíbrio psíquico” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p.91). A dimensão pulsional do outro não é reconhecida e, assim, o sujeito evita colocar-se em uma relação vincular pelo controle de um objeto disponível, como o álcool, a droga ou o alimento, evitando confrontar-se com a própria dependência em relação a outros seres humanos. A denominação de organização perversa é para enfatizar, segundo os autores, o caráter temporário que essa forma de relação adquire na adolescência. Por outro lado, adultos que utilizem o corpo do outro de forma semelhante, ou seja, como um objeto inanimado, tendem a anular a dimensão da alteridade e, nesse sentido, temos mais elementos para configurar esse tipo de funcionamento psíquico como perversão propriamente dita.

Por outro lado, os incrementos ao cinismo e a astúcia do consumidor não devem ser desprezados em nossa análise da dependência da virtualidade. As imagens de corpos desidênticos e mortificados na publicidade dos anos 90 foi analisada por Safatle (2009, p.88) como uma “mutação na retórica contemporânea do consumo” decorrente de “um lento processo de reconfiguração das representações sociais midiáticas vinculadas ao corpo e à sexualidade”. Essa mudança gerou, segundo a análise do autor, a mercantilização da recusa à publicidade em que o posicionamento bipolar da marca faz com que os sujeitos sejam cada vez mais “chamados a sustentar identificações irônicas, ou seja, identificações nas quais, a todo momento, o sujeito afirma sua distância em relação àquilo que ele está representando ou ainda, em relação às suas próprias ações” (SAFATLE, 2009, p. 107). Parece ser em função disso que identidades flexíveis e não pautadas no vínculo com o outro tenham sido cada vez mais apresentadas como uma forma transitória de posicionar-se diante do mundo. A própria insatisfação torna-se administrada na sucessão de imagens em que a negação da identidade por meio da mercadoria é a única forma do sujeito reafirmar uma identidade própria, diferente, portanto do “corpo fornecido pela indústria cultural” como “matéria plástica, espaço de afirmação da multiplicidade” (SAFATLE, 2009, p. 93).

Do ponto de vista do Eu, que está profundamente vinculado a uma imagem do próprio corpo e às sensações localizadas e às percepções, faz-se necessário um sentimento de organização das imagens capaz de operar uma síntese, um esquema corporal que permita a diferenciação entre a identidade própria e o corpo externo, pertencente ao outro. É justamente essa organização que garante a possibilidade de continuidade do próprio desenvolvimento corporal. A representação do negativo, do corpo doente, da estética de negação das funções organizadoras do Eu vem a constituir-se como um dispositivo disciplinar para administrar a insatisfação por meio da clivagem da consciência; a crença e a descrença vem a conjugar-se na ironia em relação a uma forma cínica de fortalecer a conformação a uma realidade tida como ameaçadora e paralisante. Os jogos virtuais destinados aos adolescentes constituem uma maneira imersiva de adentrar uma “realidade de desterritorialização” em que a mesma ironia em relação à experiência corporal é possibilitada. Nesse caso, a dupla condição de “estar” e “não estar” é possibilitada pela reação à realidade virtual (RV), sendo mais visível ao observador do que ao próprio sujeito que empreende as ações e experimenta de forma imediata os resultados das mesmas. O vício nessa imersão sugere a criação de um duplo da identidade em que o sujeito sustenta uma imagem de si pelas conquistas transitórias e restritas à realidade virtual (RV), enquanto os relacionamentos com outras pessoas no trabalho, na família e em outros espaços mais amplos, são percebidos como entediantes e insatisfatórios.

Safatle (2008, p. 97) analisa a “a presença de uma profusão de representações de uma tecnologia orgânica e mista que se adapta ao corpo potencializando suas transformações” como “vinculadas ao aparecimento de certo corpo protético, corpo reconfigurado por próteses ou (o que seria o contrário), ciborgues vitalizados pela presença de algo corporal” como uma ideologia de reconciliação entre o orgânico e o tecnológico, característica do último estágio do capitalismo, aquele que alguns ainda interpretam como o fim do capitalismo tardio e da indústria cultural, conforme analisado por Adorno e Horkheimer (1944-1947/2006). Entretanto, os conglomerados que permitem convergir as finalidades de produção de tecnologias, de entretenimento e de informação tornaram-se cada vez mais controladores da comunicação global e, ao invés de fazerem desaparecer o caráter oligopolista, denunciado por Adorno e Horkheimer (1944-1947/2006) ao analisarem a indústria cultural, apenas aprofundaram esse controle sobre a produção simbólica global. Como exemplo, basta

lembrar que “já no início dos anos 90, quatro grandes grupos de mídia controlavam cerca de 92% da circulação de jornais diários” além de “89% da circulação dos jornais de domingo na Inglaterra” (SAFATLE, 2009, p. 89).

O poder sobre a consciência parece expandir-se ao incorporarem às imagens da indústria multimidiática aspectos que suscitam o enfraquecimento do Eu enquanto reforçam representações de um Ideal do Eu incapaz de recorrer aos mecanismos de censura interna para defender seu próprio pensamento e autopreservação. Neste sentido, a atualidade da observação sobre a irracional adaptação do indivíduo torna-se evidente:

Desde que o pensamento se tornou um simples setor da divisão do trabalho, os planos dos chefes e especialistas competentes tornaram supérfluos os indivíduos que planejam sua própria felicidade. A irracionalidade da adaptação dócil e aplicada à realidade torna-se, para o indivíduo, mais racional que a razão. Se, outrora, os burgueses introjetavam a coação em si mesmos e nos trabalhadores como um dever da consciência, agora o homem inteiro tornou-se o sujeito-objeto da repressão. (ADORNO; HORKHEIMER, 1944-47/2006, p.168)

O sentimento de fragilidade do Eu, comum na idade que compreende o período da adolescência tende, assim, a ser prolongado pelo sentimento de insatisfação generalizado na cultura de massas. Desse modo, o sentimento de incapacidade dos pais de orientar os filhos dessa idade facilita os movimentos de afastamento e de negação das diferenças que, por sua vez, reforça comportamentos contrários ao estabelecimento de vínculos com a alteridade.

A relação entre a *Geração Y* e a *Geração Z* é profundamente marcada, portanto, por mudanças nos costumes e tradições que, a despeito de negarem o conflito intergeracional, aprofundam as angústias ligadas aos sentimentos de ambivalência, dependência e passividade do adolescente. A expectativa de uma relação idealizada e perfeita, caracterizada “por uma busca de cumplicidade que exclui o jogo da autoridade paterna, escamoteia os interditos e visa o apagamento de qualquer conflito” (EMMANNUELLI, 2008, p. 31) dificultam a internalização dos valores educacionais

e culturais que permitem ao Eu projetar-se no futuro, diferenciando seu próprio desejo dos limites imediatos da realidade externa.

A importância da influência familiar no processo de subjetivação do adolescente está implícita na principal tarefa a ser cumprida nessa fase, a saber, a constituição de uma identidade diferenciada e separada, singular e reconhecida como exclusivamente sua, ou seja, como fruto de seu desejo, a partir do reconhecimento dos enunciados identificatórios oferecidos pelos pais.

As mudanças contemporâneas nas configurações familiares, assim como o advento de tempos líquidos (BAUMAN, 2004), caracterizados pela fragilização dos vínculos humanos e pelo declínio dos referenciais de autoridade, vêm a dificultar o desempenho do papel materno e paterno na educação de seus filhos. A demanda por liberdade muitas vezes é confundida com abandono e com a negligência em relação às necessidades de orientação e amparo que são características dessa fase.

Por parte de muitos pais há uma indisponibilidade de tempo e também emocional para acompanharem o desenvolvimento de seus filhos. As pressões de um mercado de trabalho competitivo com exigências que consomem cada vez mais o investimento de tempo e esforços das pessoas parece deixar pouca margem para a formação e o cuidado dos filhos e da família.

Por outro lado, há aqueles pais que, na esperança de resgate de seu próprio narcisismo nocauteado, fazem um superinvestimento narcísico nos filhos, submetendo-se a fazer tudo o que lhes é solicitado e mantendo-se, assim, desautorizados enquanto pais, criando, portanto, uma falsa simetria com seus filhos, a qual não permite a diferenciação necessária ao cuidado e à educação dos mesmos.

De acordo com Birman (2008, p.99) algumas figuras parentais passaram a buscar a experimentação do prazer e a realização de projetos existenciais por meio de um “estilo adolescente de existência” que se disseminou no espaço social contemporâneo. A consequência disso foi a fragilização da autoridade simbólica das figuras parentais e uma transformação radical na economia simbólica da família. O autor exemplifica:

Passou a ser não apenas comum, mas também aceitável que pais e filhos pudessem usar drogas juntos (...) tomarem porres juntos e desabafarem as suas mágoas, ressentimentos e angústias. Da mesma forma, confidências sobre as vidas amorosas de cada um passaram também a ser trocadas, como se se tratasse de figuras quase iguais e **como se a hierarquia simbólica e assimetria geracional deixasse de existir**. (BIRMAN, 1999, p. 99, grifos nossos)

A negação das figuras paternas em assumirem o lugar de autoridade que lhes caberia na educação de seus filhos parece ser um fenômeno frequente. Zanetti e Gomes (2011) apontam os sentimentos de culpa, de dúvida e de insegurança de muitos pais no exercício de suas funções como sendo os principais sintomas da fragilização das funções parentais que observamos na contemporaneidade. Alguns pais ainda tentam ouvir a orientação de profissionais que atendem seus filhos. A ética profissional em relação aos adolescentes refere-se a preservar aquelas orientações fundamentais para o desenvolvimento deles. Esse trabalho pode ser dificultado quando os pais insistem em ultrapassar limites para sustentar um estilo de vida baseado na aparência de tranquilidade e normalidade, dizendo-se também jovens e apenas amigos, recusando-se a exercer uma autoridade que é necessária. A figura de autoridade, nesse caso, mesmo tendo sinais claros de sofrimento a partir de manifestações do filho ou filha, ignora apelos por cuidado e carinho em relação a questões que, para eles, são urgentes.

Assim, podemos dizer que o resultado dessa fragilização das funções parentais é a falta do estabelecimento de limites e de orientação aos mais jovens, o que permite caracterizar a *Geração Z* também como a geração do ilimitado, marcada por acentuados traços narcísicos.

3.2. Dos descaminhos do processo de subjetivação na “sociedade adolescente”: implicações no processo de subjetivação da *Geração Z*

Muitos autores que falam de adolescência na contemporaneidade, observam dificuldades na relação familiar dos adolescentes. O estabelecimento do Supereu (FREUD, 1923/2011) parece ser dificultado quando o Eu não encontra representações coerentes e carregadas de investimento dos objetos externos (pais, professores, amigos) que possam permanecer para assegurar um desenvolvimento pautado na relação de confiança.

Em relação aos processos de crescimento e maturação do corpo próprios da puberdade algumas observações não necessárias para os propósitos dessa pesquisa. A aproximação de significados divergentes quanto à “adolescência” é compreensível, tendo em vista os processos de construção da linguagem que são modificados no decorrer da História. No entanto, é preciso considerar que os processos de apropriação simbólica relativos ao estabelecimento de um projeto de vida – o que, em termos freudianos, poderíamos denominar como estabelecimento de um Ideal de Eu (FREUD, 1923) – ocorrem também nessa fase. Portanto, para a constituição deste projeto, a inserção histórica e cultural do indivíduo foi considerada.

Quando a própria adolescência passa a ser vista como um ideal amplamente difundido (MATHEUS, 2000; CALLIGARIS, 2000), a Psicanálise tem diante de si desafios teóricos e clínicos bastante relevantes para a compreensão dos agrupamentos adolescentes que se formam (ou se deformam) no contexto de uma sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 1995) em que o caráter autoritário da violência simbólica perpetrada pela Indústria Cultural (ADORNO & HORKEIMER, 1944/1970) se atualiza em estruturas do simulacro midiático, geralmente apoiado nas figuras dos “especialistas” em vários assuntos e temáticas (CHAUÍ, 2006).

De acordo com Kehl (2016, p. 24), “A ética da psicanálise exige que o analista saiba que “homem”, “mulher” e “sujeito” são construções datadas, contingentes; portanto, torna-se necessário aprofundar essa questão tecendo um diálogo conceitual. A distinção entre os dois sexos ganha ainda mais significado na fase da adolescência. A compreensão em relação ao que é esperado que ocorra com seu corpo tende a facilitar a constituição de uma identidade que inclua as compreensões acerca da transformação de seu papel social. A cultura, quando cumpre a função de distinguir os limites eu-outro para o sujeito, contribui com esse processo de constituição da identidade.

Parece ser verdadeiro também que a noção do que seja um “adolescente”, assim como a definição da chamada *Geração Z*, sejam inteiramente dependentes do contexto histórico e do tipo de sociedade que considera o indivíduo em desenvolvimento. A pesquisa teórica realizada na busca da definição do termo ‘*Geração Z*’ permitiu

compreender que este surgiu de forma aleatória e não propriamente no meio científico. Entretanto, pudemos também perceber que as pesquisas científicas que utilizam essa denominação têm aumentado a cada ano. Podemos apontar, a princípio, esses termos como sinônimos, fazendo a ressalva de que a adolescência possui em nosso país uma legislação destinada a ela, ao passo que o termo *Geração Z* refere-se mais a um conjunto de características – mais ou menos homogêneas – atribuídas aos adolescentes pelos autores e pesquisadores que utilizam o termo. Em relação a essa homogeneidade, discutiremos algumas destas características no capítulo 4. Entretanto, o destaque para uma característica específica – como, por exemplo, a sexualidade fluida ou a dependência virtual – são escolhas dos teóricos que as discutem a partir de perspectivas diferenciadas. Desse modo, faz sentido partir de uma definição mais geral de *Geração Z*, para equipará-la à fase da adolescência: indivíduos nascidos a partir de 1995, que estudam ou trabalham.

Para Calligaris (2000), a adolescência passa a ser considerada um ideal moderno a partir da segunda metade do século XX. Desse modo, parece fazer sentido compreendê-la como uma espécie de espelho que refletiria, de modo ambivalente, “a condição pós-moderna” definida por Chauí (2006, p.30), como “a existência social e cultural sob a economia neoliberal”. No entanto, como discutimos em outro trabalho, a chamada “condição pós-moderna” sugere alguns impasses terminológicos e epistemológicos difíceis de serem verificados dialeticamente¹³. Acerca das implicações éticas da clínica psicanalítica há reflexões diversas, inclusive algumas que apontam para a especificidade do método psicanalítico como estudo das formas inconscientes presentes nas diversas formas societárias e políticas que interferem na subjetividade.

A esse respeito, o esclarecimento de Rosa (2004, p. 340) acerca do inconsciente como objeto de estudo específico, porém não restrito à clínica freudiana no início da prática psicanalítica, é esclarecedor: “o inconsciente freudiano é incompatível com a ilusão do individual, da autonomia e da independência no homem, uma vez que afirma a dependência simbólica do desejo do Outro”. A constituição do sujeito por meio do

¹³ A respeito da discussão terminológica acerca do termo “pós-modernidade” ver: A contemporaneidade e alguns de seus vários nomes: pós-modernidade, modernidade líquida e hipermodernidade em CANIATO; NASCIMENTO, 2016.

processo edípico é vista pela autora como um desenvolvimento da Psicanálise freudiana, a partir de um método relacional de escuta das fantasias e dos sintomas por meio da transferência. Em direção à abordagem dos sintomas, a partir dos quais a psicanálise contemporânea pode incluir conclusões de outros campos sem perder a especificidade de seu método de transferência e de escuta diferenciada, a autora complementa que “na análise do sintoma deve-se escutar o não-dito do discurso dos sujeitos, cabe acrescentar a força de determinação dos não-ditos dos enunciados sociais” (idem).

Na contemporaneidade, a noção de ‘morte do sujeito do pensamento’ e de ‘sociedade adolescente’ (FINKIELRAUT, 1988) nos oferece metáforas interessantes para entender processos culturais em uma cultura considerada essencialmente multimidiática (CHAUÍ, 2006), porém, tendo em vista a questão do mal-estar dos processos de subjetivação em uma atualidade inédita (LEBRUN, 2010), o psicanalista precisa se situar diante dessa condição paradoxal do adolescente contemporâneo para oferecer uma escuta pautada na “dimensão da alteridade” (CANIATO, 2009).

No que se refere ao âmbito dos processos culturais, a questão da violência simbólica, e da racionalidade técnica de apropriação dos meios de produção e distribuição de bens culturais já era apresentada por Adorno e Horkheimer em meados da década de 1940:

Cada civilização de massas em um sistema de economia concentrado é idêntica (...) na realidade é neste círculo de manipulação e necessidade onde a unidade do sistema se afiança cada vez mais. Mas não se diz que o ambiente em que a técnica conquista tanto poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade mesma. A racionalidade técnica é hoje a racionalidade do domínio mesmo. É o caráter forçado da sociedade alienada de si mesma. (ADORNO & HORKHEIMER, 1944/1970, p.147, tradução nossa)

A cultura de massas é um problema também abordado por Freud (1921/2011) ao analisar a identificação do indivíduo sob a influência de duas massas artificiais: a Igreja e o Exército. Segundo o que explica o autor, na condição de estar inserido em uma massa, o indivíduo poderia perder-se de sua própria condição no jogo projetivo-introjetivo pelo qual se identifica com um objeto idealizado e, por vezes, tirânico, do ponto de vista da identidade do sujeito e de seu processo de subjetivação diante da

cultura – que possibilita o registro da alteridade. Estamos nos referindo a uma idealização de um objeto que ao invés de proporcionar a possibilidade de prazer, interdita de uma forma enigmática a própria consciência corporal de si e do outro.

Mas antes de introduzirmos essa questão, convém ressaltar o caráter diferenciado dessa identificação, recordando que a indústria cultural educa as pessoas para o desamparo, de modo que “sua missão específica é desacostuma-las da subjetividade” (ADORNO & HORKHEIMER, 1944-47/2006, p. 119). A noção de subjetividade em Adorno e Horkheimer nos remete à possibilidade de reconhecimento da própria identidade, da experiência de singularidade, de expressão do desejo e do pensamento crítico. Portanto, implica o reconhecimento do próprio desamparo e o combate à ilusão narcísica de que os outros e o mundo correspondem ou devem necessariamente atender aos nossos desejos. O indivíduo desacostumado à subjetividade é aquele que, fragilizado pelo empobrecimento de seus vínculos com o outro, encontra na proposta de consumo da indústria cultural um modo de tentar preencher seu vazio interior:

A confusão que se promove, entre objetos de consumo e objetos de desejo, desarticula, de certa forma, a relação dos sujeitos com a dimensão simbólica do desejo, e lança a todos no registro de satisfação das necessidades, que é real. O que se perde é a singularidade das produções subjetivas, como tentativas de simbolização. (KEHL, 2004, p. 51)

De acordo com Hornstein (2006, p.59), “o Eu surge como um efeito. Nasce na passagem de um estado de passividade a um estado de atividade e independência e vai sendo capaz de representar-se como separado e diferenciado do mundo” (tradução nossa). Na adolescência, ocorre um importante remanejamento psíquico dos objetos internos que permitem a reestruturação egóica para o estabelecimento da identidade do sujeito. Por esse motivo os conflitos entre demandas narcísicas e demandas por relações objetais encontram-se em um grau paroxístico nessa fase. Esse estado subjetivo facilita a adesão mimética e mesmo comportamentos de imitação em grupos que tomam um ideal totalitário como elemento de aglutinação de seus membros. Do mesmo modo, a idealização de certas personalidades ou mesmo de propostas autoritárias tendem a ganhar adesão dos sujeitos nessa fase, devido à fragilidade psíquica que vivenciam, caracterizada por confusões identitárias, sentimentos

ambivalentes, incertezas quanto ao futuro e por inúmeras dúvidas em relação aos ensinamentos educacionais transmitidos pela família e por figuras que até então eram reconhecidas como autoridades. O sujeito adolescente vivencia, muitas vezes de modo ansioso e desorientador, as mudanças corporais e psicológicas que o colocam diante do desafio de constituir e expressar ao mundo externo sua própria identidade.

Nesse sentido, parece-nos particularmente esclarecedora a diferenciação feita por Rouanet (2010) acerca da identificação e projeção como instrumentos de individuação – denominadas pelo autor como verdadeira identificação e projeção – ou como mecanismos psíquicos deturpados pela totalidade social (falsa identificação e falsa projeção) que tendem a aniquilar a força do sujeito enquanto membro capaz de refletir e apropriar-se de uma formação cultural mais condizente com o desempenho de seu papel na construção da cultura:

A projeção e a identificação são correlativas. Na verdadeira identificação, o sujeito imita o modelo para melhor individualizar-se, do mesmo modo que, na verdadeira projeção, o sujeito se inscreve na realidade objetiva de modo que ela deixe de ser mera exterioridade. Na falsa identificação, pelo contrário o sujeito se extingue no objeto imitado e na falsa projeção, o que o sujeito inscreve no real é a sua própria nulidade. Tanto a falsa identificação quanto a falsa projeção derivam do mesmo fenômeno, **o confisco da psicologia individual pelo todo**. Subordinado ao sistema social, o aparelho psíquico não tem mais forças nem para orientar as identificações do sujeito de modo a preservar sua autonomia, nem para realizar o trabalho de reflexão exigido pela projeção normal. (ROUANET, 2010, p.14-15, grifos nossos)

O estabelecimento do Ideal de Eu fornece meios de entendermos essa ‘perda de si’, na identificação com o objeto de investimento libidinal, pois esse, segundo Freud (1923/1996), referir-se-ia a características dos próprios processos inconscientes – ou seja, a dinâmica das representações primitivas que estão ligadas à história do sujeito. É pertinente conjecturar que devido a defesas de caráter narcísico que ocorrem na adolescência, a relação com os pais na infância vem a suscitar fantasias fantasmáticas que resistem a obter representação na consciência, o que dificulta ainda mais o diálogo com a família e o trabalho clínico com esses sujeitos.

Faz-se necessário lembrarmos o papel atribuído por Freud (1923/2011) à identificação na construção da identidade e do aparelho psíquico. De acordo com

Freud (1921, p.60) “A psicanálise conhece que a identificação se refere à mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa”. No caso do sexo masculino, o autor descreve a pré-história do Complexo de Édipo como um interesse diferenciado do menino pelo pai. Esse interesse, entretanto, diferencia-se de uma atitude de passividade. Nesse momento do desenvolvimento, o investimento amoroso com finalidade sexual ainda não teria lugar. O pai é, portanto, tomado pela criança como um modelo a ser seguido e, não havendo a sexualização das representações de objeto, haveria, concomitantemente, duas ligações psicologicamente diferenciadas e que coexistem: “com a mãe, um investimento objetal direto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo” (FREUD, 1921, p.61).

Desse modo, as representações afetivas do vínculo com a família podem tornar-se a base para o registro da alteridade genital, pois “com a puberdade se introduzem novas fortes tendências à satisfação das metas sexuais diretas” e, no decorrer do desenvolvimento, a “cooperação entre instintos não inibidos e instintos inibidos em sua meta” constituem-se como a argamassa libidinal que une as representações necessárias para o adolescente obter “um determinado grau de síntese entre o amor não sensual, celestial, e aquele sensual, terrestre” (FREUD, 1921/2011, p.70-71) em sua relação com o objeto de sua libido.

Por outro lado, a idealização do objeto sensual pode ser um sintoma da incapacidade do sujeito de diferenciar-se do outro corpo, que investe com representações fantasiosas de ternura e instintos inibidos em sua meta:

A intensidade do enamoramento, em contraste ao puro desejo sensual, pode ser medida segundo a contribuição dos instintos de ternura inibidos em sua meta. É no quadro desse enamoramento que desde o início nos saltou à vista o fenômeno da superestimação sexual, o fato de o objeto amado gozar de uma certa isenção de crítica, de todos os seus atributos serem mais valorizados do que os de pessoas não amadas, ou que numa época em que ele mesmo não era amado. Havendo **repressão** ou **recuo mais ou menos efetivo das tendências sensuais**, produz-se a **ilusão de que o objeto é também amado sensualmente em virtude de seus méritos espirituais**, quando, pelo contrário, apenas a satisfação sensual lhe pode ter emprestado esses méritos. (FREUD, 1923/2011, p.71, grifos nossos)

A ilusão de que nos fala Freud (1923/2011) opera uma indistinção entre o registro pulsional do Eu (representações da identidade do sujeito) e o registro do outro enquanto desejo de alteridade diferenciada. O papel que a violência externa representa na intensificação dessa suspensão simbólica nos dias atuais, nos conduz a buscar entender os impactos que as violências objetiva e subjetiva produzem no processo de formação cultural do sujeito em desenvolvimento.

No livro do filósofo e psicanalista Slavoj Žižek (2014), a questão do conhecimento científico é abordada de uma maneira inventiva e criativa para que possamos refletir acerca da violência contemporânea. O autor nos fala de violência objetiva, violência subjetiva e também de desvios de linguagem que acabam tornando-se argumentos da própria cultura de massas.

Nesse ponto, seria ingênuo e leviano supor que a mera condição de espectador dos programas de auditório – e mesmo da programação completa da televisão aberta em um final de semana inteiro – pudesse ser chamado de apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade. Assim, ao nos referimos a tal apropriação pelos indivíduos jovens, parece fazer-se necessário reconhecer a perplexidade e a atomização dos indivíduos por meio de uma perspectiva sociológica, a qual, como mencionamos anteriormente, Finkielraut (2009) denominou “desorientação da história”.

Mesmo os estudiosos das civilizações que construíram verdadeiros impérios econômicos nos séculos anteriores (principalmente no período entre o século XIV e XX), são levados a reconhecer, na atualidade, sua cultura como plural e, ao mesmo tempo, impotente para lidar com os problemas deixados pelo longo processo de exploração da natureza e de esgotamento de recursos naturais que caracterizou o recente desenvolvimento da economia capitalista voltada ao consumismo:

As realidades que tínhamos por naturais são constituídas em objetos históricos, mas sobretudo a própria cronologia é liberta de toda perspectiva de progresso (...) Enquanto alguns [historiadores] se recusam a fazer uma hierarquia entre as diversas formas da vida coletiva, outros atacam a enganosa continuidade do tempo humano. O rei está nu: nós, os europeus da segunda metade do século XX, não somos a civilização, mas uma cultura

particular uma variedade do humano fugidia e perecível. ”
(FINKIELRAUT, 1988, p.142)

Esse reconhecimento de humildade científica não é, entretanto, unívoco, e muito menos uma solução para os problemas mais fundamentais do nosso sistema de produção. Mas a História do conhecimento não termina com a denominada revolução midiática, assim como não terminou com o “triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais” (ADORNO e HORKEIMER, 1944/2006, p. 138). Para melhor nos expressarmos, a barbárie estilizada que conduz a uma identificação forçada às mercadorias culturais deixa suas marcas no desenvolvimento da humanidade, mas, do ponto de vista do psiquismo, resta saber quais marcas são estas e que tipo de efeitos ela pode gerar em um contexto histórico em que, após previsões escatológicas, assistimos o nascer do novo século.

Zizek (2014, p.54) argumenta que a repetição das imagens de terror e do medo das guerras reais de nossa época sendo mostrada diariamente forcem um movimento forçado de indiferença, relacionado ao esquecimento do espectador, ou seja, “um ato suspensivo da eficácia simbólica”, relacionada a um não-querer-saber que só podemos relacionar a uma defesa narcísica diante do horror. Para continuar a viver, diante dos problemas sociais e políticos que se lhe apresentam nessas imagens repetidas, o indivíduo faz da indiferença sua proteção mais “eficaz”, mas essa “negação fetichista” atinge seu próprio domínio simbólico. Para não se responsabilizar diante do problema da fome, por exemplo, uma possível solução seria esquecer o problema, negando-o ou negar o problema, esquecendo-o. Mas, se este é o caso, o que resta para a apropriação cultural de sujeitos em desenvolvimento? Seria nossa cultura capaz de solucionar essa questão e deixar um legado à juventude do século XXI?

A resposta a essa questão ainda apresenta aspectos positivos em algumas manifestações culturais individuais e coletivas de nossos adolescentes. A capacidade de mobilização política da juventude universitária evidenciada no Brasil, em junho de 2013, por exemplo, constituiu-se como resposta a um imobilismo geral de nossas instituições democráticas. A principal função de tais movimentos foi de denúncia e de luta para aprofundar a democracia e buscar o acesso aos direitos sociais que nossas leis

visam garantir. A discussão da redução da maioria penal, por exemplo, trouxe consequências que podemos sentir até nossos dias. Faz-se necessário reconhecer que a repressão dos direitos sociais também ganhou novas faces. Nesse contexto, vários veículos midiáticos “partidários” do discurso do ódio e da violência buscaram sufocar algumas dessas reivindicações disfarçando retrocessos em nome de uma visão progressista baseada na racionalidade técnica na violência e no embuste direcionado aos espectadores e consumidores de seus espetáculos.

Diante de impasses históricos como esses, ambiguidades relativas acerca do que da apropriação cultural na contemporaneidade tendem a surgir. O que pensar acerca da violência simbólica? O enfraquecimento do Eu, ao qual se referem Adorno e Horkheimer, na compreensão de Lastoria (2008, p.72) “impede que cheguemos a uma conclusão diagnóstica pautada na perversão como norma social”, pois a clivagem no Ego operada nos sujeitos pela sua incapacidade de avaliar as situações concretas e proceder diante das mesmas de forma reflexiva instaura uma posição perversa, uma espécie de organização perversa temporária (talvez defensiva) que permite, ainda, perceber a realidade como hostil, mas que os levam, estranhamente, a submeter-se de forma ainda mais contundente ao existente.

A esse respeito, utilizamos a noção de organização temporária de Jeammet e Corcos (2005) para entender o sentido da perversão de adolescentes que, para garantir a sua continuidade, apelam para a utilização do corpo do outro como um substituto do Eu ilimitadamente disponível e, ainda assim, percebido como distinto e controlável, pelo contato físico e o controle exercido por meio das percepções sensoriais imediatas. Analisamos a permissividade de alguns pais que, ainda preocupados mais com o desempenho próprio, tendem a encorajar esse tipo de comportamento para evitar responsabilizar-se pelo cuidado de seus filhos e filhas.

Lastoria (2008) nos permite entender outro aspecto da clivagem operada no Ego quando nos fala da dependência da realidade virtual (RV) como um fascínio pela “concretude imagética” que induz a alterações da percepção e da capacidade de organizar as sensações em um sentido pulsional:

Com a proliferação galopante desses novos textos high-tech, altera-se substancialmente a relação entre percepção do sujeito e a coisa por ele percebida. Isto é, o processo orgânico de abstração que somente pode ocorrer mediante um fundo imagético subjetivo daquilo que fora percebido pelo próprio sujeito, é-lhe subtraído, fazendo com que ele adira, de modo cada vez mais implacável, àquelas imagens externas, cuja resolução tecnológica as impõe como um verdadeiro imperativo condicionador de novos hábitos. (LASTORIA, 2008, p. 77)

Em outras palavras, a utilização excessiva dos choques audiovisuais provocaria uma excitação em que a privação de prazer seria sua contrapartida necessária pela ausência da parafernália destinada a promover uma forma de prazer rudimentar. Em casos em que essa excitação passa a ser percebida como necessidade, a dimensão de dependência transmuta o choque audiovisual em uma espécie de substância viciadora. O medo ou mesmo o pavor diante dos espetáculos audiovisuais levariam à repetição de reflexos condicionados que estariam restritos à “dimensão do pré-prazer”.

Em nossa análise, a incapacidade de experimentar o prazer com o outro tem implicações diferentes para os sujeitos adolescentes. De acordo com Chauí (2006, p. 115) a banalidade do mal na era do simulacro traduz-se pela dimensão pública assumida pela violência e por sua repetida fetichização por meio de **imagens** expressas não só em fotografias e vídeos, mas também em palavras, tais como “chacina”, “massacre” e “guerra civil”. Tais palavras são relacionadas, por meio do aparato técnico midiático, à situações diversas, mas que expressam, segundo a autora, sempre a mesma coisa, a saber, “a presença visível e inapelável da violência”. Em outras palavras, a repetição de imagens e palavras violentas trata-se da naturalização do que é do campo da violência e da expressão da impotência das pessoas (governantes e governados, empresários e trabalhadores, adultos e jovens) em lidar com os atos violentos mais comuns na política neoliberal do Estado mínimo; incluem-se nessa “política”, a exploração do trabalho em situações degradantes e cruéis, a corrupção política e a violência do Estado contra os direitos civis, ou seja, trata-se da “dança especulativa “solipsista” do capital, que persegue seu objetivo de rentabilidade numa beatífica indiferença ao modo como tais movimentos afetarão a realidade social” (ZIZEK, 2014, p. 25).

Segundo Chauí (2006), concomitantemente a uma crise econômica mundial em que há altos índices de desemprego, o Estado do bem-estar social declina e passa a dar

mais espaço para o Estado mínimo neoliberal. Nesse contexto, os jovens seriam levados a estudar por mais tempo e a prepararem-se mais para um mercado de trabalho cada vez menos propenso a recebe-los.

Por outro lado, a própria adolescência passa a ser vista como idealizada nessa cultura (MATHEUS, 2000; CALLIGARIS, 2000). Isso significa que ao buscar compreender o adolescente, a Psicologia e, particularmente, a Psicanálise parecem ter diante de si desafios teóricos e clínicos bastante relevantes para a compreensão dos vínculos amorosos que se formam (ou deformam-se, ou seja, desfazem-se em seu aspecto de experiência amorosa) no contexto de uma sociedade de consumidores (BAUMAN, 2004; 2008).

Do ponto de vista da Psicologia, os desafios de compreender a adolescência como um processo em que os projetos de vida poderiam ser estabelecidos, nos levam a refletir acerca dos processos de apropriação simbólica relativos à aprendizagem, ao pensamento (palavras, conceitos) e também à constituição da identidade. Nesse sentido, são ressaltados os desafios que essa ciência encontra diante de si em relação à compreensão (e, por vezes, o atendimento) dos agrupamentos adolescentes que se formam (ou se perdem de seu potencial emancipador) no contexto de uma sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008b). É relevante ressaltar também que o caráter autoritário da violência simbólica perpetrada pela indústria cultural (ADORNO & HORKEIMER, 1944/1970) se atualiza nas estruturas do simulacro midiático contemporâneo (BAUDRILLARD, 1991) e tende a impedir a tomada de consciência política dos indivíduos acerca de sua própria condição de dominação. Nesse sentido, a investigação dos vínculos amorosos e da identidade sexual parece também adquirir um caráter psicopolítico quando pensamos no processo de desenvolvimento enquanto um processo de apropriação dos elementos culturais pelo sujeito no decorrer de sua história de vida que passa, assim, a ser relacionada à história da própria humanidade.

O estabelecimento de uma identidade sexual madura – que também é um desafio a ser cumprido a partir da puberdade – exige diversas modificações de hábitos, comportamentos e compreensões dos sujeitos acerca de si mesmos e do mundo dos objetos de investimento amoroso, sejam estes objetos de caráter total (pessoas reais totais, investidas, do ponto de vista do sujeito, por impulsos ternos e sensuais),

idealizados, outomados como modelos identificatórios pelo qual os adolescentes elaboram seu projeto de vida e constituem seu ideal de Eu (FREUD,1923/2011).

De acordo com Adorno e Horkheimer (1944-1947/2006) a sociedade industrial torna o indivíduo infantilizado quando o discurso dominante faz da ironia e da mutilação dos corpos uma forma recorrente de administrar o mundo de trabalho e os lazeres, apresentando sempre o prazer como uma possibilidade rompida e negando o sofrimento das pessoas até mesmo onde ele é transformado em espetáculo, com recursos audiovisuais. Porém, quando falamos da propagação multimidiática na idealização dos corpos “adolescentes”, estamos nos referindo à banalização da sexualidade adolescente que atravessa instituições familiares, escolares e mesmo governamentais em um discurso de permissividade que parece não beneficiar a proteção dos sujeitos em desenvolvimento.

O discurso da “sociedade adolescente” (FINKIELKRAUT, 1988) enfatiza a liberdade dos adolescentes para estabelecerem seu espaço por meio de prazeres fugazes e vazios que prometem recomeços e rearranjos identitários por meio da fusão indivíduo-mercadoria. Nesse contexto, o consumidor visto como habilitado e experiente promove a facilitação de uma contemplação irresponsável e pretensamente “desinteressada” que se remete ao apagamento da dimensão da alteridade:

A maior atração da vida de compras é a oferta abundante de novos começos e ressurreições (chances de “renascer”). A estratégia de atenção contínua à construção e reconstrução da identidade continuará sendo a única estratégia plausível que se pode seguir num ambiente caleidoscopicamente instável no qual planos a longo prazo não são propostas realistas, além de serem vistos como insensatos e desaconselháveis. (BAUMAN, 2008a, p. 66)

Enquanto a responsabilidade com o outro permanece no registro da autoafirmação narcísica, o olhar restringe-se ao campo da coisa perceptível e que chama a atenção por sua aparência ilustre ou tecnicamente produzida para dar essa impressão. Nesse sentido, parece fazer-se necessário esclarecer o que entendemos, nesse trabalho como adolescência, pois enquanto parece haver uma variedade de sentidos atribuído a essa palavra quando assistimos os noticiários televisivos, as leis que caracterizam a “pessoa em condição peculiar de desenvolvimento” são cada vez

mais específicas para cada país ou mesmo região geográfica em termos de faixa etária. (Essa exploração do significado de adolescência é tratada no capítulo 3.)

É imperioso ressaltar que a caracterização do adolescente como “irresponsável” ou “desorientado” se trata de uma constatação tanto crua quanto redundante, pois ignora a necessidade de organização dos investimentos libidinais do próprio corpo e a desorientação espacial que são comuns a partir do momento que este corpo começa a crescer e a adquirir funções sexuais. O papel social assumido por estes sujeitos, muitas vezes, torna-se mais dependente do contato com a cultura e do sentimento de ser aceito pelos seus pares e familiares. Por outro lado, o excesso de informações disponíveis nunca deixa de seduzir ou coagir grande parte da população adolescente a aderir a uma nova “febre do consumo” ou a determinados comportamentos de celebridades. A capacidade de unir os instintos de autopreservação na busca de um crescimento saudável, ao ser considerada pelo psicólogo, não deve ignorar a relação mais ampla com a cultura e com seus representantes que, como vimos, produzem reverberações significativas para a formação das identidades dos sujeitos. São essas as condições psicossociais concretas em que a adolescência contemporânea está construindo as suas “identidades subjetivas”: a *Geração Z*.

Neste momento de nossa pesquisa, temos como objetivo caracterizar alguns aspectos subjetivos da identidade dos adolescentes contemporâneos, conhecidos também como *Geração Z*. Entendemos o conceito de geração como uma categorização que admite as diferenças individuais entre os membros de uma mesma geração, mas isto não impede a relação de algumas características similares que permitem um agrupamento baseado em características compartilhadas.

A passagem da infância à idade adulta é intensamente marcada por uma modificação das relações que o indivíduo estabelece com o próprio corpo e com a realidade externa. Nesse momento do desenvolvimento, as demandas narcísicas colocam-se em um confronto inédito com as interdições culturais e com os representantes da autoridade familiar, resultando em uma fragilização psíquica que pode assumir diferentes formas de expressão. A dependência das respostas que o sujeito recebe das pessoas com quem convive – pais, professores, amigos, pares amorosos – manifesta sua importância tanto para a reorganização retroativa do sentido

da sexualidade infantil quanto para o sentimento de autoestima e de continuidade da própria existência na adolescência.

No Brasil, a legislação estabelece uma idade cronológica para qualificar um indivíduo como adolescente. “Considera-se criança, para os efeitos dessa Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente aquela entre 12 e 18 anos” LEI 8.069 /1990, parágrafo segundo). A compreensão da adolescência como uma etapa intermediária do desenvolvimento advém, portanto, do próprio Estatuto da Criança e do Adolescente; a adolescência, compreendida dessa forma, refere-se a uma etapa do ciclo vital que separa a infância da fase adulta.

Entre os pesquisadores que abordam a adolescência como fase do desenvolvimento, o estabelecimento da idade cronológica faz-se importante para distinguir limites entre seu olhar e sua intervenção com os sujeitos adolescentes, já que, muitas vezes, a família também é considerada para o planejamento e execução dessa intervenção. Entretanto, é importante considerar que o caráter psicossocial do trabalho de elaboração, que permite reorganizar o mundo interno em relação à realidade exterior, torna delicado delimitar o final dessa fase.

Além disso, um contexto cultural marcado pela substituição da proximidade entre os seres humanos pela comunicação remota – possibilitada por aparelhos e tecnologias – altera relações de trabalho, atividades educativas e mesmo as relações afetivas e tende a ofuscar as realizações humanas no processo de formação:

O fortalecimento da ‘realidade virtual’, não imediata, indica que a identificação não é mais com o próximo, mas com a aparência que surge fora do alcance da percepção da realidade. A cultura para ser transmitida pode dispensar seus representantes de ‘carne e osso’, pode dispensar a identificação com o que é de fato existente, substituindo-o pela aparência, pelo que pode ser simulado: a simulação do homem substitui o homem real, o que dificulta a identificação com a autoridade. (CROCHIK, 2011, p. 18)

Os impactos disso para a adolescência podem ser drásticos e trazer consequências de uma perda da capacidade de identificar-se com o outro, de tomar consciência de sua própria condição e prejudicar a capacidade de constituir identificações e experiências que permitem integrar sua identidade.

A separação em relação aos objetos primitivos (figura materna e paterna) e o estabelecimento de vínculos de amizade e de amor com outros objetos, podem ser considerados o horizonte para o qual uma adolescência bem-sucedida, ou poderíamos dizer, uma “adolescência saudável”, tenderia a caminhar. No entanto, a felicidade e o horizonte do adolescente contemporâneo são, muitas vezes, borrados pelo desligamento afetivo em relação às pessoas e objetos do mundo externo e mesmo por atos de violência contra o corpo do outro e contra o próprio corpo. O psicólogo atento ao sujeito adolescente encontra-se, portanto, face ao desafio de melhor compreender tanto esses momentos de investimento amoroso quanto as rupturas desses momentos, materializadas nos atos de auto e hetero-agressão. A problematização da adolescência enquanto uma fase do desenvolvimento ou enquanto um processo auxilia, nesse sentido, por fornecer uma perspectiva ética e de cuidado, de onde será extraída a intervenção junto aos demais campos do saber.

Calligaris (2000, p.59) afirma que a palavra adolescência tem uma origem recente no léxico ocidental, sendo utilizada principalmente a partir da segunda metade do século XX, por estudiosos e acadêmicos. Por outro lado, como explica o autor, ela foi também utilizada como argumento promocional da indústria da informação e do entretenimento na década de 1980, com a meta específica de transformar os estilos, maneiras e grupos adolescentes “*numa espécie de franchising*”, e de instigar as pessoas a consumirem por repetição das imagens e dos “estilos adolescentes” produzidos e veiculados pela indústria cultural. Nessa época, o meio de comunicação privilegiado passa a ser a televisão, a qual, por meio dos anúncios publicitários e da teledramaturgia, oferece ao grande público padrões estéticos e comportamentais que representam a adolescência como um sonho de liberdade pronto para o consumo em todas as faixas etárias.

Os processos de apropriação simbólica relativos ao estabelecimento de um projeto de vida e a questão das identificações com o outro são compreendidos, nesta pesquisa, como influenciados por condições sociais e culturais que tendem a limitar a percepção, a cognição e a sensibilidade humanas para favorecer a conformação e, assim, a reprodução do existente.

Para entender as influências psicossociais que atravessam o processo de constituição da subjetividade na adolescência contemporânea, utilizamos o conceito de indústria cultural (ADORNO e HOKHEIMER, 1944-47/2006) relacionando-o a noções mais recentes que atualizam a compreensão desse conceito no contexto da emergência de uma cultura de caráter midiático, que diz respeito ao contexto histórico em que a *Geração Z* nasce, ou seja, a partir da segunda metade da década de 1990 até inícios do ano de 2005¹⁴. Desse modo, utilizamos essa generalização entre “adolescência” e “juventude” possibilitada por essa denominação, objetivando compreender o advento do sujeito para realizarmos uma discussão acerca do imaginário social relacionado a essa denominação e suas implicações. A compreensão da impossibilidade de cumprir com ideais contraditórios e impostos por uma indústria cultural que pretende destituir-lhe de sua própria palavra, de seu pensamento e também de referenciais compatíveis com a orientação de seu destino em uma direção diferente daquela socialmente já antecipada (ADORNO, 1951), nos auxilia a entender o sentimento de desamparo traduzido em condutas de contestação aparentemente ‘caóticas’, por meio das quais esses indivíduos buscam negar tradições e pactos sociais.

3.3. Dos adolescentes contemporâneos: uma abordagem da denominada *Geração Z*

A *Geração Z*, conforme a consideramos neste trabalho, refere-se aos adolescentes e jovens nascidos a partir de meados da última década do século XX. A denominação *Geração Z*, de acordo com o filósofo e educador Mário Sérgio Cortella¹⁵, deu-se de uma maneira casual e arbitrária, assim como as suas predecessoras, a *Geração X* e a *Geração Y*. Ele explica que a utilização da letra X para nomear os nascidos após a *Geração baby boomer* – referente à explosão demográfica ocorrida

¹⁴ Estamos considerando a referência da lei brasileira – Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8.069/1990 – para designar como adolescentes a pessoa com 12 anos completos até 18 anos incompletos. Porém, quando tratamos de uma faixa etária inespecífica – *Geração Z* – é importante recordar que a diferenciação entre “adolescentes” e “jovens”, do ponto de vista do marketing e da publicidade – só adquirem sentido do ponto de vista da captura de novos consumidores para a venda dos seus produtos.

¹⁵ Vídeo produzido pelo Nucleo Ativo Digital, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ssl5VXD_X5I&t=116s>.

imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, ou seja, na última metade da década de 1940 – ocorreu de uma forma eventual, pois o X era referente à incógnita que essa geração representava para aqueles que a nomearam. A utilização do Y e do Z apenas seguiria, alfabética e cronologicamente, essa lógica arbitrária de nomeação.

Segundo Nicoletti (2015), entretanto, o nome *Geração Z* tem uma razão específica para existir. Ele seria proveniente de uma brincadeira com a linguagem, pois Z refere-se a *zapear* na internet. O autor explica que como grande parte dessa população ainda não se encontra inserida no mercado de trabalho, a busca errante por diversão e informação na *web* (rede mundial de computadores) seria uma de suas características mais marcantes. Caracterizados como *hiperconectados* em redes sociais por meio de seus dispositivos eletrônicos, nativos digitais e ávidos pelo consumo de novidades em termos de mercadorias tecnológicas, esses jovens são descritos como particularmente suscetíveis aos apelos da chamada sociedade de consumo. Como explica o autor:

Em contraposição à geração TV, de acordo com Tapscott (2010) os jovens da geração net são **sedentos de novidades**, descobertas, são socialmente conscientes e tolerantes à diversidade. Esses jovens, **considerados nativos digitais**, definições criadas nas áreas de *marketing* e economia, de modo a identificar as necessidades de consumo dessa geração, **apresentam um crescimento e desenvolvimento fortemente marcado pelas novas tecnologias e mídias eletrônicas** (NICOLETTI, 2015, p. 45, grifos nossos).

A chamada *Geração Z* é definida por ser composta de indivíduos nativos digitais – designação decorrente de sua condição e época de nascimento, ou seja, eles não apenas nasceram junto com a multimídia, mas também usufruem dela por terem condições socioeconômicas que lhes permitem o acesso a três ou mais dispositivos tecnológicos multimidiáticos simultaneamente – com altas habilidades de domínio da linguagem digital. São consumidores hiperconectados e que influenciam familiares e amigos a consumir por meio dos dispositivos tecnológicos, diversificados e, por fim, dependentes do acesso contínuo ao mundo online. São assim, íntimos do sistema multimidiático-caracterizado, conforme Chauí (2006) pela interatividade entre os diferentes canais e meios de comunicação (rádio, televisão, telefonia celular, internet, entre outros).

Em relação ao mundo do trabalho, esses adolescentes e jovens seriam, paradoxalmente, conforme depreendemos da análise da cultura de caráter midiático (CHAUI, 2006) marcados por duas características: 1) Mais “eficientes” para empregar sua energia vital para as finalidades de acumulação do capital pelos senhores da indústria no mercado de trabalho; 2) Menos “capazes” de agir de maneira politizada no sentido emancipatório dessa ação, ou seja, no sentido da mobilização política da ação humana de forma relativamente independente da finalidade de acumulação do capital.

A pressão para a obtenção de resultados individuais e o aumento das desigualdades sociais que parecem não encontrar formas de abrandamento ou contenção em nossa época cria uma geração marcada pelo individualismo exacerbado e pelo ceticismo. A capacidade de sonhar com uma realidade social transformada por sua ação, condição essencial para o posicionamento do sujeito e sua mobilização política, fica restrita pelo sentimento de desamparo em uma realidade percebida como pouco acolhedora. Como explica Bauman (2008a, p. 189), as origens sociais e o caráter coletivo de nossas dificuldades tendem a ser cada vez menos percebidos dessa forma, sendo vivenciados como “problemas individuais”, ou seja, obstáculos a serem enfrentados individualmente e, portanto, de forma distanciada da atividade política. A *Geração Z* seria, deste modo, marcada pela “apatia política juvenil” (RAMOS, 2006, p. 128) em contraposição ao “espírito jovem e contestador” que caracterizou a juventude dos anos 60 e 70. Enquanto aqueles jovens contestavam um modelo de sociedade hostil às liberdades políticas e individuais, os jovens e adolescentes contemporâneos são seduzidos pela indústria da informação e do entretenimento a aderir ao modelo consumista proposto em nossa sociedade, ou, em outras palavras, “os jovens desacreditam a política como esfera de resolução dos conflitos sociais e passam a ser inseridos na sociedade, primordialmente, pelo consumo, sem passar por experiências de sociabilidade menos mercadológicas” (RAMOS, *idem*).

Compreendemos que o processo de subjetivação estaria hoje atravessado por algumas características culturais decorrentes da “passagem da economia

socialdemocrata (ou o Estado do Bem-Estar Social) à neoliberal”.¹⁶ Do ponto de vista sociológico, alguns autores constataam o advento de uma sociedade que decreta a morte do nexu humano na organização produtiva do capitalismo pós-industrial. Do ponto de vista antropológico e psicológico, muitas análises contemporâneas apontam nos indivíduos adolescentes e jovens um sentimento de impotência generalizado. Infelizmente, nos deparamos também com repetidas notícias a respeito da miséria, da fome, das guerras e catástrofes ecológicas a partir do despejo (acidental ou ‘estratégico’) de resíduos da indústria química e petrolífera nos nossos rios e mares, nas mais variadas regiões do planeta. Entretanto, entendemos que o papel do sujeito pensante não se esgota nessas constatações.

A crítica de Chauí (2006, p.30) à noção de “sociedade do conhecimento”, ao analisar a chamada “condição pós-moderna”, nos conduz a atualizações da leitura do conceito de indústria cultural (ADORNO e HORKHEIMER, 1944-1947/2006), que nos permitem abordar a questão da subjetividade por meio dos conceitos de “sociedade de consumidores” e “relações líquidas” (BAUMAN, 2004 e 2008); “superficialidade das relações amorosas” (CHAVES, 2016) e, finalmente, do binômio “realidade virtual-virtualidade real”, que nos leva a considerar a chamada *Geração Z* como possível objeto de estudo. Podemos também entender esse conceito como uma generalização metafórica que, embora possa suscitar, a princípio, ambiguidades e confusões entre os campos que estudam a cultura e aqueles que se detêm com mais afinco em relação aos sujeitos, pode nos esclarecer acerca do que vem a ser o narcisismo defensivo (CANIATO; NASCIMENTO, 2016) suscitado por uma cultura em que a racionalidade técnica logra absorver a cultura e submetê-la às metas econômicas de acumulação do capital, pois:

A confluência espaço-temporal, que fundamentava a realização do desejo após o transcorrer da própria experiência formativa, atualmente se limita ao acesso às informações *on-line*, numa sociedade que repudia qualquer hesitação passível de se transformar em reflexão crítica, a qual denuncia a

¹⁶ Em relação a essa passagem, Chauí (2006, p. 64) esclarece que “enquanto a economia social democrata operava uma divisão na partilha dos fundos públicos, destinando uma parte ao financiamento da reprodução da força de trabalho por meio do salário indireto (direitos sociais como educação, saúde, habitação, férias, salário-desemprego, salário-família etc.) e outra ao capital, sob a forma de subsídios, a neoliberal corta a destinação dos fundos públicos no pólo dos direitos sociais e os dirige quase integralmente ao capital”.

falsidade da realização completa do desejo por meio do consumo de produtos da indústria cultural. (ZUIN, 2003. p. 154)

O mundo subjetivo é invadido na contemporaneidade por objetos de consumo virtuais que tendem a substituir e destruir os vínculos com objetos reais, humanos. As relações virtuais tomam cada vez mais o lugar das relações face a face e os objetos virtuais oferecem-se à identificação em uma relação desprovida de troca libidinal:

O indivíduo passa, assim, a ser um receptor passivo desses objetos virtuais – gerados e difundidos pela televisão, cinema, internet, videogame –, os quais encontram morada no seu mundo imaginário, colocando-o em uma simbiose com eles. Esse processo de comunicação e manipulação sociais vai diminuindo cada vez mais o limite entre o espaço de convivência com o real e ampliando a penetração do espaço virtual no mundo interno dos indivíduos. (ABECHE, 2013, p. 159)

A *Geração Z* é marcada por essa relação inédita com os objetos virtuais que, muitas vezes, retiram o indivíduo do laço social e da posição subjetiva que permite receber e oferecer investimentos libidinais na relação com o outro ser humano. Na produção do ficcional programado constata-se a dissincronia entre recursos humanos e tecnológicos, normalmente culpabilizando os humanos: se por um lado a ideologia dominante consegue apontar constantemente o descompasso e a ineficiência dos mediadores do conhecimento para conduzir à apropriação de saberes históricos e culturalmente acumulados pela humanidade, por outro ela não aponta a questão de acumulação do capital como um problema real e historicamente engendrado. Ora, sabemos que a recepção de recursos tecnológicos pelas crianças e adolescentes nas escolas, não significa, necessariamente, a melhoria da qualidade do ensino. Porém trata-se também de considerar que a destituição da capacidade de uma reflexão crítica e contextualizada é operada pelos próprios meios de comunicação destinados a atingir os indivíduos, transformando-os em massas, sobretudo no que se refere a pessoas que ainda não dispõem de instrumentos simbólicos suficientes para entender a manipulação que lhes é dirigida por esses meios de comunicação que, no caso do Brasil, são concessões estatais de Redes de Televisão abertas ao público, de uma forma generalizada.

Somos levados a constatar, com Hargreaves (2003) e Chauí (2006), que nas escolas, os instrumentos tecnológicos são apenas uma espécie de apoio audiovisual que podem até facilitar o trabalho docente, porém não garantem as experiências e trocas subjetivas entre os alunos e entre professores e alunos, as quais poderiam enriquecer, efetivamente, a atividade educacional. Em outras palavras, a experiência mediada por meio do outro humano tende a regredir no contato imediato com a tecnologia.

Em relação à chamada “aprendizagem organizacional” poderíamos concordar que as economias baseadas no conhecimento dependem da inteligência coletiva e do capital social – incluindo formas de partilha e desenvolvimento do conhecimento entre colegas de trabalho (HARGREAVES, 2003, p. 153). Entretanto, sob os imperativos da hiper-competição a que os trabalhadores são hoje expostos, as ideias de experiências compartilhadas tornam-se também simulacro no seu sentido mais íntimo, ou seja, adquirem um sentido de espelho narcísico para a destruição das relações ao invés de constituírem-se laços cooperativos, como a ideologia da sociedade do conhecimento quer fazer acreditar. O adolescente, que se prepara para entrar nesse mercado de trabalho, é influenciado por esse contexto de relações. Muniz Sodré (1990) nos explica acerca desse sentido do simulacro ao discorrer sobre a função social da televisão:

Sem a necessidade de uma realidade externa para validar a si mesmo enquanto imagem, o simulacro é ao mesmo tempo imaginário e real, ou melhor, é o apagamento da diferença entre real e imaginário (entre o “verdadeiro” e o “falso”). De fato, um certo imaginário, tecnologicamente produzido, impõe seu próprio real (o da sociedade industrial), que implica um projeto de escamoteação de outras formas de experiência do real. (SODRÉ, 1990, p. 29)

Conforme concebe Adorno (2010, p.11) “nos casos em que a formação foi entendida como conformar-se à vida real, ela destacou unilateralmente o momento da adaptação, e impediu assim que os homens se educassem uns aos outros”. O conformismo e os imperativos de adaptação promovidos nessa sociedade, ao conduzirem o processo de formação, impedem a mediação simbólica que caracterizaria o processo dialético de construção do conhecimento e das identidades

subjetivas. As apreensões passam a se congelar em categorias fixas, a formação torna-se “formação regressiva” (ADORNO, 2010, p.11). O indivíduo, transformado em instrumento de aquiescência e reprodução da totalidade social, identifica-se mimeticamente – ou seja, sem ter clareza suficiente dessa “confusa identificação” – com os pressupostos e o modo de funcionamento dessa totalidade. Em outras palavras, há uma “destruição da capacidade de concentração e a infantilização” (CHAUÍ, 2006, p. 53) como efeitos de uma programação controlada segundo as normas da concentração do capital que, por meio de simulação e do cinismo criam o que Baudrillard (1991, p.33) denominou “hiper-realidade”, ou seja, uma espécie de mundo irreferencial, em que a própria distinção entre desejo e realidade é constantemente desafiada.

Em um de seus livros mais conhecidos no ocidente, “*Simulacros e simulação*”, Baudrillard (1991) faz um resumo do que considera ser um conjunto de simulacros operando não somente a partir da publicidade destinada a promover o consumo, mas também do *lobby* político e das campanhas que apelam para o consumismo como algo bom, engraçado e até mesmo vital em nossas vidas.

Neste sentido, Figueiredo (2008, p.61) nos fala de uma “desautorização da percepção”, por meio da qual a percepção não é propriamente desmentida, mas fica privada de sua significância, ou seja, retirada de uma rede de associações significativas que permitiriam a ação do sujeito em relação a esta. A virtualização do real, conforme a concepção de Chauí (2006), trata-se de uma forma de violência simbólica na qual há um apagamento da consciência da percepção que conduz a uma regressão forçada que não somente atinge o mundo interno dos sujeitos, mas interfere também em suas relações afetivas com objetos do mundo real. Segundo Baudrillard (1991, p. 22), “hoje, quando a ameaça lhe vem da simulação (a de se volatilizar no jogo dos signos) o poder brinca ao real, brinca à crise, brinca a refabricar questões artificiais, sociais, econômicas, políticas”. Nesse jogo, a identificação com o outro (real e histórico) é barrada, e é a própria “ideologia da competência” que se oferece como modelo de identificação aos sujeitos.

Como explica Chauí (2006, p.76), “a peculiaridade da ideologia contemporânea está no seu modo de aparecer sob a forma *anônima e impessoal* do

discurso do conhecimento e sua eficácia social, política e cultural funda-se na crença na racionalidade científica”. A racionalidade moderna, guiada pelo imperativo de desmitificar a natureza e colocar a filosofia e a psicologia “a serviço do projeto moderno de saber e poder” (Figueiredo, 2008, p. 15) desafiou e constrangeu o sujeito moderno ao “escândalo das paixões”. Enquanto a medicina, a psicologia e outras ciências forem forçadas a atender àquele imperativo, entendemos, nos termos de Baudrillard (1991, p.55), que estaremos na repetição traumática em que “a fetichização de um objeto surge para ocultar a descoberta do insuportável (...) o último objeto vislumbrado antes da descoberta traumatizante”. A Psicanálise é entendida por Figueiredo (2008) como um campo do saber que se contrapõe ao projeto moderno. Nesse ponto, concordamos com o autor que a proposta de procurar a gênese dos sintomas e ir além de suas causas aparentes, faz da Psicanálise uma ferramenta tanto de questionamento quanto de atuação crítica. Nesse sentido, parece-nos fundamental a proposta de utilizá-la para o questionamento das identidades dos sujeitos adolescentes a partir do “reconhecimento de uma dimensão política fundamental da problemática identitária” (CUNHA, 2005, p. 8).

A dimensão política da identidade nos conduz a pensar no desenvolvimento do ser humano em um contexto cultural em que uma crise de referenciais de autoridade nos deixa, por vezes, diante do desamparo. A vulnerabilidade psicossocial pode atingir também adolescentes das classes tidas como privilegiadas e, nesses casos, faz sentido recorrermos a uma abordagem diferenciada para buscarmos o resgate do indivíduo-sujeito que está em uma condição peculiar do desenvolvimento.

3.4. Geração Z e desenvolvimento humano: um olhar psicossocial para os indivíduos em desenvolvimento

Adorno e Horkheimer utilizam algumas ideias da Psicanálise para militar intelectualmente contra o autoritarismo nas sociedades tidas como democráticas na década de 1940. A proposta que se apresenta no livro que ganhou mais notoriedade intelectual na época é justamente: “o que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado

verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKEHEIMER, 1944-47, 2006, p. 11). Em outras palavras, não se tratava mais de descobrir porque a classe operária se comportava favoravelmente às instituições e ideias que mais a oprimiam, mas de saber como a maioria da população nos países industrializados pensava e agia num sentido também favorável, isto é, plenamente identificada com o sistema econômico opressor. O conceito de indústria cultural, do qual nos utilizamos para entender a barbárie contemporânea foi elaborado justamente nesta obra.

A atualidade deste conceito é, entretanto, talvez mais radical com a globalização da economia e com a política neoliberal que desampara o indivíduo em seus direitos sociais. A partir da segunda metade do século XX, um outro tipo de revolução cultural e tecnológica começa a ganhar o cenário mundial. A crise de 1929 já havia preparado o terreno em termos econômicos: a demanda por consumo dos produtos industriais gera um problema diferente para aqueles que detinham os meios de produção, pois passava a ser um problema o excesso de produção, desde que esses produtos não tivessem como ser comprados por grande parte da população.

A transição para o chamado capitalismo de consumo começava a ser engendrada por meio das estratégias publicitárias, tendo culminado em uma generalização da lógica da mercadoria para outros domínios da vida individual e da cultura:

Generalizou-se a lógica da mercadoria, que regula hoje não só os processos de trabalho e os produtos materiais, mas a cultura inteira, a sexualidade, as relações humanas e os próprios fantasmas e pulsões individuais. Tudo foi reassumido por esta lógica, não apenas no sentido de que todas as funções, todas as necessidades se encontram objetivadas e manipuladas em termos de lucro, mas ainda no sentido mais profundo de que tudo é espetacularizado, quer dizer, orquestrado em imagens, em signos, em modelos consumíveis. (BAUDRILLARD, 1995, p. 205)

Entretanto, a identificação com a mercadoria, facilitada nesse tipo de sociedade apenas permite o encarceramento do sujeito em uma imagem, uma aparência do seu desejo. De acordo com Freud (1921/2011, p.60) “A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa”. A identificação de ambos os sexos com os genitores permitiria um

crescimento que traria, em parte, a dimensão vincular para a história da identidade do indivíduo, assim como permitiria a internalização de limites educacionais e culturais por meio de diferenciações posteriores no aparelho psíquico: O Eu e o Supereu, principalmente, mas também, em muitos casos contemporâneos, também o Ideal do Eu.

A pergunta que conduz nossa investigação acerca da possibilidade da transição da adolescência para a fase adulta nos leva a buscar compreender como em uma cultura em que a família é constantemente questionada enquanto instituição de amparo e proteção, o sujeito pode fazer suas identificações coincidirem com representações de proteção e de amor terno. Chauí (2006), a partir da análise da revolução dos sistemas multimídia ocorrida no final do século XX, nos fornece um auxílio nessa compreensão:

Em outras palavras, o sistema multimídia, expressão da pós-modernidade, potencializa a atopia e a acronia, que já haviam sido a marca da antiga televisão (...) Antigamente, a TV era o mundo. Agora, o mundo é a rede multimídia, confirmando o dito de Marx de que, no modo de produção capitalista, tudo que é solido desmancha no ar. (CHAUÍ, 2006, p. 72)

Alguns autores referiram-se a essa revolução multimidiática como o advento de um novo tipo de sociedade: a sociedade do conhecimento. Outros destacam a questão da convergência do poder econômico e político: “Em meados dos anos 90, governos e empresas do mundo inteiro empenharam-se numa corrida frenética para a instalação do novo sistema, considerado como uma ferramenta de poder, fonte potencial de altos lucros e símbolo de hipermodernidade” (CASTELLS citado por CHAUÍ, 2006, p.68).

Conforme explica a autora, o que estava em questão no final do século XX era o próprio poder de reprodução do capital, isso porque nenhum Estado ou empresa particular teria capital suficiente para realizar essa convergência tecnológica (integração de vários meios de comunicação) de maneira autônoma. A convergência dos meios resultou, segundo a autora, em uma condição paradoxal, na qual, a ciência e as instituições de produção de conhecimento foram absorvidas pela indústria da informação, pois os processos de produção e manipulação de símbolos – o que a autora define como “a cultura da sociedade” – foram absorvidos pela capacidade de produzir

e distribuir bens e serviços (o que seria caracterizado, em termos da teoria marxista, como forças produtivas).

Nesse sentido, Chauí (2006, p.28) critica a expressão sociedade do conhecimento, já que as universidades e instituições destinadas à produção do conhecimento ficam subordinadas aos meios de comunicação que propagam informações. A autora sintetiza sua compreensão a partir do questionamento da função dos instrumentos midiáticos: “O que os meios (ou ‘a mídia’) veiculam? O que transmitem? Sob a forma de romances, novelas, contos, notícias, músicas, debates, danças, jogos, espetáculos, transmitem informações”.

O papel da propaganda é analisado pela autora a partir do conceito de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER 1947/2006) e da noção de reprodutibilidade da obra de arte de Walter Benjamin. Em relação ao primeiro aspecto, Chauí (2006) destaca a função de distração e sedução dos veículos midiáticos:

A indústria cultural vende cultura. Para vendê-la deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode provocá-lo, fazê-lo pensar, trazer-lhe informações novas que o perturbem, mas deve devolver-lhe, com nova aparência, o que já sabe, já viu, já fez. A “mídia” é o senso comum cristalizado, que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova. (CHAUÍ, 2006, p.30-31)

A questão paradoxal proposta pela autora em relação à função social da propaganda é justamente que esta produziria a desinformação, mesmo nos veículos destinados a informar. Assim, o indivíduo que não se apropriou suficientemente dos conceitos historicamente constituídos ficaria confinado na condição de espectador, ou seja, impedido de localizar o que recebe desses veículos em termos espaciais e temporais. A autora define, então, a ausência de referência espacial (atopia) e de referência temporal (acronia) como a condição pós-moderna. Começamos com a definição da autora de atopia:

Ausência de referência espacial ou atopia: as diferenças próprias do espaço percebido (perto, longe, alto, baixo, grande, pequeno) são apagadas; o aparelho de rádio e a tela da televisão tornam-se o único espaço real. As distâncias e proximidades, as diferenças geográficas e territoriais são ignoradas, de tal modo que algo aconteceu na China, na Índia, nos Estados

Unidos ou em Campina Grande apareça igualmente próximo e igualmente distante.” (CHAUI, 2006, p. 45-46)

Podemos compreender essa noção de atopia também por meio da compreensão da noção de espetáculo, tal como descrita por Debord (1997), como “uma relação social entre pessoas mediada por imagens” ou, de maneira mais próxima ao conceito de simulacro (BAUDRILLARD, 1991) e de alienação, como “lugar do olhar iludido e da falsa consciência”. Chauí (2006, p.46) parece aproximar-se dessa análise ao citar como exemplo, a espetacularização da queda das Torres Gêmeas, a qual analisamos sobre a perspectiva da vigilância e da violência em um outro trabalho¹⁷. O que pôde ser experimentado por alguns brasileiros em relação àquele conjunto de episódios foi um exemplo de atopia, pois enquanto se comoviam com a queda das Torres Gêmeas e assistiam à repetição espetacular do que foi caracterizado como um “atentado terrorista” pela mídia brasileira, continuavam a ignorar crianças esfarrapadas e famintas pedindo esmolas nas equinas das ruas de suas próprias cidades. Em relação à acronia, a explicação da autora é mais descritiva:

Ausência de referência temporal ou acronia: os acontecimentos são relatados como se não tivessem causas passadas nem efeitos futuros; surgem como pontos puramente atuais ou presentes, sem continuidade no tempo, sem origem ou consequências; existem enquanto são objetos de transmissão e deixam de existir se não são transmitidos. (CHAUI, 2006, p. 46)

Desse modo, a perda do sentido histórico e da memória estaria engendrada pelos meios de comunicação externos ao sujeito. A condição pós-moderna é resumida pela autora por essas duas formas de distanciamento (espacial e temporal) em relação à mobilização política dos sujeitos. A “despolitização” pós-moderna seria, assim, uma crise dos referenciais simbólicos engendrada pela confluência de várias “mídias”, sem que houvesse como identificar um sujeito, um Estado ou sequer uma empresa (oligopólio) que representasse um interesse em particular.

Ainda resta uma inquietação em relação a essa absorção das forças produtivas (dos sujeitos historicamente constituídos como trabalhadores) enquanto a ciência e o conhecimento passam a ser denominados como capital intelectual. Para alguns autores,

¹⁷ CANIATO & NASCIMENTO, 2007

o termo “sociedade do conhecimento” refere-se meramente a uma denominação falaciosa. Para outros, a capacidade de mobilização política em favor de ideais coletivos é totalmente absorvida por uma linguagem desprovida de sentido histórico e de significado conceitual:

Com a cultura, a religião e o rock-caridade, não é a juventude que é tocada pelos grandes discursos, é o próprio universo do discurso que é substituído pelo das vibrações e da dança (...) o hemisfério não verbal acabou ganhando, o clip triunfou sobre a conversa, a sociedade enfim se tornou adolescente. E por não saber aliviar as vítimas da fome, encontrou por ocasião dos concertos para a Etiópia, seu hino internacional: *we are the world, we are the children*. Nós somos o mundo, nós somos as crianças.” (FINKIELKRAUT, 1988, p. 156)

Do ponto de vista da cultura moderna, portanto, a pós-modernidade corresponderia a essa morte do sujeito do pensamento. Não nos cabe aqui analisar o conjunto de razões que leva o ensaísta e pensador contemporâneo citado a escolher a figura do adolescente como metáfora dessa morte. A crise de autoridade percebida nas instituições modernas, tais como a Igreja, o Estado e a família, parece desnortear os sujeitos contemporâneos e gerar uma paradoxal apropriação simbólica destinada a submeter as instituições e os sujeitos do conhecimento à acumulação do capital, tal como afirmado por Chauí (2006, p. 66): “Se as artes já haviam sido devoradas pela indústria cultural, agora são as ciências que se encontram inteiramente absorvidas pela lógica do mercado e, com elas, todo o sistema da educação formal”.

A autora constata, assim, a persistência da semiformação na denominada sociedade do conhecimento e, além disso, uma confusão conceitual entre as noções de “economia” e “sociedade” nessa denominação: “Ora, é sugestivo, nessa expressão que a palavra sociedade seja tomada como sinônimo de economia e a palavra conhecimento como sinônimo de força produtiva” (CHAUÍ, p.65).

O trabalho, transformado em pseudo-atividade deixa de ser convidativo ao adolescente. Por outro lado, devido às pressões da sociedade administrada, da falta de emprego e da noção de crise econômica, esse adolescente é constantemente pressionado, a exercer atividades remuneradas, ou seja, a entrar no mercado de trabalho. O que ocorre, segundo Lebrun (2010, p.62), é que nossa sociedade vive uma

crise maior em relação à representação fálica, o que faz com que a vontade dos sujeitos atue mais no sentido de negar a castração para serem realmente eficazes e funcionais: “tudo se passa como se a confrontação com a alteridade não fizesse mais parte do processo de aprendizagem do saber”. Por consequência, caminhamos no sentido da predominância de “um autodidatismo de massa” em que o encontro com a alteridade é ameaçado pelo apagamento dos referenciais de autoridade e pela negação dos limites simbólicos que impedem a confrontação com o outro pela elaboração da linguagem.

Para Adorno (2010), a semiformação não está restrita à intelectualidade do ser humano, mas atinge também a sua percepção sensorial. Isso parece particularmente acirrado em uma sociedade imagética, em que as relações sociais são mediadas pelas imagens (DEBORD, 1997). A explicação acerca da substituição da experiência e do conceito pela informação parece particularmente esclarecedora acerca da proposta educacional que promove o autodidatismo na ‘sociedade da informação’:

A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. (ADORNO, 2010, p. 33)

De acordo com Crochik (2011, p. 22) “o mundo plenamente colonizado tornou-se ambiente inóspito, deserto: só se procura saber o que de todo modo já se sabe (...) todos são ‘bem’ informados e não conseguem ir muito além das informações”. A confrontação entre forma e conteúdo é impedida pela conformação da consciência que impede o movimento de diferenciação necessário à educação emancipatória.

Segundo Chauí(2006), os processos de produção simbólica, ao serem absorvidos pela finalidade de acumulação do capital em uma cultura midiática e ao servirem à função de entretenimento e diversãoengendram, de um ponto de vista antropológico, também a destruição da capacidade subjetiva de concentração.

A utilização das tecnologias da realidade virtual (RV) e da realidade aumentada (RA) permitem a convocação da fantasia da onipotência do sujeito sem destinar-lhe

um espaço em que possa diferenciar-se da técnica que trabalha a imagem e o movimento corporal.

A imersão em um mundo virtual, geralmente mais colorido e em alta resolução para facilitar a percepção visual, é frequentemente vista como uma técnica prática que facilita o trabalho e o lazer, principalmente em grandes centros urbanos, em que as pessoas mal conhecem bairros vizinhos e ainda menos os moradores que residem nesses lugares. Como informação acerca do que há para ser visto em uma cidade turística, por exemplo, ela revela uma praticidade cômoda, ao prescindir de guias, taxistas ou mesmo moradores dispostos a orientar o indivíduo em seus passeios ou compromissos:

Figura 1: Exemplo de RA: integração entre imagens virtuais e visualizações do mundo real



Fonte:

As conversas corriqueiras e informais entre as pessoas tendem a tornarem-se mais escassas no mundo real. A utilização dessa integração entre imagens virtuais e reais nas redes sociais, nos territórios e mesmo nos lares mais aparelhados tende a fornecer informações disponíveis ao toque e ao interesse de qualquer pessoa. Ainda assim, é entre os adolescentes e jovens que se difunde uma modalidade inédita de comunicação possibilitada pelo intermédio dessas interfaces informativas ou com finalidade de entretenimento.

Aqueles mais eficientes nos domínios dessas técnicas e também aqueles mais dependentes do uso da internet, de redes sociais e de dispositivos que possibilitam focar a atenção em aparatos tecnológicos na maior parte do seu tempo útil têm sido denominados como membros típicos da *Geração Z*. Tal denominação também alcançou, como pudemos analisar nesta pesquisa, a conotação de uma sexualidade e de uma identidade fluida na retórica do consumo por meio de revistas e blogs que buscavam mapear os principais comportamentos apresentados pelas pessoas “realmente antenadas”, dos chamados “cidadãos globais” ou simplesmente os

habitantes de uma realidade hipermoderna, ou seja, aquela que teria sucedido a sociedade pós-moderna em termos não apenas do volume de objetos de consumo ou da criação de novas tecnologias, mas também na forma de relacionar com o tempo e com as noções de moda e de efemeridade.

Do ponto de vista da Psicanálise, entretanto, a chamada nova geração de adolescentes ainda possui a possibilidade de identificação com objetos reais e carregados de significados simbólicos, fazendo confluir os impulsos da ternura (pré-ediípianos) e os impulsos sexuais em um mesmo objeto de desejo. Portanto, o vínculo afetivo com os representantes do desejo em pessoas reais deve ser tomado como elemento de diferenciação que fortalece a identidade, mesmo diante de um imaginário social carregado pelo imediatismo e pelo apelo à onipotência dos signos, muitas vezes, em detrimento do prazer de aprender e de existir.

A partir da análise dos discursos da *Geração Z* pretendemos desfazer um mito acerca da adolescência: o de que ela se trata de uma fase necessariamente morosa e incompreensível para o mundo adulto. Em busca de tornar os diálogos entre a “adolescência” e a “cultura da produção excessiva” mais compreensíveis para a comunicação científica de caráter interdisciplinar, vemos que, o acesso ao mundo adulto para sujeitos mais vulneráveis, torna-se mais complexo aos limites impostos pela linguagem da cultura do *simulacro* multimidiático (CHAUI, 2006).

De acordo com Freud (1923/2011), a puberdade conduziria a um trabalho egóico (simbólico) em que a sensualidade dos sujeitos do desejo deve ser organizada de modo a suportar a ausência do objeto sexual, bem como resistir ao registro de suas representações egóicas nos limites da linguagem – que confere aos indivíduos falantes seu lugar reconhecido pelo (s) outro (s) – e dos afetos direcionados a um novo objeto de investimento libidinal.

O autor nos lembra dois fatores biológicos relacionados à experiência do desamparo: o despreparo inicial do organismo humano para sobreviver de forma autônoma e o longo período de dependência na primeira infância. Os impulsos e escolhas objetais do Id podem, no decorrer do desenvolvimento, contrapor-se à alteração do Eu, chamada Ideal de Eu, que comporta as identificações em relação aos

objetos da primeira infância, fortalecendo o Eu pela repressão dos desejos edípicos que o tornam um ser também da linguagem e da falta. Esse seria o representante da cultura internalizando as interdições como protetoras das representações do Eu e da identidade.

Por outro lado, as dependências relacionadas ao uso de tecnologias móveis nos dão uma outra dimensão da chamada realidade virtual (RV). O conceito de indústria cultural (ADORNO & HORKMEIMER, 1944-47/2006) permite-nos dialogar com o modo de recebimento de uma mensagem audiovisual em busca de libertar o sujeito do individualismo que tende a negar a existência de suas próprias necessidades em favor de uma presença remota. O registro da falta do outro pode assim ser significado, resgatando a dimensão de diferenciação em relação aos objetos externos e de desejo de proximidade com pessoas reais.

As tecnologias da realidade aumentada (RA)¹⁸ – integração entre a realidade virtual e visualizações do mundo real – permitiram a utilização da simulação tecnológica de fantasias de adolescentes e também a infantilização dos desejos do consumidor de tecnologias. No entanto, o imediatismo possibilitado nas imagens da “realidade virtual-realidade aumentada (RV&A)”, de acordo com o que observamos na realidade, não satisfazem a necessidade de contato humano dos jovens que poderiam estar voltados para unir-se em relações com finalidade de troca amorosa.

O suporte psicológico, orientado pela ética da Psicanálise freudiana, deve ouvir e intervir. Com relação aos diferentes limites apresentados pelos sujeitos do desejo e interlocutores do simulacro, a educação preocupada com a dignidade humana ainda se faz necessária. Isso porque, embora a realidade virtualizada promova a substantivação do sexo feminino (vagina) e masculino (pênis), por exemplo, ela não facilita a caracterização dos comportamentos sexuais necessários para o adolescente tornar-se sexualmente maduro.

¹⁸ Para ver em ciência e tecnologias, pesquisas mais recentes e conceituais sobre a realidade virtual e a realidade aumentada, ler: TORI, R.; KIRNER, C.; SISCOOTTO, R. A. (2006). *Fundamentos e tecnologia de realidade virtual e aumentada*. SBC, p. 2-21, 2006.

A proliferação de denominações relacionadas à identidade sexual parece tratar o intrincado processo de desenvolvimento desta identidade como uma escolha de mercadoria em uma prateleira repleta de objetos de consumo, porém, ao invés de facilitar o processo de identificação com as figuras maternas e paternas, propõe uma certa indiferenciação entre o que é feminino e o que é masculino, confundindo os mais jovens na assumpção de papéis sociais relacionados ao gênero e à identidade sexual.

A questão da temporalidade entre excitação sexual e alívios relacionados ao prazer sexual são fundamentais para o exercício da sexualidade genital madura (FREUD, 1923/2011); a experiência, por sua vez, sugere a memória dos sofrimentos experimentados em relação à construção da cultura (FREUD, 1930/2011). Assim como explica o pesquisador-psicanalista, ao final de um percurso clínico e cultural com adolescentes franceses e brasileiros:

Ao substantivar o genital, queremos fazer aparecer a importância desse **novo modo de relação consigo mesmo e com o outro** no momento em que se produzem as maiores transformações que a **criança que se torna adolescente** possa ter conhecido, marcando dessa maneira o curso seguido pela libido, que bebe da fonte do infantil, mas descobrindo novos horizontes, desconhecidos, que não são pálidas repetições das paisagens da infância.

O genital é justamente o registro da adolescência, aquele que se dá ao sujeito púbere os **meios para investir sexualmente novos objetos, na diferença genital dos sexos e das gerações**. (MARTY; 2008, p. 66, grifos nossos)

A materialidade e concretude do sexo próprio, para os sujeitos adolescentes, estão relacionadas a experiências da sexualidade infantil. A alteridade genital, por sua vez, prescinde de uma identificação diferente com o outro. O que Marty e Cardoso (2008) parecem esclarecer ao promover o diálogo entre diferentes éticas psicanalíticas é que os pais idealizados não precisam desaparecer para que a representação do objeto sexual tome um corpo e consiga o olhar tranquilo e pré-contemplativo da adolescente grávida, por exemplo. Basta haver um convívio familiar que sirva à proteção e ao acolhimento dos membros dessa nova família: eis um desafio ético e interdisciplinar para a Educação e Psicologia.

O trabalho com os indivíduos adolescentes, bem como suas demandas e silêncios prolongados deixam estupefatos aqueles que têm maior dificuldade em lidar

com o silêncio diante de manifestações mais exaltadas acerca das violências que alguns sujeitos presenciam. O objeto de pesquisa “*Geração Z*” só se torna discutível diante do *simulacro* pela ética psicanalítica que privilegia o diálogo e o método dialético. Mesmo diante do inexplicável, as perguntas da adolescência continuam e atualizam-se em clínicas e escolas do pensamento que buscam ajudar os seres humanos. A mediação dessas atividades, com respeito à sexualidade de cada sujeito é um desenvolvimento bastante complexo, pois:

A proposta de uma comunicação por meio de símbolos reduzidos e uniformes a empobrece e, pior do que isso, absorvemos seus códigos para a linguagem cotidiana. Seguindo Adorno (1995, [na discussão *Tabus acerca do magistério*], p. 97-118), os modelos são importantes para a formação do eu, mas um modelo empobrecido e uniforme parece não combinar bem com o processo de individuação. (CROCHIK, 2003, p.107)

Dessa forma, os estudos qualitativos participantes parecem ser mais bem recebidos pela população mais vulnerável, enquanto um auxílio para que os sujeitos jovens possam expressar seus conflitos e sentimentos, tendo em vista o caráter vincular e dialógico deste tipo de pesquisa. A dissimulação diante de uma estética da cruzeza do corpo ferido de um (a) adolescente dificilmente será aceita pelo olhar psicanalítico voltado ao cuidado das comunidades mais carentes, pois a realidade virtual, neste caso, é capaz de mostrar reflexões acerca do futuro, não refletindo, porém, acerca da dignidade das mesmas. Recorramos, então, a pesquisadores que souberam prestar atenção na relação entre indivíduo e cultura para compreender o sofrimento humano:

O indivíduo não consegue se livrar do foco da violência em que está emaranhado. Com o ego enfraquecido, o sujeito não apenas nutre sua própria dor, como também contribui para a manutenção da cultura que favorece o narcisismo (...). Nos dias de hoje, diante de **uma cultura que privilegia a desindividuação, a competição acirrada e a falta de solidariedade, o caráter mônada e de casulo da servidão** passa a preponderar no **indivíduo narcisista** (...) para Crochík (1999a), ter de buscar uma compreensão de si próprio, o que de alguma forma alude ao narcisismo, **não deixa de corresponder a uma cultura que vive à base do sacrifício que é sistematicamente introjetado** pelo indivíduo. (PEDROSSIAN; 2008, p. 94, grifos nossos)

Entretanto, ao pensarmos em nossos procedimentos e métodos de pesquisa, relacionados à escuta do (a) adolescente em condição de vulnerabilidade psicossocial, as pesquisas quantitativas revelam-se significativas pelo caráter de “apelo ao concreto”

que, muitas vezes, assumem diante das instituições escolares. Em geral, percebe-se que o agrupamento dos dados exigem um delicado ouvir e uma rápida atividade de sistematização que tendem a impressionar os sujeitos mais jovens, seja no sentido de advertir, seja no sentido de constatar o que já sabem acerca da violência entre os pares, quando não há divisão do espaço por sexo (masculino, feminino, outras definições quanto ao gênero¹⁹), por critérios étnicos ou religiosos ou, ainda pior, quando eles são caracterizados de forma cristalizada, como se a fase de desenvolvimento fosse fruto de uma educação também anônima.

A ordem simbólica conserva para a cultura um sentido antropológico amplo, incluindo suas definições institucionais: “instituição social da ordem simbólica, que determina a relação com o espaço, o tempo, o visível e o invisível, o sagrado e o profano, as formas do trabalho, a sexualidade, as formas do poder, os valores morais, religiosos e políticos, os hábitos alimentares, de vestuário etc.” (CHAUI, 2006, p.62). Desse modo, a materialidade de uma sociedade que incentiva a utilização de programas computacionais prontos enquanto desvaloriza o esforço intelectual necessário para atingir um nível cognitivo compatível com a apropriação dos saberes historicamente reconhecidos torna-se também objeto de discussão.

A relação do adolescente com a cultura é essencial para o estabelecimento de sua identidade, inclusive a identidade sexual, para o desenvolvimento de suas formas de se relacionar com o outro e com as novas tecnologias e para o estabelecimento de seu Ideal de Eu, com a construção de um projeto de vida. Uma cultura que desvaloriza o passado e o papel da autoridade, que privilegia a aprendizagem e a socialização por meio do mundo virtual, em detrimento do contato direto com as pessoas de carne e osso, deixa o adolescente à mercê de referenciais alheios à família e que, muitas vezes, desconsideram suas próprias necessidades.

¹⁹ A respeito da multiplicidade de definições de gênero atribuídos a sujeitos femininos ou masculinos nas redes sociais ver a reportagem de Allegrini – Revista Veja, maio (2016)

3.5. A questão da identidade negada, a sexualidade fluida e a *geração touch*: duas faces do imaginário cultural sobre a *Geração Z*?

No início de nossa pesquisa a respeito do que seria a chamada *Geração Z*, a Filosofia nos deu parâmetros conceituais para entender a “cultura do medo” (GLASNER, 2003) e a noção de “virtualidade” dispersa. A virtualidade transformada em corpo modelar é bastante perigosa para uma sexualidade díspar em relação a um determinado parceiro sexual, pois implica na negação da identificação que se remete à história vincular do sujeito.

Adorno (1995, p.132) nos fala, por exemplo, de “pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica” que tendem a considerar a técnica como um fim em si mesma e não como um meio para alcançar uma vida mais confortável e mais digna para si mesmos e para os outros seres humanos:

No caso do tipo com tendência à fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar. Isto não deve ser entendido num sentido mental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente frias e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade de amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale. (ADORNO, 1995, p. 133)

Como explica Crochik (2011), a identificação é o que permite a diferenciação do sujeito por meio da experiência com o outro e da incorporação da autoridade. Em uma época que os pais não conseguem mais representar referenciais seguros e, em alguns casos, recusam a diferença intergeracional, e em que a ideologia da racionalidade tecnológica se torna o desencanto sedutor pelo qual os seres humanos são forçados à adaptação às condições sociais existentes, o caminho da identificação é obstado:

Se os homens não podem mais se identificar por meio de suas diferenças, mas somente por meio de uma racionalidade que de meio se converteu em fim, **a identificação resultante é a negação da própria identificação** (...) se todos os modelos de identificação expressam o sempre igual, isentos de experiências e, portanto, de princípios e valores, não há identificação possível, pois **não há um eu com o qual se identificar**. (CROCHIK, 2011, p. 29, grifos nossos)

Por outro lado, *as repetidas imagens de terror em preto-e-branco* que tomam grande parte do horário dos telejornais brasileiros e de rede sociais diversas, dirigidas ao “grande público”, tendem a ganhar os ânimos mais exaltados e propensos a culpabilizar adolescentes e jovens e ignorar-lhes enquanto sujeitos do próprio desejo. A função do recalque originário desapareceria, não fossem os sintomas e a angústia resultante da resistência à violência (Freud, 1933/1996). O trabalho psíquico a ser realizado para que os afetos reinvestam as representações coerentes que formam o Eu do indivíduo jovem, poderia permanecer sob escombros de signos remetentes ao horror ou ao gozo. Como explicaram Adorno e Horkheimer (1944-47/2006, p.128), a padronização do sistema de controle não explica o trabalho psíquico do indivíduo-sujeito, pois:

Na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão. (...) A pseudo-individualidade é um pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque **os indivíduos não são mais indivíduos**, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade. ” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2006, p. 128, grifos nossos)

Dessa forma, retirar o trabalho dos trabalhadores (as) jovens e qualificá-los simplesmente como “delinquentes” ou “violentos” – ou seja, rótulos fáceis de atribuir e que, entretanto, dizem pouco sobre os sentimentos afetivos importantes de serem considerados nas redes que compõem o Sistema de Garantia de Direitos (SGD) dos adolescentes em vulnerabilidade psicossocial (BRANCO; TOMANIK, 2011) – muitas vezes constituem-se como verdadeiras barreiras em relação às possibilidades dos indivíduos-sujeitos de estudarem e encontrarem outros caminhos que sejam mais condizentes com o quarto princípio de nossa *Carta Magna*, a saber: a dignidade da pessoa humana (BRASIL, CRFB, 1988).

O advento da cultura multimidiática e das redes fornecedoras dos espetáculos à juventude do século XXI nos deixaram sem remetentes e com muitos fenômenos anônimos, sem responsáveis pela produção e difusão de ideais que adquirem influência sobre as populações adolescentes e jovens. Como explicou Glasner (2003) a respeito da *cultura do medo* norte-americana, o agressor não pode ser identificado enquanto há

pais enlutados sendo transformados, concomitantemente, em religiosos fanáticos e em cuidadores provisórios por um sistema judiciário ávido por estórias da diversidade de crueldades para capturar e torturar corpos. Aos bons pesquisadores e profissionais dessas redes – as quais exaltam apenas a *virtualidade* da cultura – resta tentar abrir o horizonte da pesquisa para os diálogos caracterizados como *interdisciplinares* ou, até mesmo, *multi-disciplinares*. Como esclarece Outeiral (2001), quando se trata de posicionar-se politicamente em favor da criatividade e do direito ao ensino e à participação comunitária desses jovens, o diálogo deve preservar o sujeito do pensamento e da linguagem.

Os psicólogos ou educadores mais ousados apontam na direção da Educação e da Saúde Mental (SM) para futuros possíveis e com dignidade, pois sabe-se que “as representações sociais são formas de conhecimento que necessariamente são compartilhadas” (BRANCO; TOMANIK, 2005, p. 110) e, além disso, que as possibilidades do sujeito em desenvolvimento são muitas, desde que lhe sejam outorgadas formas de expressar seus conflitos individuais e também de conviver com seus pares e familiares.

Para investigarmos as razões que tornam o ambiente cultural contemporâneo desfavorável para possibilitar a convergência entre ternura e amor na escolha do objeto sexual em sujeitos jovens, temos que investigar as injunções entre o sujeito do desejo e a cultura que lhe interpõe obstáculos à realização do mesmo. Isso porque os adolescentes e jovens contemporâneos são pressionados constantemente a eliminar as possibilidades em função da realidade, muitas vezes impelidos por seus próprios impulsos instintivos, sem que tenham condições de apropriarem-se, entretanto, da dimensão de seus próprios desejos. Faz sentido lembrar a distinção entre o virtual e o real:

Conhecemos a distinção entre o virtual e o real. Virtual é o que existe sem estar diretamente presente ou dado em nossa experiência. (...). Virtual é também o que existe como uma possibilidade que pode concretizar-se (por exemplo uma escultura pode estar virtualmente em um pedaço de mármore e pode concretizar-se graças ao trabalho do escultor). Real é o que existe de fato, podendo ser dado diretamente em nossa experiência ou ao nosso pensamento, ainda que, frequentemente, seja dado de maneira deformada, incompleta e ilusória (como na ideologia). (CHAUÍ, 2006, p.71)

No século XXI, o controle da informação e da produção de realidade virtual (RV) tornou-se mais centralizado por meio de grupos que detiveram o controle dos modos de difusão de conteúdos multimidiáticos. Também o número de dispositivos móveis destinados a serem provedores de entretenimento multiplicou-se, assim como o advento das televisões à cabo “devido ao desenvolvimento exponencial de novas mídias, vimos uma convergência cada vez maior de produção de conteúdo, canais de distribuição e de gestão de recepção em escala global” (SAFATLE, 2009, p. 89).

Ao indagar acerca dos significados e características atribuídos à *Geração Z*, podemos nos deparar com vários resultados. A sexualidade fluida e a alta capacidade para lidar com as tecnologias de intercâmbio virtual são bastante recorrentes enquanto atributos relacionados a esta geração. Como ilustração dessa atribuição, tomamos uma reportagem sobre a *Geração Z* intitulada “Amigues para sempre”, sob a responsabilidade de Fernanda Allegreti e Paulo Vitale, publicada na Revista Veja, Editora Abril, em maio de 2016. A figura da capa da revista semanal, em que a palavra “sexo” relacionada à fluidez, encerra-se na advertência: mantenha distância do meu discurso, pois ‘você não tem nada a ver com isso’, já nos adverte, de certa forma, para o conteúdo da matéria:

Figura 2: Capa da revista Veja, Editora Abril, maio 2016.



Fonte:

A adjetivação de “neutros”, tanto para eles quanto para elas, adverte ao interlocutor (leitor): não há muito a dialogar acerca de uma opção de neutralidade em relação ao gênero sexual. Na reportagem, o gênero neutro refere-se a amigas ou amigos, sendo denominados “amigues”, para que essa qualificação não seja referente ao sujeito masculino ou feminino, ou seja, para que a identificação do gênero sexual desapareça do discurso linguístico. O que é destacado, entretanto, pela reportagem,

trata-se da sensualidade, sua fluidez e sua capacidade de ligar-se a objetos de ambos os sexos, apesar das estatísticas relacionadas ao preconceito e preocupações com rejeições aos homossexuais. Talvez por isso, haja um comentário já no início da matéria acerca dessa rejeição no caso da homossexualidade masculina: “Já para os meninos, dizem elas, é mais complicado, pois ‘Os homens acham sensual ver duas meninas se beijando, mas o mesmo não acontece quando são dois meninos’” (p.63)

A denominação *Geração Z* tornou-se também, desse modo, uma representação pautada na neutralidade e na fluidez da sexualidade e das representações sexuais. A reportagem de revistas semanais encontrou personagens da vida cotidiana que assinalavam sua opção sexual, mas que, desafiadoramente, colocavam-se como incógnitas a representações do lugar da feminilidade e da masculinidade constituídos na denominada “família tradicional”.

Do mesmo modo, o discurso da flexibilidade e das competências individuais do trabalhador permitiram nascer muitos discursos sobre trabalho e comportamentos quotidianos: a geração *touch*, que teria virtualmente disponível ao seu toque em uma tela toda a informação e conteúdos possíveis. O título da capa da Revista *Veja*/2016 sugere, em primeiro lugar, que falar sobre sexo e sexualidade tornou-se uma forma de representar um discurso sobre o próprio desejo diante de um outro, considerado supérfluo ou até mesmo indesejável: “o você” do possível interlocutor/leitor.

Figura 3: Capa da Revista Veja/2016



Fonte:

A fluidez refere-se à relação anunciada que, por sua vez não diz respeito às representações simbólicas do Eu ou do objeto de amor, porém às formas das relações como são constituídas. As meninas retratadas na capa declaram-se namoradas e em uma relação homossexual também assumida diante de amigos e das respectivas famílias, com a existência de outras parceiras sexuais anteriores ou concomitantes sendo aceitas pelas famílias de ambas. A demanda não vem a ser, portanto, por privacidade ou aceitação familiar, posto que suas respectivas famílias são retratadas pelo convívio em relação à identidade sexual bissexual e também homossexual das jovens em questão. Por outro lado, se a aceitação das famílias envolvidas parece ser um consenso, o medo apontado em relação a uma sexualidade heterossexual do “outro sexo” que não aprecia os sujeitos homossexuais daquele sexo, mas acha “bonito” ver duas meninas demonstrando afetos em público, gera uma resistência ou um medo de um grupo (suposto) majoritário: os homens heterossexuais mais “engraçadinhos” ou “animados”. O anúncio é claro: “diversidade e tolerância são as palavras de ordem”. Em destaque, está a estética do gênero neutro, retratada por uma modelo e *publisher* que diz: “Eu não sou homem, mas também não me sinto mulher. Estou em algum lugar no meio dessa escala. E, na minha imaginação, é como poder usufruir o melhor dos mundos” (p.68). O que acaba sendo qualificado pela revista como androgenia.

Os sujeitos femininos são colocados em destaque desde o casal retratado na capa e que inicia a reportagem até o caso da pequena Siloh, que por razões não mencionadas, insiste em ser chamada de John. Porém, após alguns exemplos sobre o desafio de nomear o próprio gênero para adolescentes e jovens que se sentem de diversas maneiras a esse respeito, fica o desafio para a ciência da psicologia: o Caso Siloh – uma criança que desde muito pequena prefere ser chamada de “John” e não por seu nome de batismo. Como ajudar pais em casos semelhantes no desafio de nomear o gênero das pessoas e ajudarem a elas nomearem-se?

Eis a preocupação com o olhar científico, anunciada pela reportagem da revista semanal: o caso da filha mais velha de duas grandes celebridades conhecidas internacionalmente pela atuação no Cinema e em algumas causas humanitárias – Angelina Jolie e Brad Pitt – cujo nome, por opção da menina, seria desde tenra infância John e não o nome de batismo dado anteriormente: Siloh. A fotografia utilizada na reportagem – que finaliza a reportagem sobre a *Geração Z* – é da mãe e da menina. A discussão inclui os pais biológicos em uma desorientação que seria também a de cientistas: “Há pouquíssima informação científica para orientar os pais em situação como o casal de atores” (p.69). O apoio e a compreensão, no caso dos pais famosos poderia também ser demonstrado por outros pais menos instruídos ou menos auxiliados pelo apoio dos inúmeros fãs? A alteridade de gênero poderia ajudar as pessoas a nomearem-se e nomear filhas e filhos, porém a delicadeza da questão para algumas pessoas ainda merece nossos cuidados.

Em muitos casos, o clima de apoio e aceitação é dificultado pela emergência de números e estatísticas que apontam a disseminação do ódio e mesmo o extermínio de adolescentes e jovens homossexuais e transexuais. Seria a neutralidade uma forma de subtrair-se do cenário correspondente a essas ameaças? A capacidade de aprendizagem de novas linguagens para expressar identidades ou relações é bastante valorizada pela reportagem. A competência para o aprendizado constante incluiria, dessa forma, a capacidade de expressar-se acerca da própria sexualidade para os adolescentes e jovens da *Geração Z*.

Em busca da neutralidade política, pouco há a fazer a respeito das comunidades multimidiáticas tomadas pela “ideologia da competência” de excluir os falantes e incluir os computadores portáteis e seus aplicativos como representantes de uma infinidade de gêneros ou opções sexuais. Para constituir um outro discurso que conviva e aceite esses jovens, entretanto, esbarramos nos exclusivismos de algumas comunidades de jovens altamente capazes de utilizar a linguagem binária do computador ao seu favor em sua própria língua local:

Podemos tomar como exemplo a existência, em São Francisco, de comunidades multimídias em que as pessoas só se comunicam entre si pelo computador e, quando se encontram em noitadas combinadas com esse objetivo em lugares reservados exclusivamente para elas, nomeiam -se por seu código e não querem se conhecer a não ser assim. Seus verdadeiros nomes permanecem desconhecidos e suas conversas abundam em vocábulos-signos e terminologia-código (LEBRUN, 2004, p. 102)

As terminologias-códigos tornaram-se multiplicadas com as tecnologias de Realidade Virtual (RA). Isso não significa que a realidade do preconceito e da violência tenha sido suavizada ou esclarecida. Os desafios da inclusão digital e discursiva de algumas comunidades tornam-se, entretanto, maiores e mais complexos conforme elas tendem a fecharem-se sobre si mesmas, com seus próprios códigos linguísticos e espaços sociais exclusivos.

A denominação *Geração Z*, portanto, refere-se também aos jovens que recusam referências de ‘masculino’ ou ‘feminino’ na construção da identidade. Em uma nova concepção acerca da sexualidade, homens e mulheres são colocados em um jogo intercambiável em que o embaraço e os sofrimentos relacionados ao estabelecimento de uma identidade sexual são negados na dimensão do sujeito que deseja e prescinde do outro e do convívio social.

O discurso predominante na revista semanal mencionada é o de liberdade sexual e o de aceitação do manifestar de múltiplas formas da sexualidade. A violência e a intolerância são vistas como pertencentes ao passado, porém os números de famílias que rejeitaram a homossexualidade ou qualquer proximidade com ela no ano

de 1993, segundo um levantamento do Ibope, ainda parece bastante significativo: “73% dos entrevistados afirmaram que não aceitariam que seu filho saísse com um amigo gay”. A cultura do preconceito que se esconde apesar dos resultados das pesquisas faz da preocupação com o bullying entre adolescentes uma questão também de identidade.

A questão de a opção sexual não ser definida é vista como liberdade para definição sexual ao longo da vida, para relacionar-se com homens e com mulheres, porém as confusões experimentadas nessa definição – na pré-adolescência ou adolescência, por exemplo – não são sequer colocadas. O binarismo, definido como a divisão entre o gênero feminino e masculino, é colocado como algo pertencente ao passado e, assim, as escolhas sexuais não mais representariam uma preocupação para esses jovens, estando apenas sujeitas às manifestações de suas preferências e não necessariamente relacionadas àquelas representadas na história familiar.

Na sociedade multimidiática, a utilização de fotografias que exploram a sexualidade tornou-se comum, porém, quando o social produz um sujeito cindido de seu próprio saber, ou seja, aquele que é “obrigado a saber antes mesmo de aprender, ou sem possuir os meios para aprender” a oralidade traduz-se como uma forma de regressão que possibilita a saciedade sem ter de apelar ao olhar ou às palavras (LEBRUN, 2010, p.96). No entanto, quando “ritos de passagem” bastante privilegiados pelos adolescentes e jovens, passam a eleger o corpo como lugar da representação de uma neutralidade sem referencial no corpo real, estamos diante de um processo de identificação com imagens ou códigos que traduz uma fase de latência que se prolongaria indefinidamente, pela fobia de experimentar o prazer com o outro, que aponta a incapacidade do sujeito de assumir por si mesmo a possibilidade de subjetivação. O gozo com o exercício da oralidade pautado no excesso da ingestão alimentar e a absoluta recusa a comer são a expressão de distúrbios dessas novas formas de existir, pautada em uma “experiência limite”, incapaz de identificar-se com outros seres humanos.

O estabelecimento da identidade nos traz a possibilidade de diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo. No início da adolescência, os objetos internos mais investidos também estarão sujeitos aos ataques mais violentos pela

impossibilidade do sujeito de realizar essa diferenciação. As condutas mais comuns de ataques aos objetos internos podem ser vistas como um manejo da dependência em relação aos pais ou seus substitutos. Quando a possibilidade de investimento narcísico no próprio corpo não pode incluir uma saída da condição de dependência, segundo Jeammet e Corcos (2005), é comum a organização de saídas psicopatológicas que idealizam ou denigrem os objetos externos sem oferecer ao Eu a possibilidade de diferenciação em relação a estes. As toxicomanias e os distúrbios alimentares podem ocorrer como uma forma de ataque aos representantes internos que ainda não são discriminados do próprio corpo do sujeito.

A nova organização do espaço relacional, por outro lado, pode levar uma dependência transitória que, ao alcançar a representação da identidade diferenciada do outro, permite a reorganização dos objetos internos a partir do investimento pulsional em um objeto diferenciado da representação narcísica idealizada do Eu. Os conflitos com as figuras paternas podem ser representados então de maneira a reconhecer as diferenças entre os sexos, assim como as angústias de intrusão são substituídas pela possibilidade de vivenciar a intimidade com o objeto de investimento libidinal.

A negação das diferenças sexuais sugere a permanência de uma organização provisória destinada a manter a permanência do Eu, a despeito da existência de conflitos e de intervalos necessários para a elaboração da necessidade de experimentar o prazer. O conflito entre gerações tende a ser negado em favor do aumento das exigências narcísicas afinadas com a funcionalidade do que pode ser mostrado como resultado rápido e visível. O resultado disso é o sentimento de medo de estabelecer vínculos afetivos e a desconfiança permanente em relação aos pares, relatado por uma grande parte dos adolescentes contemporâneos.

Por esse motivo, ao falarmos de adolescentes, a alteridade de gênero parece ser mais adequada do que o termo alteridade genital (MARTY, 2008). O gênero diz respeito a uma identidade em que o indivíduo possa falar de si mesmo, estabelecendo uma relação de identificação e pertencimento ao gênero masculino ou ao gênero feminino.

As características que podemos ver em relação à negação da identidade pessoal podem dizer respeito a uma fragilidade do indivíduo em expressar sua passagem de uma identidade infantil para uma identidade adulta.

A noção de *atopia* e *acronia*, conforme explica Chauí (2006), nos esclarece acerca do deslocamento geopolítico que os excessos mostrados pela mídia televisiva vieram a intensificar no início do século a respeito do “Bug do milênio” nas telecomunicações. Em termos dos impactos psicológicos gerados, podemos falar de um imaginário social desnortado pelas imagens de terror e destruição combinadas ao discurso da vigilância e do controle. Pela detenção de um controle anônimo e tecnológico de dados móveis (arquivos com som e imagens diferentes e tecnicamente modificados), viemos a entender a atualidade do argumento publicitário proposto no simulacro:

A fragmentação e a globalização da produção econômica engendram dois fenômenos contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação e a dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação, a compressão do espaço – tudo se passa “aqui” sem distâncias, diferenças, nem fronteiras – e a compressão do tempo – tudo se passa “agora” sem passado e sem futuro” (CHAUÍ, 2006, p. 32).

A historicidade do sujeito, fundada na continuidade da experiência, é ameaçada pela fugacidade de um presente vivenciado como desprovido de determinações sociais e culturais (históricas) e pela criação de uma hiper-realidade, aperfeiçoamento artificial do real, em que “o mundo inteiro nos é oferecido sob a forma do olhar” (CHAUÍ, 2006, p. 34), ou seja, da aparência, e em que o cotidiano já não pode ser alcançado.

Para compreender a constituição da subjetividade do adolescente e do jovem contemporâneo, temos que lidar com a inscrição desse sujeito em sua cultura. O modo como a cultura compreende a adolescência é parte integrante dessa dialética pela qual o sujeito apropria-se dos saberes historicamente compartilhados sobre sua condição e busca o amparo em outros membros de sua comunidade.

Em outras palavras, é necessário lidar com as representações sociais e comunitárias acerca da própria adolescência, pois a partir de uma epistemologia qualitativa de Pesquisa em Psicologia (REY, 2002) podemos compreender que tais representações “contribuem para definir as práticas dos atores do SGD” e que “toda ação humana é pautada na subjetividade de quem as empreende” (BRANCO; TOMANIK, 2011, p. 110). Isso implica os atores e trabalhadores desse sistema na tentativa de buscar conhecer o que a *memória* e a *inteligência* nos gritam ou nos murmuram a partir dos *sujeitos-indivíduos adolescentes* em diferentes condições de *vulnerabilidade psicossocial*.

Vale recordar que a geração que viveu enquanto jovem nos anos 60 revolucionou tradições e costumes, preencheu dúvidas com a esperança e as utopias, ainda que algumas censuradas ou calejadas por aquelas vigilâncias e outras violências mais indisponíveis ao diálogo aberto. Desse modo, o ideal da juventude como uma promessa encarnada em um corpo saudável e capaz de conquistar sua liberdade e autonomia, começa a fazer mais sentido que a promessa jamais realizada de *hiperconectividade* e vigilância dos sentidos, pois os limites da percepção e da sensação também são inscritos na organização subjetiva conforme o corpo cresce e desenvolve habilidades de relacionar-se com o outro. Como esclareceu Freud (1921/2011, p.14) acerca de seu estudo da dimensão relacional do ser humano: “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é, via de regra, considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado”. Desse modo, devemos considerar a identidade como uma construção em relação a identificações com outros sujeitos e também com grupos, pois:

Cada indivíduo é um componente de muitos grupos, tem múltiplos laços por identificação, e construiu seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos. Assim, cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquela de sua raça, classe, comunidade de fé, nacionalidade, etc. e pode também erguer-se além disso, atingindo um quê de independência e originalidade. (FREUD, 1923/2011, p.92)

A sensualidade adolescente, quando vigiada pelo medo ou mesmo pelo pânico disseminado nos grandes espetáculos, tende a ser afugentada para longe da moral

cultural. As grandes festas patrocinadas por indústrias de bebida alcoólica e telefonia celular, tais como as chamadas “raves” ou os “bailes funks” em que a violência sexual é banalizada enquanto os excessos de consumo de álcool e drogas ilícitas são permitidos, assim como comportamentos sexuais coletivos voltados mais aos ataques entre os sexos que às trocas heterossexuais amorosas, são um exemplo das dificuldades de nossa cultura em promover a alteridade sexual entre os jovens.

Entretanto, a historicidade dos sujeitos nos revela a necessidade do estabelecimento de limites e de identificações com pessoas que representam o cuidado e a lei para que os ideais do sujeito não sejam constituídos por representações totalitárias que tendem a anular a dimensão do próprio Eu enquanto intermediário entre as demandas pulsionais, identificações com objetos primários e representantes de uma autoridade organizadora da identidade: “Pode-se chegar a uma fragmentação do Eu, quando as várias identificações se excluem umas às outras mediante resistências, e o segredo dos casos chamados de *múltipla personalidade* talvez esteja em que as várias identificações tomam alternadamente a consciência (FREUD, 1923, p.38).

A representação da *Geração Z* enquanto sujeitos com identidades múltiplas, sejam elas sexuais, profissionais ou de caráter simulado talvez sejam explicadas por essa dinâmica psíquica pautada em um excesso excludente de identificações. Em outras palavras, a hipótese é que ao invés de acionar a capacidade de incluir o outro como algo desejável para si, os adolescentes contemporâneos tenham mais trabalho psíquico em separar componentes de sua história, fragmentando representações e evitando identificar-se com aquilo que o torna uma pessoa singular e, ao mesmo tempo, inscrito nos limites fornecidos pelo outro e pela cultura.

A criação de uma sedução sem finalidade, na qual a sucessão de imagens é utilizada como um fragmento de sua experiência educativa denuncia a falta das experiências acolhedoras com envolvimento afetivo representadas como significado de suas ações no mundo exterior:

Se o passado vincular é eliminado na estruturação psíquica das individualidades, **a fruição libidinosa esgota-se frenética e sofregamente, num presente vazio de comprometimento afetivo (...)** o apagamento do conflito de gerações, o des-enraizamento afetivo das

pessoas de seu grupo de parentesco, as manifestações da sexualidade despidas de enamoramento são produtos da “mentalidade do descartável” da sociedade de compra e venda. Onde está a libido senão capturada pelo “marketing” a fim de lambuzar a mercadoria para torna-la mais atraente para o consumo? Na invasão da família pelos especialistas, sob o pretexto de oferecer informações científicas confiáveis, revela-se a exposição de todos os seus membros à manipulação político-ideológica da sociedade. (CANIATO, 2008, p. 11, grifos nossos)

A continuidade da temporalidade do desenvolvimento da infância à juventude tem dois aspectos principais. Em primeiro lugar, destacamos a amorosidade desenvolvida nas primeiras trocas libidinais como organizadoras de uma primeira imagem corporal, ainda idealizada e, do ponto de vista do bebê, incapaz de ser diferenciada da imagem dos cuidadores responsáveis por alimentar e satisfazer necessidades básicas para o crescimento do corpo.

Em um segundo momento, geralmente na adolescência propriamente dita, o funcionamento corporal é ressignificado tendo em vista a visibilidade do corpo em sua ação junto aos representantes da cultura. O manejo da dependência em direção ao domínio linguístico no interior de determinada cultura será tanto mais complexo quanto maior for a repetição de esforços percebidos como desprovidos de significação cultural. Desse modo, a negação da linguagem materna ou paterna multiplica-se em referências geradas no interior de um grupo fechado à presença de um referencial humano no mundo externo que lhe contradiga as aspirações idealizadas. O exemplo fornecido por Lebrun (2004) das comunidades multimídicas, cujos participantes comunicam-se por meio de terminologias e códigos sem identificarem-se, ilustra essa negação da linguagem que parece ser também uma negação da cultura e de seus interditos por parte dos jovens.

Na adolescência, para resgatar o aspecto produtivo do conflito intergeracional, o mundo simbólico do sujeito reconstitui suas próprias convicções: experiências infantis representadas como boas vinculam-se a objetos da realidade interna preservados e a representantes da realidade externa diferenciados do sujeito. A adesão a rituais de passagem de caráter sadomasoquista em grandes espetáculos destinados a expor o corpo feminino e masculino em imagens repetitivas de ataque ao outro sexo, por sua vez, representam um imediatismo para além do qual não há nada a se dizer: a

sedução sem fim ou o final do conflito na linguagem obscena dos anúncios dos grandes espetáculos impede a linguagem de acessar a dimensão do desejo para além da simulação e da satisfação não mediada que compreendemos como signo de neutralidade. A pulsão de morte, enquanto desligamento dos afetos que significam o outro para o sujeito, é retomada por sensações de vazio e delírios de falência das próprias capacidades de simbolizar sua condição de fragilidade psíquica. Há uma projeção da falta que permite a inscrição do sujeito na realidade externa pelo excesso do traumático que vai além do recalque original capaz de organizar o funcionamento das próprias funções corporais em constante transformação.

A *Geração Z*, como vimos anteriormente, é retratada pela negação das diferenças sexuais que delimitam a existência do ‘masculino’ e do ‘feminino’ e por uma sexualidade fluida em que a identidade sexual é sujeita a flutuações e mudanças constantes. Porém, podemos dizer que o luto pela bissexualidade infantil não pode ser elaborado quando as diferenças sexuais não podem ser reconhecidas e, assim, o advento de uma identidade sexual madura vem a ser dificultado, enquanto as defesas narcísicas favorecem a manutenção de uma organização subjetiva marcada por fantasias regressivas:

A contrapartida e o complemento da bissexualidade psíquica, realizada ou latente, parecem ser, então, a fantasia do gênero neutro, nem masculino nem feminino, dominada pelo narcisismo primário absoluto. Este esmagamento pulsional conduz a inclinações idealizantes e megalomânicas do sujeito, não para a realização do desejo sexual, mas para a aspiração a um estado de anulamento psíquico onde o não ser nada aparece como a condição ideal de autossuficiência (GREEN, 1988, p. 227).

O “esmagamento pulsional” e o “estado de anulamento psíquico” ao qual se refere Green (1988) nos parece bastante semelhante à organização psíquica analisada por Jeammet e Corcos (2005), sendo caracterizada pela “fascinação pelo negativo” e pela “fobia do prazer”, a qual descreveremos em seguida, ao tratarmos sobre as organizações psicopatológicas na adolescência.

O reconhecimento da existência dos dois sexos (masculino e feminino), bem como das diferenças existentes entre os mesmos são imprescindíveis para a constituição de uma identidade sexual madura pautada na alteridade genital. A negação

das diferenças sexuais possui um aspecto simultaneamente defensivo e infantil em que o outro não pode ser percebido em suas diferenças, o que dificulta também a percepção da singularidade e da identidade sexuada do próprio sujeito.

3.5.1. A Geração Z e sua dependência da realidade virtual (RV)

A relação com objetos da virtualidade e a onipotência narcísica favorecida pelas novas formas de organização familiar parecem colaborar com as organizações psíquicas flutuantes e ainda incapazes de formar uma identidade subjetiva. Em tais organizações, a passagem ao ato e a carência de simbolização dos conflitos psíquicos que permitiriam ao sujeito lidar com a própria condição de sofrimento parecem ser as características mais marcantes.

A preferência pelos relacionamentos à distância em detrimento das relações face a face é uma outra característica que surge na *Geração Z*. Namoros e amizades virtuais tendem a suplantam as relações constituídas na proximidade com o outro para muitos adolescentes contemporâneos. O tempo gasto no mundo virtual e a importância que os adolescentes atribuem à virtualidade em suas vidas faz da *Geração Z* mais virtual do que propriamente real. Eles vivem e constituem relacionamentos prioritariamente no mundo virtual.

Podemos compreender que o contato virtual facilita idealizações que são próprias da adolescência: imaginar uma pessoa com as características que complementam o Eu e realizam os desejos do sujeito torna-se possível por um prazo de tempo maior, sem os inevitáveis confrontos que a realidade impõe em uma relação de proximidade. A criação de um personagem idealizado, através do qual o sujeito reafirma fantasias narcísicas em relação às próprias características e habilidades torna-se também mais facilitada. Quando a busca por esse prazer narcísico é baseado na fantasia suplanta a necessidade de contato físico, a tendência é a manutenção dessa modalidade de relação sustentada pela idealização de si e do outro que a virtualidade favorece.

A preferência por relações virtuais e o abandono dos espaços de interação e proximidade com outras pessoas sugere dificuldades de ordem psicológica que podem variar de uma simples timidez ou insegurança até uma incapacidade para o encontro presencial que pode decorrer de um transtorno psíquico. Em nossas intervenções, alguns adolescentes manifestaram essa preferência principalmente por dificuldades no traquejo dos relacionamentos interpessoais e também pela fascinação com os artefatos tecnológicos e sua capacidade de propiciarem a participação desses indivíduos nas redes virtuais da moda. As mais citadas por eles, em ordem de preferência, foram: o *Facebook*, o *Instagram*, o *Tinder* (especialmente destinado a encontros com finalidade de relacionamentos de caráter afetivo-sexual) e o *Orkut*.

No entanto, as meninas e meninos com os quais dialogamos nos surpreenderam pelo conhecimento em relação à abundância de redes sociais semelhantes, nomeando vários aplicativos e sites com funções congêneres às supracitadas. Não apenas por ainda serem muito jovens, mas também por pertencerem a uma classe social mais desfavorecida – muitos deles tinham a família inserida em programas governamentais de baixa renda – estes adolescentes nos deram uma dimensão mais realista da abrangência que a tecnologia e a Internet alcançam contemporaneamente entre os jovens, seja como objeto de desejo, de curiosidade ou mesmo como um inédito instrumento da indústria cultural que consegue alcançar essa faixa etária com uma credibilidade análoga ou mesmo superior àquela analisada por outros psicanalistas contemporâneos em relação à televisão.

É possível que a publicidade que chega por meio dos aplicativos e dos *games* tenha mais impacto sobre a geração jovem por terem seus conteúdos replicados por amigos e pessoas que a *Geração Z* admira nas redes sociais. Mas é importante também considerar, ao analisarmos esse impacto e a conseqüente criação de crenças e mesmos “mitos populares” nas redes virtuais, um outro aspecto. A linguagem icônica da tecno-imagem (LASTÓRIA, 2010, p.155), que tem como característica engendrar o deslocamento da atividade do pensamento reflexivo em direção às “relações imaginárias de objeto” – como por exemplo, os ‘memes’ (desenhos coloridos e com pouco texto verbal) e ‘gifs’ (imagens vibrantes e em movimento repetitivo) que “viralizam” e invadem as telas dos usuários de *smartphones* e outros dispositivos móveis – parecem ter um enorme potencial de mobilizar os jovens nos aspectos

afetivos: a *Geração Z*, caracterizada pela mobilidade e pela preferência da linguagem visual, parece estar tão atenta aos seus queridos “bichinhos de estimação tecnológicos” quanto os correligionários do partido Nazista eram atentos aos discursos de seu adorado Führer. Os códigos imagéticos são baseados em convenções que não precisam ser apreendidas conscientemente: daí a mobilização dos afetos e dos sentimentos em um nível subliminar. Ao contrário dos códigos conceituais, a tecno-imagem capta a subjetividade onde ela menos está propensa a compreender a ideologia e a sedução que lhe é destinada, ou seja, no nível inconsciente.

Os privilégios informacionais, as comodidades e também os perigos que uma rede virtual mundialmente conectada oferece a adolescentes e jovens são objeto de muitas pesquisas acadêmicas e também de discussões em vários fóruns mundiais e nacionais na atualidade. As conclusões destes debates, entretanto, ainda mostram os paradoxos que as grandes revoluções sociais e culturais tendem a trazer para a humanidade: o acervo do conhecimento acessível por meio da rede mundial de computadores, a Internet, é incomparável em conteúdo e magnitude até mesmo com os grandes templos do conhecimento – tais como a famigerada biblioteca da antiga Alexandria – e, indubitavelmente, proporciona um nível inédito de acesso aos saberes e tecnologias produzidos pela humanidade.

Por outro lado, é justo observar que não apenas os indivíduos mais vulneráveis e inexperientes (como as crianças e adolescentes, por exemplo) mas todos, em geral, nunca estiveram tão expostos a ataques mal-intencionados ou mesmo a golpes financeiros e à violência cibernética. A denominada *deep web* – uma parte da rede que não é indexada pelos conhecidos sites de busca – carrega o aspecto sombrio e, em grande parte ilegal, das Tecnologias da Informação (TI): venda de drogas ilícitas, suicídios e homicídios filmados em tempo real, tráfico humano, pornografia infantil e outras atividades consideradas esdrúxulas ou simplesmente incomuns são alguns dos conteúdos passíveis de serem acessados nesse ‘lado obscuro’ da rede mundial. Ademais, mesmo na web mais acessível, a violência torna-se facilitada e ganha, algumas vezes, proporções assustadoras que nos são mostradas nos noticiários: o caso

denominado ‘jogo da Baleia Azul’²⁰, no qual adolescentes eram levados a cumprir uma sequência de cinquenta tarefas que envolviam isolamento social, automutilação e, por fim, o suicídio; e também o *ciberbullying* são alguns exemplos que podemos citar como formas de violência contemporânea particularmente direcionada ao público adolescente e jovem que são possibilitadas por meio dessas tecnologias.

O simulacro tende a nos retratar a *Geração Z* unicamente por meio de suas características mais auspiciosas: conectividade, ótima relação com a tecnologia, flexibilidade e aprendizado rápido. A capacidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo é celebrada como a característica desta geração que promete revolucionar o mercado de trabalho (TAPSCOTT citado por NICOLLETTI, 2015). Por outro lado, as pesquisas acadêmicas que relacionam a dependência da Internet com o aumento do índice de suicídios, por exemplo, tendem a ficar restritas ao âmbito intelectual: universidades e centros de pesquisa envolvidos diretamente com essa questão. Entretanto, o aumento das taxas de suicídio entre adolescentes e jovens – conectados via Internet ou não – nos apontam uma nefasta característica da *Geração Z*, com a qual os profissionais da Psicologia, da Educação e da Saúde, e mesmo toda a sociedade, deverão dialogar se ainda quiserem construir comunidades e instituições de ensino e trabalho baseadas no conhecimento e no cuidado com os seres humanos.

A alta capacidade da *Geração Z* em lidar com a realidade virtual (RV) parece combinar-se a uma dificuldade pronunciada em estabelecer vínculos com outros seres humanos. Essa geração tende a ser pobre em habilidades sociais e interpessoais. Além disso, os membros dessa geração tendem a não dar demasiada importância aos valores e ao convívio familiar. É possível que a falta de vínculos de amparo, tanto com os pares quanto com os representantes da autoridade familiar – os quais parecem ter dificuldades em fornecer referenciais seguros para os adolescentes contemporâneos – seja um dos principais obstáculos enfrentados por essa geração no processo de formação de sua identidade.

²⁰ O jogo ‘baleia azul’ teria sido criado pelo russo Filipp Budeykin com o objetivo de realizar o que ele denominou “uma limpeza na sociedade”. Supõe-se que o suicídio de mais de uma centena de adolescentes no mundo todo esteja relacionado a este jogo.

Uma outra característica da *Geração Z* é a instabilidade. Como explica Bauman (2008a), as rápidas transformações sociais na contemporaneidade fazem com que as pessoas substituam a mentalidade de longo prazo pela de curto prazo. Isso é particularmente marcante entre as pessoas mais jovens, as quais mudarão de emprego onze vezes, em média, ao longo da vida. Os relacionamentos duradouros entre elas são cada vez mais raros e os casamentos que duram a vida toda estão praticamente extintos. As mudanças constantes em suas vidas são vistas como algo natural e, em geral, os membros da *Geração Z* visam mais a instabilidade do que a estabilidade. A inconstância em relação a preferências, gostos e atitudes sugerem uma fluidez de suas próprias identidades.

3.6. *Geração Z* e suicídio na adolescência

Os profissionais que trabalham diariamente com adolescentes enfrentam problemáticas cada vez mais complexas e, muitas vezes, são responsáveis pela criação e manutenção de redes de apoio que fornecem um importante contrapeso ao sentimento de desamparo vivenciado por grande parte destes indivíduos, em suas diferentes estruturas psíquicas, hereditariedades e níveis socioeconômicos. De acordo com Macedo e Werlang (2012, p.166), o “intenso trabalho psíquico de significação e ressignificação tanto de seu passado quanto do seu presente” exigido nessa fase tende a gerar um forte sentimento de desamparo, vivenciado em momentos de maior conturbação ou em etapas temporais um pouco mais persistentes que podem perdurar durante toda a adolescência. As condições de investimento libidinal nas representações do futuro que permitirão (ou não) o crescimento e a transformação do adolescente em um adulto, segundo as autoras, dependerão justamente da elaboração desse sentimento em relação aos lutos (e ganhos) vivenciados nessa fase.

Uma das problemáticas relacionadas aos adolescentes que tem mostrado um preocupante aumento na contemporaneidade refere-se aos índices de suicídio entre os indivíduos pertencentes a essa faixa etária. Não apenas no Brasil, em que se constata um aumento de 65% nas taxas de suicídio de adolescentes nos anos de 2000 a 2015,

segundo uma publicação recente ²¹ ; mas também, em países considerados superpotências econômicas, os órgãos estatais têm apontado índices alarmantes de mortes auto infligidas. Segundo o Centro de Tratamento e Prevenção de Doenças estadunidense (CDC), por exemplo, houve um aumento de 70% de suicídios de adolescentes brancos naquele país no período de 2006 a 2016, sendo que entre adolescentes negros esse aumento alcançou 77% no mesmo período.

Os sentimentos de desamparo, de desesperança, impotência e desespero experienciados pelos adolescentes, de acordo com Macedo e Werlang (2012, p. 167), acompanham o ato intencional de acabar com a própria vida. Mas fica a pergunta: o que acontece na contemporaneidade para que esse sentimento seja intensificado nos adolescentes e jovens ao ponto de transparecer em pesquisas quantitativas acerca dos índices de suicídio entre os indivíduos dessa população?

O aumento das exigências de performance em uma sociedade de consumo que apresenta um ideal de felicidade como simulacro onipresente da vida de jovens e adolescentes parece ser um dos fatores a serem considerados quando buscamos respostas a perguntas tão complicadas como essa. Como afirmam Jeammet e Corcos (2005, p. 134) o desafio de compreender o “apetite pela morte ou pelo menos pelo sofrimento” apresentado pelos adolescentes deve compreender a ressonância psíquica que as condutas autodestrutivas representam em relação a uma sociedade “que incentiva e oferece novas possibilidades, até hoje inigualáveis, de consumo e de desempenho pessoais” e cujo ideal de funcionamento é baseado no “culto das performances, do factual, das sensações, faz da recusa da falha o valor da vida e subordina o sucesso ao que se vê”.

Em minha dissertação de mestrado, problematizei algumas das consequências psicológicas dos efeitos de *Ananké* sobre o psiquismo na sociedade contemporânea, sendo uma delas justamente o maior impacto do sentimento de desamparo na experiência dos sujeitos contemporâneos em relação ao contexto social e cultural. Pudemos compreender por meio daquela pesquisa como algumas mudanças na

²¹CADERNO COTIDIANO. Suicídio entre adolescentes avança e casos recentes mobilizam escolas. **Folha de São Paulo**, publicado em 25/04/2018.

denominada ‘realidade objetiva’ – economia, política e cultura – acabavam impedindo o acesso ao componente amoroso e regenerativo (destinado à cura e amenização da dor psíquica) do narcisismo dos indivíduos (NASCIMENTO, 2011). Quando consideramos indivíduos de uma faixa etária caracterizada por um turbilhão de mudanças e pelo intenso trabalho psíquico que as mesmas impõem ao psiquismo, é forçoso colocar em questão a condição de fragilidade psíquica – também propiciada por um frágil equilíbrio pulsional entre demandas narcísicas e pulsionais que é característico dessa fase – que o (a) adolescente atravessa. Desse modo, podemos compreender que o “narcisismo contemporâneo” (NASCIMENTO; CANIATO, 2016) pode ser mais tirânico ou mortífero justamente para os indivíduos adolescentes e jovens.

Na adolescência, o conflito entre o Eu e o Ideal do Eu pode assumir diferentes formas de manifestar-se. De acordo com Cardoso e Marty (2008) o conflito do objeto idealizado com a realidade externa ao indivíduo pode manifestar-se em ataques aos representantes de autoridade, como pais e professores, dificultando, assim, e o decurso do desenvolvimento genital.

Jeammet e Corcos (2005) nos falam sobre organizações psíquicas temporárias voltadas, na adolescência, a lidar com o conflito entre o narcisismo (relacionado ao Eu) e a dependência dos objetos externos que representam autoridade, como os pais e os educadores.

Para melhor entender o funcionamento de caráter psicopatológico que algumas condutas adolescentes denunciam na contemporaneidade, evitando, ao mesmo tempo, a estigmatização dos indivíduos vulneráveis pela cristalização de um diagnóstico nosográfico de caráter permanente – o que poderia ser tomado como uma patologização da adolescência – emprestamos a noção de organização psíquica de Jeammet e Corcos (2005) ao analisarem a psicopatologia dos adolescentes de uma forma contextualizada em relação à cultura e à sociedade. Os autores analisam e nomeiam três formas de organização temporária do psiquismo que nos parecem particularmente atinentes às atuações de caráter autodestrutivo com risco de morte auto infligida, a saber, a masoquista, a de caráter mais psicótico, caracterizada pela rejeição dos vínculos objetivos e, por fim, a denominada ‘fascinação pelo negativo e fobia do

prazer’, que nos parece mais ampla e generalizada e, desse modo, facilmente confundível com aspectos considerados pela psicologia do desenvolvimento como ‘crises normais na adolescência’.

O masoquismo é a forma de conduta autodestrutiva adolescente mais fácil de ser notada, geralmente alcançando manifestações visíveis, tais como automutilações, transtornos alimentares, bravatas em esportes radicais com risco de morte, entre outras. É importante ressaltar que as formas de organização patológicas podem ser combinadas de variados modos com as estimulações mórbidas exigidas pela sociedade. Tais formas podem apresentar-se de forma intermitente, intercaladas com condutas aparentemente normais: é a compulsão à repetição de determinadas condutas e seu caráter defensivo em relação ao sentimento de passividade e de desamparo (em relação às figuras materna e paterna) que permitirá identificar o caráter mais ou menos patológico de uma conduta nessa fase, caracterizando a especificidade da organização da dependência adolescente. Como explicam os autores, a organização da dependência nessas condutas faz com que “a questão do domínio dos vínculos e do controle da distância dos objetos” torne-se central nessa fase do desenvolvimento” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p. 69).

Há ainda a possibilidade do masoquismo moral, no qual o sujeito submete-se a colegas abusivos – autores do chamado *bullying*, por exemplo – enquanto despreza as figuras materna e paterna na tentativa de negar a identificação que forma os núcleos identificatórios constituídos até então. Assim, por exemplo, o adolescente admirado por seu desempenho escolar começa a buscar grupos que o distanciem das atividades de estudo e aprendizado produtivo, a moça admirada pelo pai por sua beleza adere a rituais alimentares incompatíveis com o desenvolvimento de seu corpo – o excesso ou absoluta escassez de alimentos que caracterizam transtornos alimentares como a anorexia e a bulimia. A possibilidade de morte decorrente desses transtornos tende a tornar-se ainda maior quando o indivíduo não é assistido pela família e por profissionais em tempo hábil.

Condutas semelhantes ao masoquismo moral podem ser observadas em organizações voltadas para a fascinação pelo negativo e a fobia do prazer em que uma parte do corpo, o corpo inteiro, o pensamento ou mesmo uma característica, função ou

capacidade admirada por familiares tendem a ser atacadas em um processo de rejeição e de re-apropriação fantasmática pelo negativo:

A psicopatologia da adolescência **mostra** que os problemas que eclodem neste período da vida podem ser analisados sob o ângulo da expressão de uma divisão do próprio sujeito, que é conduzido a rejeitar uma parte dele mesmo, vivida como uma alienação possível em relação aos objetos de investimento, enquanto esta conduta de rejeição contribui para lhe permitir se afirmar em uma identidade negativa que não deverá nada ao objeto. (JEAMMET; CORCOS, 2005, p. 75)

A rejeição da identificação com um dos gêneros sexuais – o masculino que representa a figura paterna ou o feminino, representando a figura materna – analisada anteriormente, quando nos referimos à impossibilidade do reconhecimento das diferenças sexuais e da elaboração do luto pela bissexualidade psíquica infantil, parece ser um bom exemplo de fascinação pelo negativo na chamada *Geração Z*. Entretanto, ao contrário do sentimento de “viver o melhor dos mundos” alardeado na reportagem da revista semanal que apresentamos anteriormente – “Amigos para sempre”, Revista Veja, 2016 – a fobia do prazer, decorrente dessa incapacidade de identificação sexual, representa o sofrimento psíquico daqueles indivíduos incapazes de experimentar o prazer completo com os parceiros sexuais e de se reconhecerem enquanto sujeitos sexuados, sejam estes masculinos ou femininos.

O sentimento de confusão em relação à identidade sexual na adolescência é geralmente experimentado junto a intensos sentimentos de sofrimento psíquico e de desamparo. A negação desse sofrimento pode ser a maneira defensiva apresentada na conduta de muitos desses indivíduos, porém a fobia ao prazer que completa os quadros psicopatológicos no caso das organizações psíquicas analisadas por Jeammet e Corcos (2005), diferencia essa forma de organização psicopatológica das noções socialmente valorizadas na atualidade que tendem a confundir, preconceituosamente, comportamento sexual (sexualidade fluida) com opção de gênero e identidade sexual (gênero sexual fluido). Os autores esclarecem que a fascinação pelo negativo e a fobia do prazer referem-se a uma forma de organização psicossocial subjetiva caracterizada por condutas de auto-sabotagem que adquirem múltiplas funções no equilíbrio psíquico do sujeito. Esses vínculos de caráter sado-masoquista conduzem à construção de uma neo-identidade (ou identidade negativa) de caráter “partenogênico”, ou seja,

caracterizada pela negação dos vínculos amorosos no processo de constituição da identidade. São desconstruídas as subjetividades pela internalização e apropriação pelos adolescentes dos apelos consumistas e autodestrutivos da sociedade do desamparo em nome de uma falsa euforia/felicidade.

A elaboração do complexo de Édipo e do complexo de castração, possibilitadas, segundo Freud (1923/2011; 1924/2011), por certo grau de maturidade psíquica que permite o reconhecimento das diferenças entre os sexos anatômicos assim como, para os indivíduos saudáveis, um certo grau de aceitação da castração e dos interditos aos impulsos incestuosos, não são acessíveis aos indivíduos dominados pela fascinação negativa e pela fobia do prazer. Eles correm o risco de não encontrar, assim, o apoio objetal necessário para o “término de suas identificações, especialmente em sua dimensão sexual, considerando-se que elas serão mais necessárias em razão de seus danos parciais de interiorizações” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p. 77). Essa impossibilidade resulta em empobrecimento afetivo e incapacidade para formar vínculos e realizar relações sexuais completas, ou sejam, pautadas na alteridade genital. A evolução desse modo de organização para toxicomanias e transtornos alimentares, segundo os autores, é bastante comum, quando não resultam em posturas mais autodestrutivas conduzentes ao suicídio

O empobrecimento do narcisismo de vida acaba reforçando, nesses indivíduos, o fascínio pelo negativo e as dificuldades de formar vínculos afetivos e, assim, essa forma de organização perversa tende a prosseguir na vida adulta como perda das capacidades de investimento afetivo:

Esse empobrecimento se reencontra mesmo no interior do mecanismo de retorno sobre si auto-erótico que perde progressivamente seus laços com objetos fantasmáticos aos quais estavam inicialmente ligados. Dessa maneira, as relações vivas dão lugar às relações de domínio; as relações humanas se transformam em sobre-investimentos do funcionamento mecânico do corpo e de um pensamento desligado de seu alimento afetivo; as emoções são substituídas pela busca de sensações. (JEAMMET; CORCOS, 2005, p. 78)

A noção de “gênero neutro” desenvolvida por André Green (1988) nos auxilia a compreender a ação da pulsão de morte sobre essa forma de organização psíquica

caracterizada pela fobia do prazer: a capacidade para assumir o próprio desejo e buscar o prazer com o outro (inclusive o prazer sexual) exige um mundo interno bem assegurado, ou, em outras palavras, um Eu constituído e assegurado pela argamassa libidinal representada pelo denominado narcisismo de vida. Quando o desligamento afetivo, representado pela ação silenciosa da pulsão de morte, domina a vida psicosexual, o gênero neutro denuncia-se como “uma negatividade onde o nada se encarna e onde o desejo se realiza como morte do desejo e triunfo sobre a morte do desejo” (GREEN, 1988, p. 237). Em outras palavras, a denegação que visa a anulação dos representantes do feminino e do masculino no processo identificatório culmina na impossibilidade do reconhecimento do próprio desejo para a formação da identidade sexual e para a busca da maturidade genital. Assim, independente da opção sexual do sujeito, a distinção e o reconhecimento das identificações com figuras femininas e masculinas na história do desenvolvimento psicosexual apresentam-se como fundamentais no processo de subjetivação e na formação da identidade.

De acordo com Jeammet e Corcos (2005, p. 86), a rejeição dos vínculos objetivos é a saída tipicamente psicótica que pode emergir a partir da fobia do prazer ou de outra forma de funcionamento psíquico “que fragiliza o Ego e seus limites e favorece a indiferenciação Ego/objeto”. A diferença das duas formas de organização psíquica pode parecer muito tênue na adolescência, porém a evolução do quadro psicopatológico na vida adulta mostrará um prognóstico bem menos favorável nos casos de psicose. Em relação às possibilidades de suicídio, entretanto, os autores não discutem as distinções entre ambas. Podemos presumir que os sintomas delirantes e seu caráter que, conforme a psicopatologia clássica, pode ser predominantemente destrutivo ou restituidor das forças egoicas relacionadas à pulsão de vida, bem como a presença ou ausência de ideações suicidas, juntamente com a importância do ambiente relacional disponível a esses indivíduos, sejam os principais determinantes de um prognóstico nos casos das rejeições dos vínculos objetivos, pois:

Os estados psiquiátricos mais instáveis recorrem a muitos tipos de organização da dependência narcísica dos objetos. A rejeição dos vínculos objetivos é a resposta psicótica. O antagonismo narcísico-objetal pode conduzir a uma antinomia total entre esses dois registros tal como a encontramos no momento de ruptura psicótica da personalidade com as duas faces da psicose: a da própria essência do processo psicótico de destruição dos vínculos objetivos (o desinvestimento das representações inconscientes de coisas, de Freud); e a do movimento psicótico de cura pela

Uma das características da organização psíquica marcada pela conduta de rejeição às relações objetais é o excessivo apego ao que é **percebido pelos sentidos** – o contato mais superficial de relacionamento com o mundo – em detrimento do que é **sentido** a partir das relações humanas: “O apego defensivo ao percepto, sobretudo nos seus aspectos mais neutros, materiais, em detrimento do humano, torna-se uma modalidade da organização” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p. 87). Esse apego ao que é percebido, referente aos objetos inanimados e às imagens, em detrimento da disponibilidade para os vínculos afetivos, pode ser observado em alguns adolescentes presos à imersão/inundação pela realidade virtual (RV). Embora esteja claro que nem todos os jogadores e internautas que passam a maior parte do tempo imersos no mundo virtual sejam necessariamente psicóticos, é importante estar atento à dimensão de vício possibilitado por essa imersão, assim como à possibilidade destes indivíduos, principalmente na adolescência, de estabelecerem vínculos com outros seres humanos e poderem diferenciar o ambiente virtual do ambiente real, retomando, assim, seu contato com a realidade externa.

A capacidade de estabelecer vínculos afetivos, traduzida pela habilidade de dar e receber amor, é uma característica fundamental daqueles, cuja dinâmica psíquica é dominada pela pulsão de vida. A ação da pulsão de morte, por outro lado, é marcada por um desligamento em relação ao mundo vincular em que as trocas afetivas são possibilitadas. Esse desligamento e desprendimento do humano, aliado a um apego exagerado à tecnologia, são características marcantes da dimensão destrutiva da *Geração Z*.

Por outro lado, a virtualização da vida, da comunicação e das relações afetivas em nossa época se manifestam sob o signo da banalização, facilitando o distanciamento entre os membros da família e normatizando como malignidade o exercício do papel de amparo e referência que os pais poderiam exercer sobre seus filhos.

Entre os adolescentes contemporâneos, muitas vezes, o acesso à simpatia ou aprovação de outro ser humano, fica quase absolutamente restrito ao mundo virtual. O número de comentários e manifestações de apreciação em fotos, vídeos e mesmos textos postados em redes sociais, é considerado um sinal de que alguém, alhures, está prestando atenção e valorizando seu corpo, sua aparência, suas produções. Assim, é frequente observar alguns adolescentes que despendem um enorme tempo e energia alimentando seus personagens nessas redes sociais virtuais, enquanto pouco se esforçam em constituir relações face a face ou mesmo esquivam-se de participar de relações sociais reais. A fragilidade de um mundo afetivo alimentado exclusivamente por interações virtuais, entretanto, fica cada vez mais evidente quando esse adolescente passa a ficar dependente da virtualidade e compreende a si mesmo enquanto incapaz de expressar habilidades sociais. A dificuldade com habilidades sociais é, aliás, bastante frequente entre os adolescentes que apresentam ideações e comportamentos suicidas.

Além do sucesso das redes sociais virtuais entre os adolescentes, o mercado de jogos eletrônicos cresce vertiginosamente na contemporaneidade, conseguindo uma adesão cada vez mais imersiva de adolescentes e jovens, devido ao uso de recursos e técnicas capazes de criar um ambiente de realidade virtual (RV) cada vez mais semelhante à realidade. Grande parte desses jogos, segundo Cabreira (2014), utilizam a violência como tema principal de seus enredos e recompensam o usuário pelo seu uso indiscriminado, ou seja, quanto mais violência o jogador pratica no jogo, tanto melhor sua condição e seu progresso neste.

O problema maior analisado pelos estudiosos no que se refere aos jogos virtuais violentos trata-se da “exacerbação dos efeitos já nocivos da televisão” (CABREIRA, 2014, p. 172). O clima de fantasia aliado à tecnologia e à velocidade dos efeitos especiais cria um efeito de mão dupla: “Ao entrar no universo do computador, o jogador trata a fantasia como se fosse uma realidade, mas ao sair do *cyberspace*, ele acaba tratando a realidade como se fosse uma fantasia” (CABREIRA, 2014, p. 173). Isso explicaria alguns episódios de violência que se tornaram famosos no mundo todo pela semelhança entre homicídios e suicídios praticados no jogo virtual e na vida real. O caso dos rapazes responsáveis pelo episódio que ficou conhecido como “o massacre de Columbine” em uma escola no Condado de Jefferson, Colorado, Estado Unidos,

parece um bom exemplo em que a realidade foi tratada como fantasia, tendo em vista o tipo de violência utilizada e o envolvimento de um dos adolescentes – Eric Harris – com o desenvolvimento e divulgação de um famoso jogo violento. Harris mantinha um site sobre o jogo *Doom* e havia criado dois cenários para o jogo. Naquela época, o código do jogo *Doom* já havia sido distribuído na internet e era comum jogadores criarem seus próprios cenários para jogar com os amigos. Eric Harris e Dylan Klebold, dois adolescentes na época, mataram 13 pessoas, ferindo outras 21, em 20 de abril de 1999. Em seguida aos assassinatos, ambos cometeram suicídio dentro da biblioteca da escola. Esse episódio teve bastante repercussão e conduziu a discussões no mundo todo acerca dos impactos da violência virtual utilizada por adolescentes e jovens nesses jogos. Entretanto, apesar das proibições temporárias do jogo *Doom* em alguns países, devido a tal episódio, o consumo de jogos violentos tornou-se ainda mais popular nos últimos anos entre adolescentes e jovens.

A sociedade de consumo, organizada pela lógica de acumulação flexível do capital, é marcada pela obsessão pela novidade e pelo descarte e rápida substituição de mercadorias. Por meio delas, a indústria cultural faz crer ao indivíduo, que ele poderá obter as características desejáveis para destacar-se na sociedade. As exigências são imensas e, por vezes, excedem as capacidades individuais de desempenho em vários âmbitos: estética corporal perfeita, produtividade e nível de informação em excesso, vestuário e acessórios da última moda. De acordo com Netto e Souza (2015, p. 182), as exigências postas para os indivíduos em desenvolvimento em nossa época “podem se constituir como obstáculo, como ameaça, como fonte constante de inadequação e sentimento de não pertencimento”. Os autores afirmam que, em muitos casos de suicídio, esses sentimentos são decisivos para a busca de isolamento e para as tentativas de acabar com a própria vida.

A sensação de que não está à altura das exigências de uma sociedade pautada no consumo excessivo e na alta competitividade entre os indivíduos tende a trazer sentimentos de desesperança e até mesmo vergonha de ser quem se é. A inadequação aos altos padrões de performance e de consumo conduz a um rebaixamento da autoestima e do amor devotado ao próprio Eu. Em indivíduos mais vulneráveis, esse sentimento pode tornar-se causa de um sofrimento insuportável, para o qual parece não existir saída possível, a não ser pela própria morte.

Em muitos grupos adolescentes, a posse de determinadas mercadorias é considerada como critério de entrada e permanência de seus membros: roupas de marca, aparatos tecnológicos de última geração, entre outras mercadorias, são considerados como um bilhete de acesso para a entrada em determinada tribo adolescente e também como um sinal de distinção e destaque em relação aos demais. O fato de não possuir ou de, por qualquer motivo, perder esses sinais de distinção, pode ser considerado como motivo de desvalorização ou mesmo constituir-se como motivação para o adolescente sofrer assédios e gozações diversas de seus pares. O sentimento de ser desqualificado, criticado e desprezado pelos colegas é considerado um outro fator de risco para o suicídio entre adolescentes.

Apesar de poder parecer um ato sem sentido e desprovido de finalidade, o suicídio não é algo aleatório. Ele é vivenciado como a melhor saída disponível, com o propósito de encontrar uma solução para um sofrimento intenso, insuportável e interminável. A finalidade de não sentir mais a angústia e a dor psíquica que estão sendo experimentadas é a função instrumental do suicídio.

O incremento de ações suicidas está vinculado ao desespero de viver em que o sofrimento psíquico tende a ser negado e o ato suicida é interpretado como heroísmo, embora o adolescente esteja imerso na depreciação do prazer de viver. Passa a existir um menosprezo nas ideações e planos suicidas ou esses são vistos como crises passageiras e sem maior importância. A pouca importância dada ao seu sofrimento e a sensação de que não há alternativa disponível para o seu sentimento de desamparo tendem a contribuir com o desejo de acabar com a própria vida entre os adolescentes. O aparente menosprezo pelo sofrimento e a sensação de que não há como livrar-se do sentimento de desespero que potencializa o sentimento de desamparo tende a incitar no adolescente o desejo de autodestruição.

É possível perceber que a nossa época desafia aqueles que estão em processo de constituição de suas identidades. A geração jovem do final do século XIX ainda trazia o valor da aceitação das regras familiares como padrão, independentemente de seus imperativos: casar ou ter filhos, recolher-se indefinidamente em um mosteiro ou convento, comunicar-se ou sentir seu próprio Eu como uma aberração. O final do

século XX, por outro lado, assinala uma época marcada pela crise de referenciais de autoridade, tais como a família, a igreja e mesmo as instituições de ensino.

Na Modernidade, os referenciais de autoridade – como a política, a religião e a tradição familiar – são gradativamente substituídos por um processo de “re-hierarquização dos valores” (COSTA, 2004, p.132), no qual a publicidade e outros veículos da indústria cultural desempenham um papel central. A função paterna perde destaque e seus fatores de legitimação, seja no interior da família ou na sociedade de uma forma mais generalizada. A autoridade familiar, principalmente quanto à figura paterna, tem sido vista como frágil ou em franco processo de decadência. Nesse contexto, tal autoridade, supostamente, deixaria de representar o porto-seguro e a referência de verdade na distinção entre o bem e o mal, o certo e o errado e assim por diante.

Ao mesmo tempo em que se opera a dissolução da autoridade familiar, instituições que em outras épocas detinham uma autoridade incontestável e pouco sujeitas a mudanças – como a Igreja e o Estado, por exemplo – simplesmente têm seu poder revisto ou revogado pelas novas leis do capital financeiro global e flexível (BAUMAN, 2008a). Face à super-competitividade, à desvinculação entre destinos individuais e os fatores sociais que os condicionam, à “dispersão das autoridades” (BAUMAN, 2008a, p. 163) com conseqüente “fragilidade de todos os pontos de referência concebíveis” (BAUMAN, 2008a, p. 189) e à dissolução dos laços afetivos, de classe ou parentesco, o indivíduo líquido moderno, cada vez mais individualizado e menos cidadão, deixa de acreditar na construção de uma sociedade justa e na união com seus semelhantes em prol de uma causa comum ou política.

As conseqüências dessa crise para aqueles que estão atravessando a adolescência costumam ser o acirramento dos sentimentos de falta de norteamento e desamparo, os quais já são característicos dessa fase. Esse acirramento, bem como a incapacidade para estabelecer vínculos caracterizados pelo amor e pela proteção, parecem ser as principais causas do aumento do índice de suicídio entre os adolescentes e jovens que é verificado neste século XXI.

3.7. A importância da escuta psicanalítica em busca do processo de subjetivação

As características anteriormente discutidas da *Geração Z* apontam uma adolescência com dificuldades para a constituição de sua identidade, fortemente marcada por traços narcísicos e por um pensamento voltado à onipotência que é fortalecido pela realidade virtual (RV), não muito propensa à mobilização política e à reflexão acerca de sua própria condição social. Por esse motivo, é possível perceber que os indivíduos pertencentes a essa geração demandam cuidados e auxílio à medida em que enfrentam os inevitáveis lutos e transformações durante a adolescência.

Ao considerarmos que grande parte do sofrimento vivenciado por essa geração ocorre em função de características de uma sociedade e uma cultura que promovem a violência simbólica, podemos afirmar que uma assistência psicológica que busque apenas a adaptação do indivíduo à sociedade não parece ser o auxílio mais indicado nestes casos.

Adorno (2015, p. 80), ao apreciar a relação entre indivíduo e sociedade, afirma que “por mais que os indivíduos sejam produtos da totalidade social, tanto mais entram, enquanto tais produtos, necessariamente em contradição com o todo”. O psicólogo que utiliza o conhecimento e as técnicas psicanalíticas parece ser o mais indicado para perceber as determinações e contradições sociais que afetam a dinâmica psíquica do indivíduo, principalmente quando se propõe a considerar a captura inconsciente que a cultura virtual, por meio da indústria cultural e da publicidade, faz em relação os indivíduos em desenvolvimento.

É importante considerar que em uma sociedade como a nossa, “Mesmo a cura bem-sucedida carrega o estigma do danificado, da vã adaptação pateticamente exagerada” (ADORNO, 2015, p. 90), o que não significa que aqueles indivíduos em sofrimento não mereçam assistência psicológica, pois aquele que não busca a melhora de sua condição, assim como o que está plenamente identificado com a violência psicossocial, encontram-se privados de sua saúde mental, pois: “Na medida em que o curado se assemelha à totalidade insana, torna-se ele mesmo doente, mas sem que aquele que fracassa em ser curado seja por isso mais saudável” (idem).

A análise da cultura e das trocas linguísticas realizadas pelos indivíduos parece, assim, ser bastante importante para o psicólogo que se preocupa em mobilizar em seus pacientes as forças da pulsão de vida, em detrimento de promover a mera adaptação dos mesmos a uma realidade hostil e violenta. Em relação à pura adaptação, Adorno (2015) ainda acrescenta que:

O mecanismo da adaptação às relações enrijecidas é ao mesmo tempo de enrijecimento do sujeito em si: quanto mais adequado à realidade, tanto mais se transforma ele próprio em coisa, tanto menos vive, tanto mais insano é todo seu “realismo”, que destrói tudo em defesa de que a razão autopreservadora fora colocada em jogo, ameaçando rigorosamente até a vida nua. (ADORNO, 2015, p.94)

As trocas linguísticas em comunicações por meio das redes sociais multimidiáticas contemporâneas adquirem um sentido diferente quando consideramos o domínio da violência verbal entre meninas jovens, em detrimento da violência física (geralmente mais comum entre adolescentes e jovens do sexo masculino). O assédio moral nas escolas e o silenciamento forçado por humilhações repetidas tendem a paralisar a capacidade de elaboração do luto pelo corpo infantil e a capacidade de conseguir aquele “grau de síntese entre o amor não sensual, celestial, e aquele sensual terrestre, e sua relação com o objeto sexual [que] é caracterizada pela cooperação entre os instintos não inibidos e instintos inibidos em sua meta” (FREUD, 1921/2011, p.71).

Um exemplo profícuo de pesquisa-participante e de questionamentos múltiplos em relação à própria identificação com o outro, quando se trata de meninas, é sugerida pela psicóloga e cientista política Raquel Simmons (2004). O objetivo do questionamento, conforme descrito pela pesquisadora, refere-se a romper com o silêncio e com a violência do denominado “*bullying*” entre meninas de 10 a 14 anos. Depois, a cultura das “meninas boazinhas” é questionada por elas mesmas, com a mediação da pesquisadora e as conclusões sugerem os meninos como capazes de explodirem em agressão e, ainda, serem *culturalmente recompensados* por isso. A comparação com o sexo masculino parece injusta, a princípio, pois:

Num tom de voz ousado e como se fosse a coisa mais natural do mundo, as meninas se descrevem para mim como desleais, indignas de confiança e mentirosas. Elas disseram que as meninas usam a intimidade para

manipular e dominar as outras. Elas falam que as meninas são falsas, usando-se mutuamente para ascender na hierarquia social. (...) As histórias das meninas sobre seus conflitos eram casuais e às vezes cheias de raiva delas mesmas. Em quase todas as sessões de grupos que fiz, alguém manifestou voluntariamente o seu desejo de ter nascido menino porque eles podem “lutar e resolver a parada. (SIMMONS, 2004, p. 26)

Em seguida, em uma interpretação acerca do que ouviu – sendo profunda apreciadora do território-vivo que compunha a *Linden School* (local em que se realizou a pesquisa) naquela primeira década do século XXI, considerando seus limites geográficos, sociológicos e educacionais – a pesquisadora apresenta os efeitos de um silenciamento educacionalmente forçado sobre as meninas com quem buscava dialogar:

Meninas contam histórias de sua raiva numa cultura que não define o comportamento delas como agressão. Consequentemente, suas narrativas estão repletas de mitos destrutivos sobre a inerente duplicidade das mulheres. Como a poeta e ensaísta Adrienne Rich observa: “Tem-nos pintado como sendo em geral caprichosas, mentirosas, sutis e vacilantes.” (SIMMONS, 2004, p. 26)

O desafio de constituir uma educação capaz de fazer mediações que substituam as agressões pelo diálogo e pelo esclarecimento quanto aos sentimentos envolvidos nos conflitos entre as meninas adolescentes no processo de constituição de sua identidade feminina prescinde de professores e profissionais engajados nessa tarefa, tanto na escola quanto em outras instituições frequentadas por essa faixa etária. É nesses espaços – ainda ausentes na maioria de nossas escolas públicas brasileiras – que a Psicologia poderia atuar na construção de diálogos interdisciplinares para combater a violência e promover uma socialização baseada no cuidado e na formação dos adolescentes para a alteridade. A falta destes espaços e destes profissionais, por sua vez, favorece um silenciamento que não permite a elaboração dos conflitos e tende a causar mais sofrimento e angústia:

Em épocas de conflito, as meninas viram-se umas contra as outras com uma linguagem e uma justiça que só elas conseguem compreender. Sob uma fachada de intimidade feminina existe um terreno percorrido em segredo, marcado de angústia e nutrido pelo silêncio. (SIMMONS, 2004 p. 12)

A identidade feminina, muitas vezes, torna-se dificultada por um discurso que neutraliza a suposta “escolha sexual”, pulverizando-a em dezenas de possibilidades. A questão de recusar-se a ouvir o primeiro nome ou brincar de ser um super-herói do sexo masculino, por sua vez, pode corresponder a um desejo de ter acesso à chamada “agressividade masculina”, em uma cultura que ensina os meninos a se defender e atacar, enquanto restringe às meninas os ataques mais silenciosos e ocultos.

No entanto, no âmbito escolar, há ainda outros desafios a serem considerados para a construção de uma comunidade do conhecimento baseada no cuidado e atenta aos direitos humanos e na formação cultural das novas gerações. Hargreaves (2003, p.169) nos atualiza acerca da função docente em uma sociedade de mobilidades espaciais e linguísticas bastante frequentes: “Uma das crises mais sérias e dos desafios mais importantes que o sistema educativo público e a profissão docente enfrentam é o êxodo em massa do ensino devido à mobilidade demográfica dos professores”. Onde estariam os professores dispostos a mediar símbolos e contar com a colaboração de alunos para modificar um sistema caracterizado pela violência oculta entre pares?

Como Freud (1921/2011) tentou analisar, repousar na figura abstrata de um líder não garante aos sujeitos do desejo sua identificação com a autoridade paterna ou com os cuidados maternos. Assim, supor uma identidade pronta e deslizar sobre ela nossas inquietações ou afetos, jamais garantiu uma profissionalização para a psicologia. A figura do *especialista* ou da *celebridade* apenas nos fazem migrar de um simulacro a outro, e a ética, neste caso, corresponde ao conceito de identificação também cultivado por aquele pesquisador e clínico. A neutralidade dos “discursos prontos” é um mito que apenas a Psicologia Experimental conseguiria em relação a animais e seus instintos, tais como: sede, fome e ordens de adestramento.

Entretanto, como Adorno & Horkheimer (ano) sugeriram, a indiferença aos outros sempre é um recurso ao qual a indústria apela com uma racionalidade tecnológica que tende a eliminar memórias e, até mesmo, identidades. Para o Ensino Médio brasileiro, resta a maior pergunta, a ser feita também para universidades altamente tecnológicas e aquelas também bastante políticas, no sentido de trazer o direito à expressão musical e à escuta mediada: se os bons alunos são altamente

desejáveis e os professores extremamente sujeitos à mobilidade, onde fica a “sociedade do conhecimento” preocupada com o cuidado com as pessoas?

Em nossas intervenções com estudantes do Ensino Médio buscamos também construir um espaço de escuta para ouvir acerca de como os sujeitos adolescentes percebiam sua inserção na comunidade do conhecimento. Em relação aos sujeitos masculinos, a preocupação com a integridade física é relatada a partir de cenas desconexas que circularam em redes sociais acerca de ameaças em sala de aula: um adolescente leva uma faca para a escola e ameaça o professor, uma reunião de professores termina em discussões exaltadas e com o arremesso de objetos. Assim, a dificuldade em perceberem-se como estudantes capacitados a continuarem a busca pelo conhecimento esbarrava na construção da identidade profissional ameaçada pela dúvida: “Estudar para quê? ” Seria mais fácil filmar o ocorrido, denunciar às autoridades e abandonar a escola? A possibilidade de construção de uma consciência crítica, como lembra Adorno (1979/2001), tem a finalidade de construir uma consciência subjetiva voltada à transformação da realidade objetiva, e, para tanto, o desejo pelo conhecimento deve incluir formas de compreensão da opressão vivenciada pelos sujeitos. A busca pela superação de tais condições remete-nos à pulsão de vida: criatividade e ação para que o discurso do medo seja combatido e o espaço para estudar possa ser resgatado como direito ao diálogo.

Inicialmente tímidas, por sua vez, as meninas tiveram mais facilidade em falar sobre experiências de dificuldades em estabelecer vínculos de confiança no ambiente escolar que apoiassem o que aprenderam. A descrença em relação à capacidade de aprender a escrever sobre sua própria história levava essas jovens a apontar dificuldades nos vínculos de confiança relacionados ao discurso familiar para o estabelecimento de seu próprio desejo de conhecer e saber mais. A maioria delas mostravam-se como dispostas a realizar cursos rápidos para “serem donas da própria vida”, porém silenciavam diante de perguntas acerca do que desejavam estudar. A orientação para o mercado de trabalho encontrava limites de simbolização enigmáticos.

No decorrer dos encontros, descobrimos também a existência clandestina de espaços patrocinados por iniciativas contrárias aos propósitos da escola e mais

destinados à exploração sexual precoce de adolescentes por adultos ligados ao poder econômico e político. A exploração de meninos e meninas pelo tráfico de substâncias entorpecentes deixavam muitas famílias ameaçadas, dentro e fora do ambiente escolar. A demissão das figuras maternas e paternas corresponderia, assim, a uma banalização dessas práticas, pela impotência diante de amigas (ou rivais) que deixaram o ambiente escolar para cederem diante da pressão da necessidade de ganhar o sustento ou simplesmente por impulsos autodestrutivos relacionados à própria sexualidade.

O diálogo com as músicas que os adolescentes estavam ouvindo, por sua vez, permitiu que estes expressassem resíduos verbais de percepções acústicas mais ou menos ligadas à consciência dos perigos aos quais meninos e meninas estavam expostos, tanto em escolas como diariamente em seu entorno. Nesse sentido, a música foi utilizada como recurso para expressão de sofrimentos diante de fantasias ligadas à destruição do próprio corpo e do corpo do outro, permitindo que o conhecimento acerca da alteridade os fizessem criticar, ao invés de ceder facilmente, a imagens-signo que impediam o advento dos representantes de seus limites corpóreos.

O “Pensar em imagens” definido por Freud (1923/2011, p.26) como “uma forma bastante incompleta de tornar-se consciente” e que “também se acha mais próximo dos processos inconscientes do que pensar em palavras” é mais antigo na ontogênese e na filogênese da espécie humana, e tende a expressar impulsos reprimidos. O autor explica que a percepção interna que se remete à percepção do prazer-desprazer corpóreo é mais primitiva e que os sentimentos tendem a permanecer desprovidos de representação verbal, sendo barrados em relação ao sistema consciente, enquanto para a representação de uma ideia atrelada ao sistema inconsciente, “precisam ser criados elos que conduzam ao Consciente, e isso não vale para os sentimentos, que continuam diretamente” (ibidem). Desse modo, foi possível que os adolescentes expressassem suas angústias de modo mediado e buscassem o amparo no vínculo com os colegas e as participantes do Projeto Phenix. O desejo de estudar e trabalhar pôde ser representado em ações que conduziram a desafiar o discurso do estigma e do preconceito, respeitando-se as diferenças de opiniões e manifestações na direção de um conhecimento mais atento à constituição de uma identidade. Com possibilidades de reconhecimento pelos seus esforços, os adolescentes organizaram-se em grupos para aprenderem a utilizar ferramentas

simbólicas que valorizavam o vínculo com o outro (pares e professores) e questionavam-nos acerca de anúncios publicitários que invadiam suas redes sociais com discursos prontos acerca de seu papel enquanto cidadãos em desenvolvimento. A aprendizagem escolar veio a ser, por várias vezes, rediscutida em sua dimensão de direitos e deveres frente a algumas políticas de Educação e de Cultura.

A fascinação com os dispositivos tecnológicos mostrou-se, também, como uma forma de compreender a construção da cultura à distância, sem ter que identificar-se nas denúncias do assédio moral que levavam à revitimização dos sujeitos mais vulneráveis pela falta de apoio familiar e comunitário em seu cotidiano escolar. A inserção na massa pôde assim mostrar o desemprego e a fome como problema da maioria das famílias dos adolescentes com os quais dialogamos, e a necessidade de inserir-se rapidamente no mercado de trabalho mostrou-se como ansiedade sem muitos representantes simbólicos para sustentar suas denúncias ao sistema de produção capitalista. A condição de existir temporariamente como produtor independente de denúncias mostrava o medo de identificar-se com os pares e tornar-se estigmatizado enquanto portador de dúvidas sem finalidade de resolução. A ameaça da extensão da moratória do desenvolvimento denunciou-se como forma de representar a própria condição de dominação e uma forma de vulnerabilidade diferente: o domínio da técnica não fornecia aos sujeitos possibilidades de dialogar em grupos sobre o ideal relacionado à profissionalização em condições dignas de trabalho. A representação da profissão como escolha ou como desejo esbarrou em um fascínio com as imagens em que a subjetividade de meninas e meninos mostrou a persistência do silêncio como alternativa ao discurso e a impossibilidade de nomear sua recusa dos referenciais utilizados para organizar um ideal a ser defendido em contraposição à realidade objetiva: a dependência em relação a dispositivos móveis e organização de celebrações coletivas relacionavam-se com o trauma de não poder falar mais a respeito de experiências relacionadas ao convívio familiar e comunitário.

Na adolescência, as infinitas possibilidades da fantasia esbarram em representações à espera da mediação segura e, ainda assim, considerando os projetos e os planejamentos diante da concretude das atuais condições do sujeito. Mas a dúvida em relação à identidade que delimita nossa *Geração Z* refere-se justamente aos excessos no discurso da diversidade homogeneizadora: o *simulacro*. Nele, as

compreensões adolescentes encontram o obstáculo de um fetichismo alheio ao sujeito do desejo psicanalítico, pois “a mercadoria incorpora/aliena as relações sociais que a produziram. Além disso, consideramos que também incorpora e aliena aspectos subjetivos referentes à felicidade, liberdade, personalidade e realização humana” (SEVERIANO, 2010, p.130).

Baudrillard (1995, p. 59-60) nos explica essa alienação de aspectos subjetivos no consumo, apresentando-o sob dois aspectos: “como processo de significação e de comunicação” ou, seja, um tipo de linguagem em que as condutas de consumo adquirem sentido e “como processo de classificação e de diferenciação social”. As satisfações que são obtidas por meio da aquisição de marcas e signos, entretanto, podem classificar os signos do consumo segundo uma hierarquia de valores. Desse modo, não faria sentido, para o autor, falar em consumo como mera fruição ‘de si para si’ já que é a “lógica estrutural da diferenciação” (BAUDRILLARD, 1995, p. 93) a organizar e determinar hierarquicamente as necessidades e as satisfações do consumidor.

O personalismo narcísico de indivíduos seduzidos pela promessa de felicidade instantânea e duradoura (CANIATO, 2008) requer uma escuta dos não-ditos ou acerca do que é excluído da mensagem pelo poder daqueles que gerenciam a produção do *simulacro*. No que concerne às intervenções e avaliações psicológicas com os sujeitos em desenvolvimento a “sensibilidade às variações da conjuntura será mais acentuada” em razão do “peso de sua hereditariedade e de sua história” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p. 108). A identificação com os cuidadores, nesse caso, será decisiva para o trabalho psíquico a ser elaborado às margens do que o *simulacro* possa, por meio do imediatismo, oferecer-lhes como promessa.

Em outras palavras, a “destradicionalização” (COSTA, 2004, p.16) em favor de um “sistema de objetos” (BAUDRILLARD, 2006) desorganizado e repleto de sonhos de adolescentes, forçosamente nos conduzem a interpelar as repetidas tentativas de “preenchimento do vazio” e de simbolizações variadas e, até mesmo, artísticas, do cansaço e do desespero de viver em um mundo em que os limites ao consumismo são impostos por desertos reais, pessoas famintas e trabalhadores sendo

vendidos como “vida para consumo” (BAUMAN, 2008b) para os detentores das marcas e patentes mais eficazes em espalhar sua visão organizacional e, gratuitamente, sua missão de exploração da força de trabalho até os limites da honra e da dignidade humana.

Em nossas intervenções, nossos adolescentes e estudantes do Ensino Médio nos deram algumas lições deveras valiosas sobre as experiências subjetivas com a indústria da informação que desprivilegia as compreensões dos sujeitos em formação. Seriam necessários muitos recuos imprecisos e muitos mecanismos de defesa para desistir, concomitantemente, da autoestima dos indivíduos adolescentes e do direito de buscar uma finalidade compatível com o futuro para a emergência do sujeito trabalhador, jovem e consciente acerca dos resultados de suas ações. A criação de um novo discurso, em favor da possibilidade da emergência do indivíduo-sujeito contemporâneo, tornou-se a radicalidade de nosso método de transferência e interpretação dos *insights*, em favor da atividade sublimatória e da elaboração da criatividade. Embora a tendência a suprimir a reflexão seja dominante nos conteúdos imagéticos veiculados pela indústria cultural, as iniciativas de recepção crítica a esses conteúdos permitem situar o sujeito em relação ao seu papel na construção da sociedade e da cultura. Por mais incipientes que possam ser tais iniciativas, elas trazem em seu bojo a possibilidade de conduzir a um pensamento que apresente alguma resistência – ao contrário da mera aquiescência e reprodução de comportamentos estereotipados – em relação à proposta da conformação aos moldes do indivíduo-mercadoria que é apresentada pela indústria cultural.

A relação do sujeito em desenvolvimento com sua cultura e com sua família, nos apontou a fantasia de um mundo em que os limites corpóreos e a própria força de trabalho, deixavam de ser sólidos e desmanchavam-se no ar, na música, no despotismo de uma indústria que transvestiu a própria fábrica de ideias e ideais característica da adolescência em um conjunto de simulacros e simulações. Em sua tentativa de internalizar a ternura e o amor dos objetos idealizados da infância e, ainda assim, diferenciar-se e emancipar-se do narcisismo e da barbárie estética da indústria dos *games* violentos e dos falsos símbolos de ostentação, os adolescentes e seus sonhos de inclusão na “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999) nos apontaram o ‘concretismo’ de suas próprias ilusões de liberdade.

A era da informação trouxe muitas possibilidades para quem sabe utilizar as tecnologias da informação: debates, teleconferências, discussões e apelos de caráter democrático. Algumas demandas políticas possibilitaram a continuidade da construção de uma sociedade do conhecimento mais diversificada e, muitas vezes, mais abrangente. Entretanto, demandas internacionais também nos levaram a questionar o imediatismo de um simbólico virtualizado pelo excesso de informações instantâneas e que apelam emocionalmente para uma educação sem fronteiras em que o próprio conhecimento humano foi considerado secundário em relação aos lucros das grandes empresas na reprodução da especulação financeira.

Ainda que os cientistas contemporâneos do nosso planeta pudessem se calar diante da “derrota do pensamento” (FINKIELRAUT, 1988), que atrela nossa História ocidental a genocídios e técnicas de controle dos corpos jovens, o grito por emancipação seria ouvido desde os primeiros anos da década de 1970, tanto na força jovem que se levantava contra uma vigilância ditatorial das individualidades, quanto no combate político aos censores-torturadores que permitiram o silenciamento de uma força intelectual revolucionária no interior das universidades.

O sofrimento psíquico é também uma preocupação inarredável da Psicanálise no Brasil e no mundo. E como a censura e o desconforto insistem, sem humildade ou favor, a nos espreitar e exigir-nos posicionamentos axiomáticos impossíveis, o paradoxo da ação do sujeito hiperconectado também se torna objeto de análise psicanalítica que inclui a Filosofia e a Sociologia nas discussões contemporâneas sobre a virtualização e as possibilidades da ação dos sujeitos adolescentes e jovens, pois:

A tendência humana é lidar com coisa (objeto externo), e não como o indivíduo vive a coisa (objeto interno). Isto é, os usos que seus impulsos conscientes e inconscientes fazem da coisa. Estimula-se, em outras palavras, a busca do prazer, da virilidade, do charme, mas não se fala do impulso destrutivo, às vezes suicida, que o impele a buscar prazer e alívio imediato das tensões. (LEVISKY, 2008, p.73)

A utilização da fantasia contra o próprio corpo foi também facilitada pelo vínculo com a tecnologia da informação, eximindo, muitas vezes, o autor de pequenos genocídios da responsabilidade em relação a povos e comunidades inteiras, enquanto

adolescentes continuavam a ser estigmatizados ou estigmatizadas por posicionarem-se a favor de uma diversidade existente desde que a cultura começou a notar a diferença entre crianças e adultos. A interpretação do significado de adolescência remete-nos, portanto, a um duplo apelo da linguagem: em primeiro lugar, destacamos a continência e a educação que permite à criança estabelecer sua primeira consciência de si. O “crescer para alguma finalidade”, por sua vez, sublinha o aspecto que reside no campo da possibilidade, isto é, da força pulsional que permite a representação do futuro como tempo de realizações diferentes daquelas feitas até então: a emancipação do sujeito e sua ação no campo cultural.

A atribuição de Freud aos sujeitos masculinos da função de fornecer limites às intrusões imaginárias que retomam o vínculo simbiótico são historicamente válidas. Tratam-se de compreensões clínicas referentes a uma cultura já avançada em termos de suas possibilidades de ouvir a sexualidade infantil e suas fantasias. Embora possamos valorizar a função paterna e a primeira identificação com o pai enquanto uma nova ação psíquica que diferencia o corpo da criança e corpo da mãe, temos que tomar os sujeitos femininos como também importantes para limitar a agressividade e a crueldade da sexualidade masculina e feminina. A identificação com a mãe, no caso da menina, permite a valorização de limites não apenas corporais, mas também a tomada de consciência acerca de suas limitações e possibilidades criativas. A sublimação de impulsos talvez ganhe ainda mais importância para os sujeitos adolescentes que estão tomando consciência da existência de um novo objeto de amor: o outro sexo é enigmático tanto quanto o desejo de tornar-se uma mulher ou um homem consciente de seus impulsos agressivos, criativos e também amorosos. Entretanto, ignorar a presença do pai enquanto representante de uma lei existente na família acaba tornando a exacerbação do narcisismo mais suscetível a dissociações e ao desligamento do mundo externo, tanto para meninas quanto para meninos.

A identidade do sujeito como forma de resistir às violências e intrusões sistemáticas realiza-se como uma finalidade (um fim) da adolescência quando as contestações permitem caminhar nos limites entre a ilusão de eliminar os conflitos e ação de contestar seus próprios limites, não para cindir partes de sua história relacional, mas para incluir aprendizados, identificações significativas e ações participantes na construção de seu projeto de vida. Acerca disso, psicanalistas contemporâneas

acrescentam que “de nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens. A garantia de bem-estar social, a eliminação do conflito, não passam de ilusão” (DEBIEUX e DOMINGUES, p.184).

As utopias e os sonhos relacionados ao desejo de reconhecimento na dimensão da alteridade fazem do sujeito uma possibilidade de descoberta de novos caminhos para construir sua realidade concreta, enfrentando os desafios na medida em que reconhecem sua inserção na cultura. O processo de aculturação calcado na adesão de discursos liberalizantes nos fez insistir na importância dos limites protetores da identidade pessoal, como caráter de amparo ao sujeito. Vemos que, durante o desenvolvimento, “o desenlace da situação edípica numa identificação com o pai ou a mãe parece depender, em ambos os sexos, da relativa força das duas disposições sexuais” (FREUD, 1923/2011, p.41). A libido pode tomar um caminho regressivo ou fixar-se em sintomas destruidores do corpo e da criatividade quando o sujeito não é capaz de representar para si mesmo sua história por meio dos vínculos com objetos externos.

Do mesmo modo, a incapacidade de experimentar os cuidados maternos e educacionais como bons tendem a desligar os afetos em relação ao mundo externo, pois, segundo Freud (1923/2011, p.45): “O Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Super-eu o confronta como advogado do mundo interior, do Id. Conflitos entre Eu e Ideal refletirão em última instância (...) a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior”. A negação do mundo interior conduz a uma anulação ou assujeitamento do Eu a um Super-eu coercitivo pela incapacidade de contrapor realidade e representações narcísicas constituintes da autoestima do sujeito. A negação da realidade externa, por sua vez, o impede de conviver com o outro e, assim, de se tornar parte de uma cultura.

O desenvolvimento de novas pesquisas preocupadas em ouvir as pessoas em uma sociedade do conhecimento, permite-nos ir além do simulacro e das simulações de movimentos uniformes e ainda propor diálogos visando a superação da aversão à dúvida que silencia o clamor de grupos de adolescentes por atenção e cuidados. Tal desenvolvimento nos traz a proposta adorniana de crítica à sociedade que investe em técnicas, porém descuida-se das finalidades da tecnologia:

Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é extensão do braço dos homens. Os meios (...) são fetichizados porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. (ADORNO, 1995, p.132-133)

No início do século XXI, assiste-se ao despontar de uma nova “hipertrofia do virtual”, a qual tende a privilegiar o imediato e a realidade virtual (RV) em detrimento da realidade objetiva constituída pelos seres humanos:

Existe atualmente uma verdadeira fascinação pelo virtual e todas as suas tecnologias. Se ele é verdadeiramente um modo de desaparecer, esta seria uma escolha – obscura, mas deliberada – da própria espécie: a de se clonar, corpo e bens, em um outro universo, de desaparecer enquanto espécie humana propriamente dita para perpetuar-se em uma espécie artificial que teria atributos mais performáticos, muito mais operacionais. (BAUDRILLARD, 2001, p. 44)

O virtual apresenta-se hoje como cifras, números e codificações em um círculo infinito de possibilidades. A sua medida é a da linguagem binária (0, 1) que consegue produzir a imagem e a aparência, entretanto é incapaz de instaurar-se como processo de significação humana. Não atua como fantasia ou como linguagem, mas como desligamento do mundo real: não seria sequer um desligamento afetivo, mas a permanência do neutro além da qual o ser humano não pode fantasiar ou sequer intervir simbolicamente em relação ao outro ser humano.

A Psicanálise contemporânea que busca ouvir os sujeitos adolescentes deve considerar que os excessos de apego à tecnologia podem trazer a figura do indivíduo-mercadoria como um sintoma do fetichismo das técnicas, que apagam a dimensão do vínculo entre os sujeitos, pois não lhes devolve possibilidades de identificação que permeiam as relações humanas e a inscrição dos sujeitos em desenvolvimento em uma dimensão temporal:

Os tempos atuais, marcados pelo imediatismo e pela imagem são também produtores de inegáveis avanços científicos e tecnológicos nos mais diversos campos do saber. O ser humano, contudo, está sujeito às vicissitudes do tempo e é, irremediavelmente, incompleto, como sujeito psíquico. É nesse contexto de fragilidade que se estabelece o ideário de uma imagem proposta pela cultura contemporânea no qual o **ter** tem prioridade em detrimento do **ser**. Esse é o cenário das demandas contemporâneas o qual deverá abarcar o processo de construção da identidade do adolescente. (AYUB; MACEDO, 2014, p.112)

A escuta psicanalítica que acolhe a presença constante das questões do adolescente relacionadas a perdas e lutos infantis deve considerar a história do estabelecimento de vínculos, assim como a experiência da fragilidade e do desamparo que o leva a defesas narcísicas para desviar a atenção em relação ao seu medo de crescer, aprender e se desenvolver em direção ao relacionamento com outras pessoas. Os novos significados relativos ao funcionamento do corpo e de seu papel social na adolescência são fundamentais para permitir o desenvolvimento de uma nova organização da identidade, compatível com a amorosidade e com interesse pela produção de conhecimentos em favor da continuidade da vida humana.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema de pesquisa ao qual esse trabalho buscou responder pretendia revisitar novas noções acerca do que é *Geração Z* e do que é “realidade virtual” com uma perspectiva crítica acerca dos processos de formação cultural e constituição da identidade de adolescentes e jovens na contemporaneidade. O desafio maior era compreender os significados e características atribuídos à adolescência na contemporaneidade para, a partir disso, analisar o processo de subjetivação de adolescentes e jovens, bem como alguns dos percalços enfrentados pelos indivíduos, identificando algumas possíveis fontes ou causas do sofrimento psíquico.

Nesse sentido, buscamos, por meio do conceito de indústria cultural e da produção de autores contemporâneos, discutir a função do conhecimento na sociedade atual enquanto produções coletivas que interferem no processo de formação cultural. Do mesmo modo, buscamos atualizar os conhecimentos psicanalíticos acerca da constituição da identidade na adolescência a partir de pesquisas contemporâneas, bem como das intervenções baseada em relações afetuosas e solidárias (CANIATO et al., 2012).

No decorrer da pesquisa, emergiram perguntas e dúvidas de sujeitos adolescentes, a princípio desconcertantes para as pesquisadoras, e também para autores e pesquisadores que, de uma forma ainda incipiente, *tentavam explicar* problemas sistêmicos relacionados à violência simbólica e às mentiras que, muitas vezes, os sujeitos supostamente mais experientes insistem em nos elucidar, ou fazer-nos engolir sem maiores pudores ou preocupações deontológicas. Por uma questão ética em relação às instituições envolvidas, podemos dizer que as perguntas endereçadas ao Projeto de Pesquisa-Intervenção Phenix foram se tornando maiores em quantidade, e, de modo surpreendente, melhores em termos de esclarecimento da condição de vulnerabilidade psicossocial à qual os sujeitos adolescentes com os quais tentávamos dialogar poderiam estar expostos.

Ao pensarmos na questão da dignidade e nos Direitos Humanos (DH), a adolescência, com seus direitos e deveres ganha um leque bastante amplo. Os

instrumentos conceituais e experiências clínicas não são dados irrisórios, quando o que está em questão são automutilações, anorexias, bulimias e um aumento significativo dos índices de suicídio entre os adolescentes.

Em outras palavras, para cuidar de adolescentes que são marcados pela pobreza e muitas vezes pelo preconceito da sociedade, torna-se necessário também discutir a indústria cultural que faz uma destruição da autonomia do pensamento e das artes. De acordo com Chauí, o simulacro da cultura virtual contemporânea joga com os consumidores, e usa uma estratégia para isso pois:

Os produtos da indústria buscam meios para ser alegremente consumidos em estado de distração (...) Em outras palavras, além do controle sobre o trabalho, a classe dominante passou a controlar também o descanso, pois ambos são mercadorias.

Como opera a indústria cultural?

Em primeiro lugar, separa os bens culturais por seu suposto valor de mercado: há obras “caras” e “raras”, destinadas aos privilegiados que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e há obras “baratas” e “comuns” destinadas à massa. (CHAUÍ, 2006, p. 28-29)

Em uma sociedade dividida em diferentes classes, a mídia utiliza uma média para seduzir os consumidores, pois:

A indústria cultural vende cultura. Para vendê-la deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provoca-lo, fazê-lo pensar, trazer-lhe informações novas que o perturbem, mas deve devolver-lhe com nova aparência, o que ele já sabe, já viu, já fez. A “mídia” é o senso comum cristalizado, que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova. (CHAUÍ, 2006, p. 30)

A questão da consciência e da liberdade dos adolescentes para construir seus próprios projetos de vida, nos leva a um “discurso do método”, sem muitos *preâmbulos* ou *dúvidas hiperbólicas*, como a tradição escolástica e René Descartes nos legaram. A pesquisa qualitativa realizada (REY; SILVA, 2005) permite a organização da informação e a observação da realidade social. Entendemos que o sujeito que privilegia a técnica como fim ao invés de meio para produzir suas experiências com o outro passa a ser representado pelo que não é, diante de uma lei que lhe nega lugar de existência: a tecnologia como produção alienada e alienadora do convívio social e comunitário.

A radicalidade das várias representações sociais e comunitárias permite aos sujeitos representarem-se enquanto humanos diante da coletividade, já que os sujeitos se mantêm em desenvolvimento, da tenra infância, à senescência. O indivíduo-mercadoria que se afina de maneira fantasiosa às técnicas de controle torna-se um produto ao invés de reconhecer-se como produtor de seu destino.

Pela ética psicológica e psicanalítica, tentamos nos desvencilhar de tais imperativos que apenas nos conduziriam à impotência e à paralização diante do horror da cultura do medo que se utiliza da proliferação de signos que inibem a atividade de simbolização pela ameaça à continuidade da vida. Buscamos colaborar com a compreensão de conflitos e dificuldades que tendem a surgir quando os jovens procuram elaborar a convivência em uma determinada cultura, repleta de ameaças e com o autoritarismo retratado como dispositivos e programas cibernéticos destinados a eliminar o trabalho físico e intelectual humano como significativo para a construção da cultura.

A noção de “absorção do simbólico pelo econômico” (CHAUÍ, 2006, p. 65) e a análise de alguns tipos de violência aos quais os sujeitos adolescentes podem estar submetidos tanto na realidade ‘real’ (denominada realidade objetiva) como na realidade virtual-RV, fizeram ressurgir a ideia da modernidade e do medo de uma estética violenta e despida dos prazeres e pudores tão caros aos adolescentes, por estarem duplamente expostos aos perigos da violência velada e familiar e à vigilância armada de agentes do Estado, nem sempre preparados para cumprir, diariamente, essa função. Ao nos lembrarmos das várias experiências que os adolescentes pobres e marcados pelo imperativo de reproduzir técnicas de controle e de sustentar seus filhos nos relataram, a partir das intervenções e diálogos sobre a realidade vivenciada por eles, considerando as injunções subjetivas no enfrentamento de seus próprios medos e virtudes, retrocedemos aos genocídios e massacres possibilitados pelo distanciamento cultural.

Os termos utilizados no contexto escolar e educacional necessitam de uma calibragem psicanalítica, como afirma Lima (2014), pois a educação junto à família é bastante importante para a formação do indivíduo:

Existe um mínimo de regras sociais para se conviver em sociedade, e estas sempre devem ser aprendidas primeiramente com os pais. Portanto, haverá uma lacuna de boas maneiras e bons modos naquelas pessoas cujos pais foram ausentes, física, afetiva ou moral. Assim não é civilizado se faltamos com o respeito, deixamos de cumprimentar um conhecido (...) fazemos brincadeiras de mal gosto etc. Portanto, a incivilidade é a falta de educação – ou fracasso da educação, ou incapacidade radical para ser educado. Observamos no cotidiano pessoas bem educadas não dando conta de suas incivildades (...) já o termo violência indica recurso à força, para submeter alguém (contra sua vontade). (LIMA, 2014, p. 38-39)

A *Geração Z*, caracterizada por uma forma privilegiada de relação com a tecnologia, sendo também por isso bastante cooptada como força produtiva a ser explorada no mercado de trabalho, parece ter dificuldades no estabelecimento de relacionamentos humanos, ou seja, de vínculos com o outro: pais, professores e até mesmo pares. Essa dificuldade tende a tornar a fase da adolescência mais ameaçadora, sobretudo quando a família não consegue fornecer suporte para o intenso trabalho psíquico de elaboração a ser realizado nessa fase.

As quatro características que pudemos discutir acerca da *Geração Z* sugerem preferência por contatos à distância, autodidatismo e uma certa resistência à mediação dos pais, professores e figuras de autoridade para aprender, assim, a *Geração Z*: 1. É afinada com a realidade virtual (RV); 2. Tem dificuldades com relações humanas pautadas na proximidade e no respeito ao outro, ou alteridade; 3. Busca pela instabilidade ou dificuldade em formar um Ideal de Eu, ou antes disso, um Eu com representações com certa coerência para desenvolver projetos para o futuro relacionados a relações afetivas, profissão e mesmo filhos; 4. Em alguns casos, apresenta dificuldades em lidar com os limites da realidade bem como a diferenciação entre realidade concreta e fantasia.

O alto índice de suicídios de adolescentes e também as notícias de violência e homicídios praticados que se relacionam aos adolescentes nos levam a reconhecer nossa “cultura multimidiática” (CHAUI, 2006) como uma realidade virtual que deixa o indivíduo adolescente ameaçado. A explosão no sentido externo, a agressão contra os pares e as figuras de autoridade paterna ou materna preocupam. No sentido interno – o que chamamos de desfusão pulsional ou sado-masoquismo – as manifestações podem ser mais silenciosas e requerem atenção especial.

Na vida em sociedade, o reconhecimento das diferenças sexuais feito pelo indivíduo pode auxiliar o mesmo a estabelecer uma identidade pautada na amorosidade e no respeito ao outro sexo. Por outro lado, o desenvolvimento corporal dos adolescentes muito apegados aos seus celulares e dispositivos tecnológicos pode ser dificultado quando a capacidade de conversar com outras pessoas fica limitada a uma comunicação que é difícil para os adultos e mesmo outros adolescentes da mesma idade entenderem. A dependência da Realidade Virtual (RV) foi discutida com a finalidade de destacarmos a importância do desenvolvimento da capacidade do adolescente de identificar-se com o outro.

Vimos que, no caso da dependência virtual associada a automutilações, o sofrimento psíquico manifesta-se por alterações corpóreas ou busca de enfrentar a dor com ataques ao próprio corpo (JEAMMET; CORCOS, 2005) ou por um encontro com o outro idealizado, em que o sujeito não reconhece o registro do outro na dimensão do desejo sexualizado (MARTY, 2008).

Por outro lado, o enfrentamento da violência nos sugere a linguagem como campo de significação para lidar com ideais confusos e sujeitos a flutuações. O direito à saúde nos indica um caminho pelo qual resgatar a dimensão da história de vida, conversando com pais ou responsáveis. A interpretação de suas dúvidas e mesmo dos sintomas que manifesta diante da família pode procurar o ideal por meio do grupo de referência na qual este ideal surgiu. Em casos em que o líder do grupo não pode ser identificado, a interpretação dos conteúdos imagéticos, vídeos e publicidade, torna-se um recurso adicional ao qual o psicólogo deverá recorrer, pois, muitas vezes, a sensação de que é incompreendido e apenas lhe resta flertar com a morte em salas de bate-papo é um sintoma silencioso para os adultos.

De acordo com Kehl (2015) “Uma das características mais presentes das formas contemporâneas da alienação consiste em preencher o sem-sentido da vida com ideais de felicidade”. No entanto, a autora fala da fragilidade do lugar do adulto e da depressão como sintoma dos pais que deixaria os adolescentes perplexos “Sem tempo subjetivo para atravessar a crise, sem apoio dos pais ansiosos por medicá-los e tocar em frente, sem referências para simbolizar fragilidades, temores e perdas” (KEHL, 2015, p.285).

Mas se entendemos que “a autoridade é uma função simbólica” que “não se confunde com arbítrio, nem com o autoritarismo ainda presente em algumas famílias” (KEHL, 2015, p. 280), não **seria possível trabalhar apoiando os pais e simbolizando**, para eles, os excessos violentos da pulsão, assim como a necessidade de seus filhos encontrarem seu espaço para lidar com perdas e sofrimentos naturais decorrentes da mudança corporal e da perda do papel infantil na adolescência?

Os vínculos familiares e afetivos estão cada vez mais frágeis na contemporaneidade e esse esvaziamento da proteção da autoridade familiar é diluído, carregando o rebaixamento do sentimento de autoestima e o vínculo contratransferencial com o próprio Eu. Essa fragilização dos vínculos amorosos entre pais e filhos se agrega à conturbação/proibição das relações de empatia entre os pares que ganham interpretações enganosas de manifestações da tão desejada autonomia/independência dos adolescentes e adultos na sociedade contemporânea. A separação entre os indivíduos fica assim testemunhada como algo verdadeiro a ser buscado. Os adolescentes, que estão atravessando um período conturbado, marcado por transformações e ressignificações de seu próprio espaço no mundo, são particularmente atingidos por essa fragilização dos vínculos amorosos.

A importância da existência de profissionais da Psicologia que estejam aptos a ouvir e a colaborar com estes adolescentes e suas famílias na construção de estratégias que privilegiem as relações pautadas na alteridade e na continuidade da vida conduziu a realizarmos a presente pesquisa.

Para agir em favor do indivíduo-sujeito, a primeira questão parece ser a de preparar os profissionais de outras áreas para dialogar com os adolescentes acerca dos conteúdos recebidos pela internet. A mediação de conhecimento nas escolas e nos lugares regularmente frequentados por adolescentes pode ser acompanhada por profissionais que prestem-se a decifrar o conteúdo dos espetáculos e dialogar com o expectador adolescente, o qual ainda precisa de nomeação para muitos dos sentimentos que são despertados ao ver e ouvir as propagandas e os comerciais televisivos.

Para retornarmos à questão do IDH, podemos lembrar que o direito à profissionalização e ao trabalho em condições dignas faz parte dos direitos sociais garantidos na CRFB-1988. Como muitos adolescentes são explorados por meio da Realidade Virtual (RV) no trabalho, podemos lembrar das condições socioeconômicas que prejudicam os mais pobres e os fazem vítimas de preconceitos étnicos e também relacionados ao gênero.

Em relação aos Direitos Humanos dos adolescentes, recordamos o artigo 6º e 7º do ECA que estabelece que “a criança e o adolescentes têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”.

O enfrentamento à violência praticada por adolescentes deve começar por um reconhecimento de nossa sociedade em relação às finalidades humanas da Educação. O preconceito e as humilhações feitas por professores em sala de aula apenas contribuem com a o ressentimento e o ódio que Adorno (2010) denominou como semiformação – regressão da capacidade de ouvir, elaborar e relembrar os conteúdos aprendidos. A produção de mídias especializadas em induzir ao consumo na Internet ainda pode capturar o adolescente por sua vulnerabilidade e falta de preparo para ouvir o outro. A dificuldade em ouvir e verbalizar seus sentimentos nos aponta a dificuldade em elaborar o conflito entre os objetos internos narcísicos e os objetos externos (JEAMMET; CORCOS, 2005).

Além dos profissionais e da utilização de recursos musicais que auxiliem no diálogo com a *Geração Z*, outra necessidade é a produção de conhecimentos sobre os espetáculos televisivos que forneçam parâmetros para lidar com a dinâmica psíquica cambiante e nem sempre perceptível aos familiares mais próximos. O profissional preparado para ouvir e intervir junto aos adolescentes e responsáveis pode fornecer um apoio quando o sofrimento psíquico torna-se muito intenso a violência manifesta-se em comportamentos violentos.

Por fim, podemos dizer que o diálogo da universidade com a comunidade (escolas e centros que atendem adolescentes) faz-se importante. A produção de

conhecimentos acerca dessa geração nos defronta com desafios que apontam a necessidade da continuidade dos esforços da Psicologia que buscam resgatar a dimensão do sujeito no processo de constituição de sua identidade para a construção de uma sociedade mais justa e pautada nos Direitos Humanos (DH).

A escuta clínica dos indivíduos em sofrimento nos permite resgatar a dimensão do indivíduo-sujeito: aquele que consegue perceber sua realidade e formar vínculos amorosos com o outro. Em uma cultura em que a fragmentação do conhecimento tornou-se um vício relacionado à realidade virtual proposta pela indústria cultural (CHAUÍ, 2006) esse resgate é ainda mais fundamental, pois:

Não há dúvida que a saída da fragmentação do conhecimento, tal como referida no início destas reflexões, constitui-se numa utopia fundada na esperança do rompimento da dimensão intimista e compartimentalizada do saber-fazer psicológicos. Porém nesta mudança não cabe nem a onipotência, tão familiar aos psicólogos, nem a impotência dos clientes-vítimas e sem sequer a manutenção de um certo servilismo quando buscarmos a intencionalidade valorativa e o resgate ético de uma totalidade perdida do que seja o ser-homem presentes nestas teorizações e práticas da Psicologia. (...) Precisamos ser ousados porque sabemos poder sofrer represálias quando nos aliamos com nossa práxis no resgate de uma subjetividade verdadeiramente cidadã. (CANIATO, 2003, p. 16)

O sofrimento psicossocial dos adolescentes com comportamentos violentos pode preocupar profissionais em diferentes áreas do conhecimento: clínica, pedagógica ou institucional. A saúde mental (SM) e o direito a estudar e desenvolver seu pensamento ainda podem ser pensados como um direito fundamental a apoiar as intervenções dos profissionais dessas áreas. O desenvolvimento do adolescente pode ser acompanhado por profissionais que fundamentam suas práticas a partir de diferentes campos do conhecimento.

No caso de automutilações e comportamentos suicidas, os fatores biopsicossociais podem ser considerados: a historicidade dos sujeitos, inclusive o histórico familiar e a dependência que demonstram em relação aos profissionais e aos amigos devem ser observados pelo psicólogo. Quando há a busca de conteúdos adultos por meio da tecnologia e o adolescente tenta verbalizar suas dificuldades utilizando os anúncios comerciais, fatores psicossociais, como o gênero e a etnia podem ser considerados sem que o preconceito interfira em avaliações psicológicas.

A dependência da realidade virtual (RV) pode afetar a linguagem dos adolescentes, assim como pode afetar os pais e mães mais fragilizados, pois:

Da mesma forma que, quando a televisão quebra, a família não volta simplesmente a jogar dominó, assim também quem tem o computador danificado não retorna alegremente para a boa máquina de escrever. Em vez disso, ocorrem casos de sintomas de abstinência vitais, como se os envolvidos fossem pacientes dos quais se retirasse o soro. (TURCKE, 2010, p. 46)

Nesses casos, o diálogo interdisciplinar por meio de uma mediação dos conteúdos virtuais que possibilitem conversas em grupos ou intervenções voltadas à proteção da vida nos parecem mais adequadas. A família que acolhe o indivíduo pode então ser também consultada. O desafio de construir um diálogo entre pais e filhos aponta no sentido das ciências humanas e sociais no cuidado, pois nesse, em relação à dependência da Realidade Virtual (RV), “toda redenção efetiva pode ser apenas provisória, frágil e segunda melhor redenção – e isso quando, por meio dela, se pode sentir que ela mesmo poderia ser melhor” (TURKE, C.; 2010, p. 319) e assim demanda um apoio para a atividade simbólica dos indivíduos.

A *Geração Z* nas atividades individuais costuma expressar descaso ou desinteresse por atividades educacionais. Por esse motivo, esta pesquisa foi realizada para que as mediações de caráter pedagógico na escola e na clínica considerem a dimensão subjetiva como uma construção histórica dos indivíduos-sujeitos. A identidade do indivíduo-sujeito é compreendida como uma saída da condição de dependência com o reconhecimento das diferenças entre o Eu e o Eu Ideal da primeira infância. A dependência em relação aos pais tende a ser diferente na sociedade contemporânea. A elaboração dos conflitos entre o Eu e o Ideal do Eu parecem ainda mais complexas e a onipotência tende a anular a função simbólica dos pais.

A negação da autoridade paterna e a incapacidade de investir no objeto amoroso geram sofrimento narcisista, a regressão da libido a estágios anteriores do desenvolvimento e mesmo fantasias relacionadas ao suicídio. A dependência da tecnologia pode ter efeitos bastante graves para os sujeitos adolescentes. De acordo com Zuin (2010): “Na sociedade contemporânea, muito mais do que uma simples

soma de técnicas, a tecnologia adquire o status de modo de produção, a ponto de ser capaz de redimensionar tanto a esfera objetiva quanto a subjetiva”. Nesse contexto a escola e as universidades tornam-se cenário de violência e mesmo de humilhação de alunos que, ressentidos, planejam uma vingança adiada contra os professores, ou o que o autor denomina “Amok, uma síndrome psicopatológica na qual o indivíduo mata todos aqueles que cruzam seu caminho e que deve ser refletida por meio da compulsão de se transmitir a própria imagem de forma on-line pelos mais sofisticados meios de comunicação de massa”. A relação de amor e ódio entre professores e alunos é discutida pelo autor por meio de uma análise do ressentimento:

Ora, o adiamento da vingança proporciona tanto o prazer quanto a afirmação narcísica do eu, pois, de acordo com a perspectiva do ressentido, suas dores são as que realmente importantes devem ser, por isso reconhecida por todos. O sentimento de onipotência do ressentido, bem como suas fantasias de grandeza são retroalimentadas pela sua atitude de aferrar-se à condição de vítima. (ZUIN, 2010, p. 65)

A violência concretizada na escola pelo assassinato em massa de professores e alunos é compreendida pelo autor por meio da análise do ressentido nas transmissões espetaculares: “Seus autores empenham-se em transformar tais atos em espetáculos audiovisuais que são transmitidos em escala global e em tempo real, por intermédio dos atuais meios de comunicação de massa”. De acordo com o autor:

Esses assassinatos são ainda mais espetaculares porque são cometidos em ambientes que, a princípio estariam, ou deveriam estar apartados da violência que se alastra em outras esferas da sociedade. Afinal, trata-se de escolas, ou seja, locais onde deveria prevalecer um ambiente de discussão e resistência às práticas de violência, nas suas mais diversas expressões. (ZUIN, 2010, p. 68)

O enfrentamento às expressões de violência na escola também deve considerar que a humilhação e o preconceito destituem o sujeito de sua condição fundamental para a aprendizagem e não podem ser adequadas aos objetivos da formação escolar e universitária, pois “o próprio ato mnemônico também porta consigo a ambivalência de se realizar tanto pelo afeto quanto pela dor, ambivalência essa que alicerça, não por acaso, as bases do processo de ensino e aprendizagem” (ZUIN, 2010, p. 74). O massacre de Suzano-SP em 2018 pode ser considerado resultado dessa síndrome

psicopatológica denominada Amok, pois o ressentimento do indivíduo homicida ficou evidente nos depoimentos de professores, alunos e seus familiares.

Nas escolas e universidades, o espaço para discutir os conteúdos recebidos por meio da indústria cultural pode ser compreendido como resistência aos rótulos e estereótipos, assim como combate a indiferença que professores e alunos experimentam na condição de subordinados a uma totalidade social administrada. No ressentimento, o apego ao que é percebido nas propagandas e mensagens publicitárias subordina o Eu a um ideal narcísico de realização por meio da violência simbólica, pois: “A irracionalidade não é necessariamente uma força que opera em uma esfera externa à racionalidade: ela pode resultar do transtorno de processos racionais de autoconservação” (ADORNO, 2008, p. 30).

A discussão desses conteúdos por professores e alunos, por outro lado, pode ser mediada pelo psicólogo para que a aproximação humana possibilite a aprendizagem de novas formas do pensamento e da linguagem, as quais entendemos por essenciais à nova organização da identidade iniciada com a puberdade e destinada ao exercício da sexualidade genital adulta. A lógica do inconsciente estrutura o pensamento e mantém uma relação dialética com a cultura por meio do real simbólico: a identidade seria a parte que no indivíduo esforça-se por representar a realidade. Por esse motivo, o sofrimento decorrente da condição de isolamento social na adolescência parece ter algo em comum com a incapacidade de investir libido no outro que pode ser observada no narcisismo infantil. No adulto, a incapacidade para vivenciar relações sexuais como completas baseadas no desejo sexual, no entanto, não reconhece uma interdição que representa o lugar da figura paterna protetora. Essa dificuldade de aceitar a autoridade paterna e investir libidinalmente o Eu é compreendida como um conflito entre o Eu e o Ideal do Eu, entre o narcisismo e o mundo da realidade externa, em que a pessoa torna-se incapaz de diferenciar seu desejo e sua identidade do desejo idealizado que projetou no Outro. Ocorre que esse outro também está inserido na cultura e, na medida que consegue expressar seus pensamentos por meio da linguagem organiza sua identidade na direção de tornar-se um indivíduo-sujeito: um ser único e singular que também pode agir de forma consciente e emocionalmente investida em espaços destinados a trocas de conhecimento.

A recusa a compartilhar saberes e conhecimentos é típica do indivíduo regredido e narcisista, aquele que substituiu o Eu pelo ideal do Eu. Na situação de enamoramento e nos grupos, como observou Freud (1921/2011), essa condição temporária pode ser experimentada como bastante prazerosa. Por outro lado, o prolongamento da condição que apenas o registro do Eu e do Outro são possíveis sugere uma adolescência mais longa e mesmo a melancolia. O risco de confundir-se com o ideal projetado no objeto sexual refere-se ao narcisismo e os delírios de grandeza, bem como o tratamento das pessoas como mercadorias descartáveis são indicativos do conflito com os objetos sexuais de caráter genital.

O objetivo dessa pesquisa foi identificar algumas características subjetivas da *Geração Z*, com o propósito de fornecer apoio ao desenvolvimento da elaboração dos conflitos narcísicos que tendem a surgir na vida relacional, a partir da adolescência. As características da adolescência, como a dependência da Realidade Virtual (RV) e as identidades fluidas nos indicam que a identificação com o objeto sexual sofre influência da cultura, a qual interfere na formação da identidade. A negação da realidade familiar e mesmo da condição de dependência em relação aos pais dificulta as relações ternas de amizade e favorece o isolamento no ambiente escolar. Nos namoros, percebemos que a dependência do outro pode traduzir-se como dificuldade em respeitar o tempo de excitação/prazer. O estabelecimento da identidade sexual pode regredir a formas narcísicas de expressar o desejo e a tolerância a frustrações e, nesse sentido, os ataques ao objeto podem ser percebidos como falta de respeito e mesmo violência sexual – assédio, humilhações e mesmo o *bullying* entre meninas e meninos.

A finalidade educacional dessa pesquisa aponta uma resposta afirmativa a essa pergunta, pois questionar a prática do *bullying* e a humilhação dos adolescentes mais vulneráveis na escola ainda parece ser uma alternativa compatível com o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos-sujeitos. No caso das meninas, vimos os efeitos de uma cultura que privilegia a agressividade masculina e silencia as ansiedades e angustias das adolescentes (SIMMONS, 2004). De acordo com uma análise contemporânea das depressões: “A fragilidade do pai imaginário na adolescência faz com que algumas meninas sintam-se desmoronar, aniquiladas subjetivamente pela força das representações maternas” (KEHL, 2015, p. 282).

Pensando nos aspectos psicopedagógicos, a dificuldade narcísica pode ser compreendida também como um problema para a integração da identidade. Em ambos os sexos, se a sala de aula se constitui como um grupo de referência, e dentro dela o adolescente sente-se preso a uma mentalidade “que ativa a agressividade do sujeito frente a qualquer estranho que invada seu campo narcísico” (KEHL, 2015, p. 285), a agressividade torna-se em agressão contra si mesmo ou violência contra os pares. A autoridade dos professores e dos pais pode fornecer limites para a violência pulsional na adolescência. A idealização do adolescente na cultura e a incapacidade de frustrar os filhos pode ser considerada uma fuga temporária em que a identidade escapa às tentativas de simbolização e expressão emocional. No narcisismo, o medo das diferenças sexuais tende a preponderar sobre a curiosidade natural compatível com a aprendizagem e isso tem implicações na formação dos grupos de adolescentes: “O medo da rejeição e da humilhação agrava o sofrimento desses adolescentes acostumados a medir seu valor, no grupo de referência, por sua capacidade de gozar e se divertir” (KEHL, 2015, p. 285).

Na indústria cultural contemporânea, o narcisismo suscitado nos espetáculos destinado ao entretenimento atinge os adolescentes e adultos: para aqueles, a violência simbólica da mentira e da indiferença ao sofrimento destrói a capacidade de concentração e impede a simbolização; para estes, pode produzir vergonha e as identidades fluidas, ou seja, que não se sustentam em identificações verdadeiras e duradouras. Compreendemos que a capacidade de sonhar com o futuro e elaborar projetos de vida faz parte do desenvolvimento normal da adolescência. A subjetividade tem uma gênese social (REY, 2017) e a cultura influencia a formação da identidade.

A compreensão conceitual realizada por Adorno e Horkheimer (1944-47/2006) nos permite compreender que a resistência à violência simbólica, à banalização da vida e da mentira constitui-se como um resgate do indivíduo-sujeito da *Geração Z*. Entendemos que a satisfação plena dos desejos pode ser desmistificada como ilusão do adolescente e trabalhada, ao invés de medicarmos os conflitos entre o Eu e o ideal do Eu (Freud 1921/2011) que alimentam ainda mais o narcisismo. Se existe uma saída para a violência da indústria cultural contemporânea, ela pode ser pensada como resistência e como apoio para os vínculos amorosos na família e na escola. A identificação com o outro protege o adolescente de agarrar-se a mercadorias que não

lhe devolvem afeto humano. O profissional que atende em clínicas particulares e mesmo públicas defronta-se com a *Geração Z* que nega o outro em sua dimensão pulsional e com dependentes de álcool e outras drogas. O caráter temporário e destrutivo desse tipo de sofrimento psíquico pode ser explicado pela evitação ou medo de colocar-se no vínculo com o outro pulsional, o qual deseja e desse modo, também frustra as expectativas narcísicas.

Na última década, os suicídios de crianças e adolescentes nos indicam a necessidade de apoio psicológico no ambiente escolar e em espaços comunitários voltados à convivência pacífica e ao diálogo entre os pares. Adorno (1995) nos permite entender que a Educação contra a barbárie inclui a interpretação dos conteúdos recebidos no espaço escolar. O sofrimento imposto pela sociedade aos indivíduos no preconceito e no *bullying* pode ser questionado também nesse espaço. Para as finalidades humanas do conhecimento, a família, por sua vez, também pode ser orientada em espaços reservados a essa finalidade, respeitando-se o direito à intimidade e a privacidade e tendo como objetivo a preservação da vida dos indivíduos-sujeitos que manifestam dúvidas e sinais de sofrimento psíquico. O encaminhamento ao psiquiatra e o uso de medicamentos devem ser considerados como um recurso adicional, mas não substituem a educação familiar contra a violência simbólica proposta nos espetáculos destinados ao entretenimento das massas.

Na escola, o desejo de ingressar na vida adulta pode ser percebido como resgate da cidadania, na dimensão da saúde mental (SM) e da aprendizagem de novas formas de lidar com as emoções e os sentimentos. Mesmo o desenvolvimento de atividades de expressão corporal e dos sentimentos que experimenta em relação ao material que o indivíduo leva aos profissionais, ainda podem ser vistos como resgate dos indivíduos-sujeitos adolescentes para a dimensão singular do seu projeto de vida.

Em resumo, a interpretação e a simbolização dos comportamentos e atividades em grupo pode ser uma das primeiras formas de prevenir o sofrimento decorrente da separação dos pais na adolescência. A dependência em relação ao pai ou à mãe pode tornar-se ternura e, dessa forma, o adolescente consegue resgatar sua própria história de vida a partir de experiências gratificantes e que voltam a enriquecer o Eu por meio da identificação com outro ser humano e por laços de ternura. O convívio social ainda

prescinde desses laços, principalmente em uma cultura que privilegia a imagem em detrimento dos significados humanos.

A proposta de construir uma ciência psicológica voltada a esses significados nos conduz a uma Psicologia que apoia o diálogo entre pais e professores e atua contra a violência. A ciência ainda pode resistir à barbárie estilizada e constituir um diálogo interdisciplinar no espaço escolar, ouvindo a *Geração Z*, devolvendo os significados de seus direitos e deveres de uma forma compreensível para os indivíduos-sujeitos.

O investimento amoroso de caráter sexual, a alteridade e o tempo de espera dos ritmos de excitação/prazer, respeitando o próprio corpo e o corpo do outro, são fundamentais. Consideramos que nas meninas, a identificação com os pais permite esse reconhecimento por meio da simbolização dos conflitos com a mãe. A identificação do com a mãe, por sua vez, depende do reconhecimento de diferenças fundamentais entre o Eu e o lugar reservado à autoridade paterna – o que denominamos função simbólica. A separação do desejo materno, para meninos e meninas, pode ser facilitada por meio da aceitação das diferenças entre o pai, a mãe e o Eu. A função do ideal de Eu pode ser retomada com o estabelecimento da identidade que envolve a aceitação do próprio corpo e dos limites fornecidos pela realidade externa também em ambos os sexos. A prevenção da violência sexual torna-se possível por meio da educação para a alteridade. Porém, a função simbólica dos ideais em uma sociedade imagética tende a dificultar o diálogo entre pais e filhos que é fundamental para a estabilidade psicológica da identidade.

A finalidade de contribuir com a eliminação do preconceito que marginaliza e discrimina indivíduos por sua raça ou por sua identidade sexual conduziu à realização dessa pesquisa. Diante das características da *Geração Z*, o desenvolvimento de espaços que possibilitem o diálogo interdisciplinar e a escuta psicológica dos adolescentes pelos pais e professores parece ser mais fundamental e um dever ético diante de atuações e comportamentos que prescindem de interpretação e, na maioria dos casos, demandam resolução de conflitos. Por fim, a produção de conhecimentos sobre a adolescência nos aponta a necessidade de profissionais nas universidades e escolas que estejam atentos aos sinais da violência social que marginaliza e exclui; as identidades fluidas e cambiantes, bem como o apego a celulares e tablets indicam um

afastamento do mundo das interações presenciais. Por meio delas, entretanto, é que será possível sair da condição de subordinado para aprender a lidar com os conhecimentos elaborados pela humanidade.

O registro da alteridade demanda investimento afetivo, mas também limites da autoridade nesta fase do desenvolvimento humano. Com apoio psicopedagógico, as manifestações artísticas e culturais podem ser desenvolvidas em favor da civilidade, ou seja, as relações sociais que permitem a organização dos grupos e a convivência de diferentes indivíduos em espaços coletivos. Dessa forma, torna-se possível prevenir o sofrimento psicossocial dos indivíduos adolescentes da *Geração Z* que mais necessitam de ajuda para o enfrentamento da violência nas escolas e em outros espaços públicos frequentados por eles. A permanência na escola e o desenvolvimento de debates em favor do direito à educação sexual e à saúde podem ser dois eixos norteadores interessantes para iniciar o acompanhamento individual e familiar. A partir da formação cultural que organiza o psiquismo, o processo de subjetivação tende a caminhar para a emergência do indivíduo-sujeito que consegue refletir sobre sua condição individual e expressar projetos e planos mais compatíveis com a continuidade da vida humana.

Podemos dizer que o diálogo da universidade com a comunidade (escolas e centros que atendem adolescentes) faz-se importante. A produção de conhecimentos acerca dessa geração nos defronta com desafios que apontam a necessidade da continuidade dos esforços da Psicologia que buscam resgatar a dimensão do sujeito no processo de constituição de sua identidade para a construção de uma sociedade mais justa e pautada nos Direitos Humanos (DH).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABECHE, R. P. C. Subjetividades e mídia: a força destrutiva dos modelos identificatórios contemporâneos. In: **Psicanálise, Teoria Crítica e Cultura**. CANIATO, A. M. P.; ABEICHE, R. P. C (orgs). Maringá: Eduem, 2013.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do Esclarecimento – fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1944-47/2006).

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2001. (Originalmente publicado em 1951).

ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. In: **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. PUCCI, A; ZUIN, A.S.; LASTORIA, A. C. N. (orgs). Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção educação contemporânea).

AYUB, R. C. P.; MACEDO, M. M. K. A escuta da adolescência em tempos de excessos. In: **Adolescência e Psicanálise: Intersecções possíveis**. 2ª. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

BAUDRILLARD, J. **As estratégias fatais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa-Portugal: Relógio d'Água, 1995.

BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAUDRILLARD, J. **Senhas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa-Portugal: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.

BAUMAN, Z. **Vidas para consumo: A transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB-1988)**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em:

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANIATO, A. M. P. Da subjetividade sob sofrimento narcísico numa cultura da banalidade do mal. **Segundo Encontro Mundial Estados Gerais de Psicanálise**, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/mundial-rj/port/trabalhos/5c_Caniato_18050803-port.

CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. L. V. do. A vigilância na contemporaneidade: seus significados e implicações na subjetividade. **Psicologia em Revista**, v. 13, n. 1, p. 41-68, 2007.

CANIATO, A. M. P. A subjetividade na contemporaneidade: da estandarização dos indivíduos ao personalismo narcísico. SILVEIRA, Andréa F. (org.) **Cidadania e participação social**. Porto Alegre, ABRAPSOSUL, 2008.

CANIATO, A. M. P. A impunidade como potencializadora da violência e da injustiça sociais. In: CANIATO, A. M. P. (org.) **Subjetividade e violência: desafios contemporâneos para a psicanálise**. Maringá: Eduem, 2009. p. 49-66.

CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. L. V. do. **O narcisismo contemporâneo: da barbárie social à tirania íntima**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Estadual de Maringá, Dissertação de mestrado. Maringá-PR, 2011.

CANIATO, A. M. P.; CESNIK, C. C. Resistência: uma utopia possível? In: **Pesquisa Participante: Um diálogo com adolescentes de periferia**. Maringá: Eduem, 2012. p. 133-186.

CANIATO, A. M. P. et. al. Relações afetuosas e solidárias: uma pesquisa intervenção. In: CANIATO, A. M. P.; ABEICHE, R. P. C. **Pesquisa participante: um diálogo com adolescentes de periferia**. Maringá: Eduem, 2012. p. 187-234.

CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. V. V. do. **À sombra de narciso: uma análise psicossocial do narcisismo contemporâneo**. São Paulo: Baraúna, 2016.

CANIATO, Angela Maria Pires; NASCIMENTO, Merly Luane Vargas do. A vigilância na contemporaneidade: seus significados e implicações na subjetividade. **Psicologia em Revista**, v. 13, n. 1, p. 41-68, 2007.

CANIATO, A.M.P; ABEICHE, R. P. C. (et.al). Relações afetuosas e solidárias: uma pesquisa-intervenção. In: _____. **Pesquisa Participante: um diálogo com adolescentes de periferia**. Maringá: Eduem, 2012. p. 187-234.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, M. de S. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHAVES, J. C. C. Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. **Psicologia e Sociedade** 28 (2), p. 320-330.

COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. (p.151-174). In: **Percurso na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CROCHIK, J. L.C. Teoria Crítica e novas tecnologias da educação. In: **Tecnologia, cultura e formação – ainda Auschwitz**. São Paulo: CORTEZ, 2003. p.97-114.

CROCHÍK, J. L. Implicações políticas da psicoterapia. **Teoria crítica e formação do indivíduo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 171-206, 2007.

CROCHIK, J. L. C. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. In: **Teoria Crítica da Sociedade e Psicologia**: alguns ensaios. Araraquara: Junqueira & Maring; Brasília, DF: CNPq, 2011.

CUNHA, E. L. **Indivíduo singular plural**: uma crítica psicanalítica das identidades. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, IMS, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

DEJOURS, C. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. 3ªed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

DEMO, PEDRO. **O porvir: desafio das linguagens do século XXI**. Curitiba: Editora Ibpex, 2007.

DURÃO, F. A. (org). **Entrevistas com Robert Hullot-Kentor**. Entrevista: Perspectivas críticas sobre arte, política e cultura. Robert Hullot-Kentor entrevistado por Paul Chan em Março de 2007. São Paulo: Nankin, 2012. p. 9-19.

DURÃO, F. A. (org). **Entrevistas com Robert Hullot-Kentor**. Entrevista II. São Paulo: Nankin, 2012. p. 36-43.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EMMANUELLI, M. A clínica da adolescência. In: **Destinos da adolescência**. Rio de Janeiro: 7letras, p.17-38, 2008.

FIGUEIREDO, L. C. **Psicanálise**: elementos para a clínica contemporânea. São Paulo: Escuta, 2008.

FINKIELRAUT, A. **A derrota do pensamento**. Trad. Monica Campos de Andrade. Rio de Janeiro-RJ: Editora Paz e Terra, 1988.

FREUD, S. **Más allá del principio de placer**: 1920: psicología de las masas y análisis del yo y otras obras: 1920-1922. 2ª.ed. 10ª. reimp. Buenos Aires: Amorroutu, 2004.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Originalmente publicado em 1920).

FREUD, S. **O Eu e o Isso e outros textos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Originalmente publicado em 1923).

- FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1924).
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. **Por que a guerra?** Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1932, 1993).
- GLASNER, B. **Cultura do medo**. Trad. Laura Knapp. São Paulo: Francis, 2003.
- GRUSCHKA, A. Escola, didática e indústria cultural. In: DURÃO, F. (org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, p. 173-183, 2008
- HARGREAVES, A. **O ensino na Sociedade do Conhecimento**: a educação na era da insegurança. Porto (Portugal): Porto Editora, 2003.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- HORNSTEIN, L. **Narcisismo**: Autoestima, identidade, alteridade. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- IBAÑEZ, T. **Municiones para disidentes**: realidade-verdade-política. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.
- JAPIASSU, H. **Introdução à epistemologia da Psicologia**. 2ªed. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1977.
- JEAMMET, P.; CORCOS, M. **Novas problemáticas da adolescência**: evolução e manejo da dependência. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo, 2005.
- KLEIN, M. Sobre la identificación. In: KLEIN, M.; HEIMANN, P.; MONEY-KYRLE, R. E. **Nuevas direcciones en psicoanálisis**. Buenos Aires-Argentina: Paidós, 1965.
- KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. In: KEHL, M.R; BUCCI, E. **Videologias**: Ensaio sobre a televisão. São Paulo-SP: Boitempo, 2004.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. 2ª ed. São Paulo-SP: Boitempo, 2015.
- LASTÓRIA, L. A. C. N. Tecno-imagem e Sujeito. **Artefilosofia**, n. 8, p. 155-160, 2010.
- LEBRUN, J. **Um mundo sem limites**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004
- LEBRUN, J. **O mal-estar na subjetivação**. Porto Alegre: CMC Editora, 2010.
- LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Casa do Psicólogo, 1998.
- LEJARRAGA, A. L. **Paixão e ternura**: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2002.

LIMA, R. de. Das vicissitudes do dia a dia às violências nos estabelecimentos de ensino: calibragem dos termos usados e seus efeitos. In: **Veraldo, I.** (org). **Tensões no espaço escolar: violência, bullying, Indisciplina e homofobia.** Maringá: Eduem, 2014. p.35-73.

LYOTARD, J.F. **A Condição pós-moderna.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2004. Originalmente publicado em 1979.

LYPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACEDO, M. M. K.; WERLANG, B.S.G. Desamparo e desesperança: risco ao si mesmo na adolescência. In: MACEDO, M. M. K. (Org.) **Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis.** 2ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

MALTA, D. C. et al. (2010). Vivência de violência entre adolescentes brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 3053-3063, 2010.

MARTY, F. O genital, impasses e acesso. In: **Destinos da adolescência.** Rio de Janeiro: 7 letras, p. 55-68, 2008.

MATHEUS, T. C. **Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século.** São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

NETTO, N. B.; SOUZA, T. M. S. Adolescência, educação e suicídio: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. **Nuances: estudos sobre Educação.** V.26, n. 1, Presidente Prudente-SP, p. 163-195, 2015.

NICOLETTI, A. G. S. P. **O jovem midiaticizado e as marcas de gênero e sexualidade: o que restou na caixa de Pandora?..** Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. 104f

NASCIMENTO, M. L.V. do. **O narcisismo contemporâneo: da barbárie social à tirania íntima.** Universidade Estadual de Maringá, Programa de pós-graduação em Psicologia, 2011. 147f.

OUTEIRAL, J. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, C. **Geração delivery: adolescer no mundo atual.** São Paulo: Sá, p. 115-125, 2001.

PEDROSSIAN, D. R. dos S. **A racionalidade tecnológica, o narcisismo e a melancolia.** São Paulo: Roca, 2008.

PEREIRA, F. M.; PEREIRA NETO, A. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em estudo**, v. 8, n. 2, p. 19-27, 2003.

PIROS, F.; MATTAR, J. Eu faço parte da História da Minha Família: projeto de gamificação da pesquisa genealógica para adolescentes. **SBGAMES**, v. 15, p. 1272-1275, 2016.

SANTOS, W. P. dos.; LISBOA, W. T. L. Características psicossociais e práticas de consumo dos “nativos digitais”: implicações, permanência e tendências na

comunicação organizacional. Revista **Comunicação e Mercado**. V. 3, n.6., p. 98-110, jan-jun, 2014.

RAMOS, F. S. A cultura política dos jovens na contemporaneidade: entre a passividade do consumismo e a rebeldia em busca de uma nova utopia. **Cad. do Sep. Adm.** Maringá, n.3, p. 123-134, 2006.

RAMOS, J. M. **Cinema, televisão e publicidade**: cultura popular de massa no Brasil nos anos 1970-1980. São Paulo: Annablume, 2004.

REY, F. G. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. _____ (org.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, p.27-51, 2005.

REY, F. G. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito. São Paulo: Editora Vozes Limitada, 2017.

REY, F.G.; SILVA, M. A. F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. Thomson Learning, 2005.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, 2010.

ROUANET, S. P. Adorno e a crítica da barbárie: um olhar psicanalítico. In: **Escola de Frankfurt**: inquietudes da razão e da emoção. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 11-24, 2010.

SAFATLE, V. Identidades flexíveis como padrão da retórica de consumo. In: **Bravo mundo novo**: novas configurações da comunicação e do consumo. São Paulo: Alameda, p. 83-112, 2009.

TAVARES, L. A. T, **Psicanálise e musicalidade (s)**: sublimação, invocações e laço social. Faculdade de Ciências e Letras de Assis: Universidade Estadual Paulista, 2014. 167f.

SEVERIANO, M. de F.V. “Lógica do mercado” e “lógica do desejo”: reflexões críticas sobre a sociedade de consumo contemporânea a partir da Escola de Frankfurt. In: **Escola de Frankfurt**: inquietudes da razão e da emoção. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.121-142, 2010.

SIMMONS, R. **Garota fora do jogo**: a cultura oculta da agressão nas meninas. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SODRÉ, M. **A máquina de Narciso**: Televisão, indivíduo e poder no Brasil. Cortez Editora. Biblioteca da Educação – Série 5. Estudos de linguagem – volume 3. Publicado em 1990.

TURCKE, C. **A Sociedade Excitada**: filosofia da sensação. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

VIÑAR, M. **Mundos adolescentes e Vertigo Civilizatorio**. Montevideo-Uruguai: Ediciones Trilce, 2009.

ZANETTI, S. A. S.; GOMES, I. C. A "fragilização das funções parentais" na família contemporânea: determinantes e consequências. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 491-502, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 jun. 2018.

ZIZEK, S. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ZUIN, A. Amok on-line e Ressentimento entre alunos e professores. In: **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. PUCCI, A; ZUIN, A.S.; LASTORIA,, A. C. N. (orgs). Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção educação contemporânea).

ANEXOS

Outras fontes consultadas:

RA: Realidade Aumentada - [conceito das ciências da computação e da informática para definir a utilização da integração entre realidade virtual e visualizações do mundo real] **Fonte: Wikipedia**

RV: Realidade Virtual – [realidade com enredo e possibilidades de reação em um desfecho tecnologicamente planejado] **Fonte:** TORI, R.; KIRNER, C.; SISCOOTTO, R. A. (2006). *Fundamentos e tecnologia de realidade virtual e aumentada*. SBC, p. 2-21, 2006.

CADERNO COTIDIANO. Suicídio entre adolescentes avança e casos recentes mobilizam escolas. **Folha de São Paulo**. publicado em 25/04/2018. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/suicidio-de-adolescentes-avanca-e-casos-recentes-mobilizam-escolas-de-sp

CIÊNCIA. Amigues para sempre. Revista Veja: Editora abril, p. 62-69.

IMAGENS:



Figura 3: **Seriado Two and a halfmen (“Dois homens e meio”) – 8ª temporada**



Figura 5: **Revista Veja/Editora Abril – capa, edição maio/2016: SEXO... e você não tem nada com isso!** Na revolução de costumes da Geração Z, elas e eles se dizem NEUTROS e a sexualidade é fluida.



Figura 6: **Reportagem: Amigues para sempre.** Início do caderno ciência – o caso de uma menina bissexual e uma menina homossexual que em encontram-se em um show musical e vivem uma relação, com a aprovação das famílias.

Os episódios levaram as escolas a realizar atividades com alunos e pais para dar orientações sobre esse tema.

Taxa de suicídios vem aumentando no Brasil

Suicídios, por 100 mil habitantes



Fonte: DataSUS/Ministério da Saúde

Figura 7: **Suicídios de adolescentes avança e mobiliza escolas em SP.**

Suicídios entre adolescentes de 15 a 19 anos cresce mais que em outras faixas etárias., segundo dados do SUS/Ministério da Saúde. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/suicidio-de-adolescentes-avanca-e-casos-recentes-mobilizam-escolas-de-sp.shtml